ROCK BRIGADE

Ano 17 • Nº147 • Outubro/98

posters
ANGRA
PAUL DIANNO

entrevistas
SINNER
ANATHEMA
PARADISE LOST
VISION OF DISORDER

as fotos proibidas de
GENITORTURERS

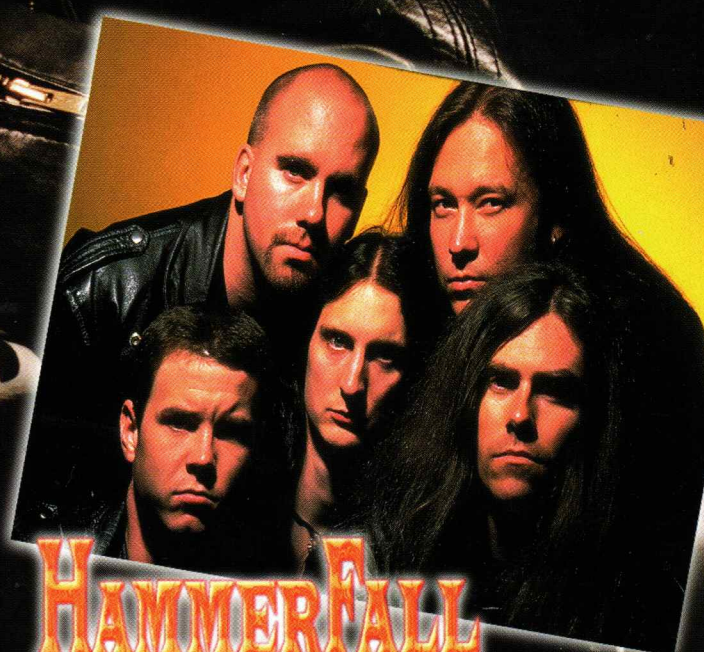
coberturas especiais:
Philips Monsters e
Expo Music 98

ganhe
dezenas
de CDs

BRUCE DICKINSON

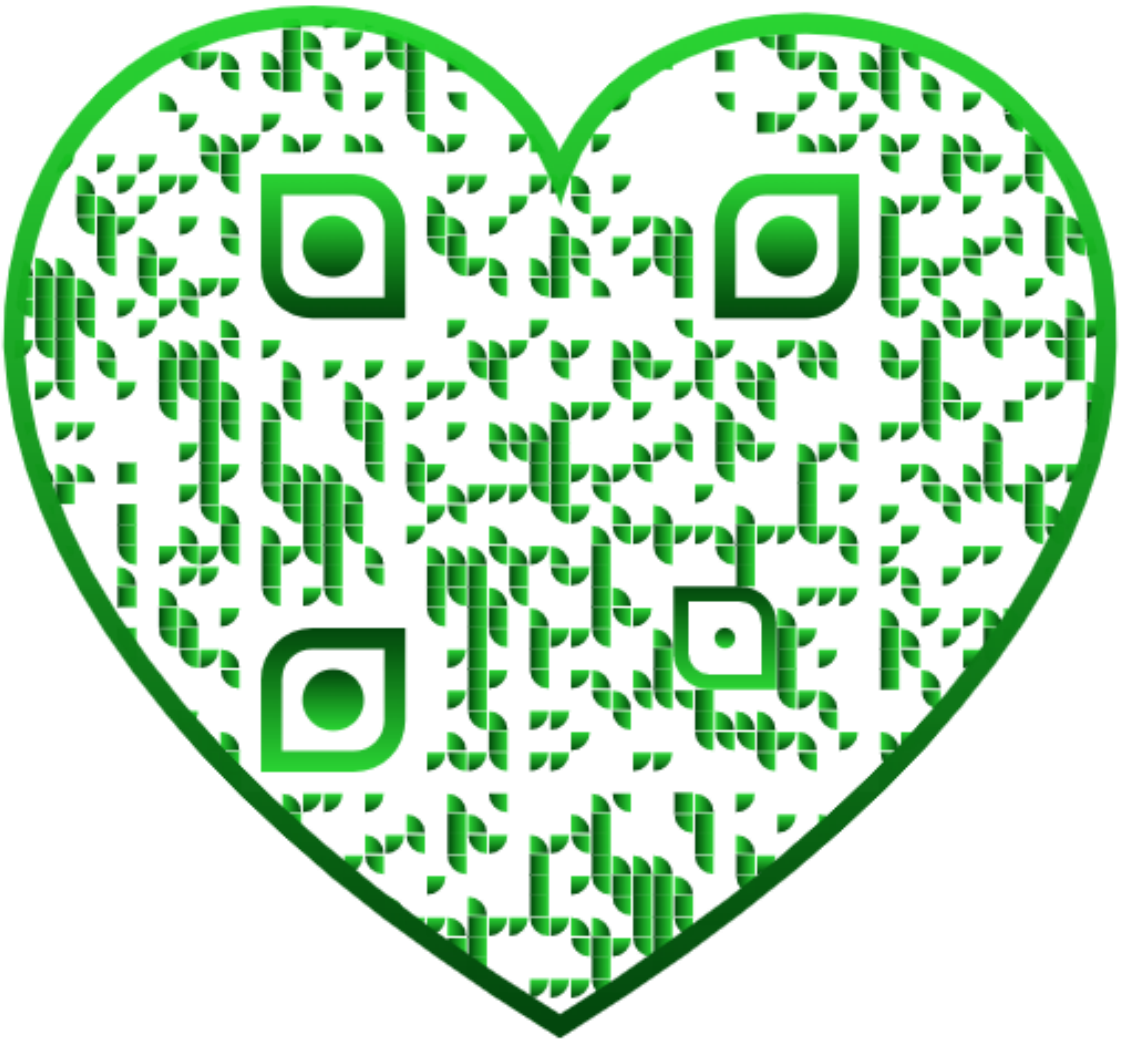
OCULTISMO E ALQUIMIA

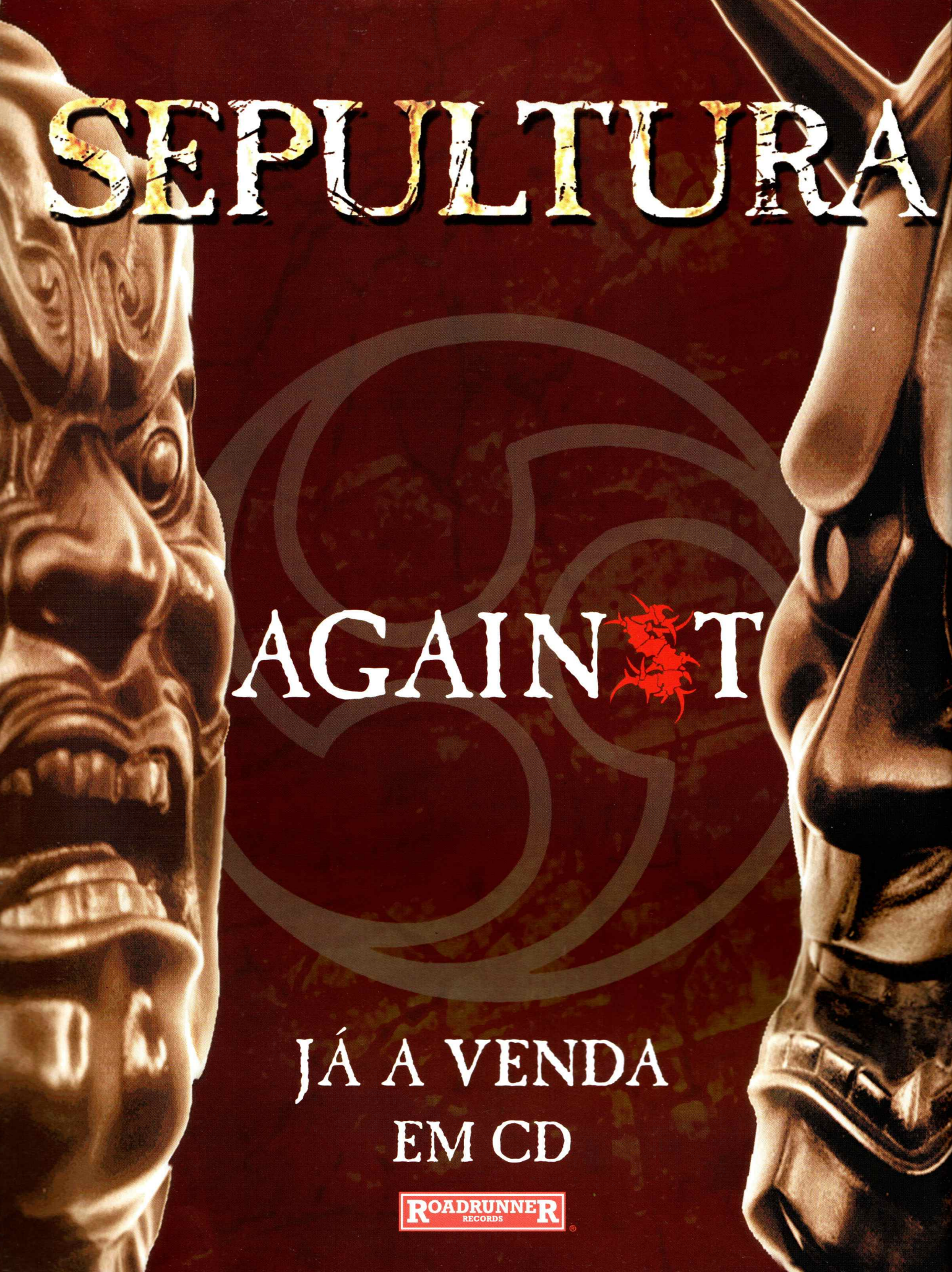
OBITUARY

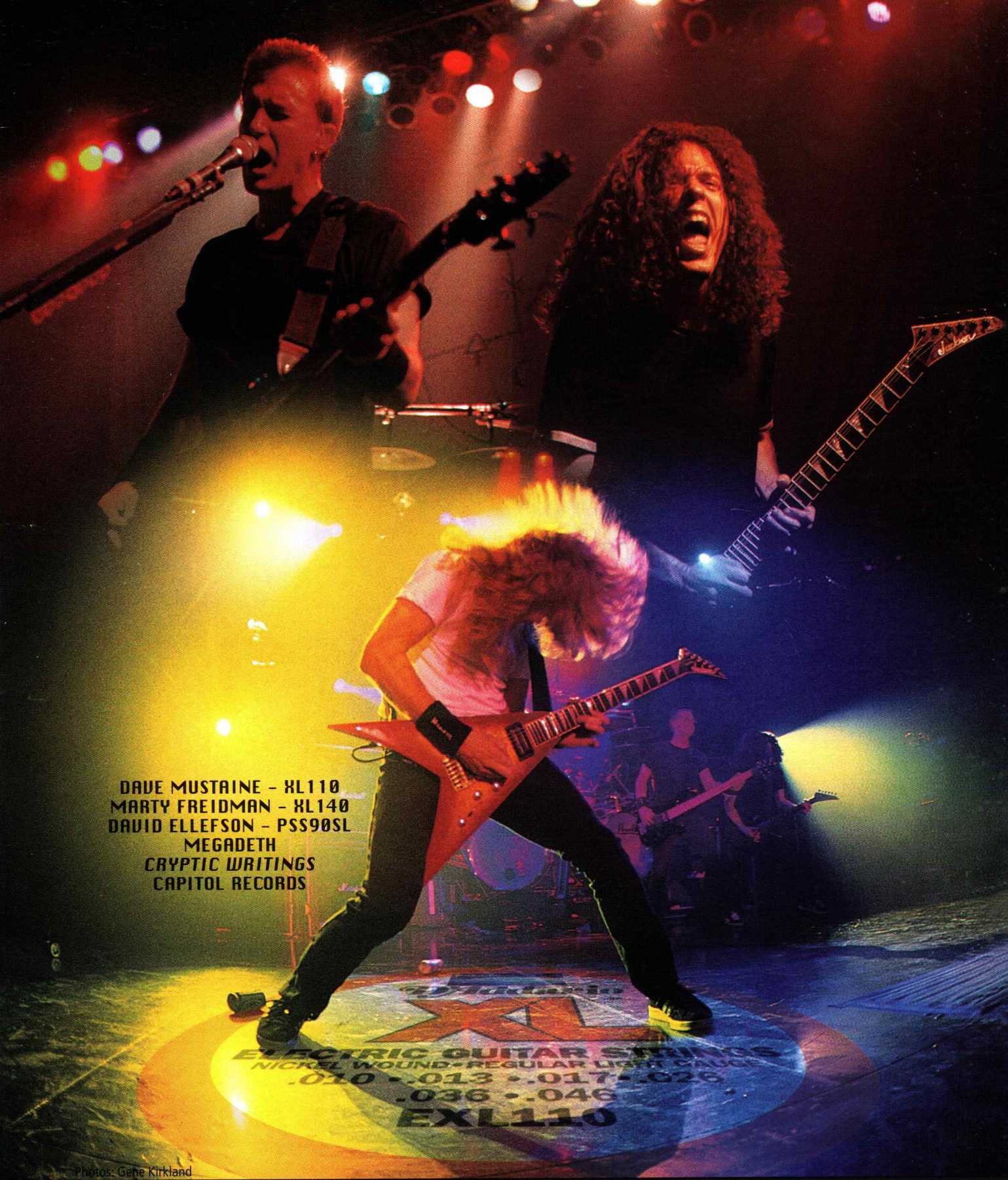


HAMMERFALL

ISSN 1414-0306
00147
R$ 5,00
9 771414 030006




SEPULTURA
AGAINST
JÁ A VENDA
EM CD
ROADRUNNER
RECORDS



D'Addario®

The Player's Choice

J. D'Addario & Company, Inc. • PO Box 290 • Farmingdale, NY 11735 USA
E-Mail: strings@daddario.com • Home Page: http://www.daddario.com

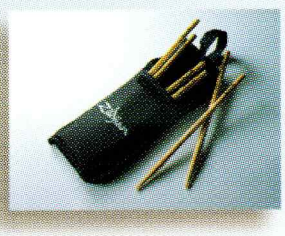
PEARL&

*Mediante envio preenchido do cupom destacável do Certificado de Garantia.
**Preço à vista, consulte possibilidades e condições de parcelamento com seu revendedor favorito.
Valor do frete não incluso. Prazo limitado ou até o final do estoque (*350 pcs.)

Preço Total: R$1998,00**

O Set Total é:

- Uma Pearl Export, equipada com os suportes de tom-tom TH-98, nova caixa estilo Sensitone e pedestal girafa adicional
- 01 prato Ping Ride Zildjian Avedis de 20"
- 01 prato Thin Crash Zildjian Avedis de 16"
- 01 casal de chimbau New Beat Zildjian Avedis de 14"
- 03 pares de baquetas Zildjian
- 01 banqueta Pearl D-730
- 01 cowbell Afro Salida com suporte para bumbo
- 01 bag de baquetas Zildjian - T3255



ZILDJIAN

A BATERIA TOTAL

Ano de 1998, os dois líderes mundiais da indústria da percussão unidos para levar você a era da BATERIA TOTAL.

Uma bateria completíssima (da banqueta às baquetas), composta com um mix de equipamentos dos mais cobiçados pelos artistas de todo mundo.

Há muitos anos os pratos **Zildjian** e as baterias **Pearl** vêm ocupando a liderança do mercado mundial de percussão. A razão é muito simples: Qualidade Total em tudo que produzem. Aproveite essa oportunidade absolutamente imperdível de tornar-se um Baterista Total!

brazil percussion
musical ltda.

CLAVE
Qualidade e Garantia

E tem mais, além de 01 (uma) camiseta oficial Pearl e do cartão Pearl Brazil Drummer's Club, um privilégio de todo comprador de baterias Pearl*, na compra de um kit, você receberá também 03 cupons para concorrer a uma sensacional viagem, em janeiro de 99, à fábrica da Zildjian nos Estados Unidos e à feira da música em Los Angeles.

Pearl
The best reason to play drums.

Zildjian
The only serious choice.

EDITORIAL

"Em time que está ganhando não se mexe", diz um ditado popular. Que encerra em si uma grande bobagem. Afinal, devemos esperar o time perder para fazer as mexidas necessárias? Zagallo foi a mais recente vítima dessa falta de visão e de ousadia – deu no que deu. Por isso, a saída de Bruce Dickinson do Iron Maiden quando a banda estava vivendo seu auge pode ter sido vista por muita gente como loucura. O tempo provou que o baixinho estava certo. Além de ter sedimentado uma carreira de sucesso, sua antiga banda ainda ficou devendo alguma coisa na visão da grande maioria de seus fãs. Por esse motivo, Bruce é o destaque principal desta edição, com uma entrevista exclusivíssima, na qual ele fala de ocultismo e alquimia. Também merecem destaque as entrevistas com Hammerfall, a mais nova sensação do heavy mundial, e o ressurgimento do Obituary com um disco sugestivamente intitulado *Dead*. O Paradise Lost, por sua vez, tenta explicar por que sua orientação musical está se aproximando perigosamente do pop. Para palpitar os corações dos saudosistas, fomos conversar com a supervocalista Annie Haslam, que fala do retorno do grupo Renaissance, que a lançou no mundo da música. Já o Genitortures comparece acompanhado de uma galeria de fotos proibidas de Gen. Confira! E provando a agilidade editorial da sua revista favorita, duas coberturas quentíssimas: tudo sobre a Expomusic 98 e sobre o Philips Monsters Of Rock, que aconteceram no último fim de semana de setembro, além da cobertura fotográfica do festival alemão de Wacken.

Fotos da capa: Marcelo Rossi/RB (Bruce), Divulgação (Hammerfall) e Daniel Oliveira (Obituary)

BRUCE • 12
ANATHEMA • 18
HAMMERFALL • 20
SINNER • 26
OBITUARY • 52
VISION OF DISORDER • 56
PHILIPS MONSTERS • 58
PARADISE LOST • 62
GLOOMY GRIM • 64
ANNIE HASLAM • 66
GENITORTURERS • 68
WACKEN FESTIVAL • 72

banger news • 08
on stage • 24
releases • 27
soundcheck • 35
posters • 38/39
novidades & dicas • 42
demo assault • 43
headbanger voice • 46
up coming • 70
heavy fun • 74

Marcelo Rossi/RB

ROCK BRIGADE

Editora Rock Brigade Ltda.

EDITOR
Antonio Pirani

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Isolda G. Pirani

EDITOR GRÁFICO
Paulo Caciji

ARTE/REDAÇÃO
Fernando Souza Filho

REDATOR-CHEFE
Ricardo Franzin

JORNALISTA RESPONSÁVEL/COORDENAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro (MTB 15.751)

CORRESPONDENTE NO EXTERIOR
Michael Mazur (EUA)

COLABORADORES NO BRASIL
Angelo Arbulu Neto, Beto Toledo, Carla Abbondanza, Ciro Hiruma, Chris Bueno, Luis Cláudio de Sousa, Renato Viliegas, Valdir Montanari, Vitão Bonesso

COLABORADORES NO EXTERIOR
- EUA: Cassia Leva, Debbie Sellnow, Rei Nishimoto
- PORTUGAL: João Paulo Prado, António Melão
- INGLATERRA: Pete Wadeson
- ALEMANHA: Stefan Glas

COLABORAM NESTA EDIÇÃO
Antônio V. Coelho, Dney DiCourel, Fabiano N. Pinheiro, Ingo C. Soares, Renato Cruz

QUADRINHOS
Márcio Baraldi

FOTÓGRAFOS
Cristina Mochetti, Carina Zaratin, Marcelo Rossi

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO
Bernadete Salles, César P. Zacura, Cláudio Gomes

PUBLICIDADE
Paulo R.C. e Regina Sakurai (011) 570-4124

FOTOLITOS
Paper Express Imaging Center

IMPRESSÃO
Takano Fotolito & Gráfica

DISTRIBUIÇÃO NO BRASIL
Fernando Chinaglia Distribuidora Ltda.

DISTRIBUIÇÃO EM PORTUGAL
Electroliber Brasil Ltda./Grupo Distri

NÚMEROS ATRASADOS
Disque-Banca da Dist. Fernando Chinaglia
São Paulo: (011) 230-9299 (PABX)
Rio: (021) 575-7766 (PABX)

ROCK BRIGADE ® é uma publicação mensal da Editora Rock Brigade Ltda. - Rua dos Bonitos 89, Vila Mariana, São Paulo/SP, CEP 04117-080.
Fones: (011) 570-2198 e 570-4124
Fax: (011) 575-4526
Site: www.rockbrigade.com.br

Ninguém está autorizado a vender assinaturas da revista, a não ser diretamente com nosso Departamento Administrativo ou respondendo à mala direta da editora. Os artigos publicados são de responsabilidade de seus autores, não representando necessariamente a opinião da revista. Todos os direitos reservados, proibida a cópia ou reprodução (parcial ou integral) das matérias e fotos aqui publicadas.

Powerfullest!

More Power. Pro Features. Superior Quality.

O mixer amplificado MegaMix, da Soundtech, oferece a você os recursos profissionais, a potência e a robustez que você precisa para soar melhor. Direto e simples de usar, o MegaMix coloca um mixer de 10 canais Stereo, 128 efeitos digitais, duplo equalizador de 9 bandas e 900 watts de som e qualidade na ponta de seus dedos.

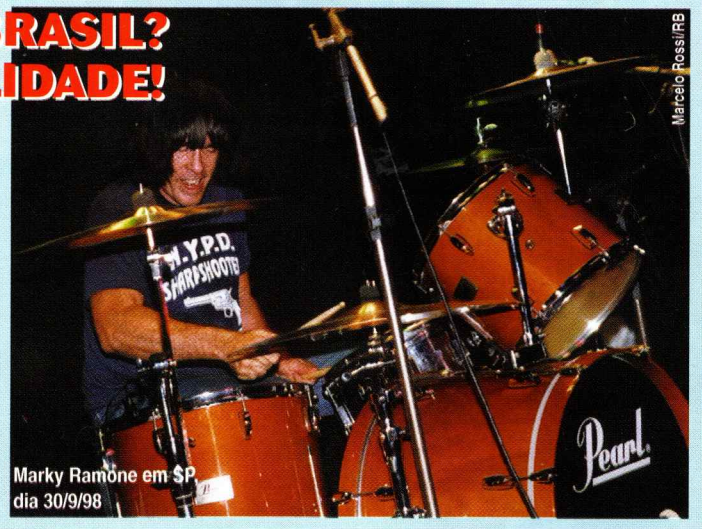
- Potência excepcional: 2 x 450W em 2W ou 2 x 330W em 4W.
- Três configurações: MM10SD (10 canais de 900W Stereo com 128 canais digitais). MM6D e MM6 (6 canais de 450W Mono).
- 1 Equalizador de 3 bandas com filtro de corte baixo (mudflaps).
- 2 Indicador de Peak/SPI com dupla função. Contém um LED bicolor que diz no exato instante se o nível de input está adequado.
- 3 Efeitos digitais de 16-bit. Utilize os três sons pré-estabelecidos ou crie seus próprios com uma simples mudança no DIP switch.
- 4 Efeitos digitais Hands-Free. Simples, eficiente e fácil de usar no palco. No painel frontal, selecione a chave ou qualquer pedal.
- 5 Em um toque de botão, selecione o equalizador flexível e as saídas de potência do output de seu MegaMix MM10SD.
- 6 Combinação de entradas que facilita a conexão de qualquer fonte, de alta ou baixa impedância.
- 7 Saída de subwoofer. Para facilitar a adição de subs, MegaMix inclui um crossover eletrônico. Simplesmente conecte um amplificador externo e um sub na saída de subwoofer.
- 8 Possui outras características, como um Phantom Power de 48V, discretas saídas Left&Right, saídas pre-master para Stereo tape e retorno Stereo para AUX.

Compre o melhor mixer amplificado do mercado. Trabalhe com o MegaMix, da SoudTech, e saiba porque é chamado de poderoso.

SoundTech™
PROFESSIONAL AUDIO

WASHBURN DO BRASIL - TEL: (061) 361-1181

RAMONES NOVAMENTE NO BRASIL? O SONHO PODE VIRAR REALIDADE!



Marky Ramone em SP, dia 30/9/98

Fãs de **RAMONES**, preparem os corações! Em recente passagem pelo país com sua nova banda, o Intruders [ver 'On Stage' desta edição], Marky Ramone declarou à ROCK BRIGADE que as chances de ele, Joey e Johnny se reunirem para um show exclusivo no Brasil ainda este ano são muito grandes. As conversações nesse sentido já estão bastante adiantadas e apenas alguns detalhes precisam ser acertados para que a tão esperada volta se confirme. Um desses detalhes reside no posto de baixista. De acordo com Marky, a idéia seria trazer Dee Dee para fazer as quatro cordas ao invés de CJ. Contudo, Dee Dee está bastante reticente quanto à possibilidade de voltar a tocar com seus ex-companheiros e se de fato ele recusar, CJ será mesmo chamado. De qualquer modo, já imaginou poder ver o Ramones no Brasil com Joey, Johnny, Marky e Dee Dee? A entrevista com Marky Ramone, na íntegra, você confere na próxima edição da BRIGADE.

Em matéria de preconceito contra o heavy metal, o suplemento Guia da Folha, do jornal Folha de SP, bateu recordes. Em artigo sobre o festival Philips Monsters, publicado antes do evento, o jornalista Pedro Cirne de Albuquerque afirmou que o caráter satânico dominava as bandas do Monsters deste ano. Imagine o Dream Theater, o Saxon e o Manowar serem chamados de SATÂNICOS!!! E tem mais: o moço disse que *Diabolus In Musica*, do Slayer, é uma referência explícita à simpatia do conjunto pelo capeta. Se o cara lesse menos press-release, saberia que Diabolus In Musica é uma escala musical. Como se não bastasse esse vexame, Albuquerque mostra-se péssimo em inglês ao traduzir *Criptic Writings* (título do novo álbum do Megadeth) como "Escrituras da Cripta", quando na verdade o tema abordado são as escrituras criptográficas. Na tentativa de ligar o Megadeth ao satanismo, o jornalista cometeu uma gafe infantil. Em outras palavras, quando um cara é incompetente o suficiente para escrever sobre algo que não conhece, prefere INVENTAR informações. Se você quiser mandar suas opiniões para o Guia da Folha, é só mandar um email para a redação do suplemento (guiadafolha@uol.com.br) e dizer o quanto ama o tal Albuquerque.

O **EXODUS** está agendando mais uma visita ao Brasil ainda este ano, possivelmente em novembro. Mas nenhuma data foi ainda confirmada. Aguarde a próxima edição para mais detalhes ou visite nossa seção "News" no site www.rockbrigade.com.br.

O novo álbum do **BLACK SABBATH**, *Reunion*, já estará nas lojas quando você estiver lendo esta edição da RB. O álbum é um duplo ao vivo que traz clássicos da banda, como *Sabbath Bloody Sabbath, Iron Man, Black Sabbath, Paranoid, Children Of The Grave, War Pigs* etc. É a volta da formação clássica com Ozzy, Tony Iommi, Geezer Butler e Bill Ward, que havia durado inicialmente até 1979, quando Ozzy saiu para seguir carreira solo. Ainda não se sabe o futuro de Bill Ward no conjunto, uma vez que o batera teve um ataque cardíaco há alguns meses e ainda está em fase de recuperação.

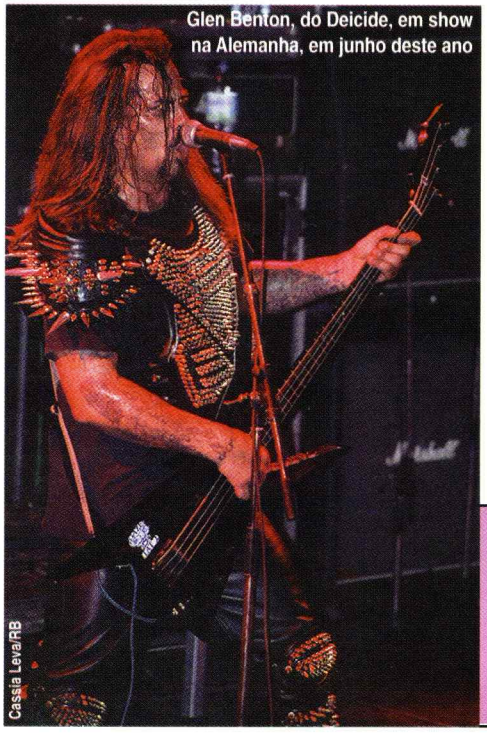
O **KING'S X** está lançando seu 8º álbum, *Tape Head*.

O vocalista Eric Forest, do **VOI VOD**, está melhorando gradativamente depois do terrível acidente sofrido na Alemanha, em agosto. Ele começou a fisioterapia e já está até andando, mas só deve deixar o hospital de Chatham em novembro, quando vai para a casa dos pais para descansar e continuar o tratamento. Apesar da gravidade do acidente, o cérebro de Forest não foi afetado e ele vai poder voltar a cantar e tocar normalmente no próximo ano. Inclusive, a banda já tem planos para um novo disco em 99.

O triplo ao vivo do **RUSH**, *Different Stages*, sai em novembro com uma novidade de última hora: foram acrescentadas as faixas *Analog Kid* e *Show Don't Tell*. Um home-video também deve sair logo em seguida.

Ao mesmo tempo que o veterano **STYX** lança seu álbum ao vivo *Return To Paradise*, seu líder, o guitarrista Tommy Shaw, solta um disco solo intitulado *7 Deadly Zens*. Ambos os CDs foram lançados no mesmo dia.

THE SNAKES é o nome do projeto que envolve os guitarristas Micky Moody e Bernie Marsden, ambos ex-Whitesnake, além do vocalista Joren Lande (Vagabond).


Glen Benton, do Deicide, em show na Alemanha, em junho deste ano
Cassia Leva/RB

JERRY CANTRELL está saindo em turnê solo agora em outubro. Ao lado dele estarão o guitarrista Chris DeGarmo (ex-Queensrÿche), o baixista Nick Rhinehart (ex-Old Lady Litterbug), o tecladista Chris Dowd (ex-Fishbone) e o ex-companheiro de Alice In Chains, o batera Sean Kinney.

O duplo ao vivo do **FATES WARNING**, *Still Life*, foi lançado no Japão com uma faixa extra, *In Trance*.

SEBASTIAN BACH lança em novembro, no Japão, um álbum ao vivo intitulado *Bring Bach Live!*, gravado dia 1º de agosto no Liquid Room, de Tóquio.

PAT TORPEY (Mr. Big) lança seu primeiro disco solo, *Odd Man Out*, com participação de seus companheiros de banda, Paul Gilbert e Billy Sheehan, além de convidados como Matt Sorum, Steve Lukather, Gregg Bisonette e Derek Sherinian.

O **NAPALM DEATH** lança este mês *Words From The Exit Wound*.

FISH está lançando uma coletânea intitulada *Kettle Of Fish*, em novembro.

O grupo americano **DEICIDE** está lançando em novembro seu álbum ao vivo, *When Satan Rules*. As gravações aconteceram em um show 'sold-out ' no House Of Blues, de Chicago.

Divulgação

Battlezone (esq. p/ dir.): Paulo Turin, John Wiggins e Paul Dianno

✦ O vocalista **PAUL DIANNO** recrutou um novo guitarrista, Paulo Turin, que é brasileiro. Turin nasceu em Campinas, mas mora há 13 anos em Londres. O grupo de Dianno, o **BATTLEZONE**, está agendado para se apresentar no Brasil em novembro, promovendo seu novo álbum, *Feel My Pain*. Detalhes na próxima edição.

✦ O novo álbum do **SKEW SISKIN** se chama *Electric Chair Music + Voices From The War* e traz a participação de Lemmy Kilmister.

✦ O **SILVERCHAIR** está em Los Angeles mixando seu terceiro álbum, que ainda não tem título e sai no início de 99. As gravações aconteceram na terra natal do trio, a Austrália, e tiveram a produção de Nick Launay.

✦ O novo CD do **GREAT WHITE** chama-se *You Can't Get There From Here* e sai em janeiro.

✦ Saiu o CD *Batuka!*, uma coletânea que reúne artistas que participaram do evento Batuka!, promovido pelo Instituto de Bateria Vera Figueiredo, de São Paulo. São 13 faixas reunindo bateristas consagrados como Cuca Teixeira, Vera Figueiredo, Douglas Las Casas, Daniel Baeder, Maurício Leite e Paulo Jiraya, além de novos talentos como Rafael Barata, Antonio Márcio, Luke Faro, Flávio Teixeira, Frederico Valle, Cristiano Forte, Guilherme Santana e Marius Rodrigues. A festa de lançamento acontece dia 17/11/98, no Café Piu Piu, no Bixiga. Maiores informações sobre o CD, sobre o evento e sobre a festa, ligue para (011) 262 5662.

✦ Oficialmente o **HOLE** nega, mas parece que a batera Patty Schemel está realmente fora do grupo. Provisoriamente, quem está em seu lugar é Samantha Maloney, da banda nova-iorquina Shift.

✦ Por problemas na agenda de **BRUCE DICKINSON**, a promoção da ROCKBRIGADE que tinha como prêmio um jantar com o ex-cantor do Iron Maiden foi cancelada. Sentimos muito pelo cancelamento, mas ele aconteceu devido a problemas alheios a nossa vontade. O cantor está viajando pelo mundo divulgando seu novo álbum, *The Chemical Wedding*, mas nos shows da nova turnê ele não vai contar com o guitarrista Roy Z, que está sendo substituído por Richard "The Guru" Carrette, que foi o técnico de guitarra de Roy Z e de Adrian Smith durante as gravações do novo disco de Bruce.

✦ E, por falar em Bruce, seus músicos de apoio Roy Z (guitarrista e produtor), Eddie Casillas (baixo) e David Ingraham (bateria) estão lançando *Revolucion 13*, segundo álbum de sua banda **TRIBE OF GYPSIES**, em novembro.

✦ A louquíssima guitarrista **THE GREAT KAT** está lançando um novo álbum, que recebeu o sugestivo título de *Bloody Vivaldi*.

✦ O **VAN HALEN** lançou no Japão um EP ao vivo intitulado *Live In Pittsburgh '98*.

✦ Por causa da gravidez da cantora Kate French, o próximo disco do **CHASTAIN** está sem previsão de finalização. Enquanto isso, o guitarrista David Chastain já começou a trabalhar num novo projeto, batizado **SAINT SAVAGE**, ao lado de Michael Harris.

✦ O grupo alemão **HELLOWEEN** criou um programa que dá vida à mascote-abóbora dentro de seu computador (PC ou Macintosh). Downloads do programa estão disponíveis nos sites http://maddancer.com/screensavers.html e http://www.helloween.com.

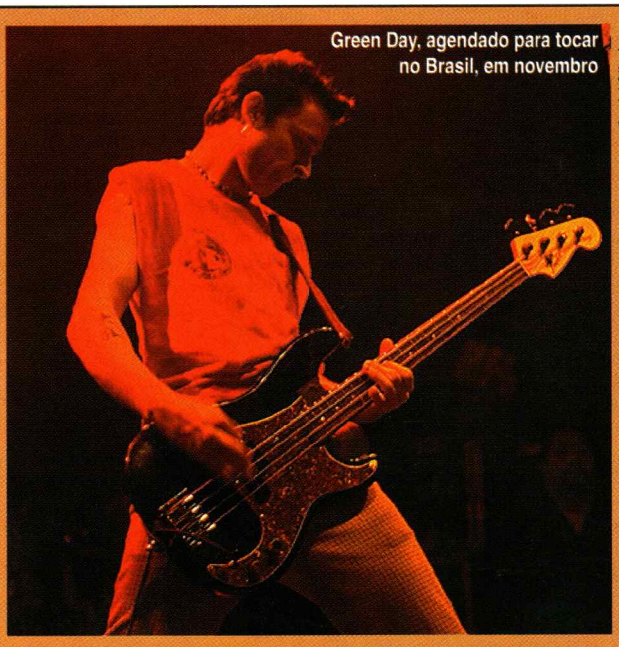
✦ Está confirmado para novembro o lançamento de *By Your Side*, novo disco do **BLACK CROWES**.

✦ O **FIREHOUSE** lançou no Japão seu novo CD, *Category 5*.

✦ Saiu o primeiro álbum do **QUEENS OF THE STONE AGE**, que traz em sua formação antigos integrantes do Kyuss: Josh Homme (G/V), Nick Oliveri (B) e Alfredo Hernandez (D).

✦ O guitarrista Duncan Patterson saiu do **ANATHEMA**. Duncan estava com problemas de saúde que o impediam de cumprir alguns compromissos da banda, gerando uma insatisfação geral. Pra piorar, morreu a mãe dos irmãos Cavanagh (Vincent, David e Jamie, todos da banda), o que resultou em férias forçadas para o Anathema. Para o lugar de Duncan, veio Dave Pybus (ex-Dreambreed). Também juntando-se ao grupo está Martin Powell, tecladista/violinista do My Dying Bride, que agora se tornou integrante definitivo do Anathema.

✦ O novo disco do **ANVIL** se chama *Speed Of Sound* e há grandes possibilidades de o CD sair no Brasil até o final do ano. Aguarde todos os detalhes sobre o CD na próxima edição da RB.



Green Day, agendado para tocar no Brasil, em novembro

Daniel Oliveira

✦ Shows internacionais programados para o Brasil, em novembro (atenção, não ligue para a redação para confirmar datas/locais, não temos como atender à demanda de telefonemas. Acesse o site da RB em www.rockbrigade.com.br e terá todas as confirmações que necessitar):

- A banda grindcore californiana **DEEDS OF FLESH** toca dia 14 em Sorocaba/SP (no Garage Rock - R. Dr. Nogueira Martins S/N, Centro), 22h, com abertura de Mortal Profecia, Sarcastic, Zoltar e NervoChaos. Info: (015) 243-1328. No dia 21, o conjunto se apresenta em São Paulo/SP (Fofinho Rock Club - Av. Celso Garcia 2728 - Belenzinho), 22h, com abertura de NervoChaos e Zoltar. Info: (011) 3666-1976.
- O **GREEN DAY** está agendado (mas não confirmado) para tocar dia 5 em Belo Horizonte/MG (Mineirinho), 6 no Rio de Janeiro/RJ (Metropolitan) e 7 e 8 em São Paulo/SP (Via Funchal).
- O rock alternativo do **CAKE** se apresenta dia 24 em Belo Horizonte, 26 em Curitiba e 27 em Porto Alegre.
- O surf rock do **MAN OR ASTRO-MAN?** tem confirmada a vinda a São Paulo dia 24, para show na Broadway. Estão sendo negociadas apresentações em BH, Londrina, Curitiba e Santos.

A baixista Rayna Foss, do **COAL CHAMBER**, e o batera Morgan Rose, do **SEVENDUST**, anunciaram seu casamento para o dia 14/2/99, em Las Vegas.

O grupo grindcore capixaba **PORRADA!** relançou seu LP *Avalanche* em versão CD. Paralelamente, o líder do conjunto, Wilson Jr., está lançando seu projeto The Skulls, voltado para a oi! music, com influências skin, que já tem sua primeira demo pronta. Você pode adquirir ambos através do email noguio@hotmail.com ou do fone (011) 6163-3692.

O grupo sueco **AMON AMARTH** finalmente recrutou um segundo guitarrista, Johan Soderberg.

O próximo CD do **CATHEDRAL** chamar-se-á *Caravan Beyond Redemption* e teve seu lançamento adiado para janeiro. Os motivos não foram revelados.

Lançamentos e relançamentos: a gravadora Cogumelo relançou *Circus Of Death*, do Overdose, com capa diferente. Já a Roadrunner está com um pacotaço de fim de ano com o relançamento com faixas extras dos quatro primeiros do Obituary (*Slowly We Rot, Cause Of Death, The End Complete* e *World Demise*), os dois primeiros do Annihilator (*Alice In Hell* e *Never Neverland*) e o primeiro do Deicide, auto-intitulado. Lá fora, o selo britânico Neat está distribuindo o catálogo da British Steel, que relançou vários LPs da NWOBHM em forma de CD e também algumas coletâneas com raridades do Hawkwind. Ainda na área dos relançamentos, a Spalax soltou *The Ship*, do Tea.

O nojentão **GWAR** anuncia para abril do próximo ano o lançamento de seu novo disco, que já está sendo gravado e deve ser mixado até janeiro.

O americano **IMMOLATION** já terminou as gravações de seu novo trabalho, *Failure For Gods*. A provável data do lançamento é no início de 1999.

Os fãs de **MOTÖRHEAD** não podem perder essa: a Rock Brigade Records está lançando este mês *Snake Bite Love*, último CD da banda, com uma faixa extra. Também saindo no Brasil via RBR o novo do Battlezone (*Feel My Pain*), Stratovarius (*Destiny*), Dæmonarch (projeto da galera do Moonspell), Hefeystos, Event, Twin Obscenity e Radakka (confira anúncio nesta edição).

Sai em novembro o CD *The Way Of Regret*, do grupo **ETERNAL SORROW**, via Demise Records.

Andre Andersen e DC Cooper, do **ROYAL HUNT**, vêm ao Brasil na segunda semana de novembro para divulgar seu novo álbum ao vivo, lançado no Brasil via R. Brigade Records. A agenda atualizada você encontra no site www.rockbrigade.com.br.

ROLÊ

Para ter seu evento publicado nesta seção, basta nos mandar um fax ou carta (não aceitamos anúncios feitos por telefone) que não estejam manuscritos informando data, local, fone para informações etc. Esta seção fecha no dia 15 de cada mês e, após esta data, não é mais possível veicular sua mensagem. Os anúncios são de responsabilidade dos pro-motores, a RB apenas presta um serviço GRATUITO de informar o que é passado por eles, por isso, não nos responsabilzamos pelo adiamento ou não realização de algum evento. Para ter informações sobre shows da semana, vá até a seção 'Shows Nacionais' do site da RB (www.rockbrigade.com.br).

SHOWS:

- 24/10 - Vision Of Soul Fest/Metal Cristão, com **War Blade** e **The Joke?**, no Cine Ouro (R. Antonino Fonseca Jr. 35, Nova Lima/MG), 18h. Vai ter lançamento do zine Z.A.C. e exposição de pinturas abstratas. Ingresso: 1 kg de alimento. Info: (não tem).
- 30/10 - **Pentacrostic, Torture Squad** e **Grunks**, no Black Jack Bar (SP/SP). Info: (011) 521-3319.
- 31/10 - **Electric Funeral** (Black Sabbath Cover), no El Pirata (R. Alfredo de Lucca 318, Limeira/SP). Info: (019) 451-2837.
- 6/11 - **Dust From Misery**, no Lona Hermeto Pascoal (Bangu, RJ/RJ), 21h. Info: (021) 332-4909.
- 7/11 - **Out of Reality, Dust from Misery** e **Cypher**, no Bedrock (Niterói/RJ), 22h. Info: (021) 611-6162.
- 13/11 - **Electric Funeral** (Black Sabbath Cover), no Black Jack Bar (SP/SP). Info: (011) 521-3319.

BARES & SALÕES:

- Alternative Video Bar (R. Pe. João 410, SP/SP). Info: (011) 217-4615
- Black Jack Bar (Av. Adolfo Pinheiro 1671, SP/SP) • Toda quarta-feira tem vídeos e jams. Info: (011) 521-3319.
- Blackout Bar (Av. N. Sa. de Copacabana 1241, L-1, Galeria Alaska, Posto 6, Copacabana, RJ/RJ). Info: (021) 275-6834.
- Cervejaria Emília Riolfi (Av. Francisco Barreto Leme 545, V. S. Geraldo, Taubaté/SP) • Programação metal/hardcore. Info: (012) 221-3097
- Jamaican Bar Night (Av. Andrômeda 3660, Bosque, São José dos Campos/SP) • Programação: underground. Info: Não tem
- Manifesto Bar (R. Iguatemi 36, SP/SP). Info: (011) 866-5520.
- Nïas Dancing Bar (R. dos Pinheiros 688, SP/SP) • Programação rock e pop. Info: (011) 852-3877.
- Neurosis Bar (R. Cel. Tamarindo S/N, Bangu, próx. a Pça. 1° de Maio, RJ/RJ) • Programação heavy, hard, punk e hardcore. Info: (021) 331-9393.
- Point Gospel (Av. Itaquera 3095. SP/SP). Info: (011) 289-7548.
- Skina 10 Rock Bar (R. Juiz de Fora 14, Centro, Guarulhos/SP). Info: (011) 4656-1712.

LÍNGUA SOLTA

"É surpreendente como as pessoas têm uma idéia errada do black metal. Afinal, o referencial delas são alguns imbecis da Noruega que pregam o racismo."
Dani, do Cradle Of Filth.

"A única coisa que pode salvar o rock'n'roll é esse álbum."
Marilyn Manson, referindo-se ao seu novo disco. A pergunta que fica é: salvar de quem, cara-pálida?

"Após os shows, tudo que queríamos era achar algumas garotas para passar a noite (...) Não importava a aparência delas, só precisavam ter peitões."
Dregen, guitarrista do Backyard Babies, falando do início de sua carreira.

"Não me interessa muito saber se *Whole Lotta Love* influenciou alguém, porque não vejo nada no rock'n'roll atual que seja suficientemente relevante (...) A geração que sucedeu o Led Zeppelin desapareceu, graças a Deus. Aquele metal dos anos 80 era clichê e cansativo."
Robert Plant.

"Sempre transamos na frente uns dos outros."
Guitarrista Zim Zum, lembrando seus tempos no Marilyn Manson.

SÉRIE "P"

Em colaboração com os "endorses", a WASHBURN criou uma guitarra que redefine o instrumento e oferece modernas soluções aos incontáveis problemas encontrados pelos guitarristas.

- Criada para manter consistência na afinação
  - Micro afinação no cordal
  - Tarrachas com trava
  - Pestana de grafite
- Desenho exclusivo (Seymor Ducan)
- Escala com decoração única
- Também com opção de tremolo Bigsby
- Feito a mão em Chicago USA
- Fabricação em madeira sólida
- Corpo leve

WASHBURN DO BRASIL - TEL: (061) 361-1181

BRUCE DICKINSON

Divulgação

Alquimia, cabalismo e ocultismo num álbum cheio de histórias

Fernando Souza Filho

Quando Bruce Dickinson esteve no Brasil para se apresentar no festival Skol Rock, em 97 (ao lado de Dio, Scorpions etc.), muitos jornalistas nos faziam perguntas do tipo: "Como essas bandas de heavy metal conseguem reunir 30 mil pessoas debaixo de uma chuva torrencial?" e "Como as pessoas conhecem as músicas do Bruce se o disco dele não foi lançado no Brasil?" Não dá para disfarçar o sorriso diante da ingenuidade de alguns de nossos colegas da grande mídia, que acreditam piamente que o povo engole qualquer coisa que passa no Planeta Xuxa.

Bruce é um desses casos de artista que faz sucesso passando à margem da grande mídia, lançando excelentes álbuns que são um estouro sem sequer terem sido lançados no país, como *Accident Of Birth*, de 97. Agora, o ex-vocalista do Iron Maiden volta à carga com *The Chemical Wedding*, que consegue ser tão bom – senão melhor – que o anterior.

Ao lado do velho companheiro de tempos de Maiden, o guitarrista Adrian Smith, o cantor manteve o time excepcional do álbum anterior: Roy Z (guitarrista e produtor), Eddie Casillas (baixo) e David Ingraham (bateria).

Para falar da atual fase, Bruce recebeu a BRIGADE com seu bom humor habitual, lembrando de cara o almoço de que participou com leitores da revista, em 97, quando ele e Adrian se esbaldaram de tanto comer sushi ("Foi fantástico, comi muito!"). E quando soube que essa entrevista seria a matéria principal da edição de outubro, disparou: "Vou ser a capa da BRIGADE de novo? Que legal!"

ROCK BRIGADE – Antes de o disco ser lançado, *The Tower* rolou intensamente em algumas rádios de São Paulo. Essa receptividade tem se repetido em outros países?

BRUCE DICKINSON – Sim, em todo lugar. O álbum foi tema de capa e disco do mês da [revista inglesa] Terrorizer e recebeu críticas absolutamente positivas na Kerrang! [Inglaterra] e Hard Rock [França]. Foi ainda o lançamento do mês na Heavy Oder Was?!? [Alemanha], Rock Hard [Alemanha] etc. Nos EUA, também está indo bem, com a faixa *Killing Floor* entrando nas listas 'Top Ten' de várias rádios. Tudo isso me deixa extremamente feliz. E se *The Tower* já está rolando nas rádios de São Paulo, eu fico mais feliz ainda [risos]!

RB – A expressão "Chemical Wedding" ["Casamento Químico"] é usada pelos alquimistas para definir o momento em que o chumbo se torna ouro. Como pintou a idéia de intitular o álbum com essa expressão?

DICKINSON – Os alquimistas sempre usaram essa expressão de forma alegórica, pois o chumbo, na verdade, seria o ser-humano, enquanto o ouro seria a divindade. Essa metáfora toda é muito interessante.

RB – A maioria das letras do disco trata, mesmo que indiretamente, do tema alquimia. Você chegou a se envolver com a filosofia e as teorias alquimistas?

DICKINSON – Apesar do tema básico ser a alquimia, a inspiração maior para fazer esse disco foi mesmo a obra de William Blake [poeta e pintor britânico que viveu séculos atrás, no interior da Inglaterra]. Também várias obras de arte da pintura européia de vários séculos foram inspiradas na alquimia. Quando eu lia os poemas de Blake, acabava visualizando as pinturas, e essa mistura foi a minha maior fonte de inspiração. A poesia de Blake é forte, cativante. Acho que ele foi o primeiro poeta heavy metal do mundo [risos].

RB – Você é um artista de heavy metal e ainda há todo aquele estigma em cima do estilo. Houve algum empecilho para a conservadora Tate Gallery [famosa galeria de arte britânica] permitir que você usasse algumas das antiquíssimas pinturas do acervo deles em seu álbum?

DICKINSON – Antes de qualquer coisa, eles queriam ver as letras das músicas que sairiam no álbum. Eu expliquei que gostaria de usar as pinturas com temas alquimistas, que essa era a temática básica do álbum etc. A única preocupação deles era de que as pinturas não fossem usadas

Foto: Marcelo Rossi/RB

Marcelo Rossi/RB

de forma desrespeitosa. Eu mostrei para eles que o que eu tentava fazer era exatamente o contrário, por isso, estava usando os poemas e as pinturas de William Blake. Eles liberaram na hora.

RB – Você já conhecia a obra de Blake ou se aprofundou nela por causa de seu interesse pela filosofia alquimista?

DICKINSON – Eu sempre tive curiosidade de saber mais sobre William Blake, mas nunca tive a chance de investigar a fundo a obra dele. Tudo que eu sabia era que ele era um grande artista e tinha atitude. Quando comecei a conhecer melhor suas obras, fui descobrindo como Blake era um poeta especial, diferente e, como eu disse antes, um verdadeiro poeta heavy metal.

RB – Você fez algum tipo de pesquisa na Bíblia ou em livros sobre alquimia para escrever as letras do álbum?

DICKINSON – Sim, pesquisei sobre determinados assuntos que eu não conhecia muito bem. Eu tenho uma coleção razoável de livros antigos sobre ocultismo, inclusive um livro alemão muito antigo que conta toda a história da alquimia. Fiz alguma pesquisa nessa minha coleção particular.

RB – No encarte, há algumas ilustrações talemistas da vertente de Aleister Crowley. Você também estudou essa linha ocultista?

DICKINSON – Sim. Veja bem, o conceito de alquimia é relativamente amplo, envolve até elementos de cabala. Tudo isso junto nos ajuda a entender melhor o próprio universo em que vivemos. Aleister Crowley estudou isso a fundo, colocou todos os conceitos num único invólucro. Admiro muito isso.

RB – Você acha que seus fãs mais jovens, especialmente os adolescentes, vão entender letras tão complexas?

DICKINSON – Todas as resenhas e críticas feitas ao disco até agora foram em cima de uma cópia promocional do CD. E essa cópia não tem as letras das faixas, tudo que ela tinha era a música. Mesmo assim, as críticas foram extremamente positivas. Agora, todos podem ver as letras também e podem se aprofundar melhor nos temas do álbum. No entanto, o mais importante de um álbum de heavy metal é que ele cative o público e isso o *Chemical Wedding* tem feito muito bem.

RB – Voltando a falar das ilustrações, o que significa o desenho da capa?

DICKINSON – Essa ilustração se chama 'The Ghost Of A Flee' e foi feita por William Blake, inspirada em um poema dele mesmo [essa obra é de 1819 e está exposta na Tate Gallery londrina].

RB – O person gem Edison [aquele da capa do *Accident Of Birth*] não se encaixa na t mática de *Chemical Wedding*. Você o "matou" ou pretende usá-lo novamente no futuro?

DICKINSON – Ele estará no vídeoclip de *The Tower* ou de *Killing Floor*. De fato, Edison não se encaixa em *Chemical Wedding*, mas pretendemos usá-lo de alguma maneira nos shows da turnê.

RB – Você gravou *The Zoo* [Scorpions] quando estava em estúdio, trabalhando no novo álbum. Você pretende usar esse cover em algum EP ou ele vai estar apenas na coletânea *Extreme Wrestling Federation*?

DICKINSON – Até o momento, não há planos de usar essa faixa em algum EP ou algur B. Temos outras faixas planejadas para os lados B.

Na verdade, nem estou muito animado com esse negócio de lançar um monte de singles, pois o fã gasta muita grana comprando singles e EPs, porém, a maioria das músicas acaba saindo também no álbum principal. Talvez se *The Tower* se tornar um daqueles hits de rádio, possivelmente a gravadora lance um single com essa faixa. E se eles resolverem relançar os discos antigos, já temos algumas faixas gravadas para serem incluídas como faixas bônus [Bruce tem várias faixas que não foram usadas nos dois últimos álbuns e estão sendo guardadas para servirem de bônus em futuros lançamentos]. Fora esses casos específicos, não curto muito lançar um monte de singles.

RB – E quanto ao tributo ao Alice Cooper?

DICKINSON – Eu e o Adrian gravamos uma faixa [*Black Widow*] para esse tributo. Foi muito legal participar desse projeto.

RB – Você criou seu próprio selo, Air Raid Records [para quem não sabe, o apelido de Bruce antes de entrar no Maiden era 'Air Raid', ou seja, "alarme aéreo", uma referência ao seu timbre de voz inconfundível]. Qual o objetivo?

DICKINSON – Basicamente, eu criei o selo para lançar meus discos na Europa, pois havia tido muitos problemas com minha gravadora anterior [Castle].

RB – Como, por exemplo, o não lançamento de *Accident Of Birth* na América do Sul?

DICKINSON – Exatamente! Esse foi o pior problema de todos! Eu fiquei furioso com isso, pois era um disco muito bom e o público daí é extraordinário. Quando fomos tocar na América do Sul, vi a reação dos fãs que adoraram o CD, mas tinham que comprar importado. Fiquei mais furioso ainda! Eu não parava de resmungar: "Eu odeio essa gravadora, quero que vão para o inferno, fuck them!" Naquela viagem que fiz ao Brasil [em 97], eu me senti extremamente frustrado por ver os fãs pagarem tanto por um CD importado quando a gravadora poderia tê-lo lançado no Brasil.

Divulgação

Adrian e Bruce

RB – Apesar disso, *Accident Of Birth* foi um sucesso entre os brasileiros. Que expectativas você tem agora, uma vez que *Chemical Wedding* saiu no Brasil via Paradoxx?

DICKINSON – As melhores possíveis! Agora, os fãs não vão precisar pagar fortunas nem encomendar um CD que vai levar semanas para chegar. Isso é ótimo. Espero que o disco venda bem para que possamos tocar no Brasil em 99.

RB – Você tem planos de lançar novas bandas através da Air Raid?

DICKINSON – No momento, estou tão ocupado com meu próprio disco que não posso nem pensar em lançar outro grupo. Ano que vem certamente eu poderei sentar e estudar a possibilidade de lançar novos conjuntos.

RB – Apesar de todas as previsões de que o heavy metal andava agonizante, cada vez mais vemos festivais como Skol Rock e Philips Monsters, com públicos de 20, 30, 50 mil pessoas. Além disso, o mercado fonográfico do estilo continua se expandindo muito. Como você, um artista do heavy metal, vê essa situação hoje em dia?

DICKINSON – Simples: todos que falavam essa bobagem ridícula de que o heavy estava morto estavam errados. Eles estavam completamente errados. Hoje, o metal está cada vez mais forte pelo mundo afora. Não é apenas um fenômeno local de um ou outro país, é uma coisa que cresce em todo o planeta.

RB – Há quatro, cinco anos, raríssimos grupos vinham até o Brasil fazer 'promo trips' [viagens em que o artista só dá entrevistas, não se apresenta ao vivo]. Hoje, isso é comum. Você mesmo já veio três ou quatro vezes promover seus discos. Você acha que o Brasil é hoje um bom mercado para o heavy metal praticado por artistas como você?

DICKINSON – O Brasil SEMPRE foi um ótimo mercado para o heavy metal. E acontece a mesma coisa nos países do Leste Europeu e até na Alemanha.

RB – Mas muita gente, inclusive artistas que já foram metal, dizem que o futuro está na música techno...

DICKINSON – Eles estão errados, estão terrivelmente errados [ri].

RB – Além de músico você é escritor, com alguns livros já lançados. Você tem planos de escrever mais algum romance?

DICKINSON – Não num futuro próximo, pois atualmente ando tão ocupado que uso qualquer folga do trabalho para dormir [risos]. Escrever um livro é um processo demorado, que exige concentração absoluta naquele trabalho, não dá para fazer mais nada.

RB – Você poderia fazê-lo em 99, quando acabar a turnê de *Chemical Wedding*.

DICKINSON – Quando acabar essa turnê, já estarei em pleno processo de composição do próximo disco. Esse é meu ritmo: mal lancei um álbum e já estou pensando no outro.

Marcelo Rossi/RB

DISCOGRAFIA DE BRUCE DICKINSON

Com o Samson: *Survivors* (79), *Head On* (80), *Shock Tactics* (81), *Head Tactics* (coletânea/88).
Com o Iron Maiden: *The Number Of The Beast* (82), *Piece Of Mind* (83), *Powerslave* (84), *Live After Death* (duplo ao vivo/85), *Somewhere In Time* (86), *Seventh Son Of A Seventh Son* (88), *No Prayer For The Dying* (90), *Fear Of The Dark* (92), *A Real Live One* (ao vivo/93), *A Real Dead One* (ao vivo/93), *Live At Donington '92* (duplo ao vivo/94).
Carreira solo: *Tattooed Millionaire* (90), *Balls To Picasso* (94), *Alive In Studio A* (ao vivo/95), *Skunkworks* (96), *Accident Of Birth* (97), *Man Of Sorrows* (EP/97), *The Chemical Wedding* (98).

RB – Você chegou a escrever um roteiro para um filme sobre a vida de Paganini. A quantas anda o projeto?

DICKINSON – Na verdade, eu fiz também um roteiro para um filme sobre Aleister Crowley, mas ele acabou virando um álbum conceitual, que é o *Chemical Wedding*. O roteiro sobre o Paganini quase virou filme, chegamos bem próximos, mas o projeto não foi à frente. O título provisório do filme seria 'Man Of Sorrow' [que virou faixa de *Accident Of Birth*].

RB – Você pretende retomar esse projeto e de fato fazer o filme?

DICKINSON – O cara que fez o vídeo de *Killing Floor* era quem estava no projeto do filme comigo. Ele é bastante envolvido com cinema e está muito empolgado com o projeto. Quem sabe?

RB – Fazendo uma analogia entre você e Paganini, ambos são compositores e escritores, são interessados por história, ocultismo e culturas milenares. Além disso, ele era acusado de demoníaco por causa de seu modo de tocar violino, assim como você, desde os tempos do Maiden. Paganini morreu de sífilis...

DICKINSON – [interrompendo] Ôôôpa! Espero que as similaridades acabem por aí [risos]! Até porque ele era alto, corcunda e narigudo [mais risos]!

RB - Você já tinha se dado conta de tantas semelhanças?

DICKINSON – [rindo] Na verdade, não. Mas a vida do Paganini é muito interessante. Ele foi enterrado sete vezes depois de morrer, pois sempre que sabiam que era o corpo dele que estava enterrado em determinado cemitério, os habitantes locais exigiam que fosse para outro lugar. Espero que isso não aconteça comigo [risos].

RB – A imprensa européia divulgou que o Iron Maiden cogitou fazer uma jam com todos seus ex-vocalistas na atual turnê. Chegou a ser feito esse convite para você?

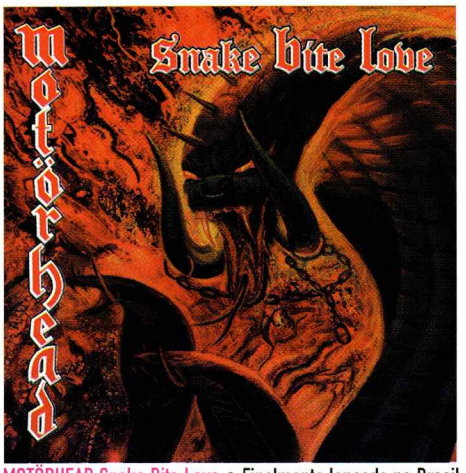
DICKINSON – Não. O que aconteceu é que, durante uma entrevista, eu disse que a idéia de reunir os ex-vocalistas para uma jam era bem maluca. Alguém deve ter entendido errado e dito que queríamos fazer essa jam.

RB – Steve Harris é um cara do tipo que não bebe, não fuma, não usa drogas e nunca se altera. Muita gente sustenta que esse era um dos motivos por que você acabou não se dando muito bem com ele, uma vez que seu temperamento é o oposto. Há alguma verdade nisso?

DICKINSON – Não é uma questão de ser ou não ser do tipo "certinho". Cada um faz o que quer da sua vida, ninguém tem nada a ver com isso. Eu não fumo, não tomo drogas, mas bebo algumas cervejas de vez em quando. Isso não me faz melhor nem pior que ninguém. •

UMA AVALANCHE METÁLICA

BATTLEZONE Feel My Pain • Paul Dianno retorna em grande forma ressuscitando a melhor banda de sua carreira pós-Maiden. Pesado, agressivo e extremamente moderno.

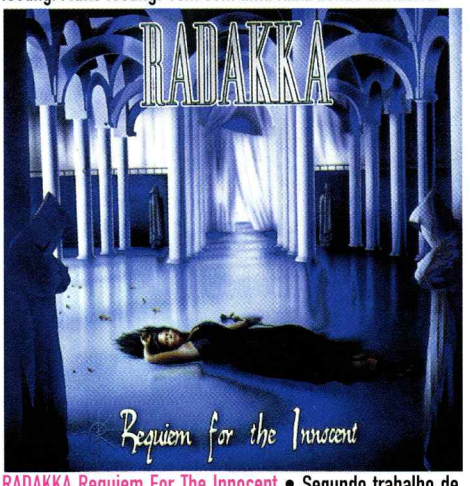


MOTÖRHEAD Snake Bite Love • Finalmente lançado no Brasil mais uma aula de heavy metal de Lemmy & cia. Vem com uma faixa bônus EXCLUSIVA para o Brasil.

STRATOVARIUS Destiny • Os gigantes do metal melódico europeu continuam com seu power metal virtuoso e cheio de feeling. Muito feeling! Vem com uma faixa bônus exclusiva!

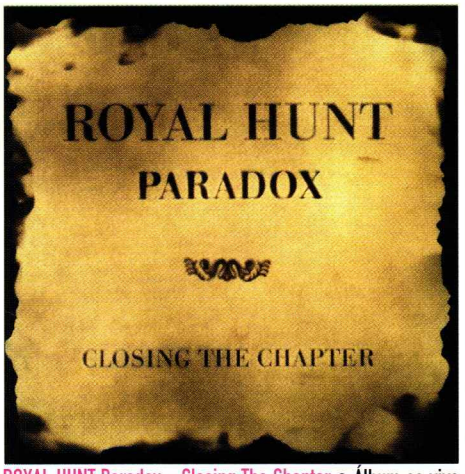
DÆMONARCH Hermeticum • Projeto paralelo dos integrantes do Moonspell voltado para o black metal tradicional. Sombrio, depressivo e extremamente pesado.

EVENT Electric Skies • Prog metal de incrível personalidade e carisma. Técnica, virtuosismo, melodia, peso e bom gosto são as maiores virtudes da banda americana.



RADAKKA Requiem For The Innocent • Segundo trabalho de um dos melhores grupos da nova cena power metal americana. Destacam-se os riffs poderosos e os vocais grandiosos.

TWIN OBSCENITY For Blood, Honour And Soil • Outro excepcional nome do black metal norueguês. Extremamente original e obscura, a música da banda é absolutamente cativante.



ROYAL HUNT Paradox - Closing The Chapter • Álbum ao vivo da consagrada banda de heavy metal melódico, com destaque para a energia que emana de todas as faixas.

HEFEYSTOS Psycho Café • Melancolia e influências de metal tradicional, power metal, death e black neste trabalho singular. Vem com o EP Vilce Sjen como bônus (só para o Brasil).

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA

TIME MACHINE Secret Oceans - Part 1
Novo single da banda italiana de metal progressivo. Preço especial!

JUDAS PRIEST '98 Live Meltdown
Duplo ao vivo dos gigantes do heavy metal mundial. Recheado de clássicos!

Lançamentos
Rock Brigade records
Distribuição (só atacado)
LASER COMPANY DISTRIBUTORS
Fone: (011) 292-6011 • Fax: (011) 6096-2288
laserco@mtecnetsp.com.br

Anathema

mais uma alternativa

Pete Wadeson

Evolução musical é uma virtude da qual poucas bandas podem desfrutar em sua plenitude, simplesmente porque a maioria dos grupos não consegue dar saltos tão gigantescos no espaço de apenas quatro álbuns. Pois o Anathema conseguiu.

Sem medo de ultrapassar o confinamento musical do death/doom tradicional, a grande mudança no direcionamento do conjunto veio com a saída do vocalista Darren White, que tinha inegáveis limitações vocais. O guitarrista Vinnie Cavanagh assumiu também a parte vocal e o Anathema conta hoje com Danny Cavanagh (G), Shaun Steels (D) e Duncan Patterson (B), sendo que este último agora tornou-se também o principal compositor da banda e é nosso entrevistado nesta matéria.

Apesar de ser um tanto desagradável começar uma entrevista falando de algo que aconteceu há quase quatro anos, é inevitável perguntar para Duncan Patterson sobre a saída de Darren White, que alterou completamente a cara do Anathema. "Basicamente, ele começou a ter uma visão deturpada de seu papel na banda. White começou a se achar uma espécie de Jim Morrison. Os outros integrantes eram apenas músicos de apoio. Tentamos várias vezes contornar essa situação, até que chegou ao ponto de ele agendar estúdio para gravar um novo álbum e só nos avisar uma semana antes de começarmos a gravação. Apesar do desgaste entre nós, ainda tentamos gravar aquele disco com White, afinal, ele alardeava que tinha todas as composições prontas. Porém, quando chegamos no estúdio, tudo que ele tinha escrito era uns poucos poemas e algumas sentenças que sequer estavam acabadas. E ele queria gravar aquilo! Foi então que percebemos que não dava mais", lembra Patterson. "Felizmente, encontramos Vinnie, que além de ser um cantor mais técnico, é muito mais fácil de lidar e ainda topou fazer todos os vocais do álbum, mesmo sendo tudo feito meio em cima da hora [o resultado foi o disco *The Silent Enigma*]."

Divulgação

De lá pra cá, os músicos passaram a ter um relacionamento muito mais saudável, gerando um clima criativo muito grande e uma evolução musical inevitável. Patterson passou a ser o principal compositor do conjunto, apesar de não ter sido uma decisão voluntária. "Eu não determinei qual seria o direcionamento a seguir. Como eu tive que assumir involuntariamente o papel de compositor, acabei passando para a banda algumas de minhas influências básicas, como Pink Floyd. Não decidimos conscientemente fazer nada mais comercial, não. Nesse particular, não estamos na mesma situação do Paradise Lost, por exemplo, que saiu do underground death/doom para fazer um som mais comercial. Eu não acho que vamos perder nossos fãs antigos, pois eles estão crescendo conosco. A cada disco que lançamos e a cada tour que fazemos pela Europa, os CDs vendem cada vez mais e tocamos em lugares cada vez maiores", diz Patterson.

Sobre as influências floydianas, muitos fãs acusam Patterson de ser "datado". O que ele teria a dizer sobre isso? "Sou e não sou datado ao mesmo tempo. O Floyd é uma grande banda que já foi uma das maiores do mundo. Sei que não é muito contemporâneo admitir influências do Floyd, mas que posso fazer se eles continuam fazendo um trabalho tão maravilhoso? Estou tão envolvido com a música que não consigo ver comparações entre o Anathema atual e o Pink Floyd. Não consigo mesmo! Além do mais, já disseram que nosso som atual parece Sisters Of Mercy e até U2, o que é um disparate. As pessoas pegam uma ou outra parte de uma faixa e já categorizam seu trabalho de forma aleatória, sem critério algum."

Bem, mas uma vez que *Alternative 4* já está nas lojas, é hora de cair na estrada para mais uma turnê. E Patterson vai logo avisando: "Gostaria de tocar novamente no Brasil. Ficaria muito feliz se os brasileiros ouvissem o álbum com calma, de cabeça aberta, pois é o tipo de trabalho que vai conquistando o ouvinte aos poucos." •

Trad.: FSF

DISCOGRAFIA

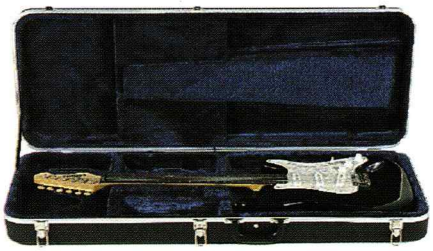
Crestfallen (EP/92), *Serenades* (93), *Pentecost III* (mini-álbum/96), *The Silent Enigma* (97), *Alternative Future* (EP/98), *Alternative 4* (98).

Algumas semanas após conceder esta entrevista, Duncan Patterson deixou a banda por motivos de saúde. Veja os detalhes na seção 'Banger News' desta edição.

england

KINSMAN cases

The best value for money cases in the world



KGC 8630
Case para Guitarra

KGC 8636
Case para Contrabaixo

Importação exclusiva para o Brasil
ONERR
http://www.onerr.com.br

Músicos de todo o mundo têm se beneficiado da proteção oferecida por cases moldados.
Os cases Kinsman são produzidos com cuidado e habilidade com componentes "premium" e especialmente materiais selecionados, os quais foram escolhidos por suas excelentes propriedades.
Todos os cases Kinsman foram projetados sob consulta de músicos, e com o músico em mente, então você pode ter a certeza que eles são fortes o bastante para resistir aos rigores da rotina do músico amador ou profissional.
Oferecendo muitas e práticas características bem projetadas, como fechos, guarnição, interior moldado com pelúcia e mais, os cases Kinsman oferecem a última proteção para seus estimados instrumentos e equipamentos, a um preço muito acessível.

Microtronix Eletrônica ltda - Rua Narciso Sturlini, 603 - Osasco - São Paulo - 06018-100 - Pabx (011) 7082 3366 Fax (011) 7082 3174

HammerFall

Legado ao Heavy Metal

Ricardo Franzin

Deve-se a muitas bandas o recente ressurgimento do power metal tradicional, mas uma delas é especialmente responsável pelo fenômeno, o Hammerfall. E a história do grupo é basicamente uma prova de que ele era predestinado ao sucesso. Em 97, conseguiu um contrato com a gravadora holandesa Vic Records graças a um vídeo gravado em uma competição musical da qual tinha participado. Era um vídeo tosco, caseiro e com apenas uma música. A Vic repassou a fita para a Nuclear Blast, que igualmente se interessou pelo trabalho, e o resto é história que qualquer headbanger sabe de cor. A banda lançou o magnífico *Glory To The Brave* e rapidamente alcançou estrelato em todo o underground mundial. Aliás, em alguns países, não só o underground se rendeu à banda, como também o meio mais mainstream, caso da Alemanha. O resultado mais imediato disso é que o Hammerfall deixou de ser um projeto tradicional de músicos de death metal para se tornar o conjunto mais importante de suas carreiras. Pouco menos de um ano após o debut, Oscar Dronjak (G), Joacim Cans (V), Stefan Elmgren (G), Magnus Rosen (B) e Patrik Räfling (D) retornam com um álbum ainda mais poderoso, o magistral *Legacy Of Kings*. Em recente visita à Alemanha, este que vos escreve teve o prazer de devorar uma bela churrascada argentina – sim, na Alemanha – em companhia de Oscar e Joacim. Enquanto consumíamos satisfeitos o farto rango – e na faixa, já que a Nuclear Blast pagou tudo –, conversamos sobre uma pá de assuntos. Os mais interessantes você lê abaixo.

ROCK BRIGADE – Como é trabalhar com Andreas Marschall, que rapidamente está se transformando no artista de heavy metal por excelência? Apesar das capas maravilhosas que fez para discos do Blind Guardian, do Dimmu Borgir e outros, a de *Legacy Of Kings* é uma das melhores que ele já produziu. Vocês disseram pra ele o que queriam?

JOACIM CANS – Sim. No caso desse novo álbum, já tínhamos uma boa idéia do que queríamos. Então, sentamos com ele e fizemos alguns rascunhos pra explicar qual era a nossa idéia. Dissemos que tinha que ter o trono, o guerreiro do primeiro disco e o guerreiro deveria estar sentado no trono. Também pedimos para colocar os escudos. E, no final das contas, a pintura dele ficou exatamente como queríamos.

OSCAR DRONJAK – Mas é claro que ele deixou tudo muito mais detalhado. O trono, por exemplo, é extremamente detalhado. Se você parar para olhar com calma, vai ver que é um puta trabalho. E isso é o que eu acho mais legal na capa. Se você olha sem muita atenção, vê apenas o trono, o guerreiro e os

Divulgação

escudos. Mas se você se preocupar em olhar o trono, por exemplo, com mais cuidado, pode ver os detalhes, como as cobras, os leões e tudo mais. Você descobre a capa aos poucos, e isso é o mais legal.

RB – Vocês planejam ter esse guerreiro em todas as suas capas, como o Iron Maiden faz com o Eddie?

DRONJAK – Sim, isso é o que planejamos.

RB – Então vocês vão ter que continuar trabalhando com o Andreas.

CANS – Mas não tem problema, pois estamos extremamente felizes com as capas de nossos dois primeiros discos e não há razão para trocarmos de artista. A única coisa que nos deixou um pouco desapontados em relação à capa do CD novo foi a coincidência, já que o Blind Guardian [em *Nightfall In Middle-Earth*] usou um trono, o Dimmu Borgir [em *Godless Savage Garden*] usou um trono e, sem saber dos outros, nós também. Quando nós vimos as outras capas, já tínhamos começado a trabalhar na nossa.

DRONJAK – Mas mesmo assim não chega a ser um grande problema, pois as três capas realmente não se parecem nem um pouco entre si.

RB – Vocês pretendem manter a tradição para as capas, utilizando o mesmo artista e o mesmo guerreiro. E quanto à música? Também continuará seguindo a mesma fórmula?

DRONJAK – Sim, pois eu acho que se você muda a fórmula, perde muitos fãs. Talvez você ganhe novos no processo, mas não é isso a parte importante para nós. É isso o que fazemos, isso é o Hammerfall e provavelmente nunca mudaremos o nosso estilo. Pode ser que chegue um momento em que não estaremos mais a fim de fazer o que fazemos, mas preferimos acabar com a banda do que mudar o estilo dela. E se algum integrante da banda quiser fazer outra coisa, terá que sair. O Hammerfall significa heavy metal e ponto final.

CANS – O Hammerfall é uma marca registrada do heavy metal. Por isso, se todos os integrantes da banda decidirem um dia mudar de estilo, vamos mudar também o nome. Fazendo isso, asseguramos que o nome Hammerfall vai estar sempre associado ao heavy metal.

RB – Vocês um dia acharam que alcançariam tamanho sucesso fazendo algo já exaustivamente feito por Manowar, Helloween e outras bandas nessa linha?

CANS/DRONJAK – [juntos] Não, nunca!!!

RB – Qual a sensação de ter conseguido?

CANS – É um sonho que se tornou realidade. Há um ano, não éramos absolutamente nada e agora estamos tocando em grandes festivais para milhares de pessoas que cantam todas as músicas do nosso set. Todas mesmo, da primeira à última! No Wacken [Open Air] do ano passado, fazia cerca de um mês que o primeiro disco tinha saído e a platéia já sabia todas as letras. E nós ficamos pensando: "Que porra está acontecendo?" A coisa mais gratificante é ver que esse papo de que o heavy metal nos anos 90 morreu é balela. Essa é a música que amamos, mas nós nunca quisemos vender 100 mil cópias. Bem, talvez umas 10 mil [risos].

DRONJAK – O nosso principal objetivo com o *Glory To The Brave* era conseguir um contrato melhor para lançar o segundo álbum. Como você sabe, em princípio estávamos em uma gravadora menor, a Vic, e o disco seria o primeiro passo para chegarmos a uma gravadora maior. Mas aconteceu que nós conseguimos logo de cara um bom contrato com a Nuclear Blast, que re-licenciou o álbum para toda a Europa menos a Holanda. No final das contas, eles compraram os direitos e ficaram com o disco.

RB – Houve mudanças contratuais em virtude do sucesso alcançado pelo primeiro disco?

DRONJAK – Na verdade, o nosso primeiro álbum não foi incluído no primeiro contrato com a Nuclear Blast, pois eles apenas compraram os direitos da Vic. Assim, *Legacy Of Kings* é o nosso primeiro trabalho para eles. É claro que negociamos alguns termos tendo as vendas do *Glory To The Brave* em vista, pois, em princípio, ninguém tinha idéia do que aconteceria com o Hammerfall, nem nós nem a gravadora. Por isso, na época, assinamos um contrato padrão. O que aconteceu conosco surpreendeu a todos e, naturalmente, tanto nós quanto a gravadora percebemos que devíamos sentar e discutir algumas cláusulas, pois...

CANS – [interrompendo] Porque não se trata mais de um hobby. A banda é um emprego integral para todos nós agora e, para que possamos sobreviver, temos que receber por ele.

RB – Por falar nisso, quando a cópia promocional do *Glory To The Brave* chegou à nossa redação, a impressão passada pelo material era de que o Hammerfall se tratava de um projeto. Afinal, todos os integrantes tinham passado por bandas death...

CANS – [interrompendo] Todos, mas eu não [risos].

RB – OK, você não, mas todos os outros sim. Era realmente apenas um projeto?

DRONJAK – Sim, era. Mesmo na época em que estávamos gravando o primeiro disco ainda éramos um projeto. Contudo, assim que a fita com a gravação final chegou às nossas mãos, todos percebemos que era um material muito bom para ser desperdiçado num projeto. Assim, começamos a falar com os outros integrantes para ver quais gostariam de ficar e continuar o trabalho que estávamos desenvolvendo. Alguns deles, como o Jesper [Strömblad, que ainda participa do processo de composição], estavam no In Flames e resolveram ficar no In Flames, mas outros permaneceram conosco. Mas era um projeto mesmo, só que até entrarmos em estúdio não imaginamos que ficaria tão bom.

CANS – É, nós ficamos absolutamente surpresos. Nunca tínhamos tido uma experiência de estúdio, nunca chegamos a gravar uma demo.

RB – Pois é, o Hammerfall é provavelmente a única banda do mundo que conseguiu um contrato graças a um vídeo.

CANS – E gravado com uma Camcorder [risos]. Mas voltando ao fato de termos integrantes que passaram por bandas de death metal, houve outro problema no início. As pessoas olhavam para a capa do primeiro disco, procuravam qual era a gravadora [Nuclear Blast] e, então, logo pensavam: "Ah, isso é death metal." Só depois se ligavam que não era. Hoje, isso não acontece mais, pois eles têm o Primal Fear, o Sinner e outras bandas de metal tradicional. Assim, os fãs do 'true metal' também estão procurando os lançamentos da Nuclear Blast agora.

RB – Vocês acham que se o *Glory To The Brave* não tivesse sido tão bem-sucedido a Nuclear Blast teria desistido de lançar discos desse estilo?

DRONJAK – Sim, acho que sim.

RB – Embora sua música remeta a muitas bandas conhecidas de metal tradicional, certamente há nela também os aspectos pessoais. Quais vocês apontariam como os principais?

CANS – Eu acho que tem muita gente que diz que nós soamos como Helloween, como Judas Priest ou como Accept, mas ninguém pode dizer que nós somos cópias do Helloween, por exemplo. Temos elementos dessas bandas, pois somos fãs do metal oitentista e quando vamos compor essa influência aparece. Acho que nós pegamos os melhores elementos de todas essas bandas, os juntamos, e daí sai o Hammerfall. Pra mim, o que nos faz diferentes é o modo como tocamos esses elementos, nós encontramos uma forma de unir esses elementos. Por isso, acho que é impossível alguém nos acusar de imitar uma banda em particular. Tudo que fazemos é tocar metal dos anos 80 nos anos 90 e com a tecnologia dos anos 90.

RB – Pra vocês, esse tipo de comparação vai terminar agora que o seu nome tornou-se bastante conhecido e há um disco novo sendo lançado?

DRONJAK – Não sei. De qualquer modo, pelo menos pra mim, acredito que nossos dois álbuns mostram uma banda bastante especial para o mundo do metal. Não se trata apenas de uma cópia de Helloween. Nós temos nosso estilo próprio.

CANS – Se nós não tivéssemos personalidade, não acho que teríamos vendido tantos discos. Estou certo que as pessoas pensariam: "Por que devo comprar um Hammerfall se posso ter um Manowar ou um Helloween?"

DRONJAK – Outra coisa que contribui para que não nos acusem de clones são os vocais. O estilo de cantar é sempre o que primeiro faz você reconhecer uma banda. Quando você está ouvindo uma música e não sabe de quem é, espera entrar os vocais para tentar reconhecer a banda. Eu acho que ele [Joacim] tem esse tipo de voz que é fácil de reconhecer, como a voz do Eric Adams, por exemplo. Esse tipo de coisa atinge as pessoas.

RB – E quanto ao fato de o Hammerfall ter trazido das cinzas algumas bandas, como o Picture e o Stormwitch, graças aos covers que gravaram delas?

DRONJAK – Isso é muito foda! Espero que só coisas boas saiam daí. Graças a nós, uma coletânea do Stormwitch acabou de ser lançada e isso é muito, muito bom. No meu modo de entender, o Stormwitch merece todo o reconhecimento que puder alcançar, pois eles não foram muito grandes nos anos 80, mas teriam sido se tivessem tido uma boa gravadora e boa promoção. A música deles é boa demais para ser esquecida, assim como a do Picture, do Warlord ou de qualquer outra banda que venhamos a tirar covers. Se nós conseguirmos dar algo em troca para essas bandas, então tudo terá valido a pena, pois amamos sua música e elas nos proporcionaram inúmeros momentos de prazer ao longo dos anos.

CANS – E eu realmente espero que alguém lance alguma coisa do Picture. Não existe nada dos caras atualmente, só as versões em vinil dos discos antigos. Mesmo assim, é impossível encontrar para comprar.

RB – O fato de vocês estarem procurando dar algo de volta para quem os influenciou é que levou-os a escolher bandas obscuras para 'coverizar', ao invés de um Manowar ou um Accept?

DRONJAK – [pensativo] Um pouquinho. Se nós tivéssemos tirado uma música do Manowar, seria difícil demais conseguirmos fazer uma versão melhor do que a original.

CANS – No caso do Manowar, eles já fizeram as melhores versões de suas músicas, elas são 100%. Mas veja o caso do Warlord. A produção de seus álbuns não é boa, de modo que é mais fácil você fazer um bom cover do Warlord.

DRONJAK – Além disso, é muito mais divertido você tirar uma música que quase ninguém conhece. Nesse caso, o cover se torna uma música totalmente nova para as pessoas. Mas se você tira uma música conhecida, seja do Manowar, do Helloween ou do Iron Maiden, grande parte do nosso público irá conhecê-la. Nesse caso, não podemos ter uma música "quase do Hammerfall", como *Child Of The Damned*, que pouquíssimas pessoas conheciam antes de termos gravado.

RB – Se o Warlord voltasse e resolvesse tocar *Child Of The Damned* ao vivo, será que as pessoas iam achar que eles estavam tirando uma música do Hammerfall?

CANS – Na verdade, quando gravamos essa música, eu não esperava que tantas pessoas iriam saber que se tratava de um cover do Warlord. Em todas as resenhas do *Glory To The Brave* vinha escrito: "Há um cover do Warlord." Mas é claro que existem pessoas que nunca ouviram Warlord, principalmente a molecada, e nós não queremos que elas pensem que a música é nossa. Por isso, se alguém vem até mim e diz que adora *Child Of The Damned*, eu digo: "Ótimo, mas se trata de um cover. Se você realmente gosta desse som, corra atrás da versão original e do resto do material do Warlord."

Joacim Cans, do Hammerfall, no festival Dynamo Open Air 98

António Melão/Cameraman Metálico

RB – No disco novo, há uma música escrita em parceria com Andy Mück [vocalista do Stormwitch], *At The End Of The Rainbow*. Quanto da música é dele?

DRONJAK – Ele já tinha a estrutura da música pronta. Ele mandou uma fita pra gente que já trazia tudo mais ou menos acabado, com o refrão, os versos e o pré-refrão. Se você olhar para a música como um todo, há bastante coisa que fomos nós quem fizemos, principalmente partes de guitarra. Colocamos um monte de fraseados e o solo [que é de Bill Tsamis, do Warlord], que originalmente nem existia. E a letra, que é nossa. Mas, basicamente, a estrutura da música é exatamente a mesma de como era quando ouvimos a fita.

CANS – Além disso, tinha uma parte de guitarra que nós transformamos em parte vocal. Antes do último refrão, há uma hora em que eu estou cantando junto com a guitarra, como se estivesse dobrando minha voz com ela. Na versão dele, era pra ser só guitarra, mas nós pensamos: "Cara, essa parte é muito boa para deixarmos sem vocal."

RB – Vocês fazem um tipo de som que um dia foi enorme na Inglaterra, com bandas como Maiden e Judas Priest, mas que hoje não é nada naquele país. Não é esquisito uma banda sueca estar trazendo de volta esse som?

CANS – Eu não acho que o nosso país-natal seja importante sob nesse aspecto.

DRONJAK – E, honestamente, o lance não é exatamente como você descreve, pois nossas raízes estão mais na Alemanha. Claro, o Iron e o Judas são imensos, mas as bandas que mais nos influenciaram são alemãs. Inclusive, nós gostamos de dizer que fazemos "true german heavy metal from Sweden" [algo como "autêntico heavy metal alemão vindo da Suécia"], esse é o nosso slogan. Quanto ao mercado inglês, está ficando cada vez mais difícil para uma banda de metal conseguir algum respaldo por lá. A não ser que você siga a moda, é impossível. Claro, é triste saber que nós talvez nunca toquemos no Hammersmith Odeon, mas o que podemos fazer? Se eles não querem ouvir o Hammerfall, a perda é deles. Não nossa. •

DISCOGRAFIA
Glory To The Brave (97), *Glory To The Brave* (EP/97), *Heeding The Call* (EP/98), *Legacy Of Kings* (98).

ANDRÉ MUSIC CENTER

CDs, SOM, INSTRUMENTOS MUSICAIS E ACESSÓRIOS NACIONAIS E IMPORTADOS

AS MELHORES MARCAS, OS MELHORES PREÇOS

Três endereços para atender você ainda melhor:

ANDRÉ MUSIC CENTER
CDs, SOM e ACESSÓRIOS

Todos os estilos musicais, o rock em todas suas tendências.
CDs, VDL, DVD, VHS nacionais e importados

- CDs de todas as partes do mundo, com lançamento simultâneo com a Europa, EUA e Japão.
- Faça sua encomenda de qualquer título ou estilo musical, de qualquer nacionalidade.

Atendemos todo o Brasil via Sedex

R. TUIUTI, 2410
TATUAPÉ
SÃO PAULO/SP
CEP 03307-000

(011) 217-2666

ANDRÉ MUSIC CENTER
INSTRUMENTOS MUSICAIS

Instrumentos musicais
Acessórios
Nacionais e importados

As melhores marcas, os melhores preços

Baterias
guitarras,
baixos
teclados,
amplificadores
pedais
afinadores

Consulte-nos!

R. TUIUTI, 2401
TATUAPÉ
SÃO PAULO/SP
CEP 03307-000

(011) 295-8800

ANDRÉ MUSIC CENTER
NOVA LOJA

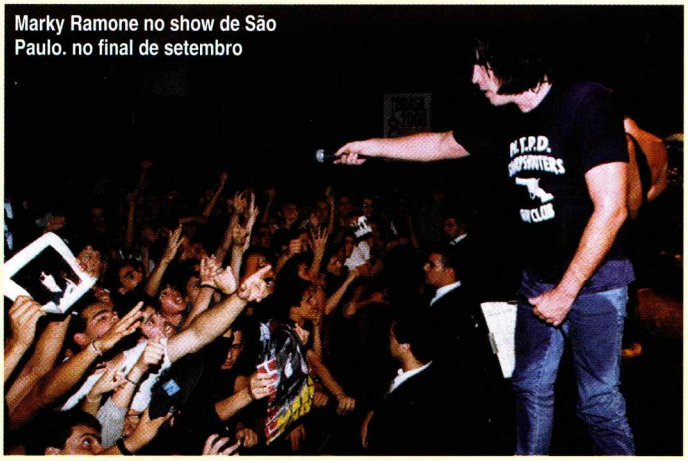
CDs nacionais e importados
VDL, DVD e VHS
Todos os estilos musicais

Instrumentos musicais
Acessórios
Nacionais e importados

Baterias
guitarras,
baixos
teclados,
amplificadores
pedais
afinadores

AV. NORDESTINA, 23
S. MIGUEL PAULISTA
SÃO PAULO/SP
(ao lado da Marechal Tito)

(011) 6137-2069


Marky Ramone no show de São Paulo. no final de setembro

Marcelo Rossi/RB

MARKY RAMONE & THE INTRUDERS
Broadway, SP/SP (30/9/98)

Uma pena este show não ter sido devidamente promovido. A divulgação foi tão pobre que somente os mais ardorosos freqüentadores do circuito rockeiro de São Paulo ficaram sabendo de sua existência, um fato que poderia ter dado contornos de fiasco ao evento. Por sorte, o Ramones é uma banda com tamanha quantidade de fãs que, mesmo com os pormenores acima apontados, um público razoável compareceu à Broadway para acompanhar o show do grupo atual de seu ex-batera. A abertura da noite ficou por conta do Inocentes, que mostrou aos presentes sua habitual competência. O final do seu set foi particularmente inspirado, com a execução seguida de *Pátria Amada, Garotos Do Subúrbio* e *Pânico Em SP* – um trio de hinos que show após show demonstra sua longevidade. Apenas quando João Gordo, do Ratos de Porão, foi convidado para subir ao palco é que houve certo mal-estar, pois, pra variar, começaram a xingar o cara e o Clemente resolveu defendê-lo: "Pague as contas dele que ele sai da MTV", disse a um dos presentes, dentre outras pérolas. Nada que tirasse o brilho do seu set, porém. Já a apresentação do Intruders foi um misto de energia, desencanação, feeling e carisma. Agora um trio, a banda iniciou o set com *Anxiety*, composição de Marky para o Ramones, e seguiu desfilando sem descanso uma música atrás da outra: algumas do seu debut (e a julgar pela reação do público, pelo menos duas delas já se tornaram clássicos: *Can't Take It With You* e, principalmente, *Three Cheers For You*, cantada em uníssono), outras do próximo álbum (a maioria delas realmente excelente), covers diversos (até Beatles tocaram) e composições do Ramones. Aliás, foi quando tocaram Ramones que tivemos os momentos mais singulares do set. *Have A Nice Day, Outsider* e *Listen To My Heart* foram executadas sem maiores surpresas, mas, para *I Don't Care*, João Gordo foi novamente chamado ao palco (como é que esse cara faz para estar em todas?). Desta vez, contudo, ele mesmo tratou de responder aos xingamentos. Mandou um carinha lá à merda, levou umas cusparadas (pouquíssimas, se comparadas às que levou no show do Exodus), cantou a música e tudo bem. Já em *I Wanna Be Sedated*, Clemente foi chamado às guitarras e o próprio Marky assumiu os vocais. E foi muito engraçado! O cara é desafinado que dói, não sabia a letra da música direito (repetiu o mesmo verso ad infinitum) e é pior que o Joey de presença de palco. Mas, assim como o próprio Joey, é dono de um carisma tão inacreditável que foi ovacionado pelos presentes. Realmente uma pena o set ter sido curto, mas foi uma apresentação bastante agradável de uma banda que, em palco, visivelmente se divertia tanto quanto o público. Se não mais. **(RF)**

FESTIVAL SUDOESTE 1998
Zambujeira do Mar, Odemira Portugal (7, 8 e 9/8/98)

Muitos acorreram à Zambujeira do Mar por ocasião da segunda edição do Festival Sudoeste. Com o cair da tarde, começava no palco Blitz (um palco menor, que iniciava todos os dias o festival) o desfile de bandas portuguesas menos conhecidas, tentando chamar o público que insistia em não deixar a praia. Hipnótica (que não assistimos por estarmos ainda a banhos), Three And A Quarter (com um furioso ska/punk/hardcore) e Family cumpriram o seu objetivo. Já no Palco Sagres (palco principal) atuou o Sérgio Godinho e a seguir a grande surpresa da noite: Ratos De Porão. Foi demolidor! Cerca de 25 mil pessoas deliraram, pularam e sei-lá-mais-o-quê com o Gordo e seu camaradas. Apesar de o som não ser o melhor (mas a iluminação do palco estava excelente), foram desfilando todos os êxitos da sua carreira a um ritmo alucinante. Este vosso escriba não resistiu e por alguns minutos teve que partir para o público e "curtir o som". Memorável!. A seguir, o Therapy?, com o seu novo som (cada vez menos punk e mais heavy metal) agradou a multidão e o pó continuou no ar. Para o fim da noite, o The Cure, que deixou no ar uma sensação de vazio. Faltou o espírito de outrora. Já no segundo dia, não assistimos (mais uma vez) aos concertos no Palco Blitz, pois na praia estava-se melhor (40 graus é muito). No palco Sagres, 'cast' muito mais calmo. Yo La Tengo tentou, em vão, animar as cerca de 30 mil pessoas presentes. A seguir, uns Fun Lovin' Criminals (quem?) e a fechar a noite o Sonic Youth, que trouxe um show deprimente que ficou aquém do esperado. Mas os verdadeiros fãs não arredarem pé. Último dia do festival no palco Blitz (sim, desta vez vimos), mas era melhor termos ficado na praia. Palco Sagres iniciou com o Placebo. A seguir, uma senhora que dispensa apresentações, P. J. Harvey (pelo menos para os cercar de 40 mil que estava neste último dia do festival) e o tão aguardado Portishead, que hipnotizou a multidão. Não é a banda indicada para este tipo de festivais e por momentos esquecíamos que existia uma atuação em palco e nos deixávamos embalar com os sons. Para finalizar, os portugueses do Silence 4. Balanço: muito positivo. E para o ano que vem há mais, com algumas supresas. **(JPP)**

KRISIUN
Fofinho Rock Clube, SP/SP (5/9/98)

Essa noite foi a prova do sucesso e do poder da banda Krisiun. E não foi só pelo público recorde da casa (mais de 500 deathbangers!), mas também pelo profissionalismo e dedicação ao metal extremo que o grupo apresenta, justificando o porquê de estar sendo considerada uma das maiores revelações do underground black/death mundial. A noite teve dois grupos de abertura. O primeiro, o Anesthesia, mostrou um death brutal, com qualidade e instrumental preciso, além de grande vocal. Em seguida, veio o Abhorrence, despejando ódio e fúria com um death metal forte. É interessante notar que ambas as bandas de abertura tocaram como cover *Once Upon The Cross*, do Deicide. Depois disso, todas as luzes se apagaram e o público começou a gritar em louvor aos senhores do metal da morte, o Krisiun. A banda já entrou esmagando crânios com faixas de seu mais recente CD, *Apocalyptic Revelation*. Depois, não faltaram faixas do glorioso *Black Force Domain* e algumas do mini-CD *Unmercyful Order*, fazendo todo mundo agitar e gritar. Uma loucura total. A qualidade do som estava muito boa, realçando ainda mais a agressividade e a técnica da banda. Esse show foi a prova que atitude verdadeira é mais forte que qualquer manifestação pretensiosa. Para quem nunca foi nada, mas quer ofuscar a realidade com música fraca e ideologia furada, um alerta: o Krisiun está na área. **(AVC)**

Krisiun, no Fofinho

Ricardo/Armídia

HENCEFORTH
Black Jack, 28/8/98 (SP/SP)

Nem mesmo o frio e a tradicional garoa paulista impediram a galera de presenciar a apresentação do Henceforth no Black Jack, lotado.

Antes, porém, o Nightsinners abriu a noite com seu vigoroso hard rock, mostrando-se uma excelente 'warm-up band'. Após um pequeno intervalo surge o Henceforth, que tinha como grande atração a apresentação de seu novo – e excelente – vocalista, o conhecido BJ, que substituiu Daniel Matos, irmão de Andre, do Angra. Seu set de pouco mais de uma hora mesclou músicas de suas demos *The Last Day* e *In The Garden*, como os hits prontos *Reaching For The Sky, Runaway, The Last Day* e covers do Marillion e do Black Sabbath. Após a apresentação, ainda sobrou tempo para uma competente 'jam session' junto a Flávio, do Turtles, Sharks and Beavers, e Luis Mariutti, do Angra, em que tocaram *Say Just Words*, do Paradise Lost, e *Don't Stop Believing*, do Journey. Nada mal para um fim de noite chuvoso! **(ICS)**

DARK AVENGER • MINDFREAK ROSA DE SARON

Tribo, Campinas/SP (28/8/98)

Existem locais de shows que a gente acaba chamando carinhosamente de "buracos". Normalmente, são lugares meio caídos, mas que compensam isso com bom atendimento, som de boa qualidade, gente legal na platéia e gente legal no palco. Já o Tribo merece ser chamado de "buraco" no pior sentido do termo. Que o digam as três bandas que lá se apresentaram no dia 28 de agosto. Afinal, o mínimo que se espera de uma casa de espetáculos é um som pelo menos razoável, certo? Pois o som à disposição de Dark Avenger, Mindfreak e Rosa De Saron ficou abaixo de qualquer crítica. Nada se ouvia da voz, baixo nem pensar e o resto embolava. Mesmo assim, valeu pela garra das bandas de tentarem lutar contra essas condições. Ao Rosa De Saron coube a difícil missão de abrir a apresentação. As condições estavam tão críticas que a turma agüentou quatro músicas. Já o Mindfreak lançava seu primeiro CD e tentou mostrar no minúsculo palco algo do excelente heavy metal tradicional que marca esse trabalho. Já o pessoal do Dark Avenger levou um tempão tentando alguma coisa do som. Em vão. E acabou sendo a mais prejudicada, já que seu trabalho privilegia os vocais dramáticos – e dramático estava sendo tentar ouvir a voz. Está chegada a hora de as bandas começarem a se posicionar de maneira firme contra esse estado de coisas, exigindo condições mínimas de trabalho e até mesmo se recusando a tocar nas situações totalmente adversas, como foi o caso deste show. Precisamos ter consciência de que enquanto alguns acharem que qualquer show é melhor do que nenhum show jamais será possível exigir um mínimo de qualidade. **(ACM)**

DARK AVENGER

Planeta Rock, S. Bernardo/SP (30/8/98)

Nunca imaginei ver no Brasil uma banda heavy como o Dark Avenger: músicas que são autênticos hinos, extremo bom gosto nos arranjos, alto profissionalismo, músicos excepcionais. Algo entre Judas, Manowar e Maiden, mas com personalidade. O vocalista Mário Linhares poderia cantar em qualquer grande banda gringa. O grupo se superou, apesar do péssimo equipamento da casa. O set foi curto e serviu para apresentar os novos integrantes: Kayo John (batera) e Fábio (baixista). A atuação dos guitarristas Osiris e Leonel foi perfeita. O tecladista Rafael é corretíssimo e certeiro. Destaque para *Dark Avenger, Die, Mermaid!, Rebellion* e *Armageddon*. A banda tocou ainda duas faixas novas, sendo que uma delas (*Tales Of Avalon*) versa sobre a temática principal do novo álbum, que é o mito da ilha druida de Avalon. Abrindo a noite, tivemos os garotos do Seventh Seal esbanjando heavy intenso e vocal hipermelódico. **(DDC)**

MARCELO D2 • NAÇÃO ZUMBI ANGRA • RAIMUNDOS

Dia Municipal do Rock

Praça Charles Müller, SP/SP (3/10/98)

Choveu. Choveu muito naquele sábado. Na verdade, choveu o bastante para se pensar que não haveria show. Ou que, pelo menos, a platéia ficaria em casa. Ledo engano. O público passou das 50 mil pessoas e, com pontualidade quase britânica, às 18 horas Marcelo D2 deu início à festa que comemorava o Dia Municipal do Rock e a inauguração da nova antena da rádio Brasil 2000 FM, de São Paulo. Logicamente, o set de D2 foi bem Planet Hemp, o que garantiu a participação da galera em alguns momentos. Afinal, era notável que a grande maioria ali presente pertencia a uma outra praia. Na seqüência, veio o Nação Zumbi que, confesso, foi uma surpresa. A mistureba de ritmos que o grupo leva a cabo funciona muito bem no palco e não decepciona os adeptos do peso em geral. Mas, ainda assim, faltou alguma coisa para contagiar todo mundo. Logo depois, foi a vez do Angra, esse sim chamado em coro. Única banda realmente paulistana da noite, o grupo ainda não mostrou o que está preparando para a turnê de seu novo disco. Mas botou fogo na galera (molhada) com músicas dos dois trabalhos anteriores e os famosos covers que sempre fazem a festa. Desta vez, fizeram *Run To The Hills* (Iron Maiden) e *Painkiller* (Judas Priest) no bis. Esta foi a única apresentação da noite a acontecer sem chuva. Porque logo depois o Raimundos foi chamado ao palco debaixo de um dilúvio. Mas isso não foi problema para a banda, tampouco para o público. Um show desse grupo é sempre uma pauleira só. Por questões lógicas, foi o set com mais músicas. E, sem tempo para respirar, eles mandaram todos aqueles sucessos que foram acompanhados em uníssono. Apesar da água que Deus mandava, a noite foi muito tranqüila, sem ocorrências graves e com uma pacífica convivência dos diferentes estilos. Como sempre, aqueles pequenos percalços com a produção, mas nada que pudesse abalar a credibilidade do evento. No cômputo geral, os promotores estão de parabéns pela iniciativa e vamos esperar para ver algo ainda melhor no próximo ano. **(CA)**

ANNIE HASLAM

Metropolitan, RJ/RJ (22/8/98)

Para surpresa de todos, após um ano e meio a musa do Renaissance voltou ao Brasil para mais uma apresentação memorável. Desta feita, contando com músicos convidados e brindando-nos novamente com grandes sucessos do Renaissance, além de sua simpatia e carisma. Durante quase duas horas, nos deliciamos com as maravilhosas *Carpet Of The Sun, Let It Grow, Ocean Gypsy, Mother Russia* e o grand-finale com *Ashes Are Burning*. Uma apresentação impecável, que só veio a confirmar o alto nível dos músicos que acompanham Annie Haslam. Pena terem faltado músicas da época áurea do Renaissance, mas acreditamos que isso esteja sendo guardado para a tão propalada volta da banda em 99. Vamos aguardar. **(RC)**

Fernando Souza Filho

Não dá para evitar o espanto quando se ouve faixas como *A Question Of Honour* (que, aliás, lembra muito *Power*, do Helloween), *Devil's River* ou a instrumental épica *Rising*, do novo álbum do veterano Sinner. Intitulado *The Nature Of Evil*, o CD apresenta o conjunto alemão investindo mais nas partes sinfônicas, nos climas de teclado e nas melodias épicas. É um trabalho sensacional, que só vem a coroar uma carreira de 15 anos de fidelidade absoluta ao heavy metal tradicional.

Formado por Alex Beyroth (G), Mat Sinner (B/V), Fritz Randow (D), Tom Naumann (G) e Frank Rössler (K), o grupo alemão ajuda a fortalecer ainda mais o já portentoso cenário melódico do norte da Europa. E a receptividade a *The Nature Of Evil* não poderia ser melhor. "Em termos de crítica, temos recebido resenhas muito positivas em relação ao disco. Várias rádios alemãs estão rolando algumas faixas e os fãs, que é o que mais importa, parecem ter adorado o CD", diz o guitarrista Alex Beyroth, empolgado.

Segundo Beyroth, os fãs não vão estranhar a fase mais trampada do grupo, que sempre primou por fazer um metal mais cru. "Acho que os fãs antigos são os que mais vão gostar de nosso novo trabalho, pois o Sinner hoje está mais metal que nunca. Além disso, esses fãs também estão mais velhos, assim como nós, portanto, seus horizontes musicais estão mais abertos."

De fato, não só a galera "das antigas", mas todo o público rockeiro parece estar buscando músicos que toquem bem. Ou pelo menos que toquem alguma coisa. "Acho que as pessoas estão valorizando mais o músico que se empenha, que sabe tocar. Tivemos uma época muito difícil há cinco ou seis anos, quando o grunge tomou conta da cena. Mas, quando o Nirvana se foi, o Sinner voltou à cena [risos]!"

A hibernação foi um fato que muita gente interpretou como morte do estilo. "O heavy metal nunca morreu e nunca vai morrer. Ele apenas ficou restrito ao underground por alguns anos, enquanto algumas modas explodiam. Agora, está de volta e tenho muito orgulho de tudo que fiz e ainda faço dentro do heavy metal. A maioria das bandas do final dos anos 80 se afundou em laquê [risos] e acabou sumindo nos 90's. O Sinner se manteve inalterado durante esse tempo todo. A banda não aderiu às modas e se manteve compondo, gravando e tocando no underground. Hoje em dia, as coisas estão mais fáceis novamente, pois a cena heavy metal voltou a ter uma dimensão maior no mercado", afirma Beyroth.

"Antes de mais nada, fico muito feliz de ver essa nova cena européia crescendo", continua ele. "Vejo excelentes bandas como Hammerfall se tornando 'majors' na Europa e fico exultante. O Primal Fear também tem crescido bastante. E nada disso é moda, mas apenas reflexo do cansaço que o público está sentindo dessa música pobre que domina o mercado. Quem começou a ouvir heavy metal há 15, 20 anos, vai continuar fiel ao estilo a vida inteira, como eu sou. Se você é um fã de heavy metal, é fã para a vida toda. Já quem curte essas modinhas passageiras, muda de gosto quando a onda passa."

E por falar em ondas musicais, Beyroth não se furta de falar da onda techno, que tantos estragos tem feito nos referenciais musicais do público. "Techno não é música, é computação. Eu odeio tecnho, odeio quem faz e quem ouve essa merda [risos]. É pobre, não tem musicalidade alguma. Não dá para respeitar alguém que faz esse lixo e se acha músico", sentencia, enfático.

A música do futuro é techno? "Eu poderia matar um cara que diz que techno é a música do futuro [risos]. Quando alguém decide ser músico de rock'n'roll, ser guitarrista, por exemplo, precisa aprender a tocar guitarra. É preciso ter algum talento, dar o sangue para aprender a tocar bem e treinar três ou quatro anos até pensar em entrar em uma banda. Depois é que o grupo é formado. É um trabalho árduo. Esses caras do techno, no entanto, só precisam ter dinheiro suficiente para comprar um computador, um programa específico e usar um monte de batidas pré-gravadas. Em uma semana, você tem um disco de techno prontinho para ser lançado. Isso é ridículo."

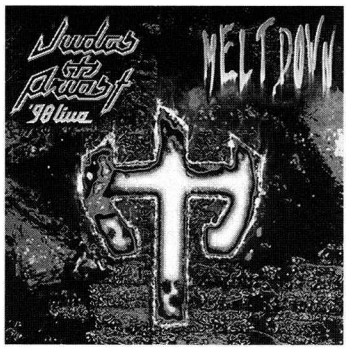
E a defesa que Beyroth faz do metal vai além, resultando numa homenagem ao Thin Lizzy com a gravação de *The Sun Goes Down*, no novo disco. "Todos na banda são fãs de Phyl Lynott [líder do Thin Lizzy] e até hoje acho que a música sente falta do talento dele. Nós tocamos *The Sun Goes Down* por anos, durante as passagens de som, antes dos shows. Foi então que, durante as gravações do novo CD, decidimos que iríamos incluir um cover. A escolha foi quase imediata."

Para finalizar, Beyroth garante que o Sinner consegue administrar muito bem a divisão de tempo e de trabalho do baixista/vocalista Mat Sinner e do guitarrista Tom Naumann, que também fazem parte do Primal Fear. "Eles têm estilos diferentes de escrever músicas para as duas bandas. Não tem possibilidade de misturar as coisas, são dois grupos bem diferentes entre si." •

Foto: Divulgação

"Eu poderia matar um cara que diz que techno é a música do futuro"

DISCOGRAFIA
Danger Zone (84), *Touch Of Sin* (85), *Comin' Out Fighting* (86), *Dangerous Charm* (88), *Back To The Bullets* (90), *No More Alibis* (92), *Respect* (93), *Bottom Line* (95), *In The Line Of Fire* (ao vivo/96), *Judgement Day* (97), *The Nature Of Evil* (98).



JUDAS PRIEST
'98 Live Meltdown
CMC International – imp.

9 Não é nada fácil substituir a estrela do time. Vide os casos do Helloween e do Maiden, que até hoje sentem a substituição de seus respectivos vocalistas. Pro Judas, no entanto, esse duplo ao vivo é a prova que uma substituição bem feita gera bons frutos. Em *Jugulator*, o vocalista "Ripper" Owens provou ter talento suficiente para ocupar o posto que já foi de Rob Halford. Mas, como o cantor iria se sair cantando os velhos clássicos do conjunto? A resposta está em *Meltdown*, um puta discão que não pode faltar na coleção de nenhum headbanger. E Owens não se contentou em levar com méritos os hinos *Electric Eyes, Metal Gods, Grinder, Rapid Fire, The Ripper* (sua performance nessa faixa é que originou seu apelido de "Ripper"), *Breaking The Law, Hell Bent For Leather* e *Living For Midnight*. O moço foi além e arrasou em *Diamonds And Rust*, música que nem Joan Baez (autora e cantora original) conseguia cantar tão bem quanto o velho Halford. É, como os tempos mudam. Enquanto Halford anda goiabando, investindo no flerte herético com a technoshit, o Judas continua fiel ao heavy fazendo um álbum fantástico como esse. **(FSF)**

RANCID
Life Won't Wait
Paradoxx – nac.

9 Difícil comentar esse disco. Afinal, ele vem depois dos três melhores álbuns punk da década de 90 (*Rancid, Let's Go* e *...And Out Come The Wolves*), de modo que a expectativa é compreensivelmente imensa. E, em comparação àquelas, esta é uma obra muito mais experimental, ousada e, em muitos momentos, inesperada. Se anteriormente a música do Rancid era basicamente punk rock, ainda que enriquecida por elementos ska e pop, aqui há muitos outros em jogo. A faixa título, por exemplo, é puro reggae; *Hooligans* poderia ser uma música do Clash que ninguém notaria a diferença; *Crane Fist* possui uma levada típica de rocksteady; *Lady Liberty* (fantástica) é rockabilly; *Wrongful Suspicion* é ska de raiz; a influência do rock dos anos 50 em *Turntable* é latente e *Coppers* possui um acento latino indisfarçável. Porém, ainda que a maioria dessas faixas seja absolutamente magnífica, são mesmo os momentos mais puramente punk que acabam gerando os melhores resultados. Assim, *Bloodclot, Hoover Street, New Dress, Warsaw, Leicester Square, Who Would've Thought, The Wolf* e *Corazon De Oro* estão fadadas a enriquecer a galeria de clássicos deste fenomenal quarteto. É certo que algumas das faixas mais esquisitas não funcionam muito bem, mas é de se louvar a tentativa da banda de trazer algo de novo à sua música – sem deixar de lado a identidade – e não simplesmente fazer outro *...And Out Come The Wolves*. É o que faz deste *Life Won't Wait* um disco ainda mais obrigatório (ainda que não mereça nota 10 como os anteriores) e do Rancid uma das mais relevantes bandas de rock da presente década. Compre já! **(RF)**

GILBY CLARKE
Rubber
SPV – imp.

7 Hard rock simples, convidados especialíssimos e um cover clássico. A fórmula é manjada, mas, quando o trabalho é bem feito, ainda funciona muito bem. O ex-Guns N'Roses Gilby Clarke toca e canta em quase todas as faixas, mas recebeu uma inestimável ajuda com a participação de Eric Singer, Phil Soussan, Brian Smith etc. Além dos rockões puxados para a guitarra, Clarke fez uma versão sem muitas novidades de *Mercedez Bens*, de Janis Joplin, que funciona muito bem. Não faltam ainda os solos espirituosos, passagens de puro 'bluesy', slide-guitars e até certa influência da grass music americana. **(FSF)**

T. REX
A BBC History
Virgin – nac.

7 Nem todo mundo se lembra, mas o T. Rex do saudoso Marc Bolan, que conquistou glórias com seu glam rock, teve início de forma totalmente anti-ortodoxa: o Tyranossaurus Rex era simplesmente uma dupla com o percussionista Steve Peregrine Took (que também já bateu as botas – sai, uruca!). E são principalmente gravações desta fase, feitas para a BBC, que figuram neste disco, no qual Bolan e Took conseguem algo próximo de um milagre. Senão, vejamos: violão, voz e bongôs, por melhor que sejam tocados, costumam ser um convite para o sono dos justos. Pois não é o que acontece aqui. Graças, sobretudo, ao grande talento de Bolan como violonista e, principalmente, cantor. Além disso, graças à cronologia rigorosamente respeitada no CD, é possível acompanhar a trajetória do rock hippie para o glam rock que marcou a carreira de Bolan. Mais do que objeto de desejo para colecionadores, trata-se de um importante documento do que aconteceu com o rock nos tão celebrados anos 60 e 70. **(ACM)**

PAUL DIANNO'S BATTLEZONE
Feel My Pain
Rock Brigade Records – nac.

9 Finalmente Paul Dianno se deu conta que sua praia é mesmo o verdadeiro metal e, finalmente de novo, ressuscitou o Battlezone, sem dúvida a melhor banda que montou depois de ter deixado o Iron Maiden. Esqueça todos os equivocados projetos pop e hard farofa do qual Dianno fez parte de 81 pra cá. Porque *Feel My Pain* o traz em grande forma e apoiado por um grupo de músicos excepcionais – há, inclusive, um brasileiro na guitarra, Paulo Turin. O resultado é de uma qualidade impressionante, ainda mais se lembrarmos que se trata de uma obra capitaneada por um artista tido como acabado por muitos. São nove faixas que trazem peso em profusão, riffs não raro brilhantes, musicalidade apurada, vocais inconfundíveis, produção classe A e também muita melodia. Apontar destaques seria injustiça com as faixas não citadas, mas há algumas que merecem menção. A faixa título, por exemplo, abre o CD com um riff de guitarra tão mortífero que não deixa margem para dúvidas: estamos diante de um álbum de metal puro! Pouco depois, a bela *The Forgotten Ones* ganha o ouvinte por causa da cativante melodia, da letra emocionante (dedicada às crianças do Terceiro Mundo) e do início falado em português. Já *Snake Eyes* é de um vigor impressionante, enquanto *Smack* faz jus ao nome: uma porrada (embora cadenciada). Musicalmente, o CD é uma mescla do metal tradicional da década de 80 com o thrash à Sepultura dos 90. Mas possui identidade e brilho próprios. O melhor disco com vocais de Paul Dianno desde *Killers*. **(RF)**

OPETH
My Arms, Your Hearse
Century Media – imp.

8 A proposta continua intacta: mesclar metal pesado a sonoridades pouco convencionais ao estilo, oriundas de gêneros como o rock progressivo, o hard rock e até mesmo o jazz. O aparentemente impossível cruzamento às vezes funciona de forma sublime, como na maravilhosa e pesadíssima *April Ethereal* ou na empolgante *The Amen Corner*. O problema é que, devido principalmente à exagerada duração de quase todas as faixas (*When*, por exemplo, ultrapassa os nove minutos), algumas passagens soam algo cansativas para o ouvinte acostumado às bandas de black metal usuais – e, em última análise, o Opeth é um grupo black. De qualquer modo, só o fato de o conjunto conseguir mesclar de forma crível todas as sonoridades que se pode encontrar em sua música já é um atrativo incomum, que o destaca de outros nome da cena metálica atual. De quantas bandas se pode dizer isso? **(RF)**

MR. EGO
Egocentric
Independente – nac.

6 Interessante o CD do grupo do interior paulista. Ao mesmo tempo que há algumas faixas bem fraquinhas, tem uns petardos que facilmente se tornariam hits com a devida divulgação. É o caso de *Alone, When I Looked Into Your Eyes* e *Like An Eagle*. O problema é que a gravação do vocal não é muito apropriada. Aparentemente, o produtor não deve ter muita experiência com rock mais pesado, pois a voz foi masterizada como se fôra num grupo pop. Isso deixa o vocal fora de contexto, alto demais, com a sensação que vai desafinar a qualquer segundo. No geral, porém, os músicos são bem competentes. **(FSF)**

POWER OF OMENS
Eyes Of The Oracle
Elevate – imp.

5 A capa e o encarte são simplesmente terríveis e sua feiúra não contribui nem um pouquinho para que tenhamos vontade de ouvir o disco. Por isso, até que a faixa de abertura, que vem logo após uma breve introdução, causa razoável entusiasmo. Com um instrumental absolutamente fantástico, o prog metal do Power Of Omens começa prometendo se converter numa gratíssima surpresa. Até que o vocalista abre a boca. O cara é tão ruim e tem uma voz tão enjoativa que não adianta o batera ser uma máquina de precisão, nem o baixista ser um destruidor em seu instrumento (seu nome é Matt Williamson e é um dos mais talentosos baixistas surgidos nos últimos anos), tampouco o guitarrista dominar como um ás as seis cordas. Porque a garganta de Chris Salinas funciona como uma âncora e enterra todas as qualidades de seus companheiros de banda. Aí, fica a pergunta: como caras tão competentes não conseguem perceber que o tal de Salinas está pondo todos os seus esforços a perder? Uma banda punk ter um vocalista que desafina até dá pra engolir, mas uma que faz algo como o Power Of Omens apenas demonstra negligência e desrespeito com o ouvinte. Qualidade bastante difícil de relevar essa. **(RF)**

SINISTER
Aggressive Measures
Nuclear Blast – imp.

8 Eles estão de volta! Após um sumiço de alguns anos, o Sinister volta com formação nova, musicalidade renovada, mas a mesma porradaria de sempre. O conjunto continua fidelíssimo ao tipo de trampo que fazia nos idos de 92/93, com rifferama crua, vocais vomitados e tudo muito simples e direto. Nada de teclados, violinos ou vocais femininos, é apenas a pútrida barulheira de sempre. *Emerged With Hate*, por exemplo, é tocada numa velocidade absurda e estonteante sem usar recursos de bateria eletrônica. A única grande diferença é que os riffs de hoje estão um pouco mais trabalhados, mais polidos, mas continuam pesados e empolgantes. **(FSF)**

INFAMY
The Blood Shall Flow
Qabalah – imp.

7 Depois do estouro do thrash metal na Bay Area e seu posterior desaparecimento, a Califórnia tornou-se sinônimo do que de mais odioso se pode produzir musicalmente nos EUA. Ultimamente, só aparecem por lá bandinhas alternativas ou aquelas porcarias metidas a metal, mas que se limitam a chupar o Korn. Por isso, não deixa de ser inesperado descobrirmos que é justamente daquele estado americano que vem o Infamy. E ainda por cima de Los Angeles, a cidade-poser por excelência. Porque *The Blood Shall Flow* é puro death metal, porradaria sem concessões e firulas do início ao fim. É certo que não há nada de muito novo no som do quarteto e você já ouviu isso antes em discos do Cannibal Corpse, Mortician ou Phobia. Mas, ainda assim, a honestidade e a grosseria musical que emanam de faixas como *Onslaught Of Carnage, Mass Cremation* ou *Cranial Implosion* já servem como deleite para os ouvidos. E provam que em Los Angeles tem macho, sim senhor! **(RF)**

IRON MONKEY
Our Problem
Earache – imp.

7 O Iron Monkey realmente demanda um gosto incomum por parte do ouvinte, sendo mais ou menos o equivalente musical à pior ressaca que você já teve. Inegavelmente influenciado pelo Black Sabbath de início de carreira, o conjunto detona riffs inspirados em Iommi que são ao mesmo tempo irritantes e estranhamente agradáveis. À medida que as faixas vão sendo despejadas de seus alto-falantes, a palavra "hardcore" adquire novos contornos e "extremo" assume novos significados. Depois de ouvir esse disco, você ficará com a impressão de ter tido sua cabeça esmagada por objetos pontiguados das mais diversas naturezas. Não indicado para qualquer um, mas um grupo que faz algo novo e fresco. **(PW)**

KATAKLYSM
Victims Of This Fallen World
Hypnotic – imp.

6 Os aspectos visuais do CD, em especial sua capa, prometem algo bem mais grave. Afinal, uma das mais mortíferas bandas de death metal do mundo agora lança mão de uma proposta graficamente inspirada nas bandas de hardcore nova-iorquinas e tal feito nos faz temer pelo que sairá dos alto-falantes. Por sorte, não é nada assim tão lamentável, embora esteja longe de fazer jus à qualidade encontrada nos monstruosos *The Mystical Gate Of Reincarnation* e *Temple Of Knowledge*. Em *Victims Of This Fallen World* não existe mais o fantástico trampo de bateria, os vocais estão mais limpos, as guitarras mais dissonantes e as levadas mais maneiras. Claro, há ainda muito peso e a proposta do conjunto está longe de poder ser chamada de comercial. Contudo, é aquele peso à Pantera/Machine Head, aquele lance manjado e feito à exaustão hoje em dia por inúmeras bandas mundo afora. Por que um grupo que transbordava personalidade e atitude está prestes a se tornar uma caricatura de outros de talento discutível? Talvez nem ele próprio saiba a razão. **(RF)**

VOÏ VOD
Kronik
Hypnotic – imp.

3 Não vou dar uma de chato e ficar repetindo a velha ladainha do "na época do *Rrroooaaarrr* era melhor", pois isso todo mundo já sabe. No entanto, personalidade parece que nunca foi mesmo o forte do grupo canadense. O início de carreira foi grindcore, depois, virou thrash metal. Em seguida, descambou para o hard rock e flertou com o progressivo. E o conjunto chega em 1998 praticando uma música eletrônica horrorosa, com passagens 100% techno e alguns flertes com o alterna metal. As faixas *Nanoman* e *Mercury*, por exemplo, parecem remixes de Max Cavalera com Chemical Brothers. De longe, *Kronik* é fortíssimo candidato a pior disco do ano. A não ser que você seja um clubber, é claro... **(FSF)**

EVENT
Electric Skies
Rock Brigade Records – nac.

7 Patrocinados pela grande mídia, os recentes estouros do grunge, do punk e do rock alternativo podem ter deixado muita gente com a impressão de que não existe mais música tecnicamente apurada nos Estados Unidos. Nada mais longe da verdade! Como bem mostra o debut do Event, o prog metal pode se ter tornado underground, mas nunca desapareceu. Uma espécie de mistura de Rush com Dream Theater, a música do quarteto americano é daquelas que você demora horas para conseguir entender direito. Afinal, são viradas, solos, ritmos quebrados e compassos irregulares acontecendo aos milhares em cada faixa. Claro, às vezes o resultado soa forçado e, não raro, auto-indulgente. Mas é certo afirmar que a banda acerta a mão na maior parte do tempo. *Perfect Illusion (Mirror Image)*, por exemplo, tem um riff tão legal que acaba permanecendo na sua cabeça por muito tempo mesmo depois de tê-lo ouvido apenas pela primeira vez; já a instrumental *Aimless* é uma demonstração explícita de virtuosismo, mas que não soa sem sentido (pelo contrário, é a melhor música do CD); *Tall Bizarre* possui uma levada bastante incomum e interessante, enquanto a faixa título fecha o disco de forma irrepreensível. Sem dúvida, não é um álbum indicado a quaisquer ouvidos (especialmente os mais brutos), mas apreciadores de um som mais trabalhado (e trabalhoso, muito trabalhoso) têm a obrigação de conhecer. **(RF)**

SOURCE BANDS IN COLLECTION
[Coletânea]
Star Music – nac.

7 A guerreira Star Music continua em sua batalha com as bandas novas. Aqui, são 12 nomes emergentes do rock tupiniquim. O CD abre com Los Barbas, um clone mais pesado do Mamonas Assassinas; depois tem o baiano Traumatismo Craniano, com um excelente e furioso rockão inspirado no punk rock; o Chumbo Dirigível, do Paraná, apresenta um rock à Led Zeppelin, mas soa extremamente datado; o Josués Entrando No Canaã, de SP, investe no rock cristão e convence apenas em *E Agora?*; o Seu Juvenal tenta forçar sua veia punk rock, mas dá a impressão que cada músico está tocando uma música diferente; o mineiro Ganga Zumba investe num skacore interessante, mas ainda muito cru; o paulista Bywar é um dos melhores do CD, praticando um metal poderoso, preciso e bem acabado; o Armpyt, de Campinas, também é muito bom, detonando um metal moderno e muito bem tocado; já o Side Of Aggression, do interior paulista, investe no thrash simples à Sepultura antigo; o Misery Fear, também do interior de SP, apresenta um thrash vigoroso, cujos riffs chegam a lembrar Megadeth do primeiro álbum; aí chega a hora da porrada pura do death do fantástico Interior Soul, outro que entra facilmente na lista dos melhores dessa coletânea; fechando o disco vem o ótimo thrash do Morbad, de Bauru. **(FSF)**

RINGO STARR
Vertical Man
Polygram – nac.

8 Muito já se repetiu que Ringo seria o homem de maior sorte do século por ter feito fama e fortuna na maior banda da história da música mesmo sendo um músico de talento abaixo da média. A essa altura, pouco importa se isso é verdade ou não. Principalmente porque o mais simpático dos quatro de Liverpool aprendeu seu ofício ao longo do tempo. Veja/ouça *Vertical Man*: é um apanhado de canções à la Beatles, com melodias fáceis, boa construção, simpáticas mesmo. Além disso, há convidados de respeito, como o onipresente ex-parceiro Paul McCartney, Alanis Morissette e os improváveis Ozzy Osbourne e Steven Tyler [este, entre outras coisas, toca bateria (!) – e bem (!!) – numa faixa, *Drift Away*]. Pra completar, Ringo purga o passado e manda ver uma nova versão de *Love Me Do*, a música em que ele amarelou e não conseguiu gravar nos idos de 62 – nada que Ronaldinho não fizesse melhor 36 anos depois... **(ACM)**

DEEDS OF FLESH
Inbreeding The Anthropophagi
Repulse – imp.

7 Mais um trabalho brutal do trio californiano de grindcore. A pancadaria é seca, direta, na linha antiga de bandas como Dismember, Monstrosity ou mesmo Napalm Death. Não tem incursões melódicas nem instrumentos alienígenas ao estilo, afinal, o Deeds Of Flesh é da escola antiga do grindcore. As oito faixas do CD estão niveladas por cima, mas não dá para deixar de destacar *Canvas Of Flesh* e *Fly Shrine*, por exemplo, cuja velocidade impressionaria até Pete Sandoval (Morbid Angel). O conjunto deve aportar no Brasil em novembro, para um tour pelo interior de SP e do PR. Deathbanger que se preza não pode ficar fora dessa. **(FSF)**

FLESHGRIND
Destined For Defilement
Pulverizer – imp.

7 O grande problema de *Destined For Defilement* é que ele é igual a um infinito número de discos. Trata-se daquele death metal tipicamente americano, perpetrado por bandas como Broken Hope, Malevolent Creation ou Suffocation, mas aqui executado de forma bem menos brilhante e muito mais impessoal. Quer dizer, o Fleshgrind não é um grupo ruim. Músicas como *Chamber Of Obscurity, Rape Culture, Organ Harvest* e *Whacked* até que emprestam ao conjunto altas doses de musicalidade e dão mostras de imenso potencial. Só que sua proposta já foi dissecada repetidamente por bandas mais competentes e numa época em que trabalhos análogos ainda não eram tão comuns. Assim, esse *Destined For Defilement* acaba sendo aquele típico caso de CD que só vai agradar aos mais fiéis fãs de death metal. Talvez o Fleshgrind não tenha em vista objetivos mais amplos que esse, portanto, sem galho. No entanto, caso tenha, precisa mudar ou adquirir mais personalidade urgentemente. **(RF)**

SCARLET WIZARD
Pay For Your Sin
Megahard/PRW – nac.

7 Heavy metal melódico, com duelos de guitarra que trazem uma inevitável lembrança de Iron Maiden (especialmente em *Empty Souls*). O vocal também é forte, vigoroso, mas comete pequenos exageros que deixam determinadas passagens um pouco forçadas. Outro detalhe interessante é que a maioria das faixas é bem longa, todas com média de duração de quatro, cinco minutos. Isso deixa algumas passagens instrumentais com a impressão de estarem durando uma eternidade. Porém, o que salta aos olhos mesmo é a extrema competência dos músicos, especialmente na balada (meio babinha, é verdade) *You Were Near But You Were So Far*. No entanto, o maior destaque do CD é *Call Me*, cover da banda pop Blondie, que recebeu uma excelente roupagem heavy e conta com uma ótima performance do vocalista. **(FSF)**

NIÑOS CON BOMBAS
El Niño
Grita! – imp.

7 Assim como em seu primeiro álbum, *De Tiempo En El Momento De La Explosión*, apresentado nesta RB (edição nº142), o trio segue sua fórmula inusitada: rock'n'roll e punk generosamente temperados com jazz, ska/reggae e ritmos latinos. Dá até pra desconfiar que o tempero é farto até demais, mas a verdade é que as peças acabam se encaixando e dão ao grupo uma aura de originalidade. Formado por um chileno, um brasileiro, um alemão e baseado em Hamburgo, o grupo canta em castelhano – língua que vem se tornando cada vez menos estranha ao rock –, fala de política e problemas sociais, mas *El Niño* não chega a ser um álbum na linha crítica de guerrilha estilo Clash. Indicado para quem busca novidades. **(LCS)**

INFERNÄL MÄJESTY
Unholier Than Thou
Hypnotic – imp.

8 O fato de o Infernäl Mäjesty encontrar-se hoje na ativa deve-se grandemente à gravadora holandesa Displeased Records. Este selo foi responsável pelo recente relançamento do debut da banda, um pequeno clássico thrash/death/black chamado *None Shall Defy*, originalmente editado pela Roadrunner em 1987. A reedição vendeu tanto que a banda resolveu juntar-se novamente e gravar este CD. Devo confessar, contudo, que a idéia de ter que ouvir um disco novo do Infernäl Mäjesty após mais de dez anos de inatividade por parte do grupo não me animou nem um pouco. E, mano, como às vezes a gente se estrepa graças a pré-julgamentos perniciosos! Porque este *Unholier Than Thou* é um achado, puta disco legal. Pouca diferença há entre sua proposta e a de *None Shall Defy*, ou seja, é thrash metal pendendo continuamente para o death, bem na linha dos dois primeiros discos do Death, mas desta vez com uma produção arrebatadora. Os vocais são guturais, mas dá pra cantar junto as letras; as músicas são extremamente agressivas, mas os instrumentistas são ótimos e há muita técnica em jogo. Impossível destacar alguma faixa, pois todas são ótimas, e qualquer headbanger de bom gosto só tem uma coisa a fazer: dar um jeito de obter esse massacre. **(RF)**

MARILLION
This Strange Engine
ST2 – nac.

8 A cada álbum lançado, Steve Hogarth se firma como um dos melhores vocalistas do pop rock da atualidade. Sua versatilidade, afinação e potência vocal são realmente impressionantes. Em faixas como *Memory Of Water*, é preciso respirar fundo quando se ouve os timbres que o cantor consegue alcançar. Some-se a isso o fato de o Marillion estar cada vez mais distante do pop e mais próximo daquele progressivo à Genesis que caracterizou a primeira fase da carreira da banda, quando o grandalhão Fish era o vocalista. O resultado é absolutamente cativante. **(FSF)**

RICK DERRINGER
Guitar And Women
Razor & Tie – imp.

7 Derringer é um músico que nunca figurou numa lista dos maiorais da guitarra. Não por ausência de talento, mas, talvez, porque seu trabalho assumidamente pop nunca o privilegiou perante a crítica e, ironicamente, nunca chegou a emplacar também com o público. Mas a oportuna reedição de *Guitar And Women*, de 1978, mostra que o álbum foi injustamente desmerecido à época. *Something Warm* e *Guitar And Women* são potenciais hits dançantes que nunca decolaram, apesar de soarem como aquelas músicas grudentas de verão que costumamos sair assobiando mesmo sem querer. *It Must Be Love* e *Need A Little Girl*, compostas em parceria com Rick Nielsen, do Cheap Trick, possuem inegável veia rock'n'roll, mas foram igualmente ignoradas pelas paradas de sucesso. Toda a sorte que sobrou para Peter Frampton faltou para Rick Derringer. **(LCS)**

TRIAL BY DAWN
[Coletânea]
Plutonium – imp.

7 A Plutonium Records (uma subsidiária da Música Alternativa) resolveu pegar três das bandas mais promissoras da cena metálica portuguesa e juntá-las num box batizado *Trial By Dawn*. Celestial Dark, Agon e Sarcastic viram assim editadas as suas composições musicais. Mas, vamos por partes: o Celestial Dark pratica um gothic/black/dark metal no qual os teclados têm uma presença bastante marcante e todos os habituais clichês desse estilo estão presentes. A junção da voz masculina com a feminina, apesar de bem conseguida, não mostra nada de novo. Mas, felizmente, os temas estão bem estruturados, as melodias e a agressividade estão patentes quando e onde devem estar. O Agon, um projeto heavy/black/gothic/dark, aposta na melodia, principalmente na voz principal, e uma voz feminina complementa o trabalho vocal, mas neste caso não é dado muito ênfase. Alguns solos bem heavy metal no meio vêm dar o ar de sua graça. Finalmente, os excelentes Sarcastic. E não tenho palavras para defini-lo, além de não duvidar de que, depois do Tarantula, Moonspell e Heavenwood, estes serão os próximos portugueses a explodir na cena internacional. Temas como *The Tale Goes On*, *One by One* ou *Unreal* mostram um potente heavy metal do anos 90. A Plutonium já agarrou o Sarcastic e está quase pronto o seu trabalho de estréia que, se seguir esta linha musical, poderá surpreender muita gente. Fica aqui o aviso. **(JPP)**

GUITAR
[Coletânea]
Temptation – nac.

7 Como o título já sugere, é uma coletânea de guitar bands nacionais. Algumas dessas bandas são muito boas, outras nem tanto. No geral, porém, a iniciativa revela que o cenário sobrevive forte no Brasil, fervilhando de novos talentos dentro do estilo. A produção é boa e consegue manter todos os conjuntos num mesmo nível. Vale destacar em especial os grupos Plastic Fish, Playground, Bloom e Swamps, que demonstram talento e bom gosto musical em suas composições. **(FSF)**

THE DAMNED
The Radio One Sessions
Virgin – nac.

7 Embora tenha sido uma das primeiras bandas punk do mundo (pelo menos foi a primeira a lançar um single), o Damned nunca obteve reconhecimento por parte do grande público na década de 70, tendo "evoluído" para uma proposta mais dark/pop nos 80's (lembre-se: era a época do auge de Smiths, Echo & The Bunnymen e outros conjuntos dessa linha na Inglaterra) que lhe valeu menos reconhecimento ainda – se bem que, desta vez, merecidamente (êta propostazinha chata!). Esse CD traz gravações ao vivo feitas para a rádio BBC londrina que cobrem o período de 79 a 85. Em vista do escrito acima, causa pouca surpresa o fato de os registros até 1980 serem os mais interessantes. São dessa fase porradas como *Liar, I Just Can't Be Happy Today, Hit Or Miss, Drinking About My Baby* e *Noise, Noise, Noise*. Daí pra frente, temos músicas um tanto quanto lamentáveis, como as ruins *Shadow Of Life, Street Of Dreams* e *Stranger On The Town*. Porém, a grande pérola do disco é sem dúvida a versão matadora para *Smash It Up*, registrada em 84, clássico maior do punk rock recentemente regravado (de forma bastante competente, diga-se) pelo Offspring. Só essa música já vale a aquisição do CD. **(RF)**

GRIM SKUNK
Fieldtrip
Breeding Ground – imp.

5 O poppy punk californiano dá origem a imitações até na parte francesa do Canadá. O Grim Skunk vem de Quebec e seu debut de 1996, *Meltdown*, valeu-lhe razoável reconhecimento local justamente por apostar nas sonoridades à Bad Religion, de modo que a banda hoje ostenta status invejável em seu país-natal. Só que *Fieldtrip* não faz jus a esse destaque todo. O CD até que começa bem, com

uma faixa que mistura música árabe com punk rock, a empolgante *Mahmoud's Dream*, que já emenda com uma cacetada punk bastante eficiente, intitulada *Gotta Find A Way*. Só que daí pra diante não se aproveita quase mais nada – apenas as boas *Gros Tas D'Marde* e *Lâchez Vos Drapeaux* –, pois o grupo se perde em experimentações ska pra cá, flertes com o pop pra lá, citações reggae sem fim e influências flamencas sem pé nem cabeça em pelo menos um par de faixas. Parece claro que o grupo esforçou-se para livrar-se da influência fortíssima do já citado poppy punk californiano, mas de imitação eficiente transformou-se num samba do crioulo doido sem identidade e desprovido de direcionamento. Ah, a idéia do encarte é espertíssima. **(RF)**

ROB ZOMBIE
Hellbilly Deluxe
Universal – nac.

8 O fim do White Zombie não deve deixar os fãs da banda tristes, afinal, todos os seus integrantes já estão empenhados em projetos novos. Rob Zombie, em especial, se destaca com esse puta CD de estréia de sua carreira solo. Ao lado do batera Joey Tempesta, também do White Zombie, o vocalista continua a saga da banda que o tornou famoso. O estilão é o mesmo: pesado, guitarras lascivas, vocal urradão e um incrível clima de filmes de terror B. Aliás, Rob levou essa característica aos extremos em *Hellbilly Deluxe*, tanto nas músicas quanto nas letras, no encarte etc. De fato, Rob Zombie é um artista multifacetado, pois, além de ótimo compositor, é um fantástico desenhista (ele fez quase todas as ilustrações do álbum), roteirista, diretor de cinema e editor de HQs. No geral, *Hellbilly Deluxe* é um disco que vai cair em cheio no gosto dos fãs do velho Zumbi. **(FSF)**

THICK AS THIEVES
Rock The House
Bareknuckle – imp.

5 Fosse lançado há uns 15 anos, seria um grupo em condições de concorrer em pé de igualdade com uma pá de bandas de metal farofa daquela época – Slaughter, Winger, Stryper, Poison etc. Só que John Han (G), Eric Heil (V/B) e Rob Mount (D) chegaram um pouquinho tarde. Além disso, passam longe do visual "afetado" dos acima citados e particularmente John e Eric já não são tão garotos. Por outro lado, se musicalmente demonstram pleno domínio de seus respectivos instrumentos, pouco fazem para se desvencilhar da mesmice do gênero. Repetem os clichês, a melosidade exagerada e a intenção de trabalhar músicas com uma pegada mais leve, do jeito que as FMs gostam. **(LCS)**

RUINATION
Visionary Breed
Goldtrack – imp.

8 Apesar de absolutamente desconhecido e ainda razoavelmente iniciante (foi formado em 1993), o Ruination apresenta nesse seu disco de estréia um trabalho bastante animador e, mais que isso, dotado de muita personalidade. Sabe-se lá se o fato de vir da Lituânia auxiliou na fomentação dessa originalidade, a verdade, porém, é que não é possível traçar paralelos entre o conjunto e algum outro qualquer. Musicalmente, o Ruination seria uma mistura de doom/death com metal melódico, apresentando em *Visionary Breed* faixas que alternam momentos mais esporrentos a outros essencialmente melódicos. Músicas de rara beleza são criadas a partir dessa aparentemente improvável mistura, como a vigorosa *My Souls Enchantment*, a sucinta *Loss Of Hopes*, a belíssima *Never* (isso é que é balada de bom gosto), a magistral *Listen To The Wind*, a rápida *A Loner* e a maravilhosa acústica *Meškos Dykumoj*, que fecha o disco. Os instrumentistas são de primeira (o trampo de guitarras, por exemplo, é de uma eficácia rara), os vocais são muito legais (e conseguem ser melódicos e agressivos ao mesmo tempo) e a produção (a cargo de Peter Tägtgren) só vem a solidificar ainda mais um disco surpreendente. **(RF)**

JOHN WETTON
Arkangel
Roadrunner – nac.

4 O baixista e vocalista já passou por altos (quando tocou com o King Crimson) e baixos (na época do esquecível Asia) em sua carreira. Neste seu trabalho solo, ecos tanto de uma como de outra fase são perceptíveis sem dificuldades. Assim, temas como *The Circle Of St. Giles*, que abre o disco, e a faixa título remetem claramente para a fase progressiva que ele experimentou tocando ao lado do gênio Robert Fripp, enquanto bobagens pop do calibre de *The Last Thing Of My Mind* e *You Against The World* provocam imediata azia no ouvinte – perdão pelo trocadilho inevitável. Evidentemente que John Wetton continua sendo um bom cantor e um excelente baixista – caso não o fosse, jamais teria participado desses dois times. O único problema com ele é que os "momentos Asia" surgem com muito mais freqüência do que os "momentos King Crimson". **(ACM)**

LETHAL CURSE
Rape The Innocence
Cogumelo – nac.

8 Thrash metal poderoso, com fortes tendências death. Lembra um pouco o Katatonia antigo, mas o Lethal Curse capricha mais nos solos e nas quebradas da cozinha. Tem também algo de Sadus e Atheist, mas nada que afete a personalidade do conjunto. A banda é do interior paulista, mas a qualidade da produção é de primeiro mundo, com todos os instrumentos bem produzidos, mesmo nas partes rápidas, como na faixa *Bloodshed And Dream*, por exemplo. É um disco forte, cativante, que conquista de cara os fãs de um som mais podrão. **(FSF)**

GROINCHURN
Fink
Morbid – imp.

7 O primeiro disco, *Sixtimesnine*, era uma matança grind. Agora, o Groinchurn diminuiu a velocidade, adquiriu influências diversas e está mais death do que grind. Em algumas faixas, mais death'n'roll à Carcass do que grind. Ainda que não tenha se transformado numa banda chata, o grupo certamente perdeu parte do impacto que produzia, justamente por ter sido outrora responsável por uma música tão radical que desafiava até mesmo os mais escolados devido ao seu extremismo. Mas há em *Fink* ótimos momentos, principalmente porque os riffs são inspiradíssimos, como em *Repetition Works, Change Is Change* (hum...), *The Big Picture, What About The Injuns?* e *I Want To Be White*. Outras faixas são mais fracas e duas delas, *Ninety-Nine* e *Hollow* (faixas de efeitos), são simplesmente insuportáveis. Para consolo dos 'die-hards' há a típica vinheta grind (pena que seja só uma), a efêmera *I Will Say It*, que dura logo um segundo. **(RF)**

HANAGORIK
Uncivil
Independente – imp.

5 A banda pernambucana conta com músicos de primeira, de talento inegável, que chegaram a ganhar um concurso de grupos que a própria BRIGADE fez em 96. No entanto, o Hanagorik comete equívocos fatais nesse primeiro álbum. Primeiro, investiu pesado na tendência alterna metal, apesar de essa não ser exatamente a praia do conjunto. Isso gerou composições horrorosas, como *Song For A Friend In The Edge Of Insanity*. Depois, faz citação do trevo *Vassourinhas* de forma leviana e pouco inspirada na faixa *God's Mother Face*. Pra fechar o ciclo, duas faixas em português destoam completamente do resto do CD. **(FSF)**

OKTOBER
Heathen Pride
Horned God – imp.

7 Este é aquele típico CD que, em princípio, não provoca o menor interesse. A capa é feia, a gravadora é desconhecida, os títulos das músicas são triviais e a banda é americana. E banda americana de black metal normalmente é uma porcaria! Talvez seja porque esperamos algo de realmente bisonho que *Heathen Pride* acaba agradando, sei lá, mas o fato é que o disco é realmente bem legal. Não se trata do conhecido caso de banda dos EUA que tenta desesperadamente soar nórdica, mas sim de um grupo basicamente influenciado pelo thrash oitentista. Assim, o resultado remete a Destruction, Sodom e, em alguns momentos, até a Exodus, embora exista aqui e ali elementos bastante recorrentes do black/death sueco. Portanto, não espere louvações à identidade do conjunto, mas deve-se creditar a qualidade que se ouve em pancadas como *Autumn Kings & Shrines, Heathen Sons United, A Moon Forgotten* e *For Longing Paths*. Um CD que certamente não mudará a vida de ninguém, entretanto, não pode por isso ser acusado de ser uma nulidade. Aliás, porque não é mesmo. **(RF)**

MALKUTH
The Dance Of The Satan's Bitch
Demise – nac.

7 Os mais atentos seguidores do underground podreira brasileiro certamente já conheciam o Malkuth, uma vez que o grupo é com certeza um dos mais promissores nomes da cena black nacional. Graças ao lançamento de seu debut, o septeto finalmente pode mostrar seu trabalho para um número mais amplo e menos restrito de pessoas. É realmente uma pena que a produção sonora deixe a desejar em muitos momentos, principalmente no que se refere às guitarras, cujo timbre é fraco e ficou baixo demais na mixagem. Mesmo assim, pode-se inferir o potencial do conjunto e de seu black/doom nas boas *Canção Em Lua Negra De Averno, Poderoso Sangue De La Serpiente* e *Under Delight Of The Black Candle*, todas dotadas de boas soluções harmônicas, belas passagens de teclados, estruturas musicais sólidas e vocais efetivos. Tá certo que

títulos como *Reverência Ao Bode* acabam rendendo motivos para piadas e que incluir "terroristas" e "assassinos" na lista de agradecimentos demonstra razoável ignorância e imensa imaturidade, além de pegar muito mal. Mas, para sorte do Malkuth, a música do CD acaba falando mais alto e até nos faz relevar a idiotice. **(RF)**

TWIN OBSCENITY
For Blood, Honour And Soil
Rock Brigade Records – nac.

9 Que outra subdivisão do metal teve um crescimento tão efetivo na década de 90 quanto o black metal? Nenhuma! De estilo marginal e desprezado, passou a ser encarado como música de verdade desde que bandas de inquestionável qualidade dos 90's passaram a assinar álbuns sob sua batuta. Porém, não há dúvida de que pra muita gente o black metal ainda é simplesmente uma moda perpetrada por moleques branquelos metidos a fodão. Algumas cartas que teimam em chegar à redação desta RB denunciam a sobrevida dessa visão equivocada. No entanto, até mesmo quem a leva consigo haverá de curvar-se perante a qualidade do Twin Obscenity. Oriundo da Noruega (de onde mais!?!), o grupo nunca se meteu nas confusões que cercaram o black no país e sempre se preocupou apenas em fazer música de verdade. Em *For Blood, Honour And Soil* esse esforço é latente. Puta CD fantástico! Da primeira à última música não há o que ser desmerecido, são nove faixas magníficas. O Twin Obscenity conseguiu juntar num único trabalho todas as características que vêm marcando o black metal ultimamente: sua música é agressiva, pesada, ríspida, crua, rápida e espontânea, mas é também bela, melódica, atmosférica, bem estruturada, técnica e de extremo bom gosto. Ficar falando bem desse disco é chover no molhado, portanto, levante a bunda da cadeira agora mesmo e vai comprar o seu. **(RF)**

NOISEKILLER
A Frozen Image In Time
Vozes – nac.

8 Thrash poderoso, bem trampado, iradaço. O quinteto gaúcho alopra na sujeira das guitarras, nos vocais urrados e chega a abusar da velocidade, como na faixa *Killer Instinct*. No entanto, devo confessar, a banda me conquistou incondicionalmente com *D.K.*, uma música que retrata bem como o "paraíso" das drogas é, na verdade, um inferno. Puta letra convincente e, mais importante, ela NÃO é piegas! Mas não fica por aí. Um certo ar de Korzus pinta na faixa *The Nuts*, que acaba se revelando um baita thrash encorpado. No geral, o Noisekiller é um bom grupo com todas as condições de entrar para o time dos grandes. **(FSF)**

WISHBONE ASH
On Air
Virgin – nac.

7 Mais um artista que é resgatado através das gravações realizadas para a rádio BBC. Desta feita, é o Wishbone Ash quem foi flagrado no início dos anos 70. E o quarteto não renega a época em que foi formado: trata-se daquele rock tipicamente setentista, movido a guitarras dobradas e vocais bem colocados, que viria a influenciar grande parte das bandas surgidas nas décadas seguintes. Além disso, a banda fez questão de mostrar algumas outras características musicais, como a balada instrumental *Lullaby* e a progressiva *Pilgrim*. Mas o máximo acaba sendo *Vas Dis*: trata-se de um jazz rock que, além de muito bem construído e muito bem cantado, responde por uma proeza quase inimaginável em se tratando desse estilo: não é chato. **(ACM)**

OPHTHALAMIA
Dominion
No Fashion – imp.

8 Mais um excelente conjunto do mais-que-profícuo cenário nórdico de black metal. O diferencial do Ophthalamia é não abusar demais dos teclados e violinos, preferindo criar harmonias complexas apenas com o básico (guitarra, baixo e bateria). O resultado não apenas empolga, como também surpreende pelo alto calibre dos músicos. Também não faltam os temas soturnos, alguns embalados em um instrumental arrastado e tétrico, sem chegar a flertar diretamente com o doom. No geral, a música do conjunto é complexa, quebrada, mas irremediavelmente cativante. **(FSF)**

OVERLIFE
Between Passion & Madness
Goldtrack – imp.

4 Certos discos simplesmente não poderiam ter sido gravados com uma produção menos do que perfeita. *Between Passion & Madness* é um desses casos. Até dá pra sacar que os instrumentistas são ótimos, que sua proposta é bastante efetiva (metal melódico musicalmente funcional) e que as boas intenções estão por toda parte. Só que a pífia produção e o vocalista medonho enterram os esforços de todo o conjunto. O metal à Viper (fase *Theatre Of Fate*) do Overlife nesse CD talvez fosse mais interessante se as guitarras não tivessem ficado abafadas, se o baixo fosse audível e se a bateria tivesse sido microfonada com propriedade. Só que, mesmo se tudo isso tivesse ocorrido, com esse vocalista não ia ter jeito. O cara deve ser o pior cantor da Espanha! Puta choradeira desafinada, forçada, brega, pretensiosa. É o caso típico de quem tenta fazer o que não consegue. E aí só pode mesmo amargar uma fritada. Quase um fiasco total. **(RF)**

POSTMORTEM
Repulsion
Morbid – imp.

7 Headbangers procurando por originalidade fatalmente passarão muito longe desse *Repulsion*. Só que quem quer ouvir apenas um disco legal de death metal pode adquirir o CD sem medo. Em suas 16 faixas temos aquilo que já nos acostumamos a esperar do Postmortem: pouca técnica, pouca velocidade, muito peso, riffs pegajosos, desencanação, humor doentio nas letras e um certo quê de punk rock em suas composições (principalmente porque elas apostam muito mais no feeling do que na qualidade instrumental). Grandes exemplos dessa realidade são as ótimas – e altamente pogáveis – *Epitomize, Clockwork Black, Beyond The Bounds, Inside The Clockwork, Sick And Twisted, Heilingenschein* e *Better Beware*. É certo que uma audição mais criteriosa denuncia uma banda que repete à exaustão a mesma fórmula, mas nem por isso as faixas citadas deixarão de render momentos de razoável diversão a quem procura apenas isso. Com isso em mente pude desfrutar dos mais de 65 minutos do álbum bastante satisfeito. Ah, e uma curiosidade: o 1.FC Union (time de futebol da cidade de Berlin, de onde vem o Postmortem) pediu à banda que escrevesse um novo hino para o clube. Imagine a torcida cantando no estádio!!! **(RF)**

OPPRESSOR
Elements Of Corrosion
Olympic – imp.

8 Tem gente que odeia a proposta do Oppressor. Normalmente, são os deathbangers mais radicais, ultrajados pelo fato de a banda adicionar à sua podreira pianos, partes acústicas e muita, muita técnica instrumental. Por outro lado, existem aqueles que veneram o grupo justamente por causa desses elementos. *Elements Of Corrosion* prima pela brutalidade, mas o Oppressor não abriu mão de sua individualidade, muito menos do cuidado na concepção de suas músicas, para chegar aos limites dela. Ao contrário, pois seus riffs nunca foram tão intrincados e complexos como nas massacrantes *Kingdom Of The Dead, Through Their Eyes, In Malice I Breathe* e *Vulgar Illusions*. Você pode até não gostar da banda, mas não pode negar que os caras são músicos de primeira linha, daqueles que poderiam fazer parte de conjuntos de qualquer estilo tamanha sua competência. Seu grande mérito é serem extremamente brutais e grosseiros mesmo atendendo por essa técnica toda. Nesse CD, o momento mais intimista fica por conta da bela *Lost In Sorrow* – aquela que fatalmente será execrada pelos radicais de sempre. Mesmo assim, trata-se de death metal de primeiro escalão. **(RF)**

HOLE
Celebrity Skin
Universal – nac.

7 É bem esquisito o resultado desse álbum. Na maioria das faixas, o conjunto apresenta boa evolução musical, fazendo um pop rock certinho e bem acabado. Courtney Love está cantando bem melhor, colocando sua voz de forma mais ordenada, mais precisa. Em determinadas músicas, no entanto, é justamente Courtney quem estraga tudo, forçando demais em harmonias esquisitas, em minimalismo sem critério e numa quase desafinação sem charme. A faixa-título, *Hit So Hard* e *Awful* são os pontos altos do disco e, não por acaso, vêm justamente no início do CD. As composições mais chatinhas aparecem entre o meio e o final do álbum. Seria essa uma estratégia consciente ou apenas uma forma dos produtores administrarem o ego de Courtney, que jamais permitiria que se tirasse qualquer música sua do álbum? Como ninguém nunca vai saber mesmo, o jeito é curtir as boas músicas do disco. E pular as ruins, é claro. **(FSF)**

DEADEN
Hymns Of The Sick
United Guttural – imp.

8 Fãs de nojeira explícita vão passar horas saciando suas mais recônditas taras com esse CD. As fotos do encarte são escrotas, as letras são repugnantes, a música é grotesca e os integrantes da banda são feios – ou seja, há aqui em profusão tudo que uma obra splatter precisa ter. É certo que a influência de Carcass de início de carreira é bastante evidente na proposta gráfica e a de Cannibal Corpse está escancarada no conceito lírico (como seria de se esperar), mas musicalmente o Deaden está mais para

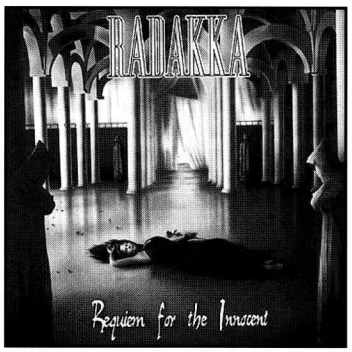
um Suffocation sem tanta técnica. Seu som é bastante direto (sem muitos malabarismos técnicos) e possui pique razoável, ainda que careça de certa maturidade vocal. Nem por isso faixas como *He Wore The Flesh, Genocide By Asphyxiation, Ejaculation To A Rotting Orifice* e a singela *Butchered Whore* deixarão de empolgar os muitos deathbangers que acham que o death metal perdeu grande parte de sua graça quando as bandas se tornaram politicamente corretas e começaram a versar sobre problemas sociais em suas letras. Escreva pra United Guttural pedindo o CD (P.O. Box 0752, Grayslake, IL 60030, USA), pois o esforço vale a pena. **(RF)**

THE LIGHT
On A New Horizon
Aquarian – imp.

5 Uma improvável mistura de Kansas com Yes, Marillion e Rush só teria dois resultados possíveis: uma obra-prima ou uma tragédia total. Surpreendentemente, no entanto, o grupo californiano ficou bem no meio do caminho. Ao lado de faixas muito interessantes e bem estruturadas, temos algumas outras absolutamente dispensáveis, repetitivas, bem chatinhas. Os músicos do grupo são quase veteranos no rock da Costa Oeste americana, apesar de serem pouco conhecidos. No geral, *On A New Horizon* tem seus pontos interessantes, mas não resiste a duas audições seguidas. **(FSF)**

MARILYN MANSON
Mechanical Animals
Universal – nac.

6 Em 1994, vi uma apresentação do então desconhecido Marilyn Manson abrindo para o Nine Inch Nails e fiquei impressionado com a energia da banda. Quatro anos depois, o conjunto não é nem sombra do que era antes de ser famoso. Manson resolveu agora copiar descaradamente David Bowie (no visual, é claro) e deixou de ser um boiola esquisito para se tornar um boiola ridículo. Essa mudança de mentalidade veio junto com a fama da banda e acabou afetando sensivelmente sua música. *Mechanical Animals* é um disco comum, clichê, daqueles que só se destacam por serem de um artista famoso. Se fosse uma banda desconhecida, esse CD passaria despercebido do público. De qualquer forma, impressiona a excelente produção e o incrível capricho gráfico do encarte (com fotos de gosto duvidoso para quem não é clubber). As guitarras também estão menos presentes do que nos trabalhos anteriores, provando que Zim Zum faz alguma falta. De positivo, há de se destacar que as partes techno vieram em bem menor quantidade do que se esperava. Esse rock andrógino do Marilyn Manson não é novidade nenhuma, mas ainda causa certo furor. **(FSF)**



RADAKKA
Requiem For The Innocent
Rock Brigade Records – nac.

8 O primeiro disco do Radakka, *Malice And Tranquillity*, de 95, já tinha deixado estupefatos os milhares de fãs de power metal espalhados pelo mundo. Afinal, era um álbum absolutamente empolgante, dotado de todos os melhores elementos que constituem o estilo em questão e com ênfase especial aos vocais poderosos e às belas soluções harmônicas. Graças a ele, o Radakka foi saudado como uma grande revelação do metal americano, numa década em que aparições análogas foram razoavelmente raras. *Requiem For The Innocent*, lançado três longos anos após o debut, traz basicamente a mesma proposta. Entretanto, salta aos ouvidos uma tendência mais hard rock no som do quarteto, que, se não perdeu no peso, ganhou muito na melodia. É o que se constata nas ótimas *Phantom #9, Whore, Velvet, Sit Up And Sweat* e *Cult Of One.* A única coisa que realmente destoa qualitativamente no CD são as letras, ostensivamente terríveis. Algumas delas – como *Whore* e *Azriel (My Dying Love)* – são tão constrangedoras que era melhor nem terem sido impressas no encarte. Como uma banda pode ter um gosto tão apurado para a música e tão deturpado para as letras? **(RF)**

KING'S X
Tape Head
Metal Blade – imp.

6 Desde meados dos 80's, Ty Tabor (V/G), Doug Pinnick (V/B) e Jerry Gaskill (D) sempre demonstraram com relativa facilidade seu talento. Hoje, o trio cresceu bastante a ponto de atingir o status de 'major bands' em determinadas partes dos EUA. *Tape Head* é um pouco reflexo dessa posição. É um disco pomposo, que se tivesse teclados certamente poderia ser classificado como rock de arena. No geral, porém, limita-se ao hard rock virtuoso, cadenciado em demasia, por vezes arrastado e sem grandes explosões. As temáticas cristãs também estão mais presentes que nos trabalhos anteriores, tornando-se, de fato, uma das características principais da atual fase do King's X. **(FSF)**

LATEX GENERATION
Boysrock
Onefoot – imp.

8 O desconhecido conjunto americano conquista pela sua despretensão, que beira o desleixo. É um rockão visceral, quase punk rock, feito em cima de bases simples e vocais bem alocados. As faixas são curtas, mas cativantes. Cada música parece ter seu próprio brilho e emana incrível energia. *Cycle*, por exemplo, adota uma velocidade típica do punk rock e despeja fúria no ouvinte. É tudo muito simples, com refrães fáceis e impossíveis de esquecer. Depois de ouvir o CD uma vez, é quase impossível não ficar ouvindo uma segunda, terceira, quarta e quinta vezes em seguida. **(FSF)**

JASON
Odeia Eu
Tamborete – nac.

7 A capa é muito feia (parece capa de trilha de novela antiga), o título do disco é sem graça (seria uma brincadeira com *Beija Eu*? – se for, quantos vão se ligar?) o nome da banda é comum (tem um Jason em todos os lugares) e tudo isso certamente vai fazer com que o disco passe desapercebido. Pena, pois trata-se de um CD bastante razoável. Não possui originalidade, é verdade, mas a banda executa seu punk/HC metalizado com influências hip-hop de forma exemplar e transbordando honestidade, garra e vigor. A coisa mais legal são os vocais dobrados, que alternam-se de forma empolgante e extremamente funcional. *Meu Saco, Bróder, Ração, Seu Corpo Vai Deitar, Sua Vida Por Um Real* e *Que Bom Que Eu Não Amo Ninguém* (bela letra) são pretextos perfeitos para sua poga caso você seja um dos que se encorajem a conhecer esse competente registro. **(RF)**

STAN BUSH & BARRAGE
Heaven
Frontiers – imp.

7 O veterano cantor/guitarrista/compositor Stan Bush tem um currículo de respeito na cena rockeira americana. Nascido na Flórida, Stan fundou o Boulder nos anos 70, lançou o batera Pat Torpey (Mr. Big), teve música sua coverizada pelo House Of Lords e já tocou com todos os artistas possíveis nos EUA. *Heaven* é o novo CD de Stan, que está mais rock de arena que nunca. As músicas lembram Journey, Asia, Survivor e até um pouco o Magnum. As composições são evidentemente fortes, encorpadas, candidatas a hits. As guitarras apresentam um timbre extraordinário tanto nas faixas pesadas quanto nas baladas, que por sinal, são bem melosas, mas legais. O CD não traz nada de novo, muito pelo contrário. Mas demonstram que Stan acredita muito no que faz. Atitude louvável. **(FSF)**

VERMIN
Millenium Ride
No Fashion – imp.

3 Disco muito equivocado desta banda sueca que já foi bem mais legal – embora nunca tenha sido de fato relevante –, em especial no divertido álbum *Plunge Into Oblivion.* Este era um CD que ganhava o ouvinte por causa de sua agressividade e urgência, ainda que não possuísse originalidade nem identidade: era death metal bem comum. Só que, agora, o Vermin nem isso consegue ser. *Millenium Ride* é simplesmente um subproduto da fase atual do Entombed, com algumas influências do nefasto alterna metal aqui e acolá. É o típico disco que a imprensa britânica adora louvar – caso a banda seja da Inglaterra. Assim, o Vermin dançou, pois resolveu seguir a moda, mas fez um disco muito ruim e desprovido de qualquer atrativo que o faça mais que risível. Um dia foi derivativo e corriqueiro, mas pelo menos era desencanado e honesto. Hoje, é tão somente um embuste pretensioso. Ou seja, um grupo que, pra começar, nunca deveria ter sequer existido, pois não serve pra absolutamente nada. **(RF)**

THE ELYSIAN FIELDS
We... The Enlightened
Wicked World/Earache – imp.

9 O conjunto grego emergiu do underground de seu país natal e seguiu o caminho contrário da maioria das bandas. Inicialmente voltado para o doom atmosférico, o trabalho do Elysian Fields ganhou mais guitarra, mais peso, vocais ainda mais guturais e aprofundou-se em sua temática favorita, a antiga mitologia grega. Ao lado disso tudo, a produção está bem melhor (afinal, agora eles estão na Wicked World, uma divisão da Earache) e algumas faixas ganharam absurda velocidade, como a fantástica *Shall They Come Forth Unto Us.* Reunidas, todas essas características fazem de *We... The Enlightened* um dos melhores discos do ano. Ainda há muito da atmosfera gótica de antes, porém, agora o que prevalece mesmo é o peso quase palpável das guitarras, que fazem um contraponto extraordinário com passagens de violinos.**(FSF)**

FIENDZ
Cole
Black Pumpkin – imp.

6 Os músicos do Fiendz já têm alguma estrada, por isso, não podem ser acusados de plagiadores. No entanto, cada faixa desse CD lembra imediatamente alguma outra banda da cena americana. Tem coisas meio Bad Religion, outras Sugar Plastic e tem até passagens que parecem cópias descaradas de Skankin' Pickle. O fato é que o CD é bem monótono, especialmente por causa do vocal irritante de Jerry Jones. O instrumental tem coisas legais, mas não segura o pique do disco. **(FSF)**

FIFTEEN VOL. 1
Os Mestres da Guitarra

Primeiro volume da série de books do Conservatório Souza Lima com tablaturas e partituras. Acompanha um CD.

Em breve: Mestres da Bateria, do Baixo, do Violão, do Teclado etc.

Informações:
(011) 884-9149
(011) 884-7611
souzalima@plugnet.com.br

SEMPRE MÚSICA
CDs • Compra Venda • Troca
6 anos de tradição
Agora, com o melhor da Rock Brigade Records pelo menor preço do Rio de Janeiro. Confira!
• R. Visconde de Pirajá, 365
Loja 11, Ipanema, RJ/RJ
☎ (021) 523-9405
• Rua Correa Dutra, 99
SL-208, Catete, RJ/RJ
☎ (021) 265-6910

TRAFFIC SOUNDS
Records
• CDs, LPs, Vídeos
• Troca, Compra, Venda
• Aceitamos encomendas de importação Bassin, MSI e Live Rare
TRAFFIC SOUNDS
CXA. POSTAL 60828
São Paulo/SP, 05786-990
Fone: (011) 6163-3692
noguio@hotmail.com

CURSO DE MANUTENÇÃO DE INSTRUMENTOS MUSICAIS
BENEDETTI GUITAR REPAIR & HENRY HO (T. KUROSAWA)
- APRENDA A REGULAR SEU INSTRUMENTO (GUITARRA, BAIXO E VIOLÃO)
- MANUTENÇÃO, REPAROS, INSTALAÇÕES E REFORMAS
- AULAS SOBRE MARCAS, INSTR. VINTAGE, OUTROS INSTRUMENTOS E MERCADO
- CLASSES: BÁSICO, INTERMEDIÁRIO E AVANÇADO
- DURAÇÃO: 6 MESES (1X POR SEMANA)
- PERÍODO: MANHÃ/TARDE (INÍCIO: JUNHO)
- MATRÍCULAS ABERTAS/VAGAS LIMITADAS

INFOS:
TELEFAX: (011) 572-2396 COM MÁRCIO (HOR. COM.)
TEL.: (011) 3115-0791 COM HENRY (À NOITE)

APOIO:
TAGIMA • MARUTEC • ROCK BRIGADE

BLACKOUT DISCOS
LOJA ESPECIALIZADA EM ROCK

HEAVY METAL MELÓDICO
HARD ROCK · PROGRESSIVO
ANOS 70 · AOR · BLACK METAL
DEATH · DOOM · THRASH
PUNK ROCK · GUITARRISTAS
WHITE METAL · RARIDADES

ATENDEMOS PELO CORREIO

R. DO RIACHUELO, 189
SALA 01, BOA VISTA
RECIFE/PE
FONE: (011) 221-2091

AGORA, A BAHIA TEM METAL
CD Dreams
Especializada em CDs e vídeos importados
AV. OCEÂNICA 683, BARRA
BARRAVENTO CENTER, LOJA 01
SALVADOR - BA
(071) 247-4387

ANGRA
FIRE WORLD TOUR 98/99

BRASIL/ARGENTINA:
- 16/10 - Manaus (092) 232-7846
- 17/10 - Belém (091) 225-0908
- 23/10 - Argentina
- 24/10 - Argentina
- 25/10 - Argentina
- 30/10 - Belo Horizonte (a confirmar)
- 31/10 - Brasília (061) 312-3131
- 06/11 - Recife (a confirmar)
- 07/11 - Salvador (071) 312-0628
- 12/11 - Porto Alegre (a confirmar)
- 14/11 - Florianópolis (a confirmar)
- 16/11 - São Paulo/Olympia (011) 252-6255
- 21/11 - Presidente Prudente (a confirmar)
- 29/11 - Rio de Janeiro (a confirmar)

Workshop em São Paulo

Dias 9, 17 e 23 de novembro

no Conservatório Souza Lima

Informações: (011) 884-9149

HOT STOCK CDS
CDs: ANGRA (Fireworks) • ARTILLERY (1ª vez em CD) • AXEL RUDI PELL (Oceans Of Time - novo/Japão) • BLIND GUARDIAN (Imaginations From Hamburg Live) • BRUCE DICKINSON (The Chemical Wedding) • DEATH (Sound Of Perseverance) • ELEGY (Manifestation Of Fear) • ERIC JOHNSON (Seven Worlds) • HAMMERFALL (Legacy Of Kings) • IRON MAIDEN (The Soundhouse Tapes) • KISS (Psycho Circus) • MARILYN MANSON (Mechanical Animals) • MERCYFUL FATE (Dead Again) • METALLICA (Reload + CD bônus live) • PARADISE LOST (Reflection/Best Of) • SEPULTURA (Against) • STRATOVARIUS (Destiny) • YNGWIE MALMSTEEN (Live In Brazil) ••••• SINGLES: BRUCE DICKINSON (Killing Floor) • HAMMERFALL (Heeding The Call) • KISS (Psycho Circus) • STRATOVARIUS (S.O.S.) ••••• VHS (OFICIAL): RAGE AGAINST THE MACHINE (VHS + CD-single) • RAMONES (VHS + CD) ••••• BOX: AC/DC (Boom Box - 16 CDs remasterizados) • BLACK SABBATH (Under Wheels 70/87 com 4 CDs + book) • HELLOWEEN (High Live, CD + VHS) • IRON MAIDEN (Backdraft - CD duplo + book + poster) • METALLICA (Live Shit, 3 CDs + 3 VHS) • NIRVANA (Heart-Shaped Box).

CAMISETAS IMPORTADAS, VIDEO-LASER, VHS OFICIAL (não enviamos catálogo). QUALIDADE E SEGURANÇA PARA SUAS ENCOMENDAS A DIFERENÇA ESTÁ AQUI! CONSULTE-NOS!

Av. dos Autonomistas, 375 - Osasco/SP, 06020-000
Fone: (011) 7085-4713 • Fax: (011) 7081-0222
hotstock@nutecnet.com.br

SOUND CHECK

AS MARCAS JAPONESAS parte I

Henry Ho

O Japão sempre foi um mercado quente no que diz respeito aos instrumentos musicais, mas, encurtando o assunto e esquecendo a crise que também afeta os nipônicos, vamos falar de três marcas muito conhecidas.

Era uma vez três sócios muito unidos que nos anos 60 construíam violões clássicos e pouco a pouco sonhavam em construir também instrumentos elétricos com madeira sólida. A empresa se chamava Fernandes e, com todo aquele clima dos anos 60, a eletrificação seria um item fundamental para vencer no mercado. Mas não sobrou clima foi para os três sócios, que resolveram se separar e tudo ficou assim: Mr. Saito ficou com a Fernandes, Mr. Shibuya criou a ESP e Mr. Ueda criou a Moon. Na verdade, todos que começaram alguma coisa no Japão serão ex-Fernandes.

FERNANDES

A Fernandes continuou a fabricar violões e instrumentos elétricos copiando os modelos americanos (coisa que japônes sabe fazer muito bem). Réplicas de Fenders e Gibsons vendiam como água pelo preço médio bem abaixo dos originais americanos. Na época, era um luxo ter uma Fender ou uma Gibson. No entanto, representações das mesmas passaram a atuar no mercado japonês também: a Arai Boeki representando a Gibson e a Yamano Music representando a Fender americana e, posteriormente, a Gibson.

Nos anos 70 foram produzidos instrumentos de boa qualidade, a Fernandes cresceu e, no início dos anos 80, já produzia em massa modelos próprios, as cópias e acessórios em geral. Atualmente, a Fernandes é um marca conhecida no mundo todo. São duas redes de distribuição no Japão (Tóquio e Osaka), escritórios de venda, depósitos, escola de luthiers, representação nos EUA (a responsável é nada menos que uma tal de Patrícia, esposa de um tal Paul Gilbert), na Europa e Brasil. A produção dos modelos de baixo custo é feita na Coréia e Taiwan. A produção japonesa é feita na fábrica da Kawai, no Japão.

A Fernandes japonesa representa os amplificadores Hiwat, a DOD, as cordas DR, comprou a patente do Sustainiac (hoje Sustainer) e representa também os captadores EMG no Japão. Entre os endorsees encontramos gente como John Wetton, Marco Mendoza, Royal Hunt, Fair Warning, Scoth Gorhan e Rick Nielsen. Do Sustainer: Zack Wylde, Eddie Van Halen e Paul Gilbert. Grande parte da produção é destinada também aos acessórios: palhetas, cordas, produtos de lutheraria, cabos, amplificadores de pequeno porte, partes de instrumentos, circuitos de pré-amplificação e tom, correias e diversos, tudo sob a marca Fernandes.

ESP

A ESP começou como qualquer outra, fabricando cópias de instrumentos americanos (Fender e Gibson), mas desde o início se preocupou um pouco mais em personalizar sua linha e criou a primeira "custom house" do Japão, aceitando instrumentos sob encomenda, fazendo modificações em equipamentos e formando profissionais como roadies, luthiers e músicos. Foi provavelmente a primeira marca a se preocupar em patrocinar músicos e a criar profissionais na área de prestação de serviços.

Fernandes
AFR 1558

A marca ESP se divide em vários 'brands', ou seja , submarcas: Glass Root e Edwards: produção de baixo custo (China e Coréia); Pro-Ceed: somente instrumentos originais por encomenda, com material de primeira, feita por luthiers especializados; Navigator: produzida na Custom House Japan e que só faz cópias de vintage, raros e "artist models". E a própria ESP, que é feita no Japão em fábricas de sua linha regular de modelos.

A ESP já foi representante da Kramer e da Robin Guitars. Atualmente, representa Seymour Duncan, Floyd Rose, Lace Sensor, ADA e tem uma linha própria de acessórios, bem diversificada. São donos do Musicians Institute Japan, conveniado com o MI americano e a Berklee College of Music, onde são formados músicos e profissionais de estúdio. A Escola de Luthiers (ESP Craft School) não só forma profissionais como tem uma academia de violinos, instrumentos de sopro e pianos.

A relação dos artistas patrocinados é imensa: Metallica, Queensrÿche, Gamma Ray, Timo Tolkki, Ron Wood, Tom Hamilton (Aerosmith), Bruce Kulick, Blind Guardian, TNT, Michael Romeo (Symphony X), Dave Murray e outros.

MOON

Das três marcas citadas, somente a Moon Corporation continuou sendo uma modesta Custom House, com instrumentos de lay-out próprio e cópias melhoradas de instrumentos Fender. Os destaques sempre foram os contrabaixos de captação ativa, principalmente nos anos 80, quando, com o advento da técnica de slap, os instrumentos da Moon se destacaram, notadamente entre músicos de estúdio e gente de fusion em geral. Atualmente, continuam "modestos", trabalhando numa casa de poucos cômodos e com uma distribuição razoável em países da Europa e EUA. São representantes dos captadores Bartolini, das pontes Badass e distribuem também Wilkinson, EMG e acessórios Gotoh.

Dentre os patrocinados, temos Marcus Miller (modelo que leva seu nome), Anthony Jackson, Larry Grahan, Victor Bailey e Darryl Jones (Sting, Rolling Stones) e T Square. •

Agradecemos a K. Sakuma e Ms. Mori (Fernandes), Mr. Shibuya, Saito e Asao (ESP), Mr. Ueda (Moon) e Mr. Yasuhara (T. Kurosawa) pela colaboração na pesquisa para esta matéria.

SWEET SAVAGE

Pete Wadeson

Khara Pringle/Christopher Hill Photographic

Desde os primórdios do século 3 a.C. até o fim da Idade Média, as runas – símbolos obscuros e misteriosos originários da Escandinávia – foram os caracteres utilizados pela escrita dos povos da Europa setentrional. Durante esse tempo todo, e também depois, bruxas, adivinhos, profetas e místicos lançaram mão desses símbolos, não raro entalhados em madeira e em pisos de pedra, para predizer o futuro. Bem, não sei se o método funciona ou não. O que sei é que parece não fazer muito tempo desde que conversei pela última vez com o baterista do Sweet Savage, David Bates, a respeito de seu aclamado disco de 1996, o ótimo *Killing Time*. Desde então, com a saída do velho guitarrista Trevor Flemming, a banda se tornou um trio. Agora, todas as partes de guitarra são responsabilidade do talentosíssimo Simon McBride, de apenas 19 anos, um moleque que, aos 15, foi votado o guitarrista do ano pela revista inglesa Guitarist.

Assim, com o lançamento do mais novo petardo do Sweet Savage, *Rune* [N. do T.: runa, em inglês], sabíamos que estava mais do que na hora de falarmos novamente com o grupo, mais especificamente com o próprio garoto-prodígio, para sabermos quais as recentes novidades envolvendo a banda. Você poderia dizer que estamos prestes a descobrir o que as "runas" revelam para a banda. Pra iniciar a conversa, damos uma prensa em McBride, perguntando se Trevor saiu porque se sentia intimidado por seus óbvios talentos. "Bem, havia muita treta de ordem pessoal rolando e elas foram crescendo ao longo dos anos", diz ele. "Por isso, não seria justo dizer [que o cara se intimidou], pois ele não está aqui para apresentar o lado dele da história. É suficiente dizer que ele se foi e nós, como banda, não estamos nem um pouco tristes por causa disso."

Ao ouvirmos o primeiro álbum, *Killing Time*, e depois o mais recente – e muito mais relevante musicalmente –, *Rune*, parece óbvio que Simon deixou sua marca em todo o CD não apenas com sua grande habilidade técnica, mas também com seu talento de compositor. "Sim, definitivamente é isso aí. Veja, o primeiro álbum saiu há apenas alguns anos, só que a maioria de suas músicas havia sido escrita há quinze. Todas elas foram compostas quando Vivian Campbell ainda estava na banda. Era o contrato que tínhamos com a Neat, então, tinha que ser daquele jeito, mas, agora, nós buscamos propositadamente adquirir uma sonoridade nova. Nós queríamos e precisávamos mostrar como tínhamos evoluído e progredido como banda. Você pode ouvir muito mais influências no disco, que soa mais moderno. E vamos estar evoluindo ainda mais a partir dele."

A propósito dessa resposta, será que muita gente não teria comprado *Killing Time* justamente por causa da nostalgia e estaria fazendo a mesma coisa em relação ao *Rune*? Aí, quando esses compradores descobrirem que o Sweet Savage mudou, não estaria a banda perdendo seus fãs? "Talvez, mas eu não acredito que as pessoas tenham comprado o primeiro álbum simplesmente por nostalgia. Estamos muito confiantes quanto ao nosso novo material, pois sabemos que ele é muito melhor e é tão moderno que tem condições de agradar a qualquer fã de rock, não apenas àqueles que ainda se lembram da NWOBHM. Eu, por exemplo, tenho apenas 19 anos e, portanto, não me lembro de porra nenhuma daquela época. Claro que eu sei o que aconteceu e ouvi muitas das coisas produzidas no período, mas, como músico, não participei daquilo."

Ainda que Simon seja muito jovem para se lembrar do auge da NWOBHM, certamente temos que perguntar sua opinião a respeito do interesse pelo Sweet Savage que o Metallica despertou quando gravou sua versão para *Killing Time*. "Para nós, foi magnífico. Qualquer coisa que traga atenção para a banda é ótima para ela. Só que, de novo, eu espero que as pessoas consigam perceber que não é apenas por causa disso que merecemos um pouco de seu tempo livre."

Portanto, deixemos de lado esse assunto e passemos a falar do novo álbum, *Rune*. Como foram suas gravações? "Acredite ou não, gravamos tudo em meu estúdio caseiro", diz Simon. "Eu construí um estúdio de oito canais na casa dos meus pais e começamos a utilizá-lo, mas somente para ensaiar e para gravar algumas demos. Só que elas ficaram tão boas que pensamos: 'Por que não? Vamos fazer o álbum aqui mesmo.' Então, como você pode imaginar, tivemos à disposição uma atmosfera extremamente favorável, com todo mundo relaxado, pois não tínhamos que ficar olhando o relógio a todo minuto. E eu mesmo produzi o disco."

McBride está envolvido também com um projeto solo, mas parece que as coisas ainda têm muito que se desenvolver para que o lance venha a se consolidar. "Bem, eu tenho gravado algumas demos para um eventual disco solo", diz ele. "Há muitas músicas instrumentais, mas também há algumas nas quais eu mesmo canto. É realmente um projeto paralelo sem muita importância, mas, o que quer que aconteça, seria muito legal poder obter algum interesse por ele." Por falar em interesse, Simon é patrocinado por um bom número de companhias de instrumentos musicais e é visto regularmente em feiras de música mostrando seu talento. Tudo isso por culpa da competição da Guitarist que ganhou? "Não, de jeito nenhum. O que aconteceu foi que eu conhecia um cara chamado Jeff Whitehorn, que acabou indo trabalhar na Marshall. Ele me apresentou para alguns outros caras, incluindo os da Washburn. Esses mesmo caras são responsáveis pela distribuição da Crate na Europa, de modo que todo o lance começou a se desenvolver a partir daí. Eu sinceramente gosto de fazer as feiras, ainda que não seja contratualmente obrigado a fazê-las. Toco quando me pedem porque realmente gosto muito. Mas eu estou totalmente concentrado no Sweet Savage, é um compromisso 100%, minha prioridade."

E Simon é um cara tão jovem e talentoso que dá para dizermos que mais ou cedo ou mais tarde ele vai acabar acontecendo. Mesmo porque, conversando com o cara, sua sabedoria e sobriedade fazem-no parecer muito mais velho do que seus anos denunciam. Quando você estiver lendo esta entrevista, o conjunto já terá tocado no Wacken '98 [N. do T.: veja matéria nesta edição], um dos maiores festivais de verão da Europa, que acontece anualmente na Alemanha. A partir daí, quem pode dizer o que as runas reservam para o Sweet Savage? •

Trad.: RF

L A S E R

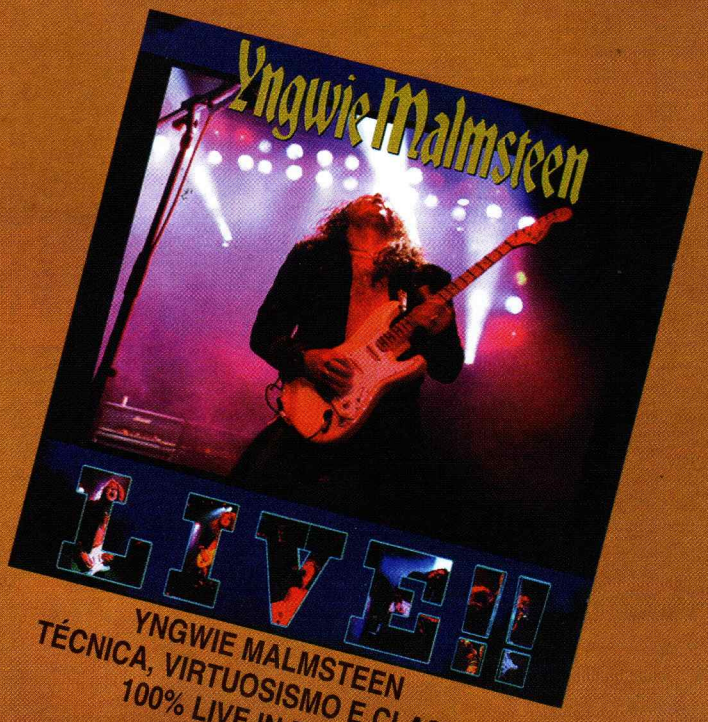
COMPANY

DISTRIBUTORS

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA

LANÇAMENTOS

JUDAS PRIEST
O MELHOR DUPLO AO VIVO DO ANO



YNGWIE MALMSTEEN
TÉCNICA, VIRTUOSISMO E CLASSE!
100% LIVE IN BRAZIL

HAMMERFALL
A MAIOR BANDA DE POWER METAL DA ATUALIDADE

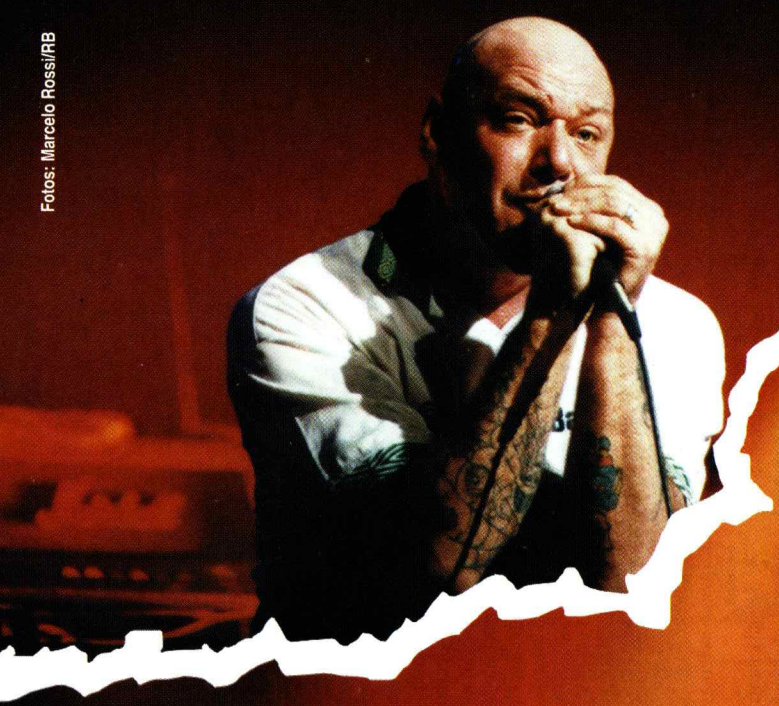
E MAIS MILHARES DE TÍTULOS EM ESTOQUE

LASER COMPANY
DISTRIBUTORS
(SOMENTE ATACADO)
Fone: (011) 292-6011
Fax: (011) 6096-2288
laserco@mtecnetsp.com.br

STRATOVARIUS
MAIS UM ESTUPENDO TRABALHO DE TOLKKI & CIA.

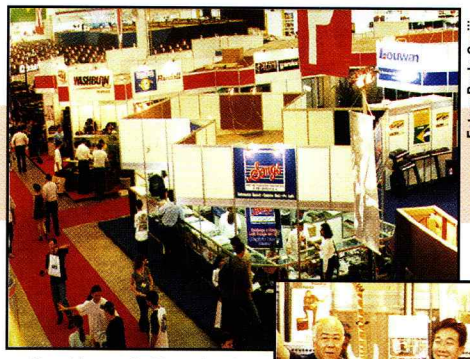
ANGRA
ROCK BRIGADE
Foto: William Hames

PAUL DIANNO



Fotos: Marcelo Rossi/RB

EXPOMUSIC 98:
TRABALHO E TALENTO CONTRA A CRISE



Fotos: Paulo Caciji

Antonio Carlos Monteiro

Aconteceu entre 23 e 27 de setembro o maior evento da América Latina a congregar todos os segmentos da produção musical, a Expomusic. Realizada na Expo Center Norte, em São Paulo, a 15ª edição da Expomusic, também conhecida como Feira da Música, totalizou mais de 190 expositores, abrangendo um espaço físico que a tornou a maior desde sua criação. Neste ano, a Feira contou com a presença dos presidentes de duas das suas principais similares no mundo, Larry Linkin, da NAMM (EUA), e Wiefried Baumback, da MusikMesse (Alemanha).

A Expomusic 98 foi realizada logo após a crise mundial desencadeada pela Rússia e pelos países orientais, cujos reflexos poderiam impactar o segmento da importação e mesmo da produção (já que vários dos componentes utilizados na confecção de instrumentos e equipamentos são importados), mas, mesmo com uma certa cautela, o cenário esperado pelos expositores não era necessariamente de pessimismo. De fato, o evento movimentou cerca de R$ 30 milhões em negócios, dando uma mostra do crescimento de 12% previsto para o setor este ano, que deve ter um faturamento superior a R$ 240 milhões.

Um desses exemplos é a Phil Guitars. Segundo Ricardo Araújo, gerente da empresa, o principal objetivo da Phil "é colocar no mercado um produto bom e com preço acessível". Para popularizar a marca, a Phil Guitars lançou na Expomusic uma guitarra signature Wander Taffo. Devendo chegar ao consumidor final por cerca de US$ 1,000.00, o instrumento sofreu várias alterações, como tarraxas, ponte, captadores e alavanca, sempre sob a supervisão de Wander.

Já a Pride, que representa marcas como Fender, Marshall e Jackson, aproveitou a Feira para lançar mais duas representações de peso, Shure e Korg.

Por sua vez, uma das indústrias nacionais de maior tradição, a Meteoro, aproveitava para colocar no mercado mais dois novos produtos. O primeiro deles é um amplificador para guitarra de 30 watts e falante de 8 polegadas. Outra novidade era a linha automotiva, área na qual a empresa estava dando os primeiros passos. Um carro Tigra, da GM, mostrava o Perfect Sound, caixa selada com amplificador de 1.000 watts que amplifica todo o veículo a um custo muito acessível, cerca de R$ 800,00. Além disso, José Luiz, proprietário da Meteoro, anunciava que a empresa estava passando por uma grande reengenharia, com vistas a reduzir custos e proporcionar maior agilidade.

Outra empresa a mostrar novidades na Expomusic foi a Casio. Leonel Rodrigues, gerente geral da empresa, definia o modelo CDK 811 como a "coqueluche do nosso stand. É um teclado no qual você tem um slot onde pode colocar o disquete para fazer a sua programação, além de trazer como grande vantagem um preço extremamente convidativo em relação ao mercado, de R$ 890 a R$ 990." Como o teclado é um instrumento que fica obsoleto com mais rapidez, a Casio não perde tempo: a cada 1,5 minuto, um novo produto da empresa é lançado no mundo. "Para se ter uma idéia", explica ele, "em meados de setembro, foram apresentados no Japão os modelos da linha do ano 2000".

E se o som era o principal atrativo da Feira, o excesso dele era justamente punido: Fiscais do Som portando decibelímetros ficavam monitorando o volume do som que brotava dos stands, fazendo valer o máximo de 85 decibéis.

Outra empresa que aposta na produção própria é a Octagon, que produz pratos para bateria. Segundo seu proprietário, Fernando Silveira, "o povo já está se conscientizando que essa grife 'importado' já não está significando tanto. Muitos músicos estão usando nossa marca pela sonoridade, qualidade e durabilidade." E uma das principais promoções da Feira aconteceu no stand da Octagon: foi o 1º Concurso Octagon/Odery de Solistas de Bateria. Foram escolhidos dois bateristas por dia, após audições no próprio stand da Octagon, entre quarta-feira e sábado. Os oito finalistas disputaram no domingo os três primeiros lugares, que valiam prêmios como pratos, baquetas e demais artigos voltados para os bateristas.

Sediada numa praça com menos tradição no mercado musical, a empresa capixaba Louwan mais uma vez marcou presença marcante na Expomusic. Andrezza Régis, gerente de marketing, anunciava o principal novo produto representado pela Louwan: os sistemas de áudio Yorkville. Sucesso absoluto na última edição da NAMM, a Yorkville passa a ser representada no Brasil com exclusividade pela Yorkville, empresa canadense de produtos de áudio, utilizados na NAMM, uma das maiores Feiras de Música do mundo. "Conhecemos lá e negociamos representação exclusiva." Além da importação de equipamentos e instrumentos – é também um dos representantes da Yamaha no Brasil – , a Louwan tem em sua rede as lojas Songs, primeira no ramo musical a trabalhar no sistema de franquias, já possuindo diversas filiais no Brasil.

Como a diversificação é uma das características das empresas ágeis e moderna, a Santo Angelo, fabricante de cabos e representante de empresas desse ramo, apresentava na Expomusic novidades para as áreas de manutenção e de iluminação. Na área de conservação, apresentava os produtos da Caig, diluidores da camada de óxido que se forma nos plugs, conectores e demais contatos elétricos. Já no setor de iluminação, a Santo Angelo estava trazendo conectores com 19 pontos para a ligação de refletores, produzidos pela Ceep.

E novidade era o que não faltava no stand da Royal, empresa que representa no Brasil os produtos da Epiphone, Gibson e Zoom, entre outros. O diretor Renê Moura anunciava, entre outros lançamentos, a linha de amplificadores valvulados da Epiphone e as guitarras Epiphone modelos Noel Gallagher e John Lennon. Já na linha Zoom, a grande novidade era o modelo 2100, que traz sampler de 32 segundos e funciona como se fosse um gravador, facilitando muito na hora de estudar e de tirar músicas.

Se importar não anda lá muito fácil nesses tempos bicudos, fabricar é ainda mais complicado. Segundo Paulo Roberto, gerente administrativo da Ciclotron, fabricante de amplificadores, consoles e mixers de alta-tecnologia, "não existia um produto similar nacional de boa qualidade, então criou-se a idéia de que o produto importado era o melhor. Hoje, isso mudou, mas para manter o produto com credibilidade a briga é muito grande. Mas temos demonstrações de que estamos no mesmo nível dos importados."

Por sua vez, Koji Matsubayashi, Diretor-Presidente da Yamaha do Brasil, anunciava o lançamento de uma linha de teclados produzida especialmente para o mercado brasileiro, o B-50 e o B-20. Desenvolvidos no Japão, o instrumentos possuem pré-gravações de ritmos genuinamente brasileiros.

Novidades também no stand da Sonotec, que representa os violões Jasmine e Takamine. A principal delas era o violão com pré-digital, com dois tipos de reverb e dez pads de programação, que você pode regular e guardar – tudo do tamanho do equalizador normal de um violão eletroacústico.

Por sua vez, a Golden Guitars apresentava, em um stand de grandes proporções, sua variadíssima linha de guitarras, com pinturas exclusivas, e toda a série de violões Eagle.

Quem também optou por produzir seus próprios instrumentos foi a Tagima, popular por fabricar uma das principais guitarras brasileiras. Seiji Tagima apontava como grande novidade um amplificador totalmente valvulado com reverb e overdrive de 50 watts. Além disso, anunciava, orgulhoso, que "eu, junto com uma pequena equipe, voltei pessoalmente a construir instrumentos, nos moldes antigos, a ferro e fogo mesmo."

Aquele que foi à Expomusic atrás de novidades com certeza passou um tempão no stand da Washburn. Dentre várias marcas representadas pela empresa, destacavam-se os baixos praticamente artesanais da Fodera – apenas três pessoas trabalham na linha de produção –, os violões Taylor, um dos mais consagrados do mundo, e as guitarras Parker, usadas pelo sujeito que um dia se chamou Prince, que são instrumentos maciços, mas que pesam apenas 4,2 quilos. Mas a principal novidade para os fãs de rock era a guitarra signature Paul Stanley, da Washburn, desenvolvida pelo próprio guitarrista. Com desenho derivado da Explorer, que ele usava, a guitarra Paul Stanley traz, a pedido do próprio Mr. Love, captadores da Seymour Duncan.

E para plugar uma boa guitarra, nada melhor do que um bom amplificador, certo? Era isso que a Sus-Four trazia, já que representa a Rivera, um dos mais consagrados amplificadores do mundo. O lançamento na Feira era a linha Sedona, apropriada tanto para instrumentos acústicos como elétricos e que foi considerada uma das melhores do mundo pela imprensa internacional especializada. Também estava sendo lançada a guitarra Carvin, modelo Alan Holdsworth. O próprio guitarrista desenvolveu-a ao longo de dois anos, chegando a ser produzidos doze protótipos. Até a espessura do braço é padrão – e imutável, já que o contrato com o artista exige isso.

A GR Musical, por sua vez, trazia a linha de produtos da Toca e linha profissional Gibraltar, suportes e estantes para instrumentos.

No stand da Clave a grande novidade eram os

pratos Zildjian da série Konstantinopla, em cuja produção se utilizam técnicas avançadas de martelamento para recriar o timbre dos pratos que eram produzidos na cidade de Constantinopla, no século 19. Já a Remo, fabricante de peles de bateria que também são representadas pela Clave, apresentava a série Renaissance, que tem superfície texturizada e sonoridade refinada, graças ao reforço das freqüências médias. Apostando nos ritmos brasileiros, a RMV estava na Expomusic com sua nova linha completa para o carnaval, abrangendo desde tamborim até um surdo 22". Também se destacava um instrumento híbrido, chamado cavaco-banjo, que tem braço de cavaco com corpo de banjo, próprio para pagode e carnaval. Segundo o gerente comercial Anselmo Rampazzo, a RMV mantém cerca de 200 itens em série de produção.

Um dos pioneiros da Expomusic é a Pianofatura Paulista. Empresa das mais tradicionais na área musical, a Pianofatura representa os pianos Fritz Dobbert e os teclados Kawai. Deste último, estavam sendo apresentados os modelos 550, 750 e 950, que passaram por um teste curioso, conforme conta o diretor José Ribeiro. "Na Alemanha, foram vendados vários concertistas, que em seguida experimentaram diversos teclados. O Kawai foi escolhido como o melhor."

Novidades também na Equipo. O diretor Everton Waldman anunciava as novas representações da empresa, as guitarras Ibanez e as baterias Tama. Já uma das tradicionais marcas representadas pela Equipo, os amplificadores Laney, estavam lançando uma linha híbrida. "Os amplificadores valvulados têm boa qualidade, mas não são acessíveis. Já os transistorizados são baratos, mas não têm qualidade. Então a mistura é o ideal: esse aparelho tem som de valvulado por preço de transistorizado."

A Court era uma das empresas estreantes da Feira. Criada há menos de um ano, trazia a linha Dylan de microfones sem fio, a linha de Audix de microfones vocais, instrumentais e para estúdio e a linha de filtros sonoros da Alpine.

Outra vedete da Feira foi o Projeto Music Hall, uma brilhante idéia de Wanira Salles, que reuniu mais de mil músicos amadores, provenientes de diversas escolas de música do país, que mostraram seu talento para um auditório sempre lotado.

A Vic Firth, distribuída no Brasil pela Musical Izzo, fez uma autêntica festa com sua linha de baquetas da Signature Series, com designs específicos recomendados pelos próprios músicos patrocinados, como João Barone, Charles Gavin, Guto Goffi, Ricardo Confessori, Igor Cavalera, Ivan Busic, Serginho Herval, Rubinho Barsotti, Vera Figueiredo, Téo Lima, Cuca Teixeira, Cristiano Galvão, Joel Jr., Maguinho e Tuto Ferraz.

Uma das presenças mais marcantes da Expomusic era Roberto Weingrill, da Abemúsica – entidade que congrega fabricantes, importadores, lojistas e demais segmentos da área musical –, e um dos pioneiros da Expomusic. Segundo ele, o vulto que tomou a Feira de Música, quinze anos após sua criação, não é surpresa. "A gente espera um pouco maior, ainda", confessa. "Esperamos ainda trazer mais expositores de outros países. Não temos aqui, por exemplo, stands da Inglaterra, nem temos stands diretos dos EUA. A nossa ambição é fazer da Expomusic a maior feira do hemisfério sul, para que a gente possa ver tudo que está sendo feito no mundo. Eu tenho, na verdade, um grande carinho pela Expomusic."

E, como sempre, um dos stands mais concorridos e mais visitados era o da ROCK BRIGADE. Além da já tradicional distribuição de revistas, várias promoções foram realizadas no stand, como os sorteios de uma guitarra Tagima e de um almoço com o pessoal do Angra. E o quinteto protagonizou uma das maiores movimentações da Feira com sua noite de autógrafos, na sexta-feira.

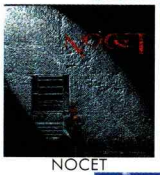
Apesar do momento difícil, em termos econômicos, em que aconteceu a Expomusic 98, o cenário era de otimismo. Tanto fabricantes como importadores e lojistas contabilizavam lucros crescentes na comparação entre 1997 e 1998. E era consenso de que medidas duras que penalizassem esse segmento não teriam a credibilidade necessária enquanto o governo não priorizasse, para combater a crise, a redução de seus próprios gastos e o combate ferrenho à sonegação e ao contrabando.

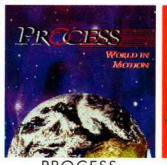
Como nota negativa, apenas a ausência da Brazil Percussion, uma das mais tradicionais importadoras de instrumentos do país, o que deixou de fora da Expomusic 98 marcas consagradas, como, por exemplo, as baterias Pearl. •

MEGAHARD RECORDS

MEGAHARD RECORDS, A MELHOR GRAVADORA ATUAL DO METAL NACIONAL APRESENTA OS SEUS LANÇAMENTOS (MHR 001 A 015), VOLTADOS PARA O PROGRESSIVE METAL, HEAVY MELÓDICO, POWER & DOOM METAL. EM 98 FUNDOU A DIVISÃO P & D SERIES, (P&D 001 a 005), APENAS PARA PRENSAGEM E DISTRIBUIÇÃO DE TRABALHOS FINALIZADOS DE BOA QUALIDADE NA LINHA HARD/METAL, INDEPENDENTE DE ESTILO.

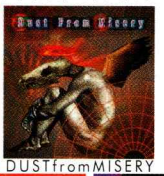
CDs MEGA-HARD JÁ LANÇADOS


NOCET



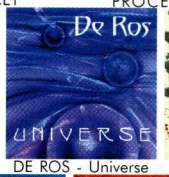
PROCESS

HARPPIA's FLIGHT

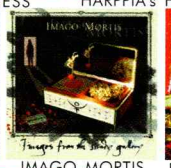


DUSTfromMISERY

CDs MEGA-HARD JÁ LANÇADOS



DE ROS - Universe



IMAGO MORTIS

FATES PROPHECY

SERPENT RISE

CDs MEGA-HARD A SEREMLANÇADOS

MYSTICALWARNING

KARMA

BLACK EYES

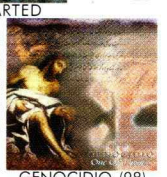
HARD HEARTED

CDs MEGA-HARD A SEREMLANÇADOS

HARPPIA-1o. + 2o.

HADAMMA

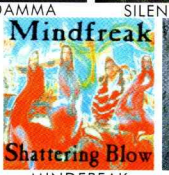
SILENT CRY


GENOCIDIO (98)

CDs P & D SERIES JÁ LANÇADOS

NO REST

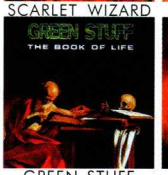
SCARLET WIZARD



MINDFREAK

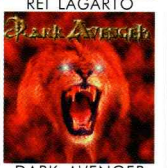
REI LAGARTO

DE ROS - 1o.



GREEN STUFF

HAZOR

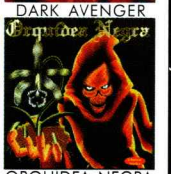


DARK AVENGER

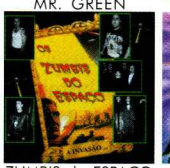
MR. GREEN

POSEIDON

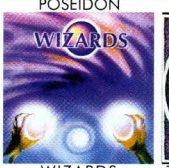
REPLICANTES



ORQUIDEA NEGRA



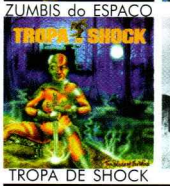
ZUMBIS do ESPACO



WIZARDS

TRIBUTO DORSAL

DORSAL ATLÂNTICA



TROPA DE SHOCK

VIOLENT HATE

CONTATOS P/ SHOWS: 011.5601.3755

Para receber catálogo completo dos CDs nacionais e importados, vídeos e camisetas á venda, favor enviar 4 selos de 1o. porte.

CDS INDEPENDENTES DISTRIBUÍDOS PELA PRW PARA TODO BRASIL E EXTERIOR

PRW DISTRIBUTORS oferece venda em atacado e varejo para todo o Brasil. Para adquirir um CD é muito fácil. Basta depositar o valor de R$ 20,00 para cada CD nacional , já com as despesas de correio registrado inclusas para todo o Brasil. Para mais de 1 CD temos descontos e só nos telefonar ou enviar fax/e-mail. Dados bancários p/ depósito na conta da Progressive Rock Ltda: BRADESCO - Ag. 0498-7 / Conta : 51.328-8 . Visite a nossa loja em Pinheiros, a 10 minutos do centro.

PRW DISTRIBUTORS

PRW DISTRIBUTORS
R. Artur de Azevedo, 760 - Pinheiros
(esquina c/ Henrique Schaumann)
São Paulo /Tel: 011.881.5150
Fax: 852.1454
email:progressive@tecepe.com.br

❑ A G&L está com uma nova série de guitarras no mercado, a ASAT Z3, que traz 3 captadores z-coil. Desenvolvidos por Leo Fender (o "L" de G&L), os z-coils são uma versão atualizada e mais avançada dos humbuckings que equipavam os baixos Precision. Além disso, os modelos ASAT Z3 Semi-Hollow também estão disponíveis em versão eletroacústica, com bocas em "f". A G&L pode informar mais a respeito: 5381 Production Drive, Huntington Beach, CA 92649, USA (EUA).

❑ BPM-250 e BPM-1000 são os mais novos modelos de pré-amplificadores e mixers da Gemini. Com displays digitais que mostram os beats por minuto (ou beats per minute, daí o nome BPM), o aparelho facilita em muito a vida dos DJs, especialmente quando duas faixas estão sendo apresentadas de forma sincronizada. Para saber mais sobre estes e outros lançamentos da Gemini, é só escrever para 8 Germak Drive, Carteret, NJ 07008, USA (EUA).

❑ Future Retro. O nome parece estranho e contraditório, mas é isso mesmo. É assim que se chama a nova série de correias de guitarra da Levy's Leathers. A idéia é dar uma modernizada no visual das correias típicas dos anos 50 e 60, que se caracterizavam por serem bem mais finas do que as atuais. Para entrar em contato com a Levy's Leathers é só escrever para Box 3044, Winnipeg, Manitoba, R3C 4E5 Canadá.

❑ O luthier Michael Tobias criou sua mais nova empresa, a MTD, e já colocou na praça três modelos de contrabaixos: 435, 535 e 635. Com quatro, cinco e seis cordas, respectivamente, todos vêm com escala de 21 casas e possuem design ergonômico, proporcionando maior conforto ao músico, além de estarem disponíveis em diversas cores. Para saber mais, basta escrever no envelope 760 Zena Highwoods Road, Kingston, NY 12401, USA (EUA).

❑ A Rivera Amplification anunciou que estará patrocinando todo o sistema de amplificadores do grupo americano Korn. O sistema já foi exaustivamente usado pela banda na gravação de seu novo disco, *Follow The Leader*. Maiores informações podem ser obtidas no site da empresa: www.rivera.com.

❑ Pense bem: por mais que você ache que é a música que tem que ser bela, e não o resto, uma banda bem arrumada com instrumentos bonitos ajuda muito, não é verdade? Pois foi pensando nisso que a Evans criou a Retro Screen, pele frontal para bumbos ideal para músicos que preferem tocar com o bumbo aberto. Com fins apenas estéticos, a Retro Screen foi desenvolvida em material que não gera ressonância quando a pele de trás é percutida, gerando o mesmo som de um bombo com apenas uma pele. Para saber mais sobre esses e outros produtos da Evans, basta escrever para 595 Smith Street 290, Farmingdale, NY 11735, USA (EUA).

IMMORTAL ART RECORDS
Especializada Em Black, Doom, Death, Power, Gothic, Medieval, Progressive e Heavy Metal.
Cds, Demos, Fanzines, Posters e Eps Importados. Mais De 800 Títulos Disponíveis!
Nos Escreva e Peça o Nosso Catálogo Grátis. Comprove a Qualidade e a Grande Variedade!!!
IMMORTAL ART
CAIXA POSTAL: 251 • CAMPO GRANDE, MS • 79002-970 • BRAZIL
E-MAIL: riot@zaz.com.br

NOVIDADES EM DISCOS

❑ *Talkin' Verve Groovy* (Polygram, nac.) é uma ótima coletânea em que astros do jazz e da soul music revisitam clássicos do Creedence, Stones, James Brown, Otis Redding, Mamas & Papas etc. Tudo em versões instrumentais de altíssimo nível. A mesma Polygram também ataca com *One Night Only*, novo álbum ao vivo dos Bee Gees, com 24 clássicos do conjunto.

❑ A Polygram lança *Ask Anybody*, novo do Swirl 360, com um pop na linha Jesus Jones. O selo também soltou o *Tribute To Depeche Mode*, com Smashing Pumpkins, Dishwalla, Veruca Salt, Deftones, Monster Magnet etc.

❑ Na área dos independentes, dois lançamentos interessantes: o Concreto chega com *A Calma Da Alma*, apresentando um pop com alguma guitarra rockeira, que em determinadas passagens lembra Led Zep. Já o Van Nício chega com *In Any Time*, com um rock voltado para guitarra, na linha Frank Gambale.

❑ Já virou tradição: além de cineasta dos bons, Quentin Tarantino prima por escolher trilhas sonoras especiais para suas obras. *Jackie Brown* (Warner, nac.), trilha do filme homônimo, não é diferente: são treze pérolas da música negra e adjacentes (como a country music), praticamente todas dos anos 70, selecionadas a dedo. Dentre os selecionados figuram Bobby Womack, Brothers Johnson e Johnny Cash.

❑ O veterano músico Ken Hensley, que por muitos anos foi uma das estrelas do Uriah Heep, foi contratado pela St. Louis Music Electronics para gerenciar o departamento administrativo da divisão de exportação da empresa. Fundada em 1922, a S. Louis é responsável pela fabricação dos amplificadores Crate e Ampeg, além dos sistemas de PA Audio Centrom e da importação para o mercado americano de marcas como Alvarez e Yairi.

❑ A fábrica brasileira de baterias Odery Drums colocou na Internet seu site, com todas as informações sobre seus produtos. É só acessar www.odery.com.br.

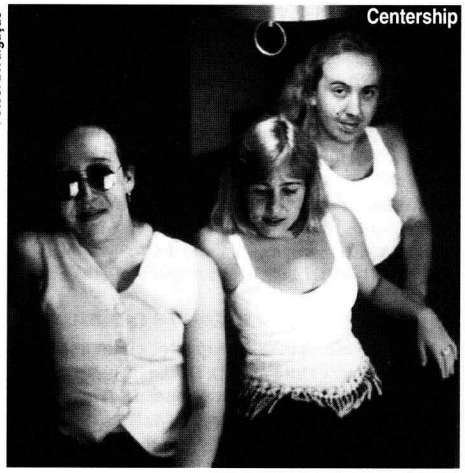
❑ Uma das líderes no mercado de distribuição de filmes no Brasil, a PlayArte, agora entra no mercado fonográfico com a criação das divisões PlayArte Edições Musicais (que vai desenvolver catálogos de vários segmentos musicais) e a PlayArte Music (o selo propriamente dito). O selo ainda está na busca de novos talentos para futuros lançamentos. Maiores informações: playimp@dialdata.com.br.

❑ Atenção, bandas de todo o país: ainda está rolando o I Concurso Rock Demo Web Site, promovido pelo site Rock Demo (www.rockdemo.com), que vai premiar os grupos vencedores com a confecção e hospedagem gratuita de home-pages na Internet. Não precisa ter acesso à rede para concorrer, basta acessar o site da Rock Demo para obter o regulamento do concurso ou mandar seu material (CD ou fita, foto, release, telefone para contato etc.) para Cxa. Postal 253, Brasília/DF, 70359-970. Mas, apresse-se, pois o prazo final para recebimento do material é 31 de outubro.

COMO ENVIAR SUA FITA PARA A SEÇÃO 'DEMO ASSAULT'

- Envie sua fita em embalagem bem protegida, de preferência com envelopes que têm plásticos protetores.
- Não prenda os buraquinhos da demo com fita adesiva. Elas não protegem NADA e atrapalham na hora de abrir.
- Não envie sua fita sem caixinha.
- Identifique a demo colocando pelo menos o nome da banda no encarte (na lateral da caixinha). Obviamente que encartes bem feitos causam melhor impressão.
- Jamais envie fotos em xerox (mesmo colorida). Prefira fotos em preto e branco com um mínimo de qualidade.
- Coloque sempre o endereço/fone de contatos da banda na própria fita.
- Faça um 'release' da banda contando sua história em BREVES palavras. Esqueça detalhes pouco úteis, como ficha pessoal (informando até as comidas preferidas de cada integrante), todos os locais onde a banda já tocou etc.
- O endereço da redação está na pág.6 desta edição. Escreva 'Demo Assault' no envelope.
- Envie material em encomenda registrada para evitar extravios.

Fotos: Divulgação


Centership

CENTERSHIP

A demo *In Grace And In Fear* traz a banda mais madura, mais preocupada com detalhes das composições. A produção, no entanto, continua deixando a desejar, detalhe que acaba prejudicando sensivelmente o resultado final da fita. Algumas partes do vocal, por exemplo, só precisariam de uma boa produção de estúdio para explorarem com sucesso todos os recursos da voz da cantora Luciana Cerávolo. De qualquer modo, o hard rock do Centership é competente e certamente tende a evoluir. Contatos: www.geocities.com/~centership ou R. Prof. Djalma Bento 260, SP/SP, 04678-020. **(FSF)**

UNDER VISION

A banda se diz hardcore e de orientação white. Há dúvidas. Primeiro, quanto à orientação, já que não há letras no encarte da fita e provavelmente nem mesmo o vocalista Marcos entende o que canta. Em segundo lugar, pairam controvérsias sobre o estilo adotado pelo grupo, já que, entre diversas variações melódicas e harmônicas, e apesar do vocal podrão, a coisa se aproxima muito mais do metal do que do hardcore. Mas, de uma certa forma, isso pouco importa. Porque a turma tem criatividade, compõe músicas bem elaboradas e toca legal. Pena que a gravação deixe algo a desejar, principalmente no que se refere às guitarras. E um encarte mais rico de informações também viria a calhar. Contatos: Cxa. Postal 179, Fco. Beltrão/PR, 85601-040. **(ACM)**

DEIMOS

Cada vez que ouço o grupo argentino Deimos em fitas ou mesmo ao vivo, fico mais impressionado. É simplesmente a melhor banda sul-americana de death metal da nova geração! Esse CD-demo foi uma tiragem especial para divulgar a minitour que a banda fez pelo Brasil entre julho e agosto, mas acabou se tornando a prova cabal do alto nível dos caras: excelente gravação, solos incríveis, cozinha precisa e um vocal que não se limita a urrar. Na verdade, o cara vomita as letras (em inglês, ao contrário de 95% dos conjuntos portenhos) com uma potência inacreditável e uma voz absolutamente privilegiada, segura, portentosa. A faixa *Slow Death* é hino, porrada inacreditável beirando o grindcore. Só ouvindo para acreditar! Contatos: Casilla de Correo 122, (1423) Suc. 23 (B), Buenos Aires, Argentina. **(FSF)**

BELL WITCH

Banda portuguesa de thrash que, na época da gravação, contava com uma formação no mínimo curiosa. Além de baixo, guitarra e bateria, dois vocalistas faziam cabo-de-guerra com o microfone: um deles fazia os vocais limpos e o outro respondia pela voz "podrona". O estranhamento continua na ficha técnica, na qual, talvez por falta de idéia melhor, incluem a si próprios no quesito "agradecimentos". No mais, sobra um thrash satisfatório, com arranjos bem pensados (principalmente pelo revezamento de vocais) e melodia passável. Nada que sirva como uma luz no fim do túnel – mas também não é um trem vindo na contramão. Em tempo: o responsável pelo vocal "podrão" já largou a banda, que promete reformular totalmente seu som. Contatos: P.O. Box-8, 8375 S.B. Messines, Portugal. **(ACM)**

SILVER BLADE

A qualidade da produção e da apresentação gráfica desse CD-demo é tão impressionante que chegamos a pensar que se tratava de um álbum. E não bastasse todo esse profissionalismo, o quinteto paranaense ainda pratica um heavy metal épico de altíssimo gabarito. Intitulado *Old And Real Thoughts*, o CD-demo apresenta sete faixas excepcionais, num trabalho que mistura o clima épico do Manowar com duetos de guitarra à Iron Maiden e vocal à Dream Theater. Essa mistura toda foi levada a cabo de forma impecável, precisa, tornando *Old And Real Thoughts*, de longe, a melhor demo do ano. Contatos: R. John F. Kennedy 299, 3º andar, Londrina/PR, 86025-560. **(FSF)**

FALLIN' TIME

O Fallin' Time é uma banda italiana que apresenta um heavy metal com algumas pitadas de progressivo. Apesar de contar com bons músicos, o excesso de variações rítmicas mal resolvidas deixa o som cansativo e com uma enorme falta de feeling. O material gráfico também deixa a desejar. Afinidade com seus respectivos instrumentos a banda tem, agora só falta maior cuidado com a parte melódica para sua salada rítmica tornar-se música. Contatos: Lisco Rha, C.B.Croce 245, 70125 Bari, Itália. **(FNP)**

GOD & THE ZONKED ZOO

Mais uma boa banda que aposta no profissionalismo e lança sua demo em forma de CD. O quarteto conta com ótimos músicos, que trabalham com precisão a construção melódica das músicas, além de contar com um ótimo vocalista. O estilão do conjunto é visivelmente calcado na linha Soundgarden, com belo trampo de guitarras, andamento compassado e solos cativantes. Apesar das quatro faixas serem boas, é *Lack* que mais se destaca com seus riffs cortantes. Contatos: zoo@theweb.com.br. **(FSF)**

IAN

A banda já figurou nesta seção algumas vezes, quando ainda atendia por outros nomes (Pétala e Mr. Jones). O som, porém, não mudou muito, mantendo-se fiel ao rock alternativo, com flertes a um pop visceral e até algumas pitadas de pós-punk. As músicas são interessantes, revelando que o conjunto tem boas idéias musicais. A produção, no entanto, não ajuda muito. O vocal está muito alto e, algumas vezes, sai do tempo da música. No geral, porém, até que o som do Ian é bem interessante. Contatos: (011) 5605-7453. **(FSF)**

SAVANNAH

Os gaúchos do Savannah usam aquelas maquiagens pesadas (e em algumas fotos parecem drag-queens) e os cabelos armados à Tigertailz. As letras só falam de sexo, festa e diversão. Apesar do quadro pouco convidativo, a demo dos caras é muito legal. A banda detona um glam rock que lembra bastante o Kiss da fase *Asylum*, com pitadas de LA Guns e até alguma coisa de Ratt de início de carreira. As músicas têm muita energia, refrães fortes e muito 'punch'. Destaque para *Night After Night*, tão potente que beira o heavy metal. Contatos: R. Lazar Segall 125/103, Porto Alegre/RS, 91060-530. **(FSF)**

BOICOTE

A mistura do hardcore com o hip hop tem gerado tanto excelentes bandas quanto lixos inomináveis. O Boicote não chega a ser da turma dos excelentes, mas pratica um som furioso, agressivo, cantado com raiva e sangue. Está no caminho certo, aparenta consciência de suas limitações e certamente ainda vai gerar trabalhos bem superiores, mesmo que ainda ande muito na cola do Pavilhão 9. Basta um pouco mais de estrada e de experiência de estúdio, mais nada. Contatos: R. Califórnia 480, SP/SP, 04566-060. **(FSF)**

Henceforth

HENCEFORTH

A banda paulistana contava, em seu início, com dois irmãos de integrantes do Angra: o vocalista Daniel Matos, irmão de Andre, e o guitarrista Hugo Mariutti, mano do baixista Luis. E as comparações com o Angra acabaram sendo inevitáveis. Porém, sem muita lógica, já que o Henceforth sempre foi um grupo muito mais voltado para o rock progressivo do que para o heavy metal. Agora com B.J. no lugar de Daniel, a banda volta com a demo *In The Garden*, na qual as influências progressivas são ainda mais evidentes. O predomínio dos teclados, os backing vocals e os timbres de guitarra, entre várias outras evidências, mostram claramente que a melodia e a harmonia prevalecem sobre o peso e a velocidade, lembrando em muito o Marillion dos bons tempos. Bem produzida, bem tocada e bem composta, a música do Henceforth precisa com urgência alçar vôos mais altos. Contatos: R. Brasil Ferreira Martins 142, SP/SP, 04674-060. **(ACM)**

NOCTERNITY

Mais uma excelente demo dessa fantástica banda paulistana de black metal. Puta sonzão consistente, encorpado, com trampo magistral das guitarras e um vocal que lembra um pouco o Dani, do Cradle Of Filth. A banda tem alguns temas vampirescos que remetem ao Bloodcult, enquanto o vocal feminino traz à lembrança o emergente Gloomy Grim,

da Finlândia. A apresentação gráfica do encarte é coisa de Primeiro Mundo, absolutamente impressionante. A gravação é muito boa e os músicos bastante competentes. Em suma, *Cogito Ergo Macto* é uma demo indispensável para headbangers de bom gosto. Contatos: http://members.tripod.com/~nocternity ou Cxa. Postal 11389, SP/SP, 05422-970. **(FSF)**

VÖLLIG HEILIG

Quinteto paranaense que faz questão de deixar bem claro quais são suas preferências: no campo espiritual, é uma banda white. No aspecto musical, desenvolve um heavy que mistura a contento influências tanto do heavy clássico dos anos 80 como das tendências mais recentes, que privilegiam a melodia. Mixado de forma incorreta, o trabalho, mesmo assim, mostra bastante consistência, principalmente pelo vocalista talentoso e pelas guitarras bem timbradas. Nas mãos de um produtor de verdade poderão render muito mais. Em tempo: imagine o trabalho que esses caras devem ter pra fazer as pessoas entenderem o nome da banda... Contatos: Caixa Postal 220, Londrina/PR, 86001-970. **(ACM)**

ERECTOR SPINAL

Oriundo da Holanda, o Erector Spinal delicia-nos com a sua demo de estréia. Quatro temas constituem esta *DopaMinium*, na qual a seção rítmica está simplesmente excelente e a voz agressiva de Michel (por vezes semelhante ao estilo do, por exemplo, Carcass ou Cremetory) é um dos pontos fortes deste trabalho. Produção acima da média, teclados onde devem estar, sem exageros e tocados pela linda Jikke Jasen ,que, por sinal, também canta em dois temas, é uma demo a não se perder. A mistura de partes extremamente melódicas com outros mais rápidas é simplesmente fenomenal. Encarte e gravação profissionais. Sem nenhuma dúvida que iremos ouvir falar deles muito brevemente. Que eu não me chame João Prado se isso não acontecer. Contatos: Nicolas Kneepkens Roesterd 69, 5371 MS Ravenstein, Netherlands (Holanda). **(JPP)**

NEVER SAY DIE

Não é usual colocarmos bandas cover aqui nesta seção. No entanto, o Never Say Die merece que esta regra seja levemente violada. O trio coveriza o grandioso Black Sabbath, mas conta com um diferencial importante: o vocal é feminino. E a moça tem uma voz potente que faz jus às clássicas *Snowblind, Paranoid* e *Sweet Leaf*, que aparecem na fita. O instrumental também está impecável. Agora que já provaram que são bons, bem que eles poderiam investir nas músicas próprias, né? Contatos: (021) 508-6488. **(FSF)**

MADAME NATASHA

Quando a vontade de ser engraçado se junta com uma certa pretensão, temos algo como a frase que abre o release da banda Madame Natasha: "No início, Deus criou o Céu e a Terra; porém a Terra estava sem forma e vazia. Criou os homens e quase os deixou morrer de tédio até criar a banda Madame Natasha, em 1996." Pobre humanidade! Não bastasse o assassinato à língua portuguesa ocorrido nessas poucas linhas, a capinha do CD-demo praticamente ilegível e a gravação matada, o que se ouve é um pretenso punk que muitas vezes mais se aproxima do pop brasileiro que se julgava radical nos anos 80 – a turma de Brasília, principalmente. Atitude é muito mais do que colocar um pouco de distorção numa guitarra que só toca três acordes. Contatos: (011) 5563-0899. **(ACM)**

UNABOMBER

O Unabomber reuniu as músicas de suas duas demotapes nesse CD-demo. Deste modo, dá pra ter uma boa idéia do trabalho da banda. São dez faixas cantadas em português, com elementos bem brasileiros, todas fortes e apimentadas. A gravação é excelente, o encarte e a concepção gráfica são ótimos também. É claro que há algumas falhas, o vocal desafina, alguns instrumentos saem do ritmo e essas coisas típicas em demos. Ainda não está na hora de sair da garagem, mas os elementos explorados pela banda com certeza ajudarão os rapazes a fazer sucesso em terras tupiniquins. Contatos: (021) 796-4393. **(CB)**

YELL VOL.I

A coletânea levada a cabo pelo zine Yell recebe o espirituoso título de *Bauru Isn't Just A Sandwich* e apresenta seis conjuntos do interior de SP. As bandas participantes são: Bonequinho (apesar do nome bobo, é uma boa banda pesada), Crepúsculo (rapcore), Infects Humanity (power metal poderoso), Angry (meio Nirvana), Morbad (tremenda porradaria thrash!) e No Bones (hardcore à Exploited, com toques de metal). Contatos: Yell Zine & Music - R. Pe. Nóbrega 5/45, Bauru/SP, 17060-450. **(FSF)**

TRÉGUA

O grupo não é ruim, afinal, conta com bons músicos, alguns já veteranos do rock paulista. O problema é que essas letras cabeça com roupagem de pop rock açucarado soam mais como MPB travestido de rock. E alguns títulos são pérolas de originalidade: *Nosso Amor, Caminho Solidão, Noite* e *Sonhos*. Se Raul Seixas tivesse gravado essas músicas nos anos 70, já seria datado. Contatos: R. Alexandre Gemente 243, Mairinque/SP, 18120-000. **(FSF)**

CORE

Este CD-demo precede o álbum de estréia dessa banda de Londrina, que já tem cinco anos de carreira. E, se as demos anteriores já foram tão elogiadas aqui e lá fora, esta não foge à regra. São nove faixas de uma tonelada cada, superpesadas e furiosas. Ou, como eles mesmos dizem, letras corrosivas, músicas agressivas e tecnicamente desafiadoras. A banda é bem coesa, com destaque para a bateria avassaladora e o vocal cavernoso, e detona 34 minutos sem descanso. É realmente o produto de uma banda que leva o trabalho a sério e é madura musicalmente. Falar o quê? Os caras são bons mesmo! Têm mais é que dar certo na vida. Contatos: Caixa Postal 2040, 86023-970, Londrina/PR. **(CB)**

VÍTREA

Banda de heavy melódico-progressivo que, como a maioria do gênero, mostra razoável competência musical mas que, de novo como a maioria do gênero, incorre em erros previsíveis. O primeiro deles é que a tecladeira toma conta da cena em todas as suas intervenções, em prejuízo, principalmente, da guitarra. Claro que é uma tentação e tanto botar as teclas para trabalhar, sobretudo pela quantidade quase infinita de recursos que os instrumentos atuais oferecem, mas daí a soterrar a guitarra é quase um sacrilégio. Além disso, o correto vocalista Ílton prefere cantar no limite. O resultado são algumas escorregadas que poderiam ter sido perfeitamente evitadas caso tivesse sido escolhido um tom mais confortável para sua voz. No mais, temos temas bem escritos e bem arranjados, executados por músicos de nível indubitavelmente elevado. Basta se preocupar um pouco mais com os detalhes para alcançar um sucesso natural. Contatos: (021) 390-7934 c/ Ricardo. **(ACM)**

HUMANOS POR ACASO

O grupo potiguar mostra os méritos e os dentes logo nas primeiras faixas. Gravada em CDR, esta demo contém 13 músicas bem distribuídas em cerca de 50 minutos – ou seja, um trabalho pronto para ser lançado oficialmente. A produção também impressiona, já que põe no chinelo muito CD oficial que se ouve por aí. Fica óbvio, também, que estamos tratando de cinco músicos de verdade, que conhecem com profundidade seus ofícios. Porém, o repertório quase põe tudo a perder. Porque, em vez de uma identidade própria, os Humanos Por Acaso preferiram investir numa colcha de retalhos assustadora. Assim, ecoam restos do techno pop brasileiro dos anos 80 (tipo RPM), surgem faixas calcadas naquele pop rock gritado dos Titãs dos últimos tempos, comparecem vocais afetados em boa parte das faixas e sobram algumas guitarras distorcidas e solos virtuosos no meio disso tudo. Ou seja, um típico caso de franco-atiradores. Talvez seja por opção, mesmo. Tudo bem. Comercialmente funciona. Contatos: R. Visconde de Ouro Preto 141, Natal/RN, 59131-360. **(ACM)**

DUSTED

Os rapazes atendem pelos singelos codinomes de Gandhi, Bibão e Pau Preto (!). Disparam uma demotape com o não menos suave nome de *Tribal Violence*. A capinha é tipo meia-sola, na base do xerox colorido, enquanto a produção sonora merece elogios (sábia escolha na hora de gastar a grana). Então, abaixa que vem chumbo! O som do trio é um thrash à la Sepultura, que deve ser tocado alto, muito alto. Guitarra e baixo se misturam numa usina de peso e velocidade, o vocal é gutural, bem colocado e muito seguro, enquanto a batera poderia voar um pouco mais alto no meio de toda essa porradaria. É bem verdade que a cena mundial – e especialmente a brasileira – já está repleta de bandas com essas características. Só que o Dusted tem tudo para se destacar no meio da multidão, porque transmite algo que poucas conseguem: personalidade. Contatos: Caixa Postal 16663, SP/SP, 03197-970. **(ACM)**

ENDLESS

Em sua segunda demo tape, o Endless apresenta um trabalho com produção acima da média. Fazendo um heavy melódico com muita competência, a banda mostra nas três músicas gravadas um bom entrosamento entre seus componentes, com destaque para as guitarras, que cumprem sua parte sem exibicionismo, e para o bom gosto do vocalista Vittor Veiga, que mostra técnica sem tornar-se chato aos ouvidos. Uma ótima pedida para os fãs do estilo. Contatos: (021) 593-7036. **(FNP)**

DAYDREAMING

Você não pode ouvir esse trabalho do Daydreaming com pressa. Tenha calma, sente e relaxe. Esse trio de São Paulo vem com um som calmo, lento, relaxante (ou irritante, para quem gosta de algo mais violento). Em geral, a qualidade sonora da banda é

boa, tudo correto, coeso e coerente, com uma ótima gravação em CD. As músicas são bem trabalhadas, com arranjos bem feitos. Mas o trabalho soa meio artificial, chegando a ser sem graça, e acaba desanimando. O que piora com a percepção de que a banda tem um pezinho (para não dizer os dois) no pop. Contatos: (011) 9997-6914. **(CB)**

ONE BROKEN FINGER

Puta hardcore furioso, pesadaço, sujo, pancadaria na linha M.O.D. E o melhor de tudo é que o conjunto canta em inglês, saindo-se muitíssimo bem nas nove faixas da fita. A produção também é razoável e o encarte bem caprichado, demonstrando que o conjunto tem mentalidade profissional. A melhor faixa é *Ain't No Right*, que poderia facilmente virar um hit hardcore se estivesse devidamente registrada em um CD. Mas isso, certamente, não deve demorar muito, afinal, o conjunto é realmente bom. Contatos: R. Donald Alexandre Kelman 625, São Vicente/SP, 11347-040. **(FSF)**

MAURÍCIO BIANGOLINO

CD-demo totalmente instrumental, trabalho solo de Maurício, que criou e cuidou de guitarras, teclados, programação de bateria eletrônica, engenharia de som e de todas as composições. Além de brincar de fazer tudo sozinho, ele fez o que sabe fazer melhor: tocar guitarra. O moço é virtuoso, tem feeling e não decepciona. As quatro músicas do trabalho possuem influências explícitas de Joe Satriani. Maurício é muito bom, tem técnica e experiência notáveis. Mas não espere algo muito pesado, pois o trabalho possui pouquíssimas calorias, ou seja, é bem light. Ótimo para quem quiser fazer um "regime no ouvido" e relaxar. Contatos: (021) 255-8683. **(CB)**

PROPHETIC AGE

Essa demo já começa bem, de forma interessante, explorando recursos clássicos. Mas não se deixe levar por isso, pois logo depois seus ouvidos serão massacrados por um gothic/doom/death/black pesadão. As duas intros intercaladas devem ser para aliviar a tensão e dar chance ao ouvinte de se recompor para a próxima porrada. A banda entrou de cabeça no estilo de suas músicas e criou um clima sombrio em volta do seu trabalho. Logo na primeira demo, o Prophetic Age apresenta músicas pesadas, sombrias, letras falando de caos, violência e fim de milênio, vocal incompreensível, cozinha podre, guitarras distorcidas. Além das boas músicas, executadas com muita competência, a banda tem muita harmonia entre os membros e por isso funciona bem. O Prophetic Age acertou de primeira e está no caminho certo. Sigam em frente e dobrem a próxima esquina que ainda vão dar pano pra manga. Contatos: Cxa. Postal 060, Mauá/SP, 09301-970. **(CB)**

FREAK

É outro mundo quando se recebe um CD ao invés de uma fita. A qualidade da gravação melhora 110% e fica mais fácil perceber as qualidades, e os defeitos, das bandas. O Freak apresenta um metal mineiro caprichado, com boa gravação, capa bonita e encarte bem feito. A guitarra de Guilherme é de muito bom gosto, mas o vocal deixa um pouco a desejar. Talvez um pouco mais de harmonia entre os músicos ajudasse. O caso é que a coisa toda descamba por não ser original, então, soa repetitiva e acaba até enjoando. Precisam trabalhar mais a coesão e a personalidade da banda. Contatos: (031) 993-0220. **(CB)**

PATOLINOS

Hard rap core cantado em português por um quarteto de Ponta Grossa. Neste segundo trabalho da banda, os Patolinos optaram pela gravação em CD em vez de fita, para mostrar um som bem animado e correto, mas que não é muito criativo e deixa a desejar no quesito originalidade. Sem contar que o baterista "martela" seu instrumento sem piedade (da batera e dos ouvidos alheios). Em compensação, a guitarra de Paulo é muito boa, sem dúvida a melhor parte do trabalho. A banda é muito nova e precisa trabalhar mais antes de pensar em deixar a garagem. Mas eles são bem animados e podem vir a agradar aos fãs do estilo. Contatos: (042) 224-8313. **(CB)**

DREADNOX

Esse quinteto carioca não quer saber de relaxo. Ou vai ou racha. Afinal, eles bancaram essa produção independente com recursos próprios. E o resultado ficou muito bom. A arte da capa é belíssima, o encarte caprichado, tudo em cima. Prova que estão levando o trabalho a sério e apostando no futuro. São 12 faixas bem trabalhadas de um heavy metal melodioso, gostoso de se ouvir. Destaque para a lenta e bela *Time Alone Will Tell*. As músicas são bem interessantes, com saídas inteligentes e com uma parte instrumental ótima. Contatos: (021) 572-5492. **(CB)**

LANDSCAPES

Apesar de contar com um time de feras, o Landscapes pisa na bola em alguns quesitos importantes, que o impedem de atingir um melhor resultado em sua terceira demo-tape. O vocalista Renato Mano exagera em uma performance afetada, seu timbre chega a castigar os ouvidos. As guitarras disparam milhares de notas em solos chatos, que deixam a melodia de lado, para dar lugar a um exibicionismo totalmente dispensável. Resta registrar a boa atuação do baterista Henrique Mello, que desperdiça boas idéias num som que não vai a lugar algum. Se nas próximas gravações a banda conscientizar-se de que música não é feita apenas de "gritinhos" e de milhares de notas, o seu heavy metal começará a progredir. Contatos: R. Bartolomeu de Faria 430, SP/SP, 02730-050 SP. **(FNP)**

REVERENCE

Para facilitar a identificação, a demo já vem rotulada: atmospheric black metal. O climão épico dos teclados de Blasphemator é realmente interessante e assustador, como convém ao gênero. Mas é só o que o Reverence tem a oferecer, pois a banda – que, na verdade, é uma dupla – não conta com outro instrumento e a participação vocal de Asmodeus, que parece cantar do mesmo jeito que vomita, põe tudo a perder. Contatos: R. Municipal 746, Catanduva/SP, 15800-000. **(LCS)**

NAVELOUCA

Primeiro lugar em festival de colégio não chega a ser item indispensável no currículo de uma banda de rock, até porque, via de regra, os músicos que trabalham uma sonoridade mais pesada são preteridos pelos jurados em prol de algo mais light, de preferência com letras "cabeça" e que flerte com a MPB. Infelizmente, esse tipo de som deu ao Navelouca o título de um festival de sua cidade-natal. Só que as duas faixas apresentadas nesta demo primam por bons arranjos e os músicos levam jeito pra coisa. Só falta deixar vir à tona as influências alegadas no release – Sabbath, Purple, Zeppelin, Doors e Gamma Ray – pra coisa pegar fogo! Contatos: R. Prof. Orlando França de Carvalho 811, Bebedouro/SP, 14700-000. **(LCS)**

ÖHRB

Apenas duas faixas, *Regretful Or Dead* e *Defy Your Fright*, mas já é o suficiente pra sabermos que há aí uma grande banda. Death/thrash extremo, agressivo, alternando momentos velozes, quebras de ritmo e variações só possíveis para quem domina o riscado. O nome esquisito pode não ser muito fácil de vender, mas a qualidade desses brasilienses faz por merecer uma divulgação maior do seu trabalho. Contatos: QE 26, Conjunto N, Casa 20, Guará, Brasília/DF, 71060-141. **(LCS)**

M-26

Apesar da caprichada apresentação gráfica do encarte, a produção da demo *Outubro* é tão ruim que você nunca sabe se tem alguém cantando ou se a faixa é só instrumental. Vez por outra dá para ouvir uns berros ao fundo, mas está tudo tão embolado que a gente nunca tem certeza se era alguém, digamos, cantando. O instrumental é bem legal, pesado, riffs black metal dignos dos baluartes do estilo. Já o vocal, bem, não dá nem pra ter certeza se há de fato um vocal na gravação. Contatos: R. Santa Cruz 1178, Pelotas/RS, 96015-710. **(FSF)**

THE LITTLE CATS

A falta de originalidade na escolha do nome é a coisa menos ruim. A audição da fita dá a impressão que os três integrantes se conheceram no dia da gravação, tomaram uns gorós e saíram cada qual tocando o que lhe desse na telha. O vocalista, por sua vez, foi improvisando letras a esmo e saíram coisas como *Sou Feio* e *Ela Cortou Meu Bráulio*. Ruim? Ainda precisam evoluir muito pra chegar a esse estágio! Contatos: Av. Joaquim Rodrigues Rocha 1128-A/103, 33145-200, Sta.Luzia/MG. **(LCS)**

CRUCIFIER

Depois da excelente demo de estréia, *Fuck The Army*, o Crucifier volta ainda mais maduro e empolgante nessa irrepreensível *In Vain*. O estilo em pouco ou nada mudou: continua sendo basicamente hardcore – furioso, energético e extremamente coeso –, mas com cacoetes metálicos que emprestam a ele identidade e personalidade. Assim, os riffs são simples, os vocais agressivos e a cozinha correta, sem floreios. Só que a banda detona todos esses elementos de forma incrivelmente pesada e direta – residindo aí a parte metal do seu som. Os mais desavisados possivelmente estão se perguntando: "Pô, mas por que esse cara não diz logo que é crossover?" Porque não soa como as bandas habituais de crossover, é um lance muito mais pessoal, como se pode conferir nas ótimas *Pain Of Misery, Powder* e *Farsa Universal*. As letras continuam também bastante interessantes e o Crucifier dá mostras de que já merece um lugar de destaque no cenário da música pesada brasileira.Contatos: R. Visconde de Cairu 206, Santos/SP, 11075-701. **(RF)**

ROYAL STRAIGHT FLUSH

Quando talento e profissionalismo se unem, fica difícil economizar elogios. E o conjunto mineiro acertou a mão adicionando à sua base rock'n'roll um contagiante swing funk/rap, sem abrir mão da cozinha pesada e precisa. Letras engajadas, mas consistentes, em português, gravação excelente e produção gráfica acima da média valorizam ainda mais esse trabalho. Contatos: R. Brumadinho 42/02, Prado, BH/MG, 30410-120. **(LCS)**

COMO PARTICIPAR DESTA SEÇÃO

A 'Headbanger Voice' é uma seção gratuita. O número de cartas é muito grande, por isso, para participar desta seção, por favor, siga essas instruções:

- Coloque no envelope de sua carta "Rock Brigade/Headbanger Voice" (o endereço está na pág.6 desta edição) e **especifique para qual parte da seção ela se destina** ("Escreveram", "Correio" etc.). Na parte de "Bandas", especifique se é "Vendendo o Peixe" etc. Na de "Publicações", só colocamos o endereço de quem enviar uma cópia de sua publicação (zine, jornal, revista etc.). Na de "Fã-Clubes", só serão citados os informativos (quando houver) que forem enviados à redação.
- **Envie textos curtos** (média de 30 palavras) e nome/endereço **legíveis** (datiografado ou com letra de forma). **Cartas com endereços ilegíveis não serão publicadas.**
- **Não publicamos mensagens enviadas por fax, e-mail ou telefone.** Só serão aceitas as enviadas por carta. Também **não temos condições de responder aos e-mails enviados pra redação, pois a quantidade é gigantesca.** Pedimos desculpas e agradecemos as mensagens enviadas.
- Por causa do caráter gratuito desta seção, não publicamos anúncios de pessoas jurídicas, apenas de pessoas físicas (exceções óbvias: bandas, FCs, zines e programas de rádio).

CONCURSOS

PROMOÇÃO "SONY MUSIC/PEARL JAM" (PUBLICADA NA RB#142) ■ GANHOU UM PROCESSADOR DE SOM DOD TEC-4: Tatiana Aline de Oliveira (SP/SP). **GANHARAM UM CD *YIELD*:** Almir Júnior (RJ/RJ), Aparecido Antônio dos Santos (Bataiporã/MS), Assielmo Viana (Aracaju/SE), Cláudio de Oliveira P. Neto (Recife/PE), Creiton T. de O. Porto (Pilares/RJ), Cristiana Roberta Munhoz (SP/SP), Douglas C. L. Taveiros (SP/SP), Dryko Blackened (São Bento do Sul/SC), Ednaldo Francisco Trazza (Campinas/SP), Edson Miguel da Silva (Assis/SP), Eduardo S. Luiz (SP/SP), Edvaldo José Batista (SP/SP), Erick Bianchini Garcia (SP/SP), Erika Tolentino Leal (Jaguariúna/SP), Fábio G. Ravazio (Encantado/RS), Flávio Pires Molina (São José dos Campos/SP), Frederico Rodrigues de Lima Filho (Cordisburgo/MG), Gilmar Cruz Silva (SP/SP), Hélcio Baima da Silva (São Luís/MA), Ivo Gomes Soares (RJ/RJ), Jairo Mateus Júnior (São Bernardo do Campo/SP), João Paulo Ribeiro de Carvalho (Conceição do Jacuípe/BA), Juarez Millano Lázaro (Campinas/SP), Juliano da Silva de Souza (RJ/RJ), Juliano Parreira Atanazio (SP/SP), Júlio César Costa (Ouro Preto/MG), Leonardo Martins (Campos/RJ), Luis Fernando Penteado (SP/SP), Luiz Fernando de Souza (São Lourenço/MG), Marcelo Ribeiro Conceição (Santos/SP), Marcelo Stênio Sales (São Luís/MA), Marcio Assis (São Mateus/ES), Marco A. G. da Cunha (Campina Grande/PB), Marco Antonio (Campina Grande/PB), Marcus Vinícius de Aragão Batista (Aracaju/SE), Marta Caetano de Lima (SP/SP), Maurício Ueno (Campinas/SP), Michel Dergam (Livramento/RS), Moyses Francisco Queiroz Januário (Marília/SP), Nilton Freitas de Assis (SP/SP), Nivaldo Delfim de Oliveira (Santos/SP), Patrícia Giselle de Araújo e Silva (Salvador/BA), Paulo Marques da Cruz (Sumaré/SP), Phablo Marcelle Alves (Santa Helena de Goiás/GO), Renato Oguma (SP/SP), Rodrigo Barbosa Tavares (Vista Alegre/RJ), Rosicleide de Jesus Baia Correa (Cametá/PA), Sandra Suely Probst (Blumenau/SC), Sandro Luiz de Abreu Ribeiro (RJ/RJ) e Silvio Verly Silva (Nova Friburgo/RJ).

PROMOÇÃO "SOULFLY" (PUBLICADA NA RB#144) ■ GANHARAM UM KIT DO SOULFLY (CD, CAMISETA, POSTER E BOLA DE FUTEBOL): Alexandre Gava (Sorocaba/SP), Anderson Oliveira de Souza (Curitiba/PR), Antonio Marcos da Silva Ferreira (Belém/PA), Carlos Eduardo Santos Rocco (SP/SP), Cátia Maria S. Nascimento (Salvador/BA), Cíntia Aparecida da Silva Aguiar (SP/SP), Cláudio Fernando (Belo Horizonte/MG), Cleid C. de Souza (Diadema/SP), Cristiano Afonso Gomes (Muniz Freire/ES), Edgar Barbosa da Silva (Itaquaquecetuba/SP), Jairo Júnior (Belém/PA), Leonardo Péricles N. da Silva (João Pessoa/PB), Reginaldo Almeida Ribeiro (Santo André/SP), Sandro Lopes (Sorocaba/SP) e Verônica Oliveira Santos (SP/SP).

PROMOÇÃO "SLAYER" (PUBLICADA NA RB#144) ■ GANHOU UMA GUITARRA JACKSON: Rogério Herculano de Souza (SP/SP). **GANHARAM UM CD *DIABOLUS IN MUSICA*:** Alex Pinto Macieira (Carapicuíba/SP), Alexsandro Rossimartin dos Santos (Sete Lagoas/MG), Ana Paula Andrade (Brasília/DF), Antônio Carlos da Silveira (Ijuí/RS), Antonio Firakawa Jr. (SP/SP), Bruno Zabot Belz (Florianópolis/SC), Claudio Santos Costa (Ilhéus/BA), Claudiner Pereira de Oliveira (Brasília/DF), Cristiano E. Luna (Barueri/SP), Daniel Costa da Rocha (Porto Alegre/RS), Dalila Medeiros Barbosa (Abadia dos Dourados/MG), Diego Feijó Cabral Silva (Curitiba/PR), Douglas Moreira dos Santos (SP/SP), Dryko Nogueira (São Bento do Sul/SC), Éder da Silva Teixeira (Três Fronteiras/SP), Edileuza Babiruski (SP/SP), Edson Andreoti (SP/SP), Edson Soares Raposo (SP/SP), Emerson Luvisotto (Santo André/SP), Felipe Augusto Rosa Miquelini (SP/SP), Fernando Cesar Kovaltchuk (Curitiba/PR), Flávia F. Marcondes dos Reis (RJ/RJ), Franceilma F. Alencar (SP/SP), João Carlos Mendel (Novo Hamburgo/RS), João Francisco Prando (Santa Bárbara D'Oeste/SP), Joaquim Luis de Souza Alves Oliveira (Caraguatatuba/SP), Joel Fernandes da Silva (RJ/RJ), Jonathan Medina Furuyama (Suzano/SP), José Cláudio (Ituiutaba/MG), Jorge Antunes A. Silva Jr. (Cruzeiro/SP), Luana de Souza Tomaz (RJ/RJ), Luciano Martins Bezerra (SP/SP), Luís Cláudio F. Olivar (Angra dos Reis/RJ), Luísa Sá Barreto Pimentel (RJ/RJ), Maciel Dias Braga (Piracanjuba/GO), Marco Antonio Menezes Colella (SP/SP), Milena Mendonça Alvisi (Poços de Caldas/MG), Milton de Souza (Porto Alegre/RS), Maurício Ueno (Campinas/SP), Morivan Farias de Brito (Guarujá/SP), Nilson Almeida Tiradentes Júnior (Juiz de Fora/MG), Pedro Luís Rocha Matta (RJ/RJ), Rafael Bertolini de Paiva (Passo Fundo/RS), Rafael Suzano N. Soares (RJ/RJ), Rômulo Augusto X. F. de Souza (Moji das Cruzes/SP), Rossano Santos Noronha (Osório/RS), Sérgio Roberto B. Corrêa (SP/SP), Samara Z. P. (Itajaí/SC), Suely A. de Almeida (Salvador/BA) e Zulmiriana Camila de Oliveira (Contagem/MG).

PROMOÇÃO "IMAGO MORTIS" (PUBLICADA NA RB#145) ■ GANHARAM UM KIT DO IMAGO MORTIS (CAMISETA, POSTER E CD): Daniela M. Roque F. Pastorelli (Ubatuba/SP), Domingos Sávio Fidelis (Parnamirim/RN), Eduardo Passamani Galvão (Vitória/ES), Edvaldo José Batista (SP/SP), Fabiano Félix Barbosa (SP/SP), Flaubert Mesquita de Oliveira (Natal/RN), Isaque de Oliveira R. (Serafina Correa/RS), Ísis Calió (SP/SP), J. Geraldo Gomes de Souza (SP/SP), Leandro P. Dominguês (Registro/SP), Marcelo Mesquita (Nova Odessa/SP), Murilo Ribeiro (Cruzeiro Velho/DF), Natasha de Laslio (Petrópolis/RJ), Nilton Freitas de Assis (SP/SP), Reginaldo Almeida Ribeiro (Santo André/SP), Ricardo Vidal Rosa (Cruzeiro/SP), Roberta Trancolin (Assis/SP), Rodrigo Corrêa Pacheco (Imbituba/SC), Simone R. da Silva (SP/SP) e Wagner de Oliveira C. da Cunha (RJ/RJ).

INTERNACIONAL

PUBLICAÇÕES Fanzine Metalica #26 (c/ Skullview, Cruel Adiccion, Deimos, Sarcoma, Morthal, seção para discos/demos/zines/shows - 32 págs/editoração em computador/off-set/formato médio/em espanhol) ■ Paraguay 1335, 3º "4", (1057) Capital Federal, Argentina.

FÃ-CLUBES Angrabangers In Japan (Angra Japanese fan-club with X.P.T.O. Fanzine - #2 and 3 out now) ■ 640-8 Yamada Kawagoe, Saitama 350-0822, Japan (Japão).

ESCREVERAM...

Rogério Maia (Juiz de Fora/MG) xinga o leitor Rodrigo Alves [RB#144] e diz que Nirvana, Pearl Jam e Guns N'Roses "são autênticas bandas de rock, não são modismo e não são como essas merdas do tipo Bon Jovi e Skid Row, que só serviram pra lançar dois posers metidos a sex-symbols" ■ Renato Antonio da Silva (São José dos Campos/SP) diz que é fanático pelo heavy metal e manda pro inferno "todos que curtem thrash, doom, death e black." Ele ainda frita o Marilyn Manson ■ Fábio Harris (SP/SP), em longa carta, diz que a seção de cartas da RB está um lixo graças "à Meiuskas, o Hélio Miranda, o Necrobengão e agora esse novo clubber imbecil, o Renzo." Ele sugere aos bangers que parem de responder a essas pessoas. Fábio também dá um fritada no Max: "Pô, o cara é um ex-banger, tem uma banda que não é metal (é lixo industrial) e vem xingar os verdadeiros heavies, como Angra e Helloween [RB#145]. Quem arruinou o metal foi ele com esse *Roots* e agora essa bosta de Soulfly" ■ Max e o Soulfly também são as vítimas de Manoel Nelson Gomes Mota (Juazeiro do Norte/CE): "Naquela entrevista com o Soulfly, o RF foi do cacete. Você foi na ferida do Max, deixando-o com mais ódio do que ele já tava. Desmascarou ele numa boa." Ah, Manoel, todas as suas sugestões estão anotadas ■ Tem mais Max, pois Marciano Dinamo (Ponta Grossa/PR) manda firme: "Escrevo para falar de um cara que há alguns se achava o satânico, mas se aparecesse o demônio em sua frente era o primeiro a rezar o pai-nosso. Sim, estou falando do poser Max Escavadera, que quer meter o pau em bandas como Helloween e Angra, as quais admiro. De tão fracassado que é esse Max, foi chutado do Sepultura, onde ganhava em cima dos outros componentes. Angra e Helloween mostram o principal dentro de uma música, a harmonia, coisa que esse tal de Max não acha nem no dicionário" ■ Rola mais nas palavras de Lúcio Rocha (SP/SP): "Não sei o que esse Max Timbalera tem, não sei se usa drogas, se tem um rei na barriga ou se sofre de acefalia. A verdade é que ele fala merda por esporte. Se bandas como o Helloween arruinaram o metal, como ele disse, o que falar das bandas que ele gosta? Vejamos: Soulfly (bandinha de axé music com visual poser de seguidor do Bob Marley), Nação Zumbi (sem comentários), Korn e Machine Head (bandinhas horrorosas que, chamadas de thrash metal hoje, desonram uma das mais importantes subdivisões do metal. Depois dessa, já dá pra imaginar qual será a próxima bosta que ele vai falar. Ele vai dizer que o metal morreu e que o futuro da música é o techno com timbalada (a mistura letal), tudo isso baseado em merdas como EUA, MTV, rádios false-rock e publicações decadentes (Kerrang)" ■ Não acabou, pois Rogério Kiske (Carapicuíba/SP) igualmente quer destroçar o Max: "Primeiro, quero que ele saiba que eu era um puta fã dele e me orgulhava do cara por ter aberto as portas do Brasil para o metal. Mas esse macumbeiro disse que o Helloween e o Angra aruinaram o metal. Só que o metal não foi arruinado e nunca será arruinado. O Max é um puta idiota, não enxerga o tipo de som que está fazendo. Quer dizer, som o caralho, pois aquilo pra mim não é som e nunca vai ser metal. Prefiro ouvir Latino do que Soulfly. É Max, depois dessa pode se aposentar e viver de macumba. O Helloween continua sendo a maior banda de metal e nunca vai nos decepcionar como o Soulfly, a vergonha do cenário metal do Brasil. Max, não se esqueça que foram os 'bostas dos heavy metals' (como você diz) que fizeram você ser o que é hoje" ■ Ramon Fiuza (Fortaleza/CE) contribui com suas palavras: "O que esse Max falou sobre o Helloween e o Angra não faz o menor sentido. Tudo bem se ele não aprecia o material dos caras, mas dizer que essas bandas em nada contribuíram para o metal? Isso é uma demonstração de ignorância em estado bruto. O Helloween pode ser merecidamente chamado de pai do metal melódico e o Angra tem servido de exemplo a diversos grupos nacionais, estimulando-os a agir de um modo mais profissional. Pelas declarações que tenho lido, estou chegando à conclusão de que o imprudente timbaleiro precisa detonar bandas de estilos que ele não entende para conseguir um lugar ao sol" ■ Mais na missiva de Alan Carvalho (Poços de Caldas/MG): "Quem o Max pensa que é falando que Helloween e Angra são umas bostas? Foi ele que traiu o metal! Aquele terreiro de macumba que ele chama de Soulfly é uma merda" ■ Pedro Francisco dos Santos Neto (Salvador/BA) revolta-se com o fato de o Slayer ter sido definido como banda de hard rock em anúncio veiculado na RB#144 ■ Naldo O. Barbosa (Itaboraí/RJ), Diego da Silva Baldraco (RJ/RJ) e Anderson Demaio Harris (Bauru/SP) enviaram cartas estraçalhando o leitor Daniel P. Cardia [RB#144], mas o próprio Daniel já entrou em contato com a redação garantindo que não enviou a carta. Portanto, ele foi vítima de uma brincadeira péssimo gosto ■ Guilherme Abreu (Teofilândia/BA) reclama do que ele chama de "agressões desnecessárias entre pessoas de gostos musicais diferentes" ■ Fabrício U. Blazius (Tubarão/SC) defende o fim da seção 'Correio', cujo espaço seria utilizado pela publicação de mais matérias. Leitores, escrevam mandando sua opinião sobre isso ■ Como seria de se esperar, temos a seção Meiuskas (todas as cartas foram editadas por causa do pouco espaço disponível). Jorge A. de Oliviera Pinto (Lavras/MG): "Há alguns anos, li a respeito de um cientista racista que queria comprovar a superioridade racial da etnia branca anglo-saxã sobre a etnia negra. Não conseguiu provar, forjou provas que não convenceram a comunidade científica e caiu em descrédito. O assunto Meiuskas me faz lembrar do dito cientista. Ela nutre preconceito contra o heavy metal e, embora não admita o fato, uma forma de não admitir é tentar justificar sua opinião tentando convencer a todos que ela está certa com uma metodologia discutível. No momento, a Meiuskas quer que todos a agridam verbalmente porque para ela isso já é uma prova de que está certa. Então, é melhor não perder mais tempo com isso. Acreditar que perturbação mental acontece em função de um gênero musical é simplório demais" ■ Marco Antonio Ricardo de Oliveira (RJ/RJ): "Ler a carta dessa Meiuskas sem conhecimento de sua profissão dá a nítida impressão de que se trata de uma adolescentezinha ignorante e burra, pois suas considerações são ridículas. Se você gosta de Mestre Embrulho e Vagem Limão, bom pra você! Essa coisa que alguns grupos que ainda estão na ativa os tornam inaptos para outras coisas é boçal, pois se fosse verdadeiro valeria para todas as profissões E que engraçado! O prof. Alexandre apresenta argumentos inteligentes e você foge da reta falando sobre o playboy Necrobobalhão. Suas palavras sobre o black me fazem pensar que você é a mulher do Edir Macedo: que casal perfeito! Não use o precioso espaço da RB para falar inutilidades, nazi-fascista" ■ Reinaldo (Esmeraldas/MG): "Cara prof. Meiuskas, como tem passado? Sou estudante de filosofia e fiquei interessado em seu caso. Além de uma profunda falta do que fazer, acredito que você deva estar com uma patologia muito conhecida, que acomete principalmente mulheres azedas: 'abstinência sexual prolongada', também conhecida popularmente como 'secura aguda', geralmente causada pela falta de procura por parte de indivíduos do sexo masculino. Essa sua atitude ridícula de se infiltrar em nosso meio para nos ofender denota uma insofismável falta de caráter, inteligência, respeito e elegância. E desesperada está você, que deve ser uma mulher solitária, frustrada, carente e inútil, agindo de forma vexatória apenas para preencher um vazio enorme na sua vidinha medíocre. Por que você quer vir para o nosso lado? Será que nos acha bonitos, inteligentes, fascinantes e morre de inveja? Ou será que foi rejeitada pelos peões, pagodeiras, funkeiros e está é com vontade de trepar com bangers e tem vergonha de assumir isso e quer criar polêmica para chamar a atenção? Quanto aos pseudônimos, temos plena liberdade para usar qualquer um que nos convier, pois não tivemos o privilégio de sermos batizados com um 'nome falso' como você, pois se Meiuskas for nome, sua avó é uma bicicleta. Sinto muito pela sua graça (ou será desgraça?), mas concordo com você, pois a Aline e o D.M. Diamond são mesmo covardes e deveriam se inspirar em exemplos como você: tem que ter muita coragem para assumir um nome como Meiuskas. Você citou Burzum, Mayhem e Darkthrone, mas sabe do que eles estão falando ou andou lendo uma revistinha vagabunda que contou essa história? O black norueguês é muito mais sério do que você pode imaginar e as 'autoridades brasileiras' estão é passando fome e espancando bêbados, velhos e trabalhadores. Aliás, Meiuskas (há, há, há), vamos falar desse seu ufanismo? Pra começar esse seu nome não é brasileiro. De onde você descende? Da região de Precheken? Ou das pradarias da Xavásquia, vizinhas ao Xibiw? Nosso caso é musical e música não tem fronteiras. Outra coisa, sua tentativa de provocação quanto aos festivais, além de não ofender (temos show direto), fez você parecer uma criancinha pentelha, que fica dizendo aos coleguinhas: 'Eu tenho, você não tem!' Vá criar vergonha! Fest Valda é um evento cultural, portanto, deve ser respeitado, mas, convenhamos, é uma experiência intelectual tão estimulante quanto passar a tarde toda assisitndo a programas como 'Note e Anote', 'Cozinha Maravilhosa da Ofélia' e 'Silvia Poppovic'. Quanto ao Necrobengão, se ele tem problemas ou não, isso não é da sua conta, mas o fato de você ter escrito pra ele só vem a confirmar minha teoria de que você está solitária e procurando amizades. Atrocidades são a bomba atômica, a fome, a violência policial, a miséria, a exploração religiosa, a exploração sexual de crianças, a situação política, a crise dos bangers no Egito, a falência da saúde, o desemprego, a falta de coragem do povo, a ignorância, a falta de amizade e todos os frutos da pútrida sociedade que você representa. Assuma que está morrendo de vontade de conhecer melhor o metal ou vá para um pagodão tentar achar um urubu superdotado e fedorento que desentupa sua 'meiuska', OK" O Reinaldo ainda manda uma mensagem ao Necrobengão: "Se você for incendiar a casa dela, eu banco a gasolina, pois infelizmente não poderei estar presente" ■ Ubiratan Souza Cruz (Jacareí/SP): "Ao responder-me, a Meiuskas disse que não citei os nomes das bandas. Não citei mesmo, já que ela deve conhecê-las muito bem, uma vez que lê a RB para poder comprovar sua 'tese'. Mas já que ela quer, aí vaí: [segue enorme lista de bandas]. Quanto ao que a mesma disse sobre os músicos que estão na ativa há muito tempo não saberem fazer outra coisa, só posso lamentar tal ponto de vista. Por acaso, quem exerce a mesma profissão durante muito tempo é menos digno de quem exerce ou exerceu várias profissões? É indigno um artista viver de sua arte, seja ele Ritchie Blackmore ou Mestre Ambrósio? Quanto ao black metal, não defendo nenhuma forma de violência, mas se o cara quer ser satanista, o problema é dele. E em relação a ela ter dito que o estilo se trata de antimúsica, mais uma vez só posso lamentar seu preconceituoso ponto de vista. Não quero que ninguém goste de

metal só porque eu gosto, mas cada um tem suas preferências e elas devem ser respeitadas. E se ela acha que o estilo ofende os princípios religiosos do Cristianismo, saiba ela que a figura de Satã bem como o local que ele governa, o Inferno, não passam de uma ficção criada pela própria Igreja para poder manter sob seu pesado jugo os pobres de espírito. Foram os que não eram pobres de espírito que acabaram nas garras da Inquisição. Hoje, os tais satanistas estão combatendo a Igreja com a ilusão que ela mesma criou. Mas ridículo mesmo é a 'filósofa' querer cobrar uma posição das autoridades quanto a 'nefasta influência' do metal sobre os jovens. Se ela quer cobrar alguma coisa de últil, cobre das mesmas que acabem com a fome, com a injustiça social ou a edução. Se bem que isso implicaria na demissão de, digamos assim, alguns profissionais não muito qualificados" ■ Cristiano de O. Gomes (RJ/RJ) : "1) Ela disse que a defesa do metal foi feita por fanáticos. Sugiro que ela mande uma carta antipagode para uma revista especializada em pagode. As reações serão as mesmas; 2) Questionou o caráter de usuários de pseudônimos. Grande coisa! Os participantes da seção dificilmente se conhecerão pessoalmente. Acho bom a Meiuskas não utilizar a Internet, já que não gosta de apelidos; 3) Manowar etc. são sexistas, concordo. Mas não foi o respeitável sr. Mário Lago (ator ancião da Globo) que escreveu aquele tradicional samba (ritmo brasileiro) *Amélia*? Morda a língua, dona Célia; 4) Se músicos do metal fazem a mesma coisa há 15, 20 ou 30 anos e não morrem de fome é porque fazem bem; 5) Por que Meiuskas se baseia no Necrobundão para falar de bangers equilibrados? Ele é um doido que só quer aparecer. Realmente existe metal que fala do diabo, o que se deve ao fato de o rock pesado ser um dos estilos mais rebeldes que há. E se heavy é vetor de satanismo e má conduta social, vide Pagannini, vide blues no início, lembre-se da repercussão que eles tiveram em suas respectivas época e me diga: O que eles foram? Se os bangers fizessem besteiras por causa da música, todo ser-humano cometeria um delito grave pelo menos uma vez na vida de tanto ver maus exemplos na TV, nas ruas e nas escolas; 5) O Monsters rolou, sua desinformada; 6) Ela realmente perdeu o contato com a realidade. Não aceita opjnião alheia, nem de profissionais da mesma área, nem de psicólogos. Se baseia apenas em suas opiniões preconceituosas e sem critério. Algo visível já na primeira epístola: ela cita bandas poser como sendo o mais puro metal defendido pela RB e seus leitores (?) e erra completamente na cronologia. Heavy foi moda nos anos 80? E Black Sabbath (68) é o quê? Viajantes do tempo? Mesmo assim, uma moda de 30 anos?" ■ Tiago Filipe Ferreira dos Santos (Aparecida/SP): "Escrevo enojado pela Meiuskas. Essa mulher é ridícula e para quem odeia tanto o rock, está bem informada demais. Ela nada mais é do que uma cretina que quer atenção. A única resposta que todos podem dar a ela é simplesmente ignorá-la. Apesar da revolta, quando o pessoal escreve para reclamar dessa anta está fazendo exatamente o que ela quer. Basta ignorar que ela some" ■ Luciano Ribeiro da Silva (Belo Horizonte/MG), militar federal que trabalha na área de Psicologia das Forças Armadas: "1) O heavy metal jamais morrerá pois, diferente de outros estilos, não é só uma música, mas sim um modo de vida; 2) O fato de associar o heavy metal à delinqüência é um equívoco, pois sabemos que há grande número de médicos e advogados que apreciam este estilo musical e não creio que sejam delinqüentes; 3) É um erro sem tamanho desta senhora dizer que o Governo Federal deveria censurar certo estilo musical. Minha cara amiga docente, fique sabendo que estamos em um país democrático onde a liberdade do cidadão em se expressar pode se fazer através de sua preferência religiosa, sexual, musical etc. Devo lembrá-la que o melhor que a senhora deveria fazer seria exercer sua nobre profissão, que é ensinar, e não ficar perendo seu tempo criticando algo que é muito maior que você, pois quem sabe assim não estaria realmente ajudando a dar um rumo melhor à nossa juventude?" ■ Marcos V. Freitas (Cruzeiro/SP) é menos diplomático: "Meiuskas, pegue os CDs do Tchan, Molejo, ET & Rodolfo e enfie eles na bunda, sua piranha! Se você não tem o que fazer, vai rodar bolsinha na esquina em vez de escrever pra essa revista, falô, ô vaca?" ■ Filipe Limas (Sapiranga/RS) reafirma suas convicções em relação à Meiuskas e aproveita para dizer que também não entende como alguns leitores não capiscaram a resposta de RF quanto ao fato de terem acusado o punk de ultrapassado [RB#142] ■ A banda Septicemic (Salto/SP) anuncia o fim de suas atividades ■ Culano Bento (Limeira/SP) pede pelo amor de Deus que não publiquemos mais as cartas da Meiuskas ■ Flávio M. S. Luz (Carmo do Rio Claro/MG) critica os embalistas, as pessoas que dizem que o metal morreu e todos aqueles que não respeitam o gosto alheio ■ Lucinéia (Curitiba/PR) está fula com um certo leitor da BRIGADE: "Em nome do povo de Curitiba, gostaria de pedir desculpas pelo preconceito ridículo de Igor Bruno Chinato [RB#144] com o pessoal do nordeste. Tudo bem que o Stratovarius infelizmente não tocou aqui, mas achei desnecessário o babaca do Igor meter o pau no povo nordestino e ainda por cima usou o nome da nossa cidade para falar o que não precisava. Fiquei envergonhada e gostaria de mandar um recado para o Igor: da próxima vez, use o nome da sua cidade, seu pau no cu" ■ Adriana Karla (João Pessoa/PB) também esmaga o cara: "Fiquei impressionada! Como um sujeito pode ser tão preconceituoso em relação aos nordestinos? O cara é de Santa Catarina e fica torcendo para haver shows em Curitiba! Não acredito que possam existir pessoas desse tipo. Ah, e sua querida cidade ficou de fora das datas do Blind Guardian, por isso, prepare mais um de seus protestos. Ou suba para o Norte você, criança inconseqüente" ■ E, por falar em Curitiba, Sônia Oliveira (Curitiba/PR) revolta-se com a quantidade de shows que são cancelados de última hora na cidade ■ Um mané que assina sob o epíteto Hedrychmann S.S. (Poços de Caldas/MG) envia-nos uma construtiva missiva: "Pessoas como Andréia Feital Mendes [RB#145] deveriam enfiar o dedo no próprio cu. Esse lance de união no underground não existe mais. O negócio agora é porrada, principalmente em punks, skatistas e menininhas metidas a querer unir a cena. E essa tal de Meiuskas falando para as autoridades brasileiras não ficarem de braços cruzados perante a ameaça do black metal?! Há, há, vaca vadia, filha bastarda de dois covardes! Por que você não pede para a maldita autoridade brasileira prender os comunistas, pois idolatram um maldito nenê chorão chamado Che Guevara, que usava armas e invadia os países estrangeiros proclamando uma revolução. Aposto que mais pessoas sofreram nas mãos de comunistas que nas mãos dos satanic terrorists. A palavra de ordem é agressão. Foda-se a maldita união no underground." Junto a sua carta, o S.S. aí mandou pra gente uma foto do Hitler ■ E os manés com nomes esdrúxulos não acabaram, como comprova o tal de Maytréia 66 (São José dos Campos/SP): "Quero entender por que os leitores desta revista defendem com unhas e dentes seus bofes adorados e suados, merdas como Hellowgayzin, Steve Hanson, Judas Princesa, Dream Teta, Black Sabosta, Xecadeth, Timo Kotiputa, Buça Dickinson, Mercyful Frutas e as guerreiras do Manowar, cujo sonho e de seus fãs é transar com o Conan em uma batalha sangrenta. Viva o verdadeiro black metal! Morte ao Eric Adams" ■ Thales Luiz Costa (Belo Horizonte/MG) não gosta mais do Metallica e esmaga quem curte *Load* e *Reload* ■ Fábio Antonio Brum (Curitiba/PR) escreve linhas sensatas: "Gostaria de fazer um comentário a respeito dessas tantas cartas que vêm sendo publicadas de supostos filósofos, enviaos de Satã, ursinhos carinhosos etc. É pura questão de bom-senso você honrar a casa de seu anfitrião e essas pessoas parecem ter compulsão em ofender os participantes dessa seção. Compreendo a boa-vontade dessa revista em fazer prevalecer a democracia, porém aqueles (filósofos etc.) estão se valendo da libertinagem para insultar e causar polêmica. Sugiro que, caso a revista permaneça irredutível em sua atitude de publicar tais cartas, tome medidas alternativas, tal como criar uma seção do tipo 'Gaiatos no Navio', que traria os três maiores manés do mês" ■ Leonardo Matos Linhares (Belo Horizonte/MG) prega o respeito mútuo entre fãs de subdivisões diversas do metal ■ Carlos Juba (Caieiras/SP) revolta-se com um jornal paulistano que condicionou um assassinato ao fato do autor gostar de rock ■ Ramona (Belo Horizonte/MG) está indignada e frita "as menininhas que gostam de Iron Maiden, Helloween, Led Zeppelin, Van Halen e outras porras melódicas e sem sentido. Vocês deveriam enfiar um abacaxi entre as duas bandas de suas bundas de Carla Perez só pra ver se sentem um pouco de prazer em suas vidas. Bundas de Carla Perez não por serem grandes ou apreciadas pelos homens, mas porque delas sai a mesma coisa existente em suas cabeças: merda! Confessem que vocês não gostam da música, mas sim dos vocalistas cabeludos e de suas calças de drag-queen que apertam suas bundas inexistentes e suas virilhas. Porque, sinceramente, a única diferença entre Bruce Dickinson e Fábio Jr. São os seus países de origem, pois a voz, a carinha de modelo fabricado e a voz é tudo igual" ■ Mohgly Angell O. André (Uberaba/MG) não entende por que alguns fãs de techno escrevem para a RB, uma revista de metal, para zoar o metal. Nem nós, nem nós ■ Ricardo Lucon (SP/SP) também está com o saco cheio de ver tantas discussões nesta seção ■ Priscila Doomer (RJ/RJ) toma as dores de Danilo Almeida e defende-o das acusações feitos por Marcelo Blitzkrieg na RB#145: "Não devia me meter, pois a briga não é comigo, mas você foi infeliz em sua carta, muito baixo em suas declarações. Seja pelo amenos inteligente em seus argumentos" ■ Morgana (Angra dos Reis/RJ) massacra a cena metálica de sua cidade.

ENVIARAM SUGESTÕES, CRÍTICAS, ELOGIOS OU PEDIDOS QUE NÃO PUDEMOS ATENDER: Alessandro dos A. Vieira (Ouro Branco/MG), Carlos Alberto Luz (SP/SP), Chrysttine Krueger (Santos/SP), Cyro Rosendo Rodrigues Albuquerque (Recife/PE), Danilo Almeida (Moji das Cruzes/SP), Diana e Eliana A. Delfino (Americana/SP), Fábio G. Ravazio (Encantado/RS), Filth Jr. (Paraguaçu/MG), João Martins Loureiro (João Pessoa/PB), Jomar de Souza Brittes (Cuiabá/MT), Jorge S. Ramos (Recife/PE), Kill (Poços de Caldas/MG), Levis (SP/SP), Luiz (São José/SC), Luiz Fernando Costa (SP/SP), Manoel José Câmara Júnior (Recife/PE), Marcelo Ramos Brandão (Macaé/RJ), Mariana Franco (SP/SP), Pablo Sampaio P. Fagundes (RJ/RJ), Paulo Rogério Vilar de Lucena (Recife/PE), Priscila Doomer (RJ/RJ), Ricardo Bilechi (Caldas/MG), Ronaldo do Carmo Teixeira Júnior (SP/SP), Sandro Pimenta (SP/SP), Sérgio Roberto B. Corrêa (SP/SP) e Spooky Kid (Recife/PE).

PUBLICAÇÕES

Revista Roadie Crew #11 (c/ Sepultura, Metallica, Slayer, Joe Satriani, Blind Guardian, Iced Earth, Iron Savior, bio do Manowar, seção para discos/demos/zines/shows – 52 págs/editoração eletrônica profissional/impresso/formato revista/capa colorida) ■ Caixa Postal 43015, SP/SP, 04198-970.

Fanzine Heavy Melody #4 (c/ Savatage, Avalanche, Mercyful Fate, Nocturnal Rites, Harppia, Revenge, Helloween, bio do Blind Guardian, seção para discos/demos/shows – 44 págs/editoração eletrônica/impresso/formato pequeno/capa colorida) ■ Caixa Postal 14516, Penha, SP/SP, 03632-970.

Fanzine Pandemonium #1 (c/ Korzus, Portrait, Scarlet Wizard, muitas bios, cenário de Osasco, seção para discos/demos/zines/shows – 42 págs/editoração eletrônica/off-set/formato pequeno) ■ R. Ipaumirim 50, Jd. Nordeste, SP/SP, 03688-020.

Fanzine Na Calada da Noite #5 (c/ Axia, Dreamers, Endless, bio do Alice Cooper, seção para discos/demos – 18 págs/editoração em computador/impressora colorida/formato A4) ■ Av. Rui Barbosa 274, Quatá/SP, 19780-000.

Fanzine Malebógia #2 (c/ Nitrominds, Vagotrônicos, Unabomber, HQs, zoeiras diversas, seção para discos/demos – 12 págs/editoração em computador/xerox/formato pequeno) ■ R. Maurício de Medeiros 231, Santo André/SP, 09170-330.

Fanzine Planeta White Metal #6 (especializado em white metal, c/ muitas bios e notícias do mundo white em geral – 16 págs/editoração em computador/xerox/formato pequeno) ■ R. Venezuela 70, Caçapava/SP, 12280-000.

Fanzine Força Eterna #1 (especializado em white metal, c/ muitas bios e notícias do mundo white em geral – 12 págs/editoração em computador/xerox/formato pequeno) ■ R. Abolição 311, Centro, Nova Lima/MG, 34000-000.

Fanzine Paraphernalia #6 (c/ Dominatrix, textos pacifistas-anarquistas-libertários em geral – 12 págs/editoração em computador + colagens/xerox/formato pequeno) ■ Caixa Postal 4768, SP/SP, 01061-970.

Fanzine Electroad #2 (c/ Prodigy, Velvet Acid Christ, Atari Teenage Riot, seção para discos/demos/shows – 16 págs/editoração em computador/xerox/formato pequeno/capa colorida) ■ R. Jean Delmas 151, Pedreira, SP/SP, 04475-570.

Fanzine Ratos de Praia #2 (c/ El Diablos, textos históricos-anarquistas, seção para discos/demos – 15 págs/texto datilografado/xerox/formato A4) ■ R. Humberto Lomeu 417, Fortaleza/CE, 60541-110.

Informativo Yell #2 (seção para discos/demos, contatos diversos – 2 págs/editoração em compu-tador/impresso/formato A4) ■ R. Padre Nóbrega 5-45, Bela Vista, Bauru/SP, 17060-450.

Informativo Imago Mortis #6 (só c/ a banda homônima – 4 págs/editoração em computador/impresso/formato tablóide) ■ Caixa Postal 48497, RJ/RJ, 20530-002.

FÃ-CLUBES

Aneurysm Fã-Clube Nirvana ■ R. Nacime Elias 90, Ribeirão Preto/SP, 14070-640.

Angra FC (com informativo trimestral de 8 págs) ■ Cxa. Postal 608, SP/SP, 01059-970.

Fang Face Clan (Gamma Ray FC, com excelente informativo nº3 com 20 págs) ■ Av. Cupecê 6062/134, B-10, Jd. Miriam, SP/SP, 04366-901.

Hadamma FC (com informativo nº2 pronto) ■ rcj@sol.com.br ou R. Aldeia 20 de Setembro 553, V. Ede, SP/SP, 02202-000.

Henceforth FC ■ C.P. 62555, SP/SP, 01295-970.

Hip Monsters FC ■ R. Sinfonia Escocesa 10, Pq. Terceiro Lago, SP/SP, 04870-132.

Miles Away Empire Brasil Queensrÿche Campaign (c/ informativo) ■ R. Pereira Nunes 78/301, Tijuca, RJ/RJ, 20511-120.

Nirvana-Hate Fan Club ■ R. Vitorino Freire 273, Guarulhos/SP, 07071-040.

Powerage AC/DC Fã-Clube ■ R. 1059, Qd. 135, Lt. 01, Goiânia/GO, 74825-230.

War Blade Comunion (c/ informativo) ■ R. Abolição 311, Centro, Nova Lima/MG, 34000-000.

SERVIÇOS

Traduzo letras de música (R$ 1,00 cada + selo) e também textos ■ Janaína – R. Mineiros do Tietê 96, Bl. 6, Ent. B, ap. 406, Guadalupe, RJ/RJ, 21675-350.

Traduzo músicas por R$ 1,00 cada (+ selo). Também traduzo textos e documentos por R$ 3,00 (+ selo) ■ Edmar – R. Jesuíno Farias 52, Elói Mendes/MG, 37110-000.

Aulas de guitarra para iniciantes ■ 5584-8483 (SP/SP) c/ Cleimar.

Faço todo o trabalho gráfico de sua banda (capa de K7, CDR, release com fotos, flyers, fanzines, criação de logotipos, scanner, duplicação de K7 etc.). Apresente seu trabalho com qualidade e preço imbatível no mercado ■ (011) 841-1288 c/ Fernando.

Não consegue tocar aquela guitarra que você comprou? R$ 15,00 a hora, c/ ensino em escalas, harmônicas, arpejos, hammers, palhetada (sweep, alternada). Para iniciantes e semi-iniciantes ■ 6468-8805 (Guarulhos/SP) c/ Maurício.

Aula de guitarra. Técnica, velocidade e precisão. Harmonia e improvisação. Abordagem: Malmsteen, Satriani, Vinnie Moore, Petrucci etc. ■ 9291-1271 (SP/SP) c/ Fabiano.

Programa Grito do Rock (heavy/hard/thrash/death), todo domingo das 17 às 19h na Mongaguá FM (litoral sul paulista). Divulgamos demos, CDs, zines. Bandas, entrem em contato ■ Wagner – R. Raimundo Batista de Andrade 142, Cibratel 1, Itanhaém/SP, 11740-000.

Descolo letras e discografias de qualquer banda. R$ 1,00 por duas músicas ou discografia. Envie selo ■ Genílson – R. Marquês de Muritiba 63, Jaçanã, SP/SP, 02279-020.

Aulas de baixo. Rock, blues, slap, leitura. Ótimo preço. Ideal para iniciantes ■ bip 460-1010 (RJ/RJ), cód. 5141132, c/ Paolo.

Programa Dark Hour (heavy em todos os estilos). Domingo, 20:30h na Paraty FM 107,1 (São Bernardo e região). Divulgue sua demo, CD, zine e show ■ Lika – Av. Gal. B. Menezes 859, Silvina, São Bernardo do Campo/SP, 09791-150.

Transcrições. Passo sua música para partitura ■ 271-6754 (SP/SP) c/ Sandro.

Traduzo letras de música, mas não como muitos, que traduzem tudo ao pé da letra. Conheço várias gírias e expressões em inglês. Basta enviar R$ 1,00 + selo. Na primeira carta envio catálogo com músicas HM que tenho ■ Simone – R. Irmão Nicolau da Fonseca 169, ap. 53-B, Cohab 1, Itaquera, SP/SP, 03590-170.

Programa Uma Hora com Raul & Gordo, todos os sábados a partir das 20h na rádio Liberdade FM 106,5 MHz, região de Suzano (SP). Uma hora de muito rock'n'roll e heavy metal. Sintonize e concorra a prêmios durante nossa programação. Divulgamos demos, zines e shows. Envie seu material ■ Raul – R. Gastão Vidigal 538, V. Amorim, Suzano/SP, 08610-080.

Fazemos gravações de CDs para fitas K7, gravações de vídeos, contamos com mais de 300 CDs e 20 vídeos. Mande selo p/ resposta (mandaremos catálogo na carta de resposta) ■ Brenno – R. Maria Carolina T. Fava 2330, Jd. Vivendas, São José do Rio Preto/SP, 15090-330.

Faço desenhos para bandas black, death e doom a R$ 5,00. Também pinto a mão camisetas a R$ 10,00. Só desenhos dark e de total demência ■ Gabriel – R. Pedro Irigoyen 230, V. Municipal, Santana do Livramento/RS, 97574-040.

Aulas de guitarra. Método fácil, aprendizado rápido. Próximo ao metrô Jd. São Paulo ■ (011) 5606-0560 c/ Jefferson Ardanuy.

103,9 FM. Programa Metal Life (white metal). Bandas, selos, zines, etc. divulguem seu material no programa especializado em metal cristão ■ Nílson – Av. Antônio Carlos Costa 649, Bela Vista, Osasco/SP, 06053-014.

ERRATA

Na seção 'On Stage' da RB nº146 saiu que o Torture Squad abriu para o Sepultura em SP. Na verdade, foi o Tolerância Zero.

BANDAS

VENDENDO O PEIXE

A banda Os Legais (hemorróida instrumental) anuncia o lançamento de sua mais recente demo. Mande R$ 2,00 escondidos no envelope ou comprovante de depósito bancário (conta 5.896-3, ag. 0038-8, Banco do Brasil) ■ Marcius L. Oliveira – R. Comodoro Rivadávia 170, Boa Vista, Joinville/SC, 89205-210.

CD *Energy*, da banda Poseidon: R$ 15,00 (despesas postais inclusas). Cheque nominal ou depósito em conta corrente (Banespa, ag. 0108, conta 01-005963-1) mediante envio de xerox do comprovante ■ Alexandre Xavier da Silva – R. Domingos Giglio 207, SP/SP, 02972-010.

Nocturnal Worshipper (black metal): *Cerimonial Circle* (7"EP). Últimas cópias desse compacto raro. R$ 12,00 (despesas postais incluídas). Pagamento em vale postal ■ Gustavo A. Belo – R. Adolfo Porto 140, Ilha do Governador, RJ/RJ, 21920-310.

Banda Fatamorgana (heavy melódico/progressivo) lança sua primeira demo com 4 músicas, vocal feminino, flautas e violino. R$ 4,00 (despesas incluídas) ■ R. Prof. Orlando França de Carvalho 811, Centro, Bebedouro/SP, 14700-000.

Awakening. Nova demo do Centaurus (doom). 4 músicas inéditas. Entre em contato ■ R. Maria Martins Araújo 201, Franca/SP, 14403-117.

Agony, banda power metal lançando sua primeira demo-tape, *Breaking The Silence*, com 4 faixas ■ R. José Sombra 180, Pq. Araxá, Fortaleza/CE, 60450-610.

O selo Verbose Records acabou de lançar *Verbose Vol. I*, coletânea em K7/60 min. C/ 14 bandas, 32 músicas, capinha colorida e papel couchê. Para obter, envie R$ 5,00 ■ Al. Áustria 708, Barueri/SP, 06474-270.

Ainda à venda a DT do Deceivers, intitulada *Redrum*. A demo possui 5 músicas, excelente gravação, capa colorida (ver RB#138). Influências: Snot, Downset, Biohazard, Limp Bizkit ■ Caixa Postal 8631, Brasília/DF, 70312-970.

Banda Ânsia de Vômito (death/grind) vende sua demo *Angelique* com cinco músicas ■ Caixa Postal 1150, São Luiz/MA, 65001-970.

Beegar (death) pança sua segunda demo, *Choose Your Vitals* ■ R. Orlando Ferraivolo 133, Jd. Da Saúde, SP/SP, 04158-040.

Banda 10KPNR, divulgando novas músicas de seu futuro CD-demo, oferece-se para tocar em qualquer parte do país. O som da banda pode ser classificado tangenciando o alterna metals. A banda só pede passagens de ida e volta até o local do show e acomodações ■ (051) 366-1191 c/ Sandro (noite).

A banda Dirty Woman informa que acaba de lançar sua nova demo, *Red Moon*, com 4 músicas, capa colorida e letras. Preço: R$ 4,00 em vale postal nominal ■ Av. Francisco C. Pereira 302, Brasilândia, Volta Redonda/RJ, 27292-280.

Rock progressivo anos 70, Yes em livro. Preço: R$ 23,00 ■ (021) 710-2157 c/ Décio (autor).

CONTATOS IMEDIATOS

Against (hardcore) ■ R. Bagé 187, Res. Primavera, Catanduva/SP, 15800-000.

Brutal (thrash industrial) ■ R. Guatambú 3, V. Marcondes, Carapicuíba/SP, 06321-660.

Chipset Zero (thrash industrial) ■ Caixa Postal 52, Guarulhos/SP, 07011-970.

Dark Mist (heavy melódico) ■ R. Dr. Alfredo Ellis 301/133, Bela Vista, SP/SP, 01322-050.

Frightful Image (death) ■ Av. Nova Cumbica 61, Cumbica, Guarulhos/SP, 07223-300.

Morbid Death (brutal death metal) ■ Ladeira Guilherme Wilbert 676H, Pedras Brancas, Petrópolis/RJ, 25670-000.

Scruffy (thrash/HC) ■ R. Idalo Geanotti 121, Jd. Atlântico, São José do Rio Preto/SP, 15041-360.

Sky Lord (heavy melódico cristão) ■ Av. Antônio Carlos Costa 649, Bela Vista, Osasco/SP, 06053-014.

War Blade (heavy tradicional) ■ R. Abolição 311, Centro, Nova Lima/MG, 34000-000.

PRECISANDO DE MÚSICOS

Procura-se baterista (ambos os sexos, com experiência e que toque com feeling, peso e groove) e tecladista (de preferência do sexo feminino, com ou sem experiência e com a mente aberta para abusar dos efeitos eletrônicos) para banda com músicas próprias no estilo Korn, Deftones, Coal Chamber, NIN, Two etc. ■ 268-4862 (Osasco/SP) c/ Pedro.

Vocalista procura banda estilo punk rock tradicional p/ trabalho sério. Influências: The Damned, Sex Pistols, Ramones ■ Thiago Corrêa – Av. Cassandoca 1222, Bl. 23/33, Mooca, SP/SP, 03169-010.

Guitarrista c/ equip. e infl. De Dissection, Krisiun, Malmsteen e Stratovarius procura músicos p/ formar uma banda séria ■ Robinsom – R. Jupuruva 200, Rivera, SP/SP, 04923-000.

Banda com som próprio procura vocalista c/ influências de Pantera, Machine Head e Testament ■ (019) 462-5052 c/ Rodrigo.

Procuro guitarrista e baixista entre 14 e 17 anos para tocar rock nacional ■ (011) 865-1871 c/ Erick.

Guitarrista base/solo procura com extrema urgência músicos pra formar banda de brutal death. Preferência para cristãos ■ 6948-3827 (SP/SP) c/ Rodrigo.

Banda de heavy metal procura baterista com experiência para desenvolver trabalho próprio. Influências: Dream Theater, Superior, Vanden Plas ■ (011) 6461-5451 c/ Marcelo (à noite).

Banda Bleeding, de São José do Rio Preto, precisa de baixista com experiência e influências de Cannibal Corpse. Estilo splatter metal ■ (017) 235-1483 c/ Beto.

Banda Parallels procura baixista com experiência e equipamento para trabalho sério. A proposta é um metal tradicional próprio e covers de Iron e Helloween ■ (011) 3667-8979 c/ Fábio.

Banda thrash industrial conhecida no underground e com uma turnê no exterior precisa de batera c/ boa técnica de dois bumbos. Trabalho sério. Cartas com foto e fone ■ Marcelo - R. Guatambú 3, V. Marcondes, Carapicuíba/SP, 06321-660.

Banda Mystical Forest (black metal) procura baterista com alguma experiência. Temos lugar de ensaio ■ Francisco – R. Santa Lúcia 254, Capivari de Baixo/SC, 88709-000.

Banda em formação procura vocal masc. com timbre semelhante ao de Bruce Dickinson e baterista com influência de heavy tradicional, thrash e percussão tribal. Ambos com alguma experiência. Urgente, trabalho sério ■ Anna – Al. Itú 284, ap. 104, Jd. Paulista, SP/SP, 01421-000.

Banda procura baterista para tocar estilo Exodus, Nuclear Assault, Possessed, Slayer, com pedal duplo. Pref. para quem more na ZN ■ (011) 681-3734 c/ Victor.

Banda cover do AC/DC (fase anos 70) procura baterista para gravar demo e para shows. Necessita residir em BH, ter mínimo de três anos de experiência, conhecimento das músicas (também deve saber tocar algumas), interesse e compromisso ■ (031) 344-2272 c/ Fernando.

Banda Grinder procura baixista com influências de heavy metal: Iron Maiden, Black Sabbath, Metallica, Judas Priest ■ 878-1667 (SP/SP) c/ Eduardo.

Vocalista c/ experiência (estilo Testament, Pantera, Sepultura, Napalm Death) procura pessoas responsáveis ou banda nesse estilo (trabalho seríssimo) ■ (011) 215-1407 c/ Ronnie (hor. com.).

Baterista, baixista e vocalistas (3) procuram duas guitarristas (solo e base) e já com alguma experiência p/ assim podermos completar a banda feminina Morgana ■ 262-1357 (Campos do Jordão/SP) c/ Sabrina.

Banda com influência de Dream Theater e Mr. Big procura baterista com bom domínio rítmico, que tenha local de ensaio e que more em Taubaté ou em cidades vizinhas ■ (012) 232-7079 c/ John.

Batera experiente c/ local de ensaio procura banda HC/thrash com trabalho adiantado ■ bip 887-7722 (SP/SP), cód. 1265162, c/ Rubinho.

Vocal e batera (fem.) procuram baixista e guitarristas (um solo e um base) para som próprio e covers de Bruce Dickinson, Iron, Ozzy e Metallica ■ Maria Helena – R. Alexandre Levy 149, ap. 1, Cambuci, SP/SP, 01520-000.

Procura-se baterista para uma banda punk ■ 541-9981 (RJ/RJ) c/ Mônica.

Vocal/guitar procura músicos (15 a 17 anos) com influências de Sepultura e Raimundos que residam na região sul de São Paulo ■ 5677-4682 (SP/SP) c/ Arão.

Procuro baixista/guitar para banda com infl. de Iron Maiden e Metallica ■ (021) 252-7465 c/ André.

Estou formando banda de heavy tradicional/melódico com influências de Judas Priest, Iron, Ozzy e Sabbath. Preciso de dois guitarristas, um baterista e um cara que toque violino e teclado ■ 272-5742 (SP/SP) c/ André.

Banda procura guitar base que dê importância ao visual e à atitude do rock'n'roll. Influências: WASP, Motörhead, Black Sabbath e Alice In Chains ■ 7209-3492 (Osasco/SP) c/ Eduardo.

Sou vocalista iniciante e estou à procura de músicos (ambos os sexos) para formar uma banda. Por favor, apenas pessoas sérias ■ (021) 350-1957 c/ Amanda.

Banda Post Wor (thrash) procura baixista e guitarrista solo ■ 3915-4122 (SP/SP) c/ Dimy.

Banda de rock precisa de baterista e tecladista para trabalho sério. Temos músicas próprias e local para ensaio ■ (011) 296-2003 c/ Vanderlei.

NEGÓCIOS

Compro a coletânea em vinil *Rumores* e/ou *Intocáveis* ou pago gravação. ■ Antonio - R. Teolândia 100, Rio de Janeiro, 22763-210.

Compro gravações de K7 de heavy metal em geral, principalmente raridades. ■ Leonardo - R. Maceió Lt. 11, Qd. 165, São Gonçalo/RJ, 24456-310.

Vendo fotos de Silverchair, Sepultura, Dio, Iron, Sabbath, Satriani, Raimundos e muito mais. Cada foto R$ 3,00 (mínimo de 5). ■ Débora - Caixa Postal 30500, Rio de Janeiro/RJ, 20742-970.

Vendo CDs/LPs/camisetas de Kiss, Dr. Sin, Iron Maiden, Sepultura, Metallica, RHCP e Ramones por R$ 13,00/R$ 7,00/R$ 8,00, respectivamente (preços com despesa incluída). ■ Luiz - R. 881, casa 89, Jaraguá do Sul/SC, 89258-800.

Vendo a caixa de luxo importada *Pandora's Box*, do Aerosmith, com 3 CDs num total de 52 músicas, incluindo um livro de 68 páginas com fotos, história da banda, letras etc. R$ 60,00 (incluindo despesas postais). ■ Rodrigo Passos Ribeiro da Fonseca - R. Dr. Veloso 1337, Montes Claros/MG, 39400-074.

Vendo 280 LPs/CDs de heavy metal a R$ 5,00 e R$ 12,00, respectivamente. Vendo gravações de CDs de heavy a R$ 3,30 (com a fita). Solicite catálogo com mais de 330 títulos enviando dois selos primeiro porte. ■ Helmut Wetzel - R. Ferreira Viana 44/305, Rio de Janeiro/RJ, 22210-040.

Vendo gravações de clipes e shows em VHS de várias bandas. Envie selo para catálogo. ■ Ettore Nicolau José da Rocha - R. Monte Cassino 319, São Paulo/SP, 02526-010.

Vendo CDs usados de thrash, death e black. Nacionais e importados. Escreva pedindo catálogo grátis. ■ Henrique - R. Conde de Linhares 819/901, Belo Horizonte/MG, 30380-030.

Troco cópias em VHS de vídeo japonês de Janis Joplin por VHS, CDs ou LPs. ■ Raul A. Araújo Filho - R. Marquês de Maricá 333, Ponta Grossa/PR, 84015-030.

Vendo CD duplo acústico do Kiss, importado, novo. R$ 60,00, raro! Lote de 30 demos nacionais, anos 94/95, R$ 50,00. Shows em VHS com ótima imagem e som, R$ 12,00 cada. ■ Rodolfo - Caixa Postal 209, Caraguatatuba/SP, 11660-970.

Tenho LPs do Motörhead e troco por LPs de Bon Jovi, Deep Purple e o LP *Stranger In This Town*, do Richie Sambora. Também compro LPs dessas bandas. ■ Peninha Blackmore - Av. Edézio Vieira de Melo 2107, Aracaju/SE, 49050-240.

Compro/troco material de Judas, Fight, Glenn Tipton, Halford, Two, Al Atkins, Winters Bane (com "Ripper" Owens) e Trapeze (com Dave Holland), por material de inúmeras bandas. ■ Taiguara de Oliveira Henrique - R. Dep. Carvalho Deda 600, ap. 401, Aracaju/SE, 49025-070.

Tenho tablaturas (muitas dos Ramones) e reportagens de várias bandas. Troco tudo por material do NOFX. ■ Marcos Linoleun - R. Uruguai 440/802, Rio de Janeiro/RJ, 20510-060.

Vendo gravações em K$ por R$ 5,00 de bandas como Satyricon, Enslaved, Aghast, Mortiis etc. ■ Edson Teixeira - R. Mário de Araújo 1948, Nilópolis/RJ, 26521-130.

Vendo CDs, VHSs e CDRs de gravações não oficiais (piratas) do Black Sabbath. Faço cópias em CDR. ■ Paulo Miranda - R. São Pedro 151/1501, Niterói/RJ, 24020-052.

Vendo edições da ROCK BRIGADE de 09/92 a 12/97, algumas edições da Bizz, Dynamite e Top Rock, todas em bom estado e com posters, a R$ 1,00 cada. ■ Verônica R. de Faria - R. Ranieri Mazzili 198, S.Bernardo do Campo/SP, 09870-370.

Troco o CD *Awake*, do Dream Theater, em perfeito estado, por qualquer um do Blind Guardian, desde que também esteja em perfeito estado. ■ Ricardo Azevedo Sousa - R. dos Estudantes 382, apto. 21, São Paulo/SP, 01505-000.

Compro/vendo/troco material de Iron Maiden, Blind Guardian, Gamma Ray e outras do estilo. ■ Paulo - R. Bahia, 319, Andirá/PR, 86380-000.

Compro edições da revista "Livro Negrodo Rock- O Dicionário do Heavy Metal", publicação que saiu nos 80. ■ Luís Augusto Aguiar - Al. Santo Amaro 162, ap. B, Porto Alegre/RS, 90520-190.

Vendo livros didáticos e de literatura (1º e 2º graus) e moedas antigas, ou troco por CDs/vinil de heavy, thrash e death metal e livros da Agatha Christie. De preferência para Santos e Baixada Santista. ■ Cynthia - R. Tocantins 57, apto. 22, Santos/SP, 11055-340.

Vendo CDs de black metal a R$ 20,00 cada. Vendo também uma raridade, somente para os verdadeiros manías cos, a primeira demo do Mayhem, *Pure Fucking Armageddon*, a R$ 25,00. ■ Issame Canello - R. Alvino Boldt 138, Joinville/SC, 89225-640.

Vendo CDs de Bad Religion, Queensrÿche, Hendrix, Iron Maiden, Metallica, Faith no More, Suicidal Tendencies e outros.Também vendo as edições 125, 132 e 133 da ROCK BRIGADE, a R$ 3,00 cada. ■ Gustavo V. M. Bastos - R. Cupertino Durão 136, apto. 201, Rio de Janeiro/RJ, 22441-030.

Vendo os seguintes CDs: *Vision* (Stratovarius), *Better Than Raw*, *Keeper I & II*, *Live In The U.K.*, *High Live*, *Chameleon*, *Master Of The Kings* e *Pink Bubbles* (Helloween), *Awake* (Dream Theater) e outros. ■ Roberto - R. Aracóia 33/103, Rio de Janeiro/RJ, 21011-140.

E aí, vamos trocar os materiais das nossas bandas prediletas? A minha é Green Day. Tenho material importado. ■ Márcia Armstrong - R. Nove de Janeiro 9, Diadema/SP, 09941-480.

Vendo VHS com o show do Charlie Brown Jr. em Aracaju (julho/98), por R$ 20,00. ■ Murillo ou Kleber - Av. Gonçalo Rollemberg Leite 2063, apto. 504, Aracaju/SE, 49045-280.

Vendo xerox dos songbooks *Vision*, *Keeper I & II* e outros. ■ Luciano Matias - R. Marquês de Paraná 88, São Paulo/SP, 05086-010.

Vendo/troco reportagens, fotos e posters de várias bandas, desde Led até Oasis, por qualquer material relacionado ao Iron Maiden (só com o Bruce) e Bruce Dickinson. Procuro também as edições da ROCK BRIGADE no. 94 e no. 28. ■ Maria Helena - R. Alexandre Levi 149/01, São Paulo/SP, 01520-000.

Compro LPs (vinil) da seguintes bandas: Grim Realer, Tygers of Pan Tang, Dust, Saxon, Uriah Heep, Thin Lizzy, Attack. Tem que estar em bom estado. Escreva estipulando os preços dos LPs. ■ Celso Brasil - R. Antonio Lobo 183, apto. 12, São Paulo/SP, 03634-030.

Estou à procura do disco *Live After Death*, duplo vinil do Maiden, para completar minha coleção. Pago até R$ 10,00. ■ Luca C. Figueira - R. Felipe Spies 159, Santa Cruz do Sul/RS, 96840-210.

Tenho material de várias bandas como Sepultura, AC/DC, Iron Maiden, Misfits, Malmsteen e Led, entre outras. Preciso vender ou trocar tudo por Titãs ou Ira! Urgente! ■ Suzana Vicente Gnipper - R. Dr. Goulin 615, Curitiba/PR, 80040-280.

Pago R$ 50,00 em dinheiro pelo vinil *The Time Of The Oath*, do Helloween. ■ Leandro - R. Emílio Cardoso Aires 465, B. Horizonte/MG, 31844-090.

Vendo gravações em VHS de blues, rock, heavy, hardcore, thrash e outros. ■ Patrícia - R. José Lucas 55, Curitiba/PR, 81540-010.

Sou cristão e compro matéria da revista "Heavens Metal" com King Diamond. ■ Eduardo Vaz - R. Abolição 311, Nova Lima/MG, 34000-000.

Compro os shows do Savatage e Paul Dianno em Sorocaba/SP. ■ Júnior - R. Manoel Lopes, 746, Sorocaba/SP, 18020-310.

Faço logotipos para bandas black/death. ■ Luiz Henrique - R. Armando de Sales Oliveira 592, Leme/SP, 13610-000.

Possuo um grande acervo de VHS com shows de Sepultura e Pantera. Quem estiver a fim, entre em contato. ■ Márcio - R. Sete de Setembro 536, Brusque/SC, 88350-000.

Vendo/troco fotos de Bruce Dickinson, Blind Guardian, Helloween, Savatage etc. por fotos dos mesmos ou de outras bandas. ■ Melissa - Av. Diederichsen 990/101, São Paulo/SP, 04310-000.

Vendo CDs de rock/metal, importados, em ótimo estado, um quadro da capa do *Black Metal*, do lendário Venom, bordado a mão, e vários artigos relacionados ao metal, incluindo algumas edições da ROCK BRIGADE. ■ Pedro Mendes - Pça. Ernani Braga 56, São Paulo/SP, 05462-070.

Compro o box *The Kings Of The Twilight Zone*, do Iron Maiden, por R$ 80,00, desde que seja original e esteja em ótimo estado. Vendo os CDs *Rust In Peace* (Megadeth) e *Beneath The Remains* (Sepultura) por R$ 35,00, com o correio incluso. ■ David Kunze - Av. Getúlio Vargas 2840, apto. 1104, Curitiba/PR, 80240-040.

Vendo as HQ "Spawn" (1 a 10), em ótimo estado, por R$ 15,00 e a minisséire "Maruels" (1 a 4) por R$ 10,00. Entrega rápida. ■ Roberto Filho - Al. Nothmann 585, apto. 24, São Paulo/SP, 01216-000.

Vendo reportagens, posters, vídeos, áudio e fotos da banda Von Jovi. ■ Viviane Miguel - R. Artur Rios 315/F, Riod e Janeiro/RJ, 23013-470.

Troco dois CDs do Burzum por CDs do Cradle of Filth, Katatonia e Immortal. ■ Carlos Rogério - R. Goiás, 800, Araçoiaba da Serra/SP, 18190-000.

Procuro por "Psychocircus", a volta em grande estilo do Kiss às HQs. Quem tiver e quiser vender, já sabe. Também compro xerox (coloridas, se possível) de HQs antigas do Kiss publicadas pela Marvel no anos 70. ■ Romilson Bezerra Lima - R. das Gietas 906, São Paulo/SP, 03147-001.

Vendo reportagens e posters de algumas bandas. Mandar um selo para resposta, especificar banda ou pedir catálogo. Fale a reportagem de qual banda você quer que eu descolo pra você, OK? ■ Nina - Av. Felício Helito 341, Bragança Paulista/SP, 12900-000.

Vendo as RB nos. 107 e 118 e posters da RB, Top Rock e Metal Head. Envie selo para resposta. ■ Raimundo Valério - R. Humaitá 270/48, Rio de Janeiro/RJ, 22261-001.

Vendo fotos dos shows de Gamma Ray (Santa Catarina), Bruce Dickinson (Paraná) e Mercyful Fate (São Paulo). R$ 1,25. ■ Fabian Carlos - R. Nerner Duwe 1915, Blumenau/SC, 89074-000.

Procuro desesperadamente a gravação em VHS do show do Sepultura que passou na MTV ("Barulho Contra a Fome"). E vendo várias reportagens do Pantera, Ramones e Bon Jovi. ■ Mariana - R. João Moura 51, São Paulo/SP, 05412-000.

Compro o CD *Meltdown*, do Vinnie Moore. Pago bem. ■ Leonardo - R. Catão 496, São Paulo/SP, 05049-000.

Faço gravação em K7 de piratas ao vivo: Sabbath, Ozzy, Queen, Metallica, Kiss, Deep Purple, Megadeth, Iron, Nirvana, Soundgarden etc. Mande selo para catálogo. ■ Maurício Leite - R. Irmã Arminda 457, Bauru/SP, 17044-160.

Compro absolutamente tudo sobre o Def Leppard, principalmente CDs. Favor enviar catálogo detalhado, pois já possuo muito material. ■ Angelo Porcel Renon - R. Osvaldo Cruz 20, Terra Boa/PR, 87240-000.

Vendo 27 livros de terror e suspense do autor Stephen King, novos e semi-novos. ■ Marcio - R. Peruva Preta 66, São Paulo/SP, 08040-750.

Faço gravações de vários estilos, do black metal ao punk. Envie selo primeiro porte para receber o catálogo. Preço: R$ 4,00 por tape, capa personalizada, pedidos em série com desconto. Frete incluso. ■ Roberto Sasso Jr. - Caixa Postal 132, Lucélia/SP, 17780-000.

Faço gravações em K7 (R$ 5,00) e VHS (R$ 12,00). Vários estilos. Enviar um selo para receber catálogo ■ Cláudio - Av. Beira Mar 379, Salvador/BA, 40420-340.

Vendo/troco gravações de várias bandas, como Morgana Lefay, Amorphis e piratas do Pantera. Mais de 200 títulos em CDs, LPs e VHS. ■ Fernando M. Carvalho - Caixa Postal 28, Juiz de Fora/MG, 36002-970.

Vendo CD *Official Live: 101 Proof* (Pantera) por R$ 10,00 mais correio e LP duplo *Live Evil* (Black Sabbath) por R$ 10,00 mais correio. ■ Cassiano Franceschi - Av. Castelo Branco 507, São Valentim/RS, 99640-000.

Vendo 90 LPs dos anos 60, 70 e 80, todos dos estilos heavy, death, speed, thrash etc., com vários títulos de AC/DC, Exodus, Slayer, Accept, Metallica etc. Todos por R$ 700,00. ■ Amarildo - R. Haroldo Bonini 284, Atibaia/SP, 12940-000.

Vendo CDs do Angra (*Holy Land*), Iron Maiden (*Live Aftyer Death*), Toasters (*Hard Band For Dead*) e a coletânea *Skabadabadoo*. R$ 12,00 cada CD. ■ Sérgio - R. Domingos Antonio Gomes 495, São Paulo/SP, 05183-060.

Possuo fotos do Angra tiradas de perto em uma tarde de autógrafos. Vendo ou troco. ■ Giovana Ferrari - R. Cachambi 206/208, RJ/RJ, 20775-180.

Troco CDs de Angra, Helooween, Heavens Gate, Rhapsody, Dream Theater, Stratovarius e Viper por CDs de death ou black (Emperor, Krisium, Deicide, Carcass, Gorgoroth, Death, Slayer). ■ Marcio A. Voos - R. Elizabete 323, São Miguel do Oeste/SP, 89900-000.

Vendo gravações em K7 por R$ 5,00 de bandas como Mayhem, Cradle of Filth, Deicide etc. ■ Edson Teixeira - R. Mario de Araújo 1948, Nilópolis/RJ, 26521-130.

Vendo os CDs *Louder Than Hell* (Manowar), *Youthanasia* (Megadeth) e *Sounds Of The Animal Kingdom* (Brutal Truth), todos importados por R$ 20,00 ou os três por R$ 50,00. ■ Paulo Cesar Vitor Reis - R. Pará 374, Três Pontas/MG, 37190-000.

Compro CDs das bandas Black Sabbath, Pentacrostic, Samael, Thetre of Tragedy, Sarcófago, Liv Kristine, Cradle of Filth e Paradise Lost. ■ Maurício Martins - Av. Guilherme Maxwell 547/406, Rio de Janeiro/RJ, 21042-110.

Vendo pedaleira de efeitos para guitarra Zoom 505, com fonte e manual, na caixa. R$ 200,00 ■ André Lessa Carvalho da Silva - R. do Riachuelo, 252/407, Rio de Janeiro/RJ, 20230-015.

Compro gravações em K7 de bandas heavy, doom, progressivo etc., como Manowar, Viper, Yes, Anathema. Envie relação de seu material. ■ Isaque de Oliveira - R. Miguel Soccol 2502, Serafina Correa/RS, 99250-000.

Procuro alguma reportagem na qual tenha a história completa e a discofria do Uriah Heep. ■ Márcio Pereira de Macêdo - R. Benedito Wenceslau Mendes 171, Sorocaba/SP, 18052-000.

Faço gravações em K&, 400 títulos, todos os estilos, piratas e trilhas sonoras. Envia selo e sua banda preferida. ■ Genilson - R. Marquês de Muritiba 63, São Paulo/SP, 02279-020.

Procuro material de Janis Joplin (posters, CDs, livros, reportagens). ■ Letícia - R. Adhemar de Barros 70, Salto/SP, 13320-000.

Compro material sobre Bruce Dickinson, qualquer coisa que fale a respeito dele. ■ Carol Alvarez - R. Cipriano Barata 76A, ap. 24, Santos/SP, 11025-300.

Vendo fotos de Grave Digger, Rage, Paradise Lost, Mercyful Fate, Exodus, napalm Death, Blind Guardian, Stratovarius, Helloween, Angra etc. Ótima qualidade, tamanho 10x15 cm., R$ 2,00 cada. ■ Débora - R. Silvestre de Faria Lobo 48, São Paulo/SP, 04829-380.

Compro material do Silverchair ou troco por material das bandas Alice In Chains, Foo Fighters, Nirvana, Sepultura, Rage Against The Machine, Pantera etc. ■ Helô Johns - R. Almirante Barroso 1503, Blumenau/SC, 89035-060.

CORREIO

Tenho 20 anos e não sou radical. Curto Queen, Extreme, Doors, Metallica e Dream Theater. Para você que quer se corresponder por pura amizade, estou aqui! ■ Ly - Av. Ministro Gabriel Passos 506, Santa Cruz de Minas/MG, 36328-000.

Quero me corresponder com pessoas que curtem black, death e doom. ■ Nocturnus - R. João Lopes da Silva 1634, Teófilo Otoni/MG, 39800-000.

Quero me corresponder com pessoas de mente aberta e não radical. Curto Machine Head, Sacred Reich, Fear Factory, Pantera, White Zombie, Misfits, rock nacional e hardcore melódico. ■ Johnathan Flynnders - R. Valmir P. de Almeida 22, Osasco/SP, 06150-140.

Gostaria de me corresponder com garotas, somente de São Paulo/Capital, que curtam Fugazi, Clash, Smiths, Snic Youth etc. ■ Paulo - R. Silveira Bueno 27-A, São Paulo/SP, 03442-050.

Gostaria de me corresponder com pessoas que valorizem a verdadeira essência do metal, sem misturebas nem pseudo-modernismo. Curto Manilla Road, Slayer, Iron Maiden, Destruction, Mercyful Fate etc. ■ Henrique Savatage - Quadra 69, Casa 10, Conjunto Saci, Teresina/PI, 64020-200.

Você que curte Pearl Jam, U2, Silverchair, Hole, Nirvana, Doors, Alice In Chains, Prodigy, Bob Marley, Planet Hemp, Charlie Brown Jr., Bush etc. me escreva. ■ Nicole Bataglioto - Av. Silvestre Ferraz Igreja 1140, Ipaussu/SP, 18950-000.

Gostaria de me corresponder com pessoas que curtem Doors, Led, Rage Against the Machine, L7, Beastie Boys, Cypress Hill, Hendrix, Janis etc. ■ Andréa Simões - R. Cristiano Rodrigues da Silva 399, Ipaussu/SP, 18950-000.

Sou moreno, tenho 14 anos e gostaria de conhecer menina que ouça metal, doom e thrash entre 14 e 18 anos. Escreva-me antes que seja tarde. ■ Eliseu Santo Souza - R. Direta da Gomeia 183, Salvador/BA, 40397-470.

Gostaria de conhecer minas acima de 20 anos que curtam rock, blues, MPB, camping para amizade ou compromisso e que não use drogas. ■ Almir - R. Araci 24, Embu/SP, 06815-240.

Gostaria de me corresponder com pessoas não radicais e que gostem de todas as tendências do metal. Minhas bandas preferidas são Metallica, Stratovarius, Pantera, Megadeth, Iron Maiden e tudo que há de bom dentro do metal. ■ Marcelo Rosa da Silva - R. Girassol 988, apto. 10, São Paulo/SP, 05433-002.

Se você curte heavy, thrash, death e black, não é radical e ainda é fã de Running Wild, Black Sabbath e Sarcófago tem, por obrigação, que me escrever. ■ Fábio Porto - R. Ezequiel Alexandre dos Santos 211, Arapiraca/AL, 57306-340.

Se você ama o doom e o heavy tais como My Dying Bride, Tiamat, Anathema, Solitude Aeturnus, Skyclad etc. me escreva. ■ Daniel Moura de Albuquerque - R. Tesouro Mor 22, Rio de Janeiro/RJ, 23585-000.

Gostaria de me corresponder com pessoas que curtem do heavy ao black. ■ Simba - R. Alegrete 66, Ipatinga/MG, 35160-000.

Gostaria de conhecer garotas espertas. Curto Weezer, The Cramps, Sonic Youth, Smashing Pumpkins, Bush, Pato Fu, Joy Division, Bertold Brecht, David Lynch, Corrida Maluca, trash movies, Prodigy, EMF ■ Sid - R. Jardim Centenário 104, Blumenau/SC, 88350-000.

Aqueles que apreciam um som antigo tipo Hellhammer, Volcano, Possessed, Destruction etc., entrar em contato. ■ Nélio Necromass - R. Marquês Canário 11, Mesquita/RJ, 26247-120.

Gostaria de me corresponder com pessoas que curtam a melhor banda que existe na face da Terra e que influenciou grandes bandas. Estou falando de Rolling Stones. Por isso, me escreva já! ■ Lívia - R Albatroz 65, bl. H-4, apto. 21, Campinas/SP, 13060-900.

Olá, amantes do metal. Quero me corresponder com quem realmente curta o deus Ozzy Osbourne, mas também curta The Doors, Purple, Sepultura, Iron é bem-vindo. Podem escrever radicais ou não. ■ Henrique Lima - R. Humberto Lomeu 417, Fortaleza/CE, 60541-110.

Sou metaleira, tenho 15 anos e gostaria de me corresponder com o pessoal que curte Floyd, Iron, Pantera, Sepultura, Slayer e Megadeth. Se você é mod, embalista e patti não me escreva! Cadê os metaleiros de Brasília? ■ Olívia - SHCGN 712, bloco Q, casa 47, Asa Norte, Brasília/DF, 70760-717.

Gostaria de entrar em contato com quem curte sons como Madonna, MSBR, Allegory Chapel Ltd., Smell & Quim, Atrax Morgue e outras coisas do tipo. ■ Power Electronics - R. Cidade de Natal 177/221, Porto Alegre/RS, 91900-040.

Curto Ramones, Doors, Ozzy, Creedence e muitos outros. Se você é maluco por bandas alucinadas, me escreva. Todos terão resposta. ■ Daniela - R. 24 de Maio 628, Novo Hamburgo/RS, 93315-120.

Gostaria de me corresponder com minas que curtam Sepultura, Napalm Death, MX, Slayer, Cannibal Corpse, Six Feet Under, Extreme Noise Terror, Obituary, Deicide. Espero sua carta. ■ Vágner - R. Ricardo 20, Santana do Parnaíba/SP, 06500-000.

Gostaria de me corresponder com pessoas em geral que curtam punk-rock de verdade, de preferência que sejam daqui do Sul do país, para amizade séria. ■ Sandra - R. Alfeu Letti 148, Gravataí/RS, 94080-410.

Gostaria de me corresponder com quem curte Machine Head, Pro-Pain, Downset e coisas do gênero. ■ Moisés - R. Sideral 78, Santana do Parnaíba/SP, 06500-000.

Se você também se sente diferente, perdido(a) num mundo de modismos, curte rock ou metal em geral sem radicalismo, me escreva. ■ Alex - R. Petrópolis 399, Volta Redonda/RJ, 27273-270.

Gostaria de manter contato com garotas que gostem de heavy, thrash, death, blues e rock'n'roll e que pelo menos goste de falar sobre sexo. Sou fã de Iron Maiden, Black Sabbath e Sepultura. ■ Jesiel Alves - R. Tiradentes 330-E, Salvador/BA, 40820-160.

Gostaria de me corresponder com minas ou caras que amem o metal e que curtam essas bandas: Stratovarius, Blind Guardian, Rhapsody, kamelot, Helloween, Iron Maiden, Savatage, Megadeth etc. ■ Vitor - R. Padre Agostinho de Mattos 111, São Paulo/SP, 02247-140.

Tenho 16 anos e gostaria de fazer amizade com bangers de tudo quanto é canto, principalmente de Goiânia. Curto Type, Sabbath, Marilyn Manson, Offspring, Angra, Sepultura, Pantera e mais uma porrada de bandas. ■ Igor Negative - Av. Virgílio de Melo Franco 795, São João do Paraíso/MG, 39540-000.

Quero manter contato com doidos e doidas que curtam o som de Silverchair, Green Day, Foo Fighters, Metallica, Bush, Oasis e outras bandas que mandam muita porrada sonora. ■ Paula Coutinho da Silva - Est. Intendente Magalhães 297, ap. 508, Rio de Janeiro/RJ, 21341-330.

Curto Rotting Christ, Old Man's Child, Samael, Orphaned Land, Cradle of Filth, Therion, Amorphis, Dickinson, Sabbath, King Diamond & Mercyful Fate, Ozzy, Iron e outros. Quero trocar idéias com você de qualquer parte do mundo. In portuguese or english. ■ Kaju - R. Júlio Prestes 73, Barueri/SP, 06420-230.

Quero me corresponder com pessoas que curtam o trabalho de fanzines, HQ's, bandas novas. Tenho 18 anos, gosto de Doors, Legião, Nirvana, punk, rock em geral ■ Anelise Oka - R. Francisco Sperotto 216, Ijuí/RS, 98700-000.

Tenho 17 anos e quero conhecer garotas(os) que curtam do progressivo ao death metal, principalmente loucas por Bruce e Iron, a maior banda de rock de todos os tempos. Retorno imediato para Volta Redonda, Juiz de Fora, São João Del Rey, ou que passe férias e feriados nesses lugares. ■ Rafael Satanic From Hell - R. Minas Gerais 155, Volta Redonda/RJ, 27265-550.

Se você curte Hoodoo Gurus, Yothu Yindi, Midnight Oil, Spy vs. Spy, Australian Crawl e Hunters and Collections, me escreva para trocarmos idéias sobre essas e outras bandas australianas de surf music. ■ Luciano Nóbrega - R. Camarões 11, Rio de Janeiro/RJ, 21852-560.

Tenho 32 anos e gostaria de conhecer pessoas que curtam todos os estilos do metal, em especial Blind Guardian, Running Wild e Savatage, e aquelas que sejam fãs da série Arquivo X. ■ Ricardo - Caixa Postal 87, Santos/SP, 11001-970.

Gostaria de me corresponder com pessoas inteligentes e sem radicalismos, e que curtam todos os tipos de rock'n'roll. ■ Edgard dos Santos - R. Cica 1038, Jundiaí/SP, 13206-001.

Se você odeia música artificial, assim como techno e rap, me escreva. Eu curto punk rock, rock nacional e muito heavy metal, com exceção do black metal. Escrevam-me machos ou fêmeas, odeio boiolas, fora com nazis e facis. ■ Wescley - Estrada das Lágrimas 1625, São Paulo/SP, 04232-000.

Curto desde heavy melódico (Helloween, Stratovarius, Gamma Ray, Blind Guardian, Rhapsody), heavy clássico (Iron, Judas, Dio, Sabbath, Manowar), até extremos (Morbid Angel, Krisiun, Slayer, In Flames). Escrevam todos, principalmente de Porto Alegre ■ Eduardo Constanzo - R. Curupaiti 1383, Porto Alegre/RS, 90820-090.

Convoco todos os fiéis do Sepultura para discutirmos o passado, o presente e o futuro desta que será sempre a melhor banda do planeta. ■ Egberto Sousa Vasconcelos Filho - Av. Ary Maia 290, Fortaleza/CE, 60545-200.

Quero me corresponder com a galera que curte Metallica (antigo), Slayer, Pantera, Ozzy, Sepultura, Machine Head etc. ■ Vanessa - R. Pedro Fernandes Aragão 299, São Paulo/SP, 04431-160.

Gostaria de me corresponder com com reais bangers que tenham o verdadeiro death metal no sangue. Curto as seguintes bandas: Deicide, Krisiun, Funeratus, Cannibal Corpse, Morbid Angel e outras do verdadeiro death metal. ■ Rone Death - R. Prof. Oliveira Santiago 5, São Paulo/SP, 05399-070.

Quero conhecer pessoas que curtam My Dying Bride, Theatre of Tragedy, Moonspell, Tiamat, Anathema, Paradise Lost e Mercyful Fate, entre outras. ■ David S.C. - R. Thomaz Gonzaga, 458, Salvador/BA, 41705-150.

Gostaria de me corresponder com garotas que curtam um bom rock'n'roll tais como Nirvana, AC/DC, Sabath, Joplin, Hendrix, Dylan, Stones, Raul, Legião e muitos outros dos anos 60, 70 e 80. ■ Fábio F. Rizzo - R. Dr. Ernande da Gama Correa 153, São Paulo/SP, 05539-040.

Criaturas da noite na faixa dos 19 anos que curtem Sepultura, Pantera e Type O'Negative, moto, cemitério, coisas mórbidas, depressivas e sombrias, que tenham um objetivo de vida e idéias inteligentes, escrevam-me. Dispenso modistas e viciados. ■ Iara Alves - R. Cabo 10, Guarulhos/SP, 07272-350.

Gostaria de me corresponder com garotas que adorem Black Sabbath e nunca parem de escrever. Curto também Ozzy, Dio, Iron, Blind, Mercyful e outros. Responderei a todas as cartas. ■ Marcelo Soares - R. Tomisaburo Urano 143, Suzano/SP, 08676-230.

Gostaria de me corresponder com minas que curtam o heavy metal em todas as suas tendências. Cuto bandas como Pantera, Ozzy, Helloween, Metallica, Stratovarius, Carcass, Iron Maiden etc. ■ Marcelo Rosa da Silva - R. Girassol 988, apto. 10, São Paulo/SP, 05433-002.

Minas e caras, de Biohazard a Slayer, me escrevam e vamos tomar umas brejas, ir a shows, enfim, fazer amizade. Pessoas principalmente de SP, mas também de todo Brasil, me escrevam sem receio!! Sem preconceito!! ■ Rafael Braga Tassinari - R. Itacema 331, apto. zelador, SP/SP, 04530-051.

Quero me corresponder com minas (de preferência de Jundiaí) que curtam Iron, Metallica, Venom, Napalm, Unleashed, Korzus, Grip Inc. e principalmente Paradise Lost. ■ Nick Holmes - R. Vigário J.J. Rodrigues 186, Jundiaí/SP, 13201-490.

Amantes do underground carioca e de todo o mundo que apreciem Black Sabbath, Samael, Korzus, Morgoth, Morbid Angel e Entombed. Não ao radicalismo e às drogas. ■ Alessandro - R. Arthur Carnaúba 297 - Rio de Janeiro/RJ, 22723-570.

Gostaria de entrar em contato com minas e caras que amem o metal, pois somos dois caras que apreciam o gênero desde os anos 80. Acreditamos na força do movimento e gostaríamos de dividir essa energia ■ Paulo e Maurício - R. José Maria Mamblona 22, Taboão da Serra/SP, 06763-150.

Gostaria de manter contato com o pessoal que se amarra em Rush. Me escreva. ■ Marcelo Neil Peart - R. Tenente Cassance, 81 C-08, Rio de Janeiro/RJ, 21635-440.

Gostaria de me corresponder com pessoas que curtem Ozzy, Iron Maiden, Black Sabbath, Sepultura, Ramones, Raimundos, Led, Metallica, Nirvana, Pantera, Aerosmith e outras. Responderei a todas as cartas. ■ Roniel - R. Dr. Argemiro Itajubá 471, Santo Antonio do Monte/MG, 35570-000.

Dois amigos de estilos diferentes procuram meninas para fazer novas amizades. Se você curte Tiamat, My Dying Bride e vampirismo, escreva para Necropher. Ou se você curte Raimundos, Ratos de Porão e Sex Pistols, escreva para Gaba Gaba Rey. ■ Necropher e Gaba Gaba Rey - R. Sete de Setembro 1469, Bariri/SP, 17250-000.

Se você curte punk/HC, crossover e bandas como Madball, Cro-Mags, Agnostic Front, Sick of it All, Biohazard, Downset, Pro-Pain, Poison Idea, MxOxDx, Korn, Machine Head etc me escreva. ■ Jefferson Leandro - R. Estrada da Grama 306, Barra Mansa/RJ, 27330-000.

Quero muito corresponder-me com fãs de Hole (de preferência de São Paulo). Também compro material. Por favor, me escrevam logo!! ■ Aline Ferraz - R. Santa 160, apto. 84, São Paulo/SP, 04363-070.

Quero me corresponder com punks, bandas e zines que idolatrem os Ramones e se liguem em RxDxPx, Pantera, Sepultura, Offspring, Pannywise, Sabbath, Iron Maiden, Slayer e muito mais. Me escrevam logo! ■ Selminha Ramones - R. Senador Souza Navez 1463, Lapa/PR, 83750-000.

Gostaria de me corresponder com quem curte Gamma Ray, Rage, Death, Whiplash, Kreator etc. Do hard rock ao death., sem radicalismos. ■ Fabrício - R. Alméria 150, Santo André/SP, 09172-000.

Gostaria de me corresponder com um pessoal que curta heavy metal em geral. Gosto do estilo de um extremo a outro, além do blues. Sou também internauta e dispobilizo meu e-mail para contatos. posteriores. ■ Mauro Martinelli, Caixa Postal 374, Guarapuava/PR, 85010-970.

Gostaria de trocar idéias com pessoas que dariam a vida por rock e que tenham muitas idéias loucas e incompreendidas. Sou seguidor das seguintes bandas: Sepultura acima de tudo, Slayer, Kiss, Black Sabbath, AC/DC e Iron. ■ Johnny Headbanger's - Av. Silva Jardim 314, apto. 84, Curitiba/PR.

Gostaria de me corresponder com pessoas de ambos os sexos que curtam Helloween, Samael, Burzum e desenhos tribais. ■ Amanda Martins - R. Antonio T. Rabelo Campos 46, Três POntas/MG, 37190-000.

Gostaria de me corresponder com garotas que curtam Lacrimas Profundere, My Dying Bride, Cradle of Filth, Dimmu Borgir, Old Man's Child, Therion, Rotting Christ, Theatre of Tragedy etc. ■ Ronaldo - Av. São José 1140, Osasco/SP, 06283-125.

Gostaria de me corresponder com pessoas que curtam heavy, death, black, doom. ■ Ludmilla Muniz - CSA 02 Lote 16 ap. 404, Taguatinga/DF, 72015-025.

Busco me corresponder com pessoas que curtam lances industriais e/ou que curtam doom e gótico (N.I.N., Anathema, Sisters of Mercy etc.), principalmente pessoas que respeitem as outras, que se aborrecem com a situação do mundo e com a desigualdade social. ■ Fernando Cruz - R. Armando S. de Carvalho 67, Ubá/MG, 36500-000.

Estou atrás de seguidores que, como eu, rezem por Jimmy Page todas as noites e, em nome de Zepelins que voam, se sacrifiquem ao lado de alguma Les Paul tocada por ele em *In My Time Of Dying*! Led-manías cos, façam contato! ■ Gabriel - R. do Ouro 780, apto. 201, Belo Horizonte/MG, 30220-000.

Você que, além do rock, curte uma amizade legal, me escreva. ■ Sheila Maciel Rocha - Av. Dr. Washington Luiz 420, São Bernardo do Campo/SP, 09730-030.

Quero me corresponder com pessoas que curtam muito heavy metal e uma amizade eterna. ■ Princesa do Metal Solitária - R. José de Souza Pinto L. 2 Q. 33, Duque de Caxias/RJ, 25255-110.

Quero fazer amizade com mulheres que curtam bastante Mayhem, Ulver, Ophthalamia, Moonspell, Sodom, Grand Belial's Key. De preferência, mulheres do Rio ■ Ivan - R. José Couto Guimarães 178, casa 8, Nilópolis/RJ, 26545-010.

Gostaria de me corresponder com pessoas de todo o país, que curtam um som pesado e odeiem os modistas. ■ Rosano Pereira Elisei - R. Mariana Rezende Costa 65, Cruzeiro/SP, 12700-000.

Gostaria de me corresponder com garotas que curtam Napalm Death, Obituary, Benediction, Cannibal Corpse, Dismember, Morbid Angel, Autopsy. ■ Michel B. Almeida - R. Maria Ligieri Brasiliense 151, São Paulo/SP, 02318-370.

Se você é bem eclético em relação a som, mas não se limita a falar só nisso e curte coisas como literatura, poesia, arte, cinema, quadrinhos e RPG, me escreva. ■ Alice - R. João Antonio da Fonseca 96, Taboão da Serra/SP, 06766-190.

Gostaria de me corresponder com fãs de Typer O Negative, Cradle of Filth e vampirismo em geral. Respondo todas as cartas. ■ Érika - R. Stete de Setembro 1469, Bariri/SP, 17250-000.

Quero receber cartas de pessoas que vivam cada momento deste tão amado som que não poderia ter nome mais energético, vitaminado e sem contra-indicações: heavy Metal. ■ Antonio - R. Siqueira Couto 256, Ijuí/RS, 98700-000.

Quero me corresponder com pessoas que gostem de black e death ■ Evandro - R. Dionísio João Pazin 135, Porto Alegre/RS, 91260-110.

Gostaria de me corresponder com minas e caras que curtam Blind Guardian, Rage, Skyclad e Gamma Ray para fazer amizade e trocar idéias. ■ Sobrinho - Conj. Bela Vista I, Quadra 21, Casa 14, Teresina/PI, 64030-100.

Gostaríamos de conhecer pessoas que curtam qualquer estilo de heavy metal, mas que sejam honestas e sinceras, sem modismos ■ Flávia e Fabiana - Av. Pres. Castelo Branco 569, Nova Iguaçu/RJ, 26240-460.

FUNNY PIECE BY MARCIO BARALDI

BackStage

CLÁSSICOS, RARIDADES, ENTREVISTAS, LANÇAMENTOS E MUITA INFORMAÇÃO SOBRE O HEAVY ROCK MUNDIAL!

DOMINGO • 22H

PRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO: VITÃO BONESSO

1988 10 anos 1998

OFFICIAL MERCHANDISE DO BACKSTAGE À VENDA EXCLUSIVAMENTE NA ANDRÉ MUSIC CENTER: (011) 217-2666

ELECTRIC FUNERAL
SABBATH TRIBUTE BAND
SHOWS: (011) 9602-0047

BRASIL 2000 FM 107,3

Contatos (Backstage Nights, demos etc.):
Ligue (011) 9602-0047 (seg. a sex., de 10 às 18h)
BRASIL 2000 FM - R. Pedro Soares de Almeida, 74, SP/SP, 05029-030.
Fax: (011) 262-3012. E-mail: backstage@regra.net

É QUASE UMA ROCK BRIGADE NOVA POR SEMANA

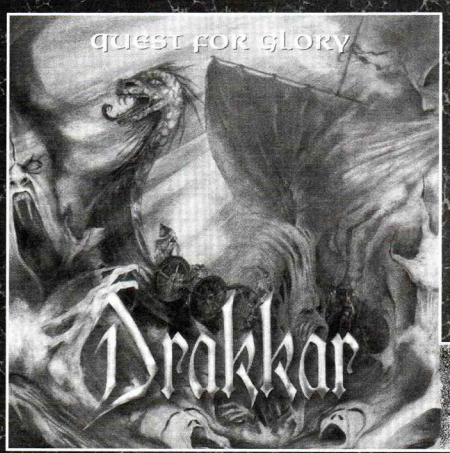
SERÁ QUE SEU COMPUTADOR AGÜENTA ESSE PESO?

- SEÇÃO DE NOTÍCIAS ATUALIZADA TODA SEMANA
- AGENDA DE SHOWS PELO BRASIL
- TURNÊS INTERNACIONAIS NO BRASIL
- LINKS PARA SITES DE GRUPOS (NACIONAIS E INTERNACIONAIS), E-ZINES, LOJAS, SITES ROCKEIROS
- PROMOÇÕES E SORTEIOS
- SEÇÃO DE CLASSIFICADOS GRATUITOS (VENDA, COMPRA, TROCA, FORME BANDA, FAÇA AMIGOS ETC.)
- TOUR DATES PELO MUNDO AFORA
- EM BREVE: LOJINHA VIRTUAL

www.rockbrigade.com.br

DRAGONHEART

Distribuído no Brasil por Poco Loco
(088) 414-1098



Drakkar

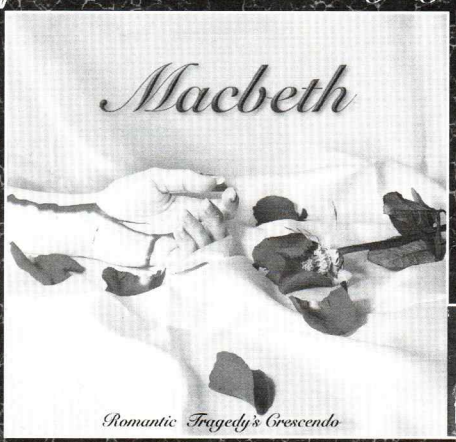
quest for glory

chaoscd003

One of the best bands of the new wave of italian power metal along with Rhapsody, Domine & Labyrinth. The release is a devoted descendent of the invincible dinasty of the teutonic POWER METAL, that takes its own life-force from the deeds of the sacred warriors Running Wild, Blind Guardian, Rage and Gamma Ray.

Macbeth

Romantic Tragedy's Crescendo



Gothic Symphonic Metal enriched by the dreamy & Ethereal performance of the singer Cristina. The perfect soundtrack of the famous Shakespearean drama!

chaoscd004

DOMINE
CHAMPION ETERNAL
chaoscd001

INNER SHRINE
NOCTURNAL RHYMES ENTANGLED IN SILENCE
chaoscd002

CROWN OF AUTUMN
THE TREASURES ARCANE
eln001

DRAGONHEART
dragonheart@audioglobe.it

DRAGONHEART IS EXCLUSIVELY DISTRIBUTED BY POCO LOCO REC.
TEL./FAX 088 4141098

OBITUARY

"NÃO FAZEMOS MÚSICA POR OUTRA RAZÃO QUE NÃO O AMOR QUE SENTIMOS POR ELA"

Foto: Michael Halsband

Ricardo Franzin

Daquela famosa cena death do sul da Flórida que explodiu no final dos anos 80, início dos 90 poucas bandas sobraram. Contudo, as que sobreviveram continuaram a fazer discos tão bons quanto aqueles responsáveis pelo seu sucesso nos dias de glória. Um desses grupos é o Obituary – uma banda que realmente dispensa apresentações. Apesar dos boatos que davam conta de sua dissolução após o lançamento do polêmico *World Demise* (uns gostam, outros odeiam), a banda voltou mais mortífera que nunca ano passado com o matador *Back From The Dead*. Para coroar o sucesso alcançado por este disco, John Tardy (V), Allen West (G), Trevor Peres (G), Frank Watkins (B) e Donald Tardy (D) lançaram um fantástico disco ao vivo – possivelmente o melhor ao vivo de uma banda death até hoje –, sarcasticamente intitulado *Dead* (sacou?). Tivemos um longo papo telefônico com Donald, que garantiu, 'off the record', que o "Bitú" finalmente tocará por aqui em 99. Será?

ROCK BRIGADE – Por que lançar um álbum ao vivo nesse ponto de sua carreira?

DONALD TARDY – Porque percebemos que finalmente tínhamos muitas músicas para escolher. Depois de cinco álbuns lançados, uma grande variedade de faixas que poderiam ser gravadas faziam parte de nosso repertório, por isso, era a hora perfeita de fazer o disco. Além disso, nossa gravadora também estava a fim de fazer um álbum nosso ao vivo.

RB – Houve músicas que vocês tocaram somente para entrar no disco ou todas fazem parte de seu set usual?

TARDY – Não, é tudo do set normal. Apenas gravamos um show nosso como ele é todas as noites e fizemos o disco.

RB – Vocês gravaram vários shows para escolher um deles ou apenas aquele que entrou no disco?

TARDY – Gravamos apenas aquele show. Foi uma única vez, um único show, um único 'take'.

RB – A capa do disco ao vivo é bem diferente das capas dos outros álbuns do Obituary. Alguma razão especial para vocês terem escolhido uma arte baseada em HQs antigas de terror?

TARDY – Pra ser sincero, não. Foi um lance que o Trevor [Peres] já mostrou pra gente pronto. Achamos legal, pois não tivemos que gastar muito dinheiro pra tê-lo, o que foi bastante conveniente. Além disso, como se trata apenas de um disco ao vivo, queríamos ter algo

realmente um pouco diferente das nossas capas normais.

RB – Você disse que se trata "apenas" de um disco ao vivo. Você acha que esse tipo de álbum é um produto menor na carreira de uma banda?

TARDY – Bem, eu não acho que seja um produto menor, mas sei que eles não vendem tanto quanto um álbum normal vende. Além disso, como eu disse, foi um projeto que fizemos muito rapidamente, já que gravamos apenas um show. Não gravamos cinco shows para pegar as melhores músicas, foi direto, gravamos uma única vez. Por isso, você ouve alguns erros, microfonias e partes mais emboladas. Isso foi algo que tínhamos em mente desde o início, queríamos que o disco realmente fosse 100% ao vivo. Não queríamos ter que ir ao estúdio e mudar algumas partes. Decidimos isso antes de fazer a gravação. Muitas bandas enganam seus fãs com discos ao vivo que foram totalmente refeitos em estúdio e nós sabíamos que, por sermos uma banda que já está junta há muito tempo, não tínhamos que nos preocupar, pois somos bastante coesos no palco.

RB – Então, mesmo sendo "apenas" um disco ao vivo, você gosta dele.

TARDY – Sim, gosto bastante. Acho que, em virtude das circunstâncias, das condições do local onde gravamos o show e do pouco tempo que tivemos para fazer a mixagem, apenas quatro dias, fizemos um bom trabalho.

RB – Há grupos, como o Deep Purple, por exemplo, que lançam discos ao vivo praticamente todo ano. Porém, bandas de death metal quase nunca o fazem. Alguma explicação?

TARDY – Não sei, talvez existam bandas que realmente gostam de fazer álbuns ao vivo. Mas, pra mim, um disco ao vivo tem que ser uma coisa rara, algo que não está sempre à disposição do público. Acho que se você já está com sua banda na estrada há quinze anos e já lançou dez discos, então está numa época boa para fazer um disco ao vivo. Assim, você pode mostrar ao seu público como soa no palco e provar que realmente fez um disco ao vivo, sem mexidas no estúdio nem regravações. Foi isso o que fizemos e acho que o resultado ficou muito bom.

RB – As músicas no disco estão perfeitas, praticamente idênticas às versões de estúdio. Não houve nenhuma mexida em estúdio? É tudo ao vivo mesmo?

TARDY – Não refizemos nada. Os vocais de John não foram refeitos, é tudo ao vivo; todos os solos de Allen são ao vivo, todas as guitarras são ao vivo e, claro, todas as partes de bateria são ao vivo.

RB – Depois de muitos anos trabalhando com Scott Burns, vocês fizeram *Back From The Dead* com Jamie Locke e agora o disco ao vivo com Andy Sneap. Vocês planejam trabalhar novamente com ele ou haverá nova mudança?

TARDY – Provavelmente iremos usar o Jamie de novo no próximo álbum de estúdio. Nós usamos o Andy apenas para mixar o disco ao vivo. Para produzir nosso novo CD deveremos utilizar o Jamie mesmo.

RB – O intervalo entre *World Demise* e *Back From The Dead* foi bastante longo. Há planos de ter o novo álbum pronto em quanto tempo?

TARDY – Nós acabamos de começar a compor as músicas novas, então, acho que ainda levará um pouco de tempo até que consigamos terminar todo o processo. Normalmente, levamos cerca de seis meses para escrever o material inteiro e, como ainda estamos nos estágios iniciais, vai demorar. Eu sei que ter que esperar muito tempo para que um álbum seja lançado é difícil para os fãs, mas é ainda mais importante para a banda se concentrar e perceber que o que importa é escrever boas músicas. É nisso que estamos concentrados agora.

RB – Em comparação aos seus outros álbuns, qual foi a receptividade que *Back From The Dead* teve mundo afora?

TARDY – A receptividade foi ótima. Todos ficaram bastante felizes com a sonoridade e com a produção do disco, mas o ponto que mais parece ter agradado foi a qualidade das músicas. Além disso, a própria banda ficou extremamente feliz com o resultado que obtivemos. Acho que foi um grande sucesso para nós, pois escrevemos grandes músicas, mas, mais importante que isso, conseguimos alcançar a sonoridade que temos ao vivo. No estúdio, à exceção dos vocais e dos solos, tudo foi gravado ao vivo. Gravamos a bateria, o baixo e a guitarra juntos, se alguém errava, todo mundo tinha que voltar e começar outra vez. Foi uma experiência muito divertida e que gerou ótimos resultados.

RB – Sob esse ponto de vista, você considera *World Demise* um álbum desapontador para a banda, já que a receptividade não foi assim tão positiva?

TARDY – Eu não acho que foi um desapontamento. Quer dizer, foi de fato desapontador, mas não se tratou de uma falha da banda sob nenhum aspecto. Na minha opinião, a banda fez seu trabalho da melhor maneira: escreveu ótimas músicas, tínhamos um conceito muito bom e idéias melhores ainda para o disco, como a capa, as fotos do encarte e os efeitos-sonoros. Para mim, a razão de este álbum não ter sido tão bem-sucedido quanto os outros foi a promoção. Ele não desfrutou de divulgação suficiente na imprensa e você não pode culpar a banda por isso.

RB – Você quer dizer que a sua gravadora não agendou entrevistas suficientes para a banda ou que ela não anunciou devidamente o álbum nos meios musicais?

TARDY – Ambas as coisas. É difícil quando a banda está sozinha. Estávamos sempre fazendo turnês, nos matando de trabalhar, e não havia anúncios do disco nas revistas! A gravadora parecia mais interessada em descobrir novas promessas. Acho que o resultado dessa política ficou bem claro.

RB – A banda pensou em mudar de gravadora por causa disso?

TARDY – Infelizmente, nem poderíamos. Assinamos um contrato para oito discos com a Roadrunner, em 1989. Eles teriam que nos liberar.

RB – Você ficou satisfeito com o trabalho de promoção que eles fizeram para o *Back From The Dead* e para o disco ao vivo?

TARDY – Bem, eu compreendo o fato de eles serem apenas uma gravadora independente e de haver poucas pessoas trabalhando diretamente com as bandas. Como músico e como integrante de uma banda, eu sei que não existe ninguém completamente satisfeito com sua gravadora, mas é ainda pior para o Obituary, pois já estamos no mesmo selo há muito tempo e houve uma época em que ele estava 100% concentrado em nós. Porém, agora, não é mais o caso. Nós fazemos o que podemos por nós mesmos e nos preocupamos em escrever as melhores músicas que conseguimos.

RB – A Roadrunner não investe mais tão pesado no Obituary porque não estaria mais interessada no tipo de som que a banda produz?

TARDY – Eu não acho que seja somente por isso. Mas eles estão tentando achar novos direcionamentos para a gravadora, suas bandas e as músicas delas. Se você prestar atenção nos grupos que têm assinado com a Roadrunner ultimamente, vai perceber claramente que eles estão tentando achar um estilo novo, uma banda que vai estourar e vender milhões de discos. Infelizmente, eles têm conjuntos que estão na gravadora há muito tempo e que ainda trazem muito dinheiro pra eles. Só que eles simplesmente encaram isso como algo corriqueiro! É triste para nós, pois ainda somos uma das bandas da Roadrunner que mais vendem discos e só conseguimos isso graças aos nossos esforços. Não podemos mais contar com eles. Percebemos isso há algum tempo e é frustrante, pois somos uma das maiores bandas do cast deles e acho que merecemos um pouquinho mais de atenção por causa disso.

RB – Voltando ao *Back From The Dead*, vocês fizeram uma música com o Bully Boys naquele CD, *Bullytuary*, que era algo como um death-rap metal. Qual foi a reação do público mais radical àquela música?

TARDY – Desde o começo sabíamos que nem todos iriam gostar ou ao menos entender esta música. Aliás, nem poderíamos esperar que fosse diferente. É por isso que ela é a última faixa do disco. A maioria das pessoas, incluindo-se aí aquelas que não gostaram da música, respeitou e entendeu o fato de termos feito algo um pouco diferente do que costumamos fazer. Porém, lógico que teve aqueles caras que disseram pra nós que não tinham entendido o porquê de termos feito aquilo e que realmente não gostaram da música. Mas tudo bem, é por isso mesmo que ela está no fim do CD, você não precisa ouvi-la toda hora quando o disco está tocando. Mas é muito legal que algumas pessoas tenham gostado, pois é isso que sentimos: somos uma banda de death metal, mas há sempre chance de fazermos alguma coisa diferente de vez em quando. Foi esse o caso, algo que fizemos por diversão, pois somos amigos do Bully Boys e, quando terminamos a música, todo mundo achou que tinha ficado tão legal que decidimos pôr no disco.

RB – Ouviremos mais dessas coisas diferentes nos próximos discos do Obituary?

TARDY – Acho que não. Nosso próximo álbum, por exemplo, será muito importante para nós, pois acabamos de lançar um disco ao vivo e as pessoas certamente estão esperando para ver como virá nosso novo trabalho de estúdio. No momento, estamos nos concentrando em fazer músicas diretas e o mais agressivas possível, que sejam 100% Obituary. Aquele tipo de coisa que fizemos com o Bully Boys pode vir a ser feito novamente, mas num projeto paralelo ou num álbum mais para o futuro. Nesse novo disco, seremos 100% death metal, 100% Obituary metal.

RB – Muitas pessoas dizem que o Obituary nunca

progride e permanece fazendo sempre a mesma coisa. O que você acha disso e das bandas death que "progrediram", como o Entombed ou o Gorefest?

TARDY – Há um ditado que diz: "Se algo não está quebrado, não conserte." Eu acredito 100% nisso. Acho que o Obituary possui um estilo único, não soamos como nenhuma outra banda e acredito que demos início a esse lance death metal quando lançamos nosso primeiro álbum, em 1989. Quanto a nos acusarem de nunca progredir, acho que são pessoas que não têm nem nunca tiveram respeito pelas bandas que deram origem a esse tipo de som. Para o nosso estilo, mudanças viriam apenas atrapalhar, nunca ajudar. Pegue o Celtic Frost. Eles são responsáveis pelo nascimento do som que fazemos, mas um dia resolveram mudar. Olhe o que aconteceu! As pessoas acham que uma mudança é boa até que essa mudança de fato acontece. É aí que elas percebem que a mudança desfigurou algo de que gostavam. O Obituary é uma das bandas mais pesadas da Terra, como poderíamos mudar para ficarmos melhores? Temos que ser fiéis ao que fazemos bem, e o que fazemos bem é escrever música pesada.

RB – *Back From The Dead* é um típico disco de death metal, mas foi lançado numa época não tão favorável ao estilo. Mesmo assim, você acha que conseguiu arrebanhar novos fãs graças a ele?

TARDY – Eu sempre acho que dá para você arrumar alguns novos fãs. Mas se você não é uma banda que consegue ser aceita em festivais itinerantes, como o Ozz-fest, ou que não é chamada para abrir para conjuntos maiores do que você, infelizmente não vai encontrar muitos novos fãs. E o Obituary sempre foi uma banda que teve que fazer tudo sozinha. Estamos em turnê sempre como headliners, de modo que tocamos apenas para os nossos próprios fãs. É difícil para um fã em potencial nos achar se não estamos tocando pra ele ou se não estamos na revista que ele costuma ler. Então, o que acaba sendo importante para nós é fazer a música que amamos e não tentar fazer a música que as pessoas que não gostam de death metal amam. Fazemos o que gostamos, que é death metal, e nunca nos preocupamos em fazer algo para atrair novos fãs. Nossa preocupação é tocar o que nos faz sentir feliz.

RB – Por que uma banda como o Obituary não consegue tocar no Ozz-fest?

TARDY – É tudo política, a mesma merda de sempre. Digo isso porque quando foram fazer o primeiro Ozz-fest disseram que o critério para a seleção das bandas seria a vendagem de seus álbuns. Mas, no final das contas, 80% das bandas que entraram no festival não têm metade da popularidade do Obituary. Pra mim, isso mostra apenas que os empresários do Ozzy e a mulher dele são uns mentirosos, pois a primeira coisa que ela disse foi que tudo dependeria do número de cópias que as bandas tinham vendido. Aí, você vê que a mulher estava 'full of shit' desde o início, pois simplesmente pegou as bandas que ela ou o Ozzy gostariam que estivessem lá. Infelizmente, não éramos uma dessas bandas. Mas, tudo bem, temos fãs e muitos amigos que ainda querem nos ver. Sabemos que temos um show legal e talvez toquemos para menos do que 10 mil pessoas, mas mesmo se apenas mil querem nos ver, ainda assim estaremos dando tudo de nós. Amamos e acreditamos no que fazemos.

RB – Por causa desse tipo de atitude, você acha que há uma tentativa por parte da mídia americana de tentar criar uma moda em torno de bandas como Korn, Coal Chamber, Marilyn Manson e outras desse calão?

TARDY – Não sei. Acho que quando há um tipo de música que acaba se tornando popular, como no momento o é esse tipo que você citou, todas as bandas tentam fazer igual. Provavelmente, muitas delas estavam tentando fazer death metal há alguns anos e agora querem imitar o White Zombie. Isso só mostra como a mentalidade desses grupos é rasa e como é limitada a visão das pessoas das gravadoras que as contratam. Como uma gravadora pode amar um estilo de música num ano e no seguinte simplesmente descartá-lo e esquecer as bandas que contratou? Infelizmente,

Visual antigo do "Bitú"

Foto: Daniel Oliveira

é isso o que acontece com a nossa gravadora, ela está sempre seguindo as modas que as outras estão. Só que isso não a está levando a lugar algum e, ainda por cima, sua política está deixando algumas de suas bandas extremamente irritadas. Eu entendo que eles estão querendo achar novos artistas, disso depende o futuro do selo, mas eles têm que entender que se possuem algo de bom nas mãos, que interessa a milhares de pessoas, não deveriam simplesmente negá-lo.

RB – A cena death da Flórida já foi a melhor e mais prolífica do mundo. Hoje, porém, parece que nada mais ocorre por aí. O que aconteceu?

TARDY – Foi uma série de fatores. Aquela cena realmente viveu dias gloriosos, tendo atraído a atenção de muitos fãs e gravadoras. E isso foi também o que fodeu tudo, pois as gravadoras se aproveitaram do momento e, de um dia pro outro, havia 10 milhões de bandas de death metal da Flórida pondo discos na praça ao mesmo tempo. 90% delas sobreviveu a um ou dois discos e depois, quando o interesse pela cena diminuiu, foram mandadas embora. Só que você não pode culpar essas bandas. Sabe como é, nos anos 80, todo mundo queria soar como o Iron Maiden e havia milhões de bandas nessa linha. No começo dos 90's, o lance era ser death metal. Só que os fãs não podiam acompanhar tudo o que estava rolando. Eles não tinham dinheiro para comprar nem tempo para ouvir todos os álbuns que eram lançados. Por causa disso, muitas das bandas foram terminando. Só que agora, depois que a poeira baixou, está na hora de as pessoas verem que ainda existem boas bandas por aqui. Enquanto elas acreditarem no que estão fazendo, estarão lançando ótimos discos e mantendo o death da Flórida vivo.

RB – Então, se houver apoio das gravadoras, da mídia e dos fãs, a cena pode voltar a ser tão grande quanto já foi?

TARDY – Com certeza. Acredito 100% nisso, pois, por exemplo, se você dissesse em 1985, 1989 ou 1990 que o Pantera seria tão grande quanto é hoje, as pessoas iriam na sua cara. E, embora o Pantera não seja uma banda de death metal, eles são muito pesados e agressivos se comparados à música em geral. O sucesso deles mostra que há um grande número de pessoas interessadas na música extrema. O mesmo ocorre com o Marilyn Manson. Nos anos 80, o Marilyn Manson abriu para nós em Miami. Dá pra acreditar? Hoje eles são uma das maiores bandas dos EUA, mas as pessoas iriam gargalhar se você dissesse que eles se transformariam no que são hoje naquele show. Há muita gente interessada no tipo de música que fazemos, pessoas que certamente adorariam o *Back From The Dead* ou o *World Demise*, mas elas simplesmente não sabem que nós existimos. É a triste realidade.

RB – Há alguma banda da antiga cena da Flórida que, na sua opinião, merecia ter tido mais sorte?

TARDY – Sim, há algumas que mereciam ter sobrevivido. Pra mim, o melhor exemplo é o Cynic. Eles eram extremamente técnicos, quase técnicos demais, tinham grandes músicas, mas nunca conseguiram acontecer. Acho que isso aconteceu porque os fãs de death não conseguiam entender aquela técnica toda, [o som] era complicado demais pra eles. O mesmo com o Sadus. Eu poderia continuar falando, pois há inúmeras boas bandas que acabaram. Só que o importante é os fãs perceberem que, se o Obituary passou por tudo isso, foi porque somos realmente muito amigos e porque acreditamos no que fazemos. Não fazemos música por outra razão que não o amor que sentimos por ela. •

DISCOGRAFIA
Slowly We Rot (89), *Cause Of Death* (90), *The End Complete* (92), *World Demise* (94), *Back From The Dead* (97), *Dead* (ao vivo/98).

Sexismo nórdico

Cryhavoc

Fernando Souza Filho

Que os países escandinavos estão se tornando o berço da melhor safra de black/death metal melódico de todos os tempos, todo mundo já sabe. O que surpreende é a quantidade de novos grupos de altíssimo nível que estão surgindo a cada mês. O finlandês Cryhavoc, por exemplo, mal lançou seu primeiro álbum (*Sweetbriers*) e já está sendo considerado a melhor banda iniciante de 1998. Não é pra menos, afinal, ouvir esse CD provoca um prazer indescritível, temperado por riffs podrões, vocal preciso (urrado e melódico ao mesmo tempo), levadas de metal tradicional e músicas cativantes. Beira o power metal oitentista, o que torna o álbum ainda mais maravilhoso.

Formado em 1992 por Kaapro Ikonen (V), Jouni Lilja (G) e Risto Lipponen (G), o grupo manteve seu núcleo intacto por todos esses anos, apesar de a cozinha ter sofrido incontáveis mudanças de formação. Hoje, a bateria conta com Pauli Tolvanen e o baixo com Kari Myöhänen.

Os primeiros anos da carreira do Cryhavoc tinham um direcionamento musical mais rústico, como o próprio vocalista Kaapro Ikonen explica com exclusividade pra ROCK BRIGADE: "Tocávamos aquele típico death metal de Tampa [Flórida], tipo Death e Obituary. Nosso primeiro contrato foi com a Spinefarm [gravadora independente da Finlândia], quando a banda ainda se chamava Raven Lord. Mas eles começaram a enrolar muito para liberar o dinheiro para gravar o álbum e resolvemos então procurar outro selo. Assim, viemos parar na Nuclear Blast. Foi aí que descobrimos que havia outro grupo finlandês chamado Raven Lord e resolvemos mudar o nome para Cryhavoc."

A transição do death metal cru para as complexas melodias pesadas de agora deveu-se mais à preguiça dos integrantes do que a uma evolução musical do conjunto. "Os músicos da primeira formação da banda eram mais ligados no death metal cru, direto. E como nós éramos um pouco preguiçosos, deixávamos que eles dessem rumo ao nosso trabalho [risos]. A entrada de Myöhänen e Tolvanen fez com que tomássemos uma direção que tinha mais a ver conosco, pois eles têm gostos e influências musicais parecidos com os nossos", confessa Ikonen.

A introdução das partes melódicas também aconteceu de forma inusitada. "Quando eu cantava as partes menos urradas, o resto da banda ficava sugerindo que eu colocasse um pouco mais de melodia aqui e ali, para contrapor com as partes mais brutais. Daí, fomos desenvolvendo esse estilo atual que está no primeiro disco", diz.

O resultado é uma sonoridade nova, refrescante e cativante. Evidentemente, o futuro de muitos conjuntos metálicos vai passar por esse processo. "Particularmente, acho que as bandas que fazem um death metal mais cru, aquele do início dos anos 90, tendem a soar datadas. Prefiro investir em novos elementos, em fatores que tornem nosso trabalho diferente e, de uma certa forma, mais moderno", diz ele. "Se um músico só ouve death metal e não se interessa por nenhum outro estilo, ele vai ficar bitolado ali, não vai nunca trazer algo de diferente ou inovador ao seu trabalho."

No entanto, alguns riffs típicos do death metal da Flórida brotam no meio da melodia intrincada de determinadas faixas, como *Wolfdance* e *Misantrophy*. "As nossas raízes estão fincadas no death metal da Flórida, nunca negamos isso. Alguns riffs e determinadas passagens das músicas ainda têm algo daquela cena", admite Ikonen. "Nós crescemos ouvindo aquelas bandas, não queremos e nem vamos negar essa influência. Por isso, é natural termos alguns riffs mais crus típicos do death da Flórida."

Outro detalhe intressante do maravilhoso álbum *Sweetbriers* é sua capa (veja reprodução aí embaixo). O grupo não teme ser taxado de sexista? "Algumas garotas têm nos chamado de sexistas e ficam com aquele blá, blá, blá todo em nossos ouvidos [risos]", reclama o vocalista. "Mas as garotas da capa não estão nuas, não é algo apelativo. Quisemos fazer algo artístico, bonito. Além do mais, do que elas estão reclamando? Você sai nas ruas e as mulheres se vestem com roupas menores e mais insinuantes que aquelas da capa do CD. As mulheres se vestem assim no dia a dia e ficam ofendidas se alguém usa uma imagem desse tipo na capa de um disco? De uma coisa eu tenho certeza: os homens adoraram [risos]."

E como polêmica já virou marca registrada do metal nórdico, Ikonen não se furta de comentar o cenário regional de alguns anos atrás, que ficou mundialmente conhecido por seu lado criminoso (queima de igrejas, assassinatos etc.), não pelo musical. Ikonen é taxativo: "Se alguém quer queimar igrejas, então deixe a guitarra de lado e não meta a música no meio. Pra que prejudicar a imagem do metal nórdico daquela maneira? Aqueles caras eram uns completos imbecis", finaliza o vocalista. •

Foto: Divulgação

SHOW TIME CHAOS

VISION OF DISORDER

Pete Wadeson

Oriundo do epicentro hardcore dos EUA, New York, o Vision Of Disorder está provando rapidamente ser um dos mais aventurosos nomes daquela cena. O perigoso quinteto é composto por Tim Williams (vocais), Mike Fleischmann (baixo), Matt Baumbach (guitarra), Mike Kennedy (guitarra) e Brenden Cohen (bateria). O primeiro álbum de sua carreira, auto-intitulado, foi lançado pela Roadrunner em 96. Porém, apenas agora, via um trabalho dotado de produção decente – o segundo petardo, *Imprint* –, o Vision Of Disorder conseguiu dar origem a uma obra capaz de interessar o mundo metálico.

Desde que foi formado nos arredores de Manhattan, em Long Island, New York, o Vision Of Disorder é um animal bastante complexo e único. Esqueça o rótulo hardcore, ainda que a banda tenha conseguido reconhecimento internacional graças ao lançamento do EP *Still* pela Striving For Togetherness e às suas duas faixas presentes na coletânea *New York's Hardest*. Porque o grupo foi capaz de ultrapassar os limites do próprio hardcore por causa de suas constantes turnês ao lado de nomes mais metálicos, como o Machine Head, e por ter passado a maior parte do verão de 1997 como integrante do Ozzfest daquele ano.

Voltemos, contudo, ao presente e ao lançamento do furioso e ríspido *Imprint*. "*Imprint* representa algo negativo que se torna positivo", diz o vocalista Tim Williams a respeito do título do disco e de seu intrínseco significado. "Existem coisas que aconteceram comigo e com a banda nos últimos dois anos que definitivamente deixaram sua marca. Situações que fazem com que você fique fora de si. São coisas que te jogam lá pra baixo, mas que da mesma forma o tornam mais forte e mais esperto para a próxima vez."

As letras do Vision Of Disorder falam das mazelas do mundo ocidental e da determinação das pessoas em conseguir superá-las da melhor maneira e manter-se superior a elas. *Imprint* certamente traz essas emoções: cinco indivíduos enredados musical, mental e até mesmo emocionalmente. Como o próprio guitarrista Matt Baumbach diz: "Somos cinco caras completamente diferentes uns dos outros, mas, ainda assim, seria impossível para a banda existir caso não houvesse qualquer um de nós. Somos cinco pessoas fazendo música sem nenhum outro objetivo mesquinho por trás disso." São sentimentos muito positivos, oriundos de uma banda cujo único compromisso é tocar o que sente, não importa como venham a categorizá-la. •

Trad.: RF

DISCOGRAFIA
Vision Of Disorder (96), *Imprint* (98).

GANHE UM CD DA REVELAÇÃO THRASH-DEATH DE SP

A ROCK BRIGADE está sorteando 30 CDs "Shivering" da banda paulista TORTURE SQUAD. Para concorrer, basta escrever para o endereço abaixo e torcer:
Promoção Torture Squad
R. dos Bonitos 89, V. Mariana, SP/SP, 04117-080

Não valem cartas entregues pessoalmente, via fax ou e-mail. Só concorrerão aos brindes as cartas que forem postadas até o dia 20/11/98. Envie seu nome/endereço completos e legíveis. Não nos responsabilizamos por devoluções ocorridas por causa de endereço incompleto, incorreto, ilegível, mudança de endereço ou uso de pseudônimos. Os prêmios devolvidos por esses motivos prescrevem em seis meses. Após esse prazo, o contemplado perderá o direito a ele.

THE HAUNTED

ASSOMBROSAMENTE MAGNÍFICO

Pete Wadeson

De vez em quando, aparece uma banda que recupera sua fé no lado mais extremo do metal. O The Haunted, da Suécia, é uma dessas bandas. Já fazia algum tempo que um grupo novo não me impressionava tanto, já que a vida e especialmente o fato de estar trabalhando há tanto tempo no meio musical nos torna um tanto quanto cínicos. Mas, chega de conversa, quem e o quê é o The Haunted?

Oriundo de Gotemburgo, na Suécia, o quinteto foi formado a partir das cinzas do extinto conjunto de thrash metal At The Gates. O núcleo da nova banda conta com três ex-membros do At The Gates: Anders Bjorler (G), seu irmão gêmeo Jonas Bjorler (B) e Adrian Erlandson (D). O trio foi logo completado por Jensen, ex-guitarrista do Seance, e pelo ex-vocalista do Mary Beats Jane, Peter Dolving. Com essa formação, o quinteto não perdeu tempo e, em meados de 1996, gravou duas músicas que originalmente seriam apenas uma gravação pessoal, mas que logo chegaram ao ex-selo do At The Gates, a Earache, que utilizou ambas as músicas em uma série de coletâneas. A excelente repercussão que obtiveram fez com que a Earache imediatamente assinasse com a banda. O resultado da parceria é o recém-editado debut, *The Haunted*, aclamado pela crítica musical do mundo todo.

Divulgação

O álbum é thrash metal do início ao fim, com guitarras à Slayer, riffs poderosos e impressionante seção rítmica. Mas não se trata de apenas mais uma banda thrash – de jeito nenhum! Uma audição mais atenciosa do disco logo prova isso. Caso você ainda não tenha escutado o CD, leia o que o guitarrista Jensen tinha a dizer quando conversamos com ele após uma estressante viagem a Estocolmo, onde ele estava gravando com um outro grupo de Gotemburgo (mais a respeito disso dentro em pouco). Não estaria o The Haunted jogando para a torcida ao soar tão thrash dos anos 80? "Nós nunca procuramos copiar ninguém daquele período, mas consigo entender por que estamos sendo tão comparados a essas bandas", diz Jensen. "Porém, tudo que tenho a dizer é que estamos tocando o que sentimos ser o certo e até agora está funcionando."

Contudo, ainda que Jensen negue ter influências diretas, ele tenta uma explicação dizendo quais são suas raízes musicais. "Quando eu era moleque, ouvia muito AC/DC. Por causa disso, sempre me interessei pelos riffs, que, nesse caso, são a força-motriz que existe por trás de uma música. Daí, veio o thrash metal e se eu tivesse que escolher uma banda daquele período que me influenciou muito, diria que foi o Dark Angel, mais especificamente o álbum *Darkness Descends*. Mas, como eu disse, quando formamos a banda nós não chegamos e dissemos propositadamente: 'É isso aí, vamos montar uma banda de retro-thrash.' Apenas aconteceu. Aquelas duas músicas que nós gravamos e que acabaram nos valendo um contrato foram escritas em 94, quando eu ainda estava no Seance. Deste modo, fica claro que nós nunca tivemos essa grande estratégia, éramos apenas nós cinco ensaiando, compondo e tocando o que gostávamos."

O primeiro álbum, produzido pelo renomado Fredrik Nordstrom, captura fielmente a energia e a agressividade que a banda possui. Como foi trabalhar com Nordstrom? "O Fredrik acabou pressionando a si mesmo durante todo o processo de gravação, pois ele tinha acabado de estourar com o *Slaughter Of The Soul* e, portanto, a Earache esperava dele o mesmo sucesso. E, pior, nós também! Tenho que admitir que eu estava sempre em cima dele, pedindo para ele aumentar as guitarras, deixá-las mais energéticas – eu deixei o cara louco! Só que ele fez um trabalho brilhante e, embora eu deva dizer que toda a banda tenha tido uma mãozinha na produção, a mixagem final ficou a cargo dele. Graças a Deus ele entendia o que pedíamos e estava sempre disposto a fazer o melhor."

No álbum, é fácil perceber que os solos obedecem a uma fórmula já bastante testada e utilizada. Porém, deve-se dar crédito à banda por ela ter conseguido, mesmo assim, inferir novas dimensões a esses padrões. "Eu acho que é porque nós tocamos com entusiasmo puro", explica Jensen. "Vou ter que dizer outra vez que nós nunca tentamos copiar nenhuma banda. O The Haunted preocupa-se exclusivamente em tocar música agressiva, que venha diretamente de nossos corações. Se as pessoas gostarem, fantástico."

Nesse momento do papo, fica óbvio que já falamos bastante a respeito do The Haunted, suas influências e sonoridade. É hora de tratarmos do projeto paralelo de Jensen, no qual ele toca com diversos outros músicos suecos. "Trata-se de uma banda chamada Witchery, composta por três ex-membros do Seance, pelo baixista do Mercyful Fate, Sharlee D'Angelo, e eu. Acredite ou não nós temos um contrato com a Necropolis e já gravamos três discos. Fizemos isso para que a gravadora possa lançar o material enquanto estivermos ocupados com as nossas bandas principais."

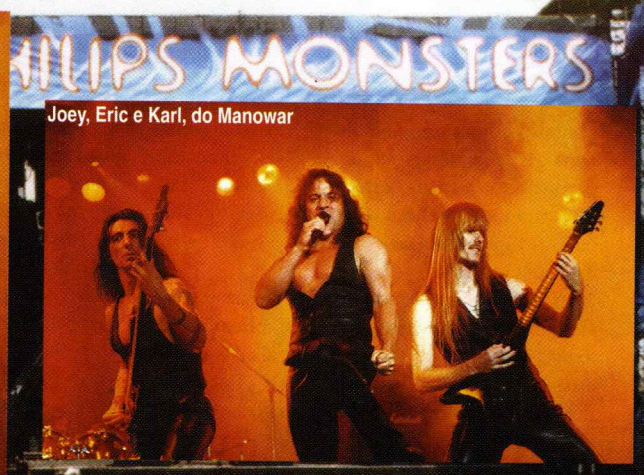
Estando envolvido com todos esses trabalhos, fica claro que Jensen quer fazer tudo ao mesmo tempo, mas não consegue se dedicar 100% a nada. Só que, aparentemente, ele não se preocupa muito com isso. "Essa falta de dedicação não chega a acontecer", diz ele. "O problema é que eu estou escrevendo música a toda hora e o material das duas bandas nunca se choca, pois elas são completamente diferentes. Se não fossem, eu já teria desistido de uma delas. De qualquer modo, o The Haunted é a prioridade e nada pode me distanciar ou separar do grupo." •

Trad.: RF

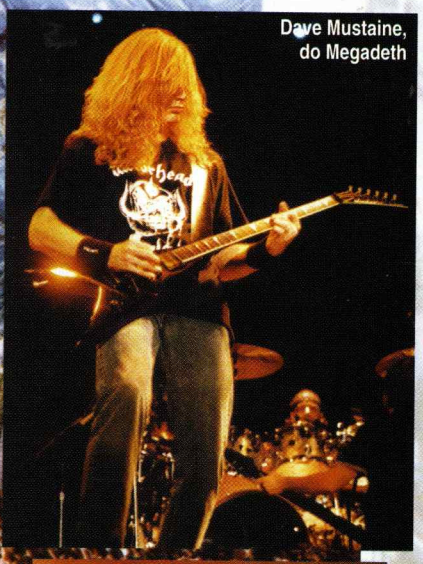
PHILIPS MONSTERS 98

UMA CELEBRAÇÃO À MÚSICA PESADA E À PAZ

Tom Araya, do Slayer



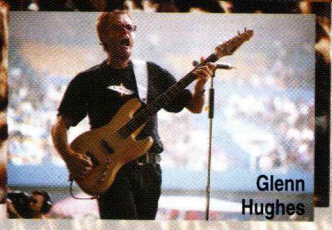
Joey, Eric e Karl, do Manowar


Dave Mustaine, do Megadeth

Dream Theater

Savatage

Saxon


Glenn Hughes

Fotos: Marcelo Rossi/RB

Fernando Souza Filho

Foi uma festa sem precedentes. O modesto estádio do Ibirapuera, na capital paulista, recebeu 25 mil pessoas para um evento 100% voltado ao heavy metal. Não houve grande alarde na mídia, mas a multidão fez do sábado, 26 de setembro último, uma grande celebração metálica. Afinal, como esses "metaleiros" (perdoem o palavrão!) conseguem levar tanta gente a um estádio de futebol?

E ainda tem um agravante: nenhuma das atrações era inédita por aqui. Todos já haviam tocado antes no país. E foi assim que Slayer, Megadeth, Manowar, Dream Theater, Saxon, Savatage, Glenn Hughes, Korzus e Dorsal Atlântica fizeram a região do Ibirapuera tremer com suas guitarras pesadas e sua determinação de não se render aos modismos.

O mais interessante de tudo foi ver alguns colegas da dita grande imprensa passearem de câmera em punho tentando flagrar brigas, gente se drogando ou seres exóticos de cabelos azuis. Entre um show e outro, na sala de imprensa do estádio, não dava para disfarçar o sorriso quando víamos nossos colegas voltarem frustrados por não terem filmado nenhuma confusão envolvendo os "violentos metaleiros". Tudo que encontraram foram headbangers felizes com aquela orgia sonora, numa paz de fazer inveja a Woodstock.

Entre as ocorrências no posto médico instalado no local, foram registrados cerca de 40 casos de gente embriagada (que já chegava bêbada, pois não era permitida a venda de bebidas alcoólicas no estádio), 35 casos de mal estar causado pela trilogia cansaço + calor + estômago vazio, 5 casos de machucados durante o agito dos shows e, para finalizar, 110 pessoas com dores de cabeça por causa da altura do som. Em outras palavras, foi um banho de civilidade de quem só foi lá para se divertir. Ah, e nossos coleguinhas voltaram para suas redações sem nenhum sangue para mostrar para seus editores. Que delícia!

Em termos gerais, o Philips Monsters deste ano também foi muito bem organizado, sem grandes atrasos (a não ser o show do Slayer, que começou uma hora depois do que estava programado), com bom som, boa iluminação, boas opções de lanches (apesar dos preços estarem bem salgados, o que não é nenhuma novidade), telões com imagens nítidas e muita empolgação da galera.

Evidentemente, foi preciso ter uma força de vontade sobre-humana para agüentar um festival que começou às 13h e foi até três da manhã do dia seguinte. Por isso, havia um revezamento natural na parte da frente do palco, aquele gargalo privilegiado onde ninguém fica parado. O que se via era o seguinte: na hora do show do Dream Theater, por exemplo, a galera fã da porradaria do Slayer ficava lá atrás, vindo pra frente apenas na hora de sua banda favorita. Tudo na maior tranqüilidade.

DORSAL ATLÂNTICA

O sol estava a pino, eram 13h e cerca de oito mil pessoas já se espremiam na frente do palco quando o trio carioca deu início ao festival. Aliás, diga-se de passagem, o Philips Monsters 98 fez justiça a uma antiga reivindicação de todos os fãs do bom heavy metal: colocar no palco do evento o Dorsal e o Korzus.

A banda entrou detonando, apresentando sua nova formação e uma pintura nos olhos que, de longe, parecia óculos escuros. Apesar da empolgação inicial, os bangers não conseguiram seguram o pique. Afinal, com aquele calor e com tantas camisetas pretas na platéia, não havia fôlego que aguentasse.

Evidentemente, o auge veio com *Guerrilha*, eterno hino do grupo. Nas duas últimas músicas, *Tortura* e *Vitória*, foi o velho Carlos Lopes (guitarra/vocal) quem perdeu o fôlego. Os refrães saíram pela metade.

KORZUS

Quem nunca viu um show do Korzus não consegue imaginar o caos que o conjunto instala por onde passa cada vez que começa a tocar. Com uma performance que beira a insanidade (debaixo daquele calor infernal...), o Korzus já entrou arregaçando e fazendo todo mundo pular.

Os caras agitam tanto que é impossível não

contagiar a galera, especialmente na hora dos clássicos dos álbuns *P.F.Y.L.* e *Mass Illusion*. A banda foi literalmente aclamada, com todos gritando seu nome em coro. O guitarrista Sílvio Golfetti aproveitou para fazer seu discurso pró-metal e foi ovacionado.

Além das tradicionais e insanas performances de Sílvio, do vocalista Marcelo Pompeu e do baixista Dick, a banda agora conta também com dois autênticos animais em seus instrumentos: o batera Rodrigo e o segundo guitarrista, Heros.

Após a última música do Korzus, houve uma debandada geral atrás de chuveiros, bicas, torneiras ou qualquer coisa que pudesse ter água para refrescar a galera.

GLENN HUGHES

A primeira atração internacional do Philips Monsters parecia deslocada no meio de tantos grupos pesados. E o próprio Hughes não escondia sua apreensão nos bastidores, afinal, o homem já foi lenda nos seus tempos de Deep Purple, mas nos últimos anos vem descambando escandalosamente para o pop. Por isso, tomou a decisão mais acertada: baseou seu set list em músicas do Purple e do Trapeze, outro monstro do rock por onde o cantor passou nos anos 70.

Hughes então empunhou seu baixo e encarou a galera de frente, cantando com o mesmo talento com que toca. Musicalmente, não tem muito o que ser falado sobre o veterano cantor, afinal, seu currículo é diretamente proporcional à sua importância na história do rock'n'roll. No entanto, faltou um pouco de punch e de paixão no show. Hughes fez tudo certinho, mas chegou quase a ser burocrático. Que me desculpem os fãs, mas foi daquelas apresentações da qual ninguém fala mal, mas também pouca gente se lembra depois.

O set começou com *Stormbringer* e finalizou com *Burn*, provando que a disposição de Hughes era mesmo conquistar os fãs de Purple. No meio, uma bela versão para *Touch My Life*, do Trapeze.

SAVATAGE

Apenas os fãs do Savatage que já haviam visto o show da banda no Brasil sabiam o que esperar. O resto da galera estava apenas curiosa para ver como o conjunto se sairia. E qual não foi a surpresa quando o grupo entrou detonando suas belíssimas guitarras power metal com vocais poderosos e muita, muita adrenalina.

O sol já estava começando a ser menos cruel, as luzes já passavam a ter algum efeito sobre o palco e por volta de 15 mil pessoas já se ajeitavam no estádio. Além do mais, depois do hard rock de Glenn Hughes, o heavy do Savatage adquiriu ares de thrash hecatômbico.

Foi nesse clima que o grupo desfilou seus clássicos e, ao contrário da maioria das bandas, conseguiu tanta receptividade para seus sucessos quanto para as novas músicas da obra-prima *The Wake Of Magellan*. No final do show, os fãs, extasiados, ainda queriam mais. Quem não era fã, certamente passou a ser, pois o Savatage deixou uma excelente impressão.

SAXON

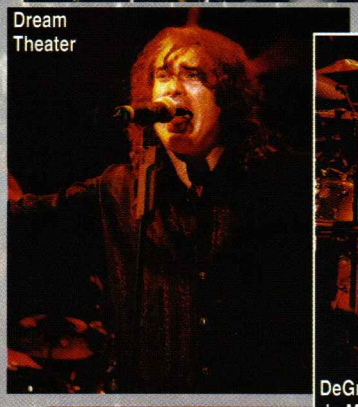
Ah, os mestres. Quando a banda tocou em São Paulo, ano passado, fez um show emocionante, que levou muitos antigos fãs às lágrimas (entre os quais me incluo, com orgulho). E justamente baseado nessa ótima repercussão, o conjunto foi convidado para ser o primeiro grupo da noite que caía e aliviava os efeitos do sol que castigara a platéia durante toda a tarde.

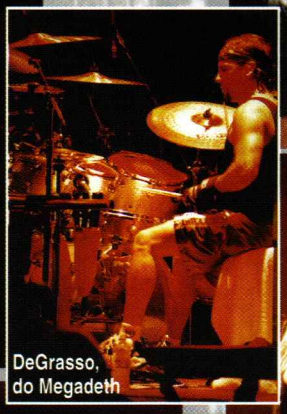
Foi um set que misturou hits recentes com antigos clássicos que simplesmente não podem faltar num show do Saxon. Imagine uma apresentação do vocalista Paul Byfford e sua trupe sem *Motorcycle Man*, *20,000 ft*, *Power And Glory* ou *Denim And Leather*. E não precisa nem falar de *Princess Of The Night* ou de *Crusader*, pois essas músicas há muito deixaram de ser clássicos do Saxon para se tornarem hinos do heavy metal mundial.

A banda foi igualmente bem recebida nas novas *Dogs Of War* e *Unleash The Beast*, que conquistaram a platéia.

Dorsal Atlântica

Korzus


Dream Theater


DeGrasso, do Megadeth

Friedman, do Megadeth

Biff, do Saxon

Fotos: Marcelo Rossi/RB

DREAM THEATER

Já eram quase 19h30 quando o Dream Theater subiu ao palco. A lotação do estádio chegava ao auge com cerca de 25 mil presentes.

O virtuosismo dos músicos é indiscutível, assim como o talento do fantástico vocalista James LaBrie. A complexidade harmônica das músicas deixa outros músicos admirados e alguns jornalistas com um ar intelectual de aprovação, mesmo que no fundo não estejam entendendo muito bem o que está acontecendo. Além de tudo isso, o grupo procurou ater-se às músicas mais rápidas, menos viajantes, para não esfriar o clima do festival.

No entanto, como escapar às composições com mais de 10 minutos e aos intermináveis solos de teclado, guitarra, baixo, bateria, caixinha de fósforos, lata de leite em pó e tudo mais que aparecer pela frente?

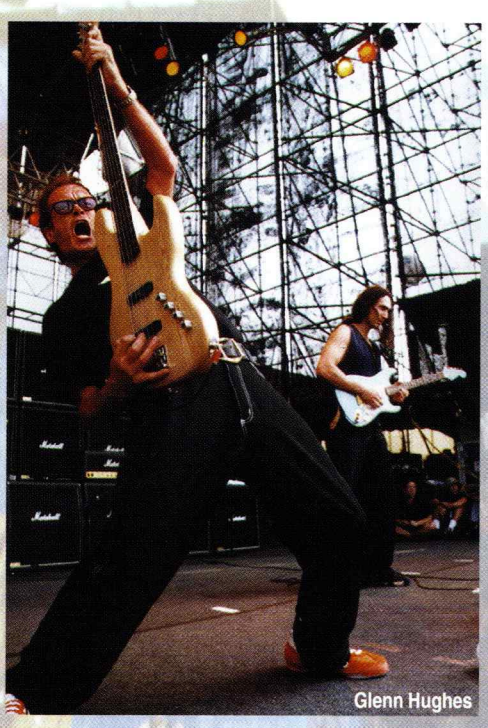
No fundo, boa parte do público do grupo é formada mesmo por outros músicos que ficam apenas observando o show e, alguns deles, apenas esperando a hora que alguém vai errar alguma nota. Num show do Dream Theater, porém, dificilmente isso vai acontecer.

MANOWAR

O Manowar é daquelas bandas que leva sua teatralidade tão a sério que já se não distingue mais o palco dos bastidores. Seu discurso contra os "falsos" é folclórico, parece meio ensaiado demais, mas não dá para não sentir um friozinho na barriga quando o grupo berra a plenos pulmões que ama o heavy metal até a morte e tem orgulho disso. Quando a gente percebe, já está com os braços pra cima mandando um "fuck you" para os posers.

A preocupação em tocar exageradamente alto fez com que a banda levasse quase quatro horas para passar o som, além de queimar alguns amplificadores, no dia anterior. O conjunto chega ao requinte de ter um técnico que monitora as outras bandas para que ninguém toque mais alto que o Manowar. Dá pra acreditar?

O show em si, no entanto, é estupendo. Apesar de faltar o hino dos hinos, *Battle Hymn*, a banda fez uma apresentação melhor que a do Olympia, em 96. Eric Adams arrasa com sua voz encantada em *Gates Of Valhalla*, o público cantou em coro o refrão de *Metal Daze*, faltou fôlego em *Hail And Kill* e não funcionou bem o corinho de *Kings Of Metal*. O anticlímax foi o interminável solo de baixo de *Sting Of The Bumble Bee*, com o pedal de Joey DeMaio falhando a toda hora (por causa do volume absurdo em que se encontrava). Mas isso foi compensado em *The Gods Made Heavy Metal*, quando a banda chamou um cara da platéia para tocar com eles. O pobre coitado mal sabia tocar algumas notas, foi sonoramente vaiado e teve o volume de sua guitarra "desaparecido" durante a execução da música.



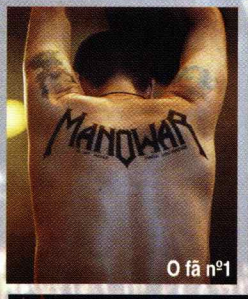
Glenn Hughes

Eric Adams, do Manowar

Hanneman, do Slayer

Savatage

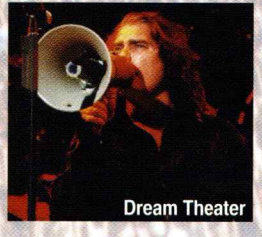
Savatage



O fã nº1

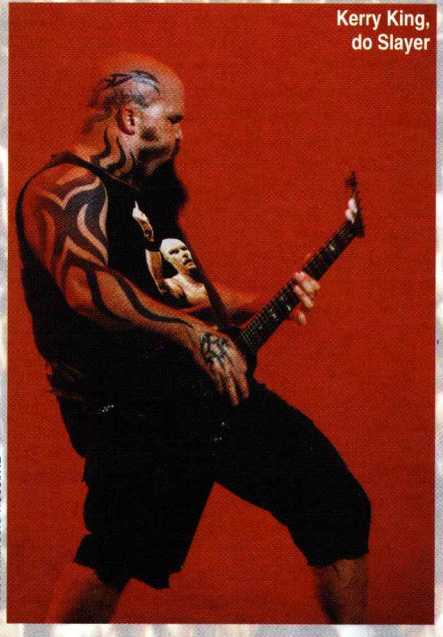
Jon Oliva (Savatage), com seu gremlin

Dream Theater



Dream Theater

DeMaio, com protetor de ouvido



Kerry King, do Slayer

Fotos: Marcelo Rossi/RB

No final dessa música, Pepinho (ex-colaborador da ROCK BRIGADE) subiu ao palco e mostrou sua gigantesca tatuagem com o logotipo do Manowar.

O final foi com *Black Wind, Fire And Steel* e, na seqüência, *The Crown And The Ring* no playback. Mas que o grupo bem que podia ter usado o tempo dos intermináveis solos para tocar *Battle Hymn, Army Of The Immortals* ou *Bridge Of Death*, ah, isso podia.

MEGADETH

De *Holy Wars*, que abriu o show, até *Anarchy In The UK* (do... ah, você sabe), que fechou, o Megadeth fez um show impecável em todos os sentidos. O som estava bom, a iluminação fantástica e o grupo parecia estar particularmente inspirado.

Talvez tenha sido a presença do batera Jimmy DeGrasso, que deu um novo fôlego ao conjunto nessa fase pós-Nick Menza.

A banda trocou a ordem que estava programada em seu set-list, colocando de forma inteligente as faixas de forte apelo junto ao público, como *In My Darkest Hour, Hangar 18* e *Wake Up Dead*, antes das outras. O resultado foi impecável.

O guitarrista/vocalista Dave Mustaine parecia tão satisfeito que chegou a sorrir para o público. Se alguém fotografou esse momento, vai ficar rico!

SLAYER

Programado para subir ao palco às 12h30 da madrugada, o Slayer só começou seu show à 1h30. Após toda a maratona do dia, obviamente muita gente já estava exausta e indo embora. Porém, quem ficou pôde comprovar uma autêntica parede sonora em um dos shows mais pesados de todos os tempos.

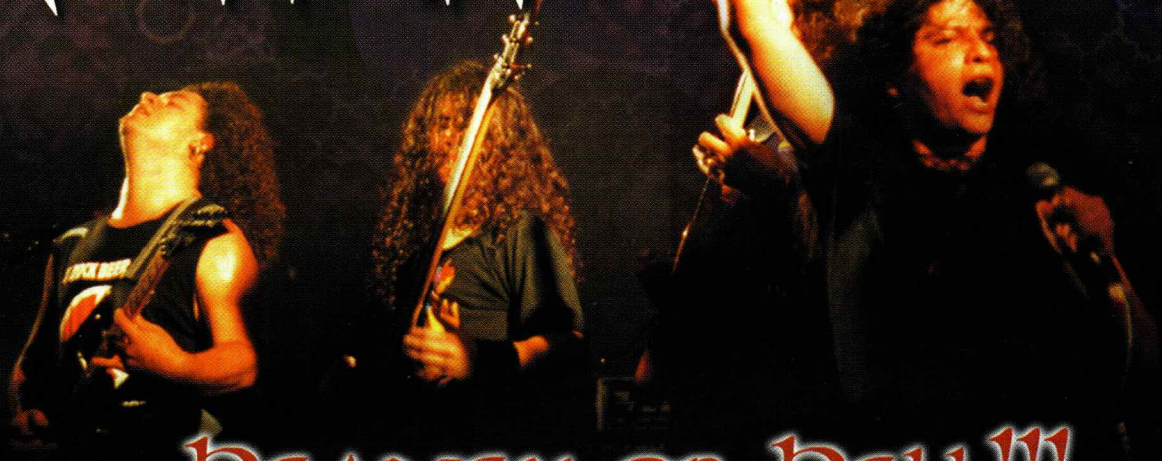
Quando a banda tocou em São Paulo, em 94, não era a atração principal (que foi o Kiss) e tinha pouca luz e pouco som. Agora, tendo 100% do equipamento a seu favor, o Slayer provou por que é uma das bandas mais fantasticamente pesadas do planeta. A cidade inteira parecia tremer com o peso de *Better Peace* e *Death's Head*, dois mísseis do *Diabolus In Musica*, novo CD do quarteto.

A essa altura, o que era um dia quentíssimo se tornara uma noite fria. Menos no palco, pois o Slayer detonava clássicos como *Evil Has No Boundaries, Hell Awaits, South Of Heaven, Captor Of Sin, Die By Sword, Raining Blood* e, finalmente, após tantos anos esperando, a inigualável *Angel Of Death*.

Quem não desabou ali mesmo depois desse massacre pôde voltar pra casa feliz em ver o heavy tão vivo e tão pulsante, mesmo após ter sua morte decretada tantas vezes. Enquanto isso, as raves vão se esvaziando na mesma proporção em que os traficantes vão sendo presos... •

Dark Avenger

Choose Your Side...



...heaven or hell!!!

Já nas lojas o 1º CD da melhor banda de Heavy Metal do Brasil

Zen Records
061 328.3007
061 328.1007

ADQUIRA O SEU...

!!!Metal into vein right through the brain!!!

PARADISE LOST

Richard Littlewood

Paradise 98 (esq. p/ dir.) : Edmondson, Mackintosh, Aedy, Holmes e Morris

Comercialismo, não!

Pete Wadeson

Continuamente acusado de vendido, o Paradise Lost deu seu passo decisivo recentemente, quando assinou um lucrativo contrato com a gravadora major EMI. Para celebrar o momento (ou apenas para encher os bolsos), sua antiga gravadora Music For Nations lançou uma retrospectiva do conjunto, intitulada *Reflection*.

Chega a ser difícil acreditar como o grupo mudou nos últimos anos, mas o fato é que Nick Holmes (vocal), Gregor Mackintosh (guitarrista solo), Aaron Aedy (guitarrista base), Steve Edmondson (baixo) e Lee Morris (bateria) continuam aumentando sua legião de fãs e descartam veementemente o rótulo de "banda comercial". O guitarrista Gregor Mackintosh é quem fala mais do assunto, em um papo exclusivo com a BRIGADE. Aliás, ele próprio é quem começa a entrevista, sem esperar sequer que o repórter faça a primeira pergunta:

GREGOR MACKINTOSH – Sabe de uma coisa? Estou de saco cheio de ouvir as pessoas dizerem que nos vendemos, até porque já dizem isso do grupo desde que ele foi formado. Depois de cada disco que lançamos, recomeça aquele papo de que nos vendemos. É uma pena que tantos fãs de rock ainda tenham a cabeça tão fechada.

ROCK BRIGADE – Mas você não acha que corre o risco de perder os fãs mais antigos, que a banda levou tanto tempo para conquistar?

MACKINTOSH – Eu estaria mentindo se dissesse que isso nunca passou pela minha cabeça. Porém, nós chegamos a um ponto em que não agüentávamos mais ter que tocar as mesmas coisas noite após noite. Parecia que esse ciclo nunca tinha fim. Por isso, não posso concordar quando as pessoas dizem que nós nos tornamos uma banda comercial. Se você ouvir nossos álbuns, vai ver que houve uma evolução gradual. Apenas em *Draconian Times* é que admito que houve uma mudança mais drástica.

RB – Essa mudança toda resultou no fato de a banda finalmente ter sucumbido a uma grande gravadora?

MACKINTOSH – Era a hora certa de mudar. Tivemos quatro grandes selos interessados no Paradise Lost, mas a EMI ofereceu o melhor contrato, inclusive nos dando total liberdade artística em nosso trabalho. Isso é o que sempre procuramos, afinal, um grande selo pode entender tudo sobre marketing e divulgação, mas isso não significa que entenda o aspecto musical de seus contratados. Nós não mudamos por causa da gravadora. Nós fazemos nossa música e eles cuidam dos negócios, não influenciam em nada o nosso lado musical.

RB – A Music For Nations lançou uma coletânea do Paradise Lost. É verdade que vocês tentaram impedir esse lançamento?

MACKINTOSH – Não, nós não tentamos impedir esse lançamento. Veja bem, a Music For Nations não queria que saíssemos do selo, mas o contrato com eles havia chegado ao fim e quisemos mudar. Quando soubemos que eles planejavam lançar essa coletânea, resolvemos participar do processo escolhendo as músicas e a arte da capa. Não quero falar nada ruim da Music For Nations, mas nós não estávamos felizes com o que eles fizeram em nosso último álbum. Parecia que eles tinham se esforçado muito para divulgar *Draconian Times*, mas relaxaram demais em *One Second*.

RB – Já encerraram a atual turnê?

MACKINTOSH – É, nós terminamos recentemente o circuito dos festivais europeus de verão. Fizemos o Dynamo Open Air, que foi fantástico, e tocamos com o Ozzy. Até o final deste ano, estaremos concentrados em compor material

novo, testar alguns produtores e planejar o que vamos fazer em 99. Acho que vamos lançar o próximo disco no primeiro semestre do ano que vem.

RB – Falando em Ozzy, a banda não teve nenhuma intenção de juntar-se ao Ozz-fest?

MACKINTOSH – No momento, não. Todas as bandas que participam do festival fazem um trabalho oposto ao nosso, não têm nada a ver conosco. Eu não vou dizer que recusaríamos um convite para tocar lá, mas o Ozz-fest tem uma proposta musical que é oposta ao que fazemos hoje em dia.

RB – Você mencionou também o novo álbum do grupo. O que os fãs podem esperar desse trabalho? A banda vai adotar uma linha mais comercial?

MACKINTOSH – Eu não diria comercial. Nós apenas vamos tocar o que queremos. Para mim, comercial é uma palavra que traz à mente uma imagem de bandas pop de rádio, coisa que o Paradise Lost não é. Eu espero alcançar um público cada vez maior, mas não é por isso que vamos ser taxados de banda comercial.

RB – Bem, mas considerando que a banda tem investido bem menos nos trabalhos de guitarra, especialmente os solos...

MACKINTOSH – Eu não sinto falta dos solos, pois tudo que deveria ser feito nesse sentido, já foi. Eu estou de saco cheio de tocar e de ouvir solos de guitarra, pois há muito mais para se tirar do instrumento. Atualmente, prefiro pensar e trabalhar o som como um todo, experimentar coisas novas. No último disco, havia um monte de partes que as pessoas achavam que eram teclados, mas era apenas a guitarra tocada com efeitos de sintetizador.

RB – Estar numa gravadora grande permite aos músicos um tempo muito maior para experimentar coisas novas em estúdio, não é?

MACKINTOSH – Sim, há mais tempo e mais equipamento disponível. No momento, estamos tentando novos efeitos de guitarra que nunca havíamos tido a chance de experimentar em estúdio.

RB – Além do estúdio, o que mais muda para uma banda tipo o Paradise Lost quando se está numa major?

MACKINTOSH – Acho que nada mais muda. Continuamos ensaiando na mesma velha sala que temos. Talvez daqui a algum tempo possamos ter um lugar maior para ensaiar. Mas esses são planos para o futuro.

RB – No presente momento, qual é o objetivo imediato da banda?

MACKINTOSH – Sempre estabelecemos objetivos imediatos. Atualmente, queremos caprichar mais nas produções, fazer shows maiores, ter mais divulgação de nosso trabalho etc.

RB – Planos para tocar novamente no Brasil?

MACKINTOSH – Sim, espero que isso possa acontecer em breve, pois eu adoraria poder voltar ao Brasil. Mas, como eu disse, no momento estamos só compondo, compondo e compondo. •

Trad.:FSF

DISCOGRAFIA
Lost Paradise (90), *Gothic* (91), *Shades Of God* (92), *As I Die* (EP/92), *Icon* (93), *Seals The Sense* (EP/94), *Draconian Times* (95), *One Second* (97), *Reflection* (coletânea/98).

HEAVY METAL ROCK

CONFIE EM QUEM ESTÁ HÁ 15 ANOS NO MERCADO

Atendemos todo o Brasil

Solicite catálogo GRATUITO escrevendo para:
HEAVY METAL ROCK
Caixa Postal 491, Americana/SP, 13465-000
Você pode também ligar para (019) 461-8664
ou mandar um email para hmrock@netamericana.com.br

Venha visitar nossas lojas:

AMERICANA:
Rua 30 de Julho, 244, Centro
Seg. a sex.: das 9 às 18h
Sáb.: 9 às 13h

PIRACICABA:
Shopping Piracicaba, Loja 15
Seg. a sáb.: das 10 às 22h
Dom.: 14 às 20h

GLOOMY GRIM

FILME NÓRDICO DE TERROR

Fotos: Divulgação

Fernando Souza Filho

A enxurrada black metal dos países nórdicos não pára de surpreender. Investindo no que rotula como horrific dark metal, o Gloomy Grim lançou um CD brilhante, intitulado *Blood, Monsters, Darkness*, cuja mistura de vocais pútridos com melodias góticas e a indefectível voz feminina surpreende pelo extremo bom gosto, pelas belíssimas harmonias e pela temática ocultista.

O Gloomy Grim conta com músicos que também fazem parte de outras bandas, como Thy Serpent, Nomicon e Soulgrind. O conjunto é liderado por Agathon, o faz-tudo (é batera, canta, toca, compõe, cuida do merchandising etc.) que também é batera do Soulgrind e do Thy Serpent. Junto a ele estão as guitarras de Mörgoth e de Lord (também do Soulgrind), o baixo de Caesar (do Nomicon) e a bela voz da cantora Whisper ("sussuro", em português), que também atua como vocalista do Nomicon e do Soulgrind.

Apesar dessa confusão toda, o Gloomy não é apenas um projeto. "Tudo começou há dez anos, quando montei o Hellstorm", conta Agathon pra RB. "A gente mal sabia tocar, mas queria fazer algo na linha do Venom e Bathory. A banda não durou nem um ano, mas eu decidi continuar trabalhando sozinho. Em 95, resolvi montar meu próprio grupo." E assim nasceu o magnânimo Gloomy Grim, que lançou apenas duas demos (*Fuck The World, Kill The Jehova* e *Friendship Is Friendship, War Is War!*, em 96 e 97, respectivamente) antes de chegar ao primeiro CD.

O fato de todos os músicos estarem envolvidos com outros projetos não é um problema. "Somos todos amigos. Agora, por exemplo, estou tocando bateria com o Thy Serpent e devo gravar o próximo CD do Barathrum", completa ele.

O rótulo horrific dark metal foi invenção do próprio Agathon e reflete suas influências. "Eu tenho uma grande coleção de filmes de terror, que tiveram grande influência em minha música. Na área do metal, eu gosto das coisas mais antigas, como Exodus, Slayer, Venom e Celtic Frost. Da galera nova, curto Dimmu Borgir, Limbonic Art e Immortal. O nosso trabalho é uma combinação disso tudo e se encaixa no rótulo horrific dark metal."

Sem contradizer essa tendência, a banda fez um incrível cover para *Over The Mountain*, do velho mestre do rock horror, Ozzy Osbourne. "Quando ouvi pela primeira vez *Diary Of A Madman* [Ozzy], minha alma se rendeu ao metal. *Over The Mountain* retrata bem o que sou eu e o que é o Gloomy Grim", explica Agathon.

E a paixão do batera pelas películas de horror tem ido longe, uma vez que o grupo gravou os vídeos de *Asylum* e *Children Of The Underworld* como se fossem pequenos filmes de terror. "Vai ser diferente de tudo que você já viu", garante ele. Uma pequena mostra você pode ver nas fotos acima, que foram feitas durante as gravações dos vídeos. •

Para adquirir o CD ou as belas camisetas do Gloomy Grim, acesse o site da banda (http://www.sci.fi/~agathon), mande um email (agathon@sci.fi) ou escreva para: Agathon - Kestikuja 1 E 47, 00650 Helsinki, Finland (Finlândia).

MANIFESTO
HARD, HEAVY, ROCK

O MELHOR POINT ROCK DO BRASIL FICOU AINDA MELHOR

VENHA CONHECER O MANIFESTO!

Faça como Iron Maiden, Savatage, Scorpions, Stratovarius, Exodus, Warrant, Manowar, Paul Dianno, Saxon, Deep Purple, Dick Dale, Skid Row, Def Leppard, Helloween, Marillion, Rainbow, Motörhead, Jonathan Mover, Winger, King Diamond, Marky Ramone, Mercyful Fate, Psycho 69, Dr. Sin, Angra, Raimundos, Cólera, Rata Blanca, Golpe de Estado, Viper, Korzus, Wizards, Cortina, Pitbulls on Crack, Son Of A Bitch, Saxon, Exodus, Malmsteen, Quiet Riot, Blind Guardian e muitos outros: vá até o Manifesto! Cadastre-se e receba grátis o informativo El Grito.

Aberto de 4ª a sábado a partir de 21h. Domingo, a partir de 18h.

R. IGUATEMI, 36 • ITAIM BIBI • SP/SP • (011) 866-5520 • www.manifestobar.com.br

GALERIA DO ROCK • *Entrada 1:* R. 24 de Maio 62, SP/SP, 01041-000 • *Entrada 2:* R. S. João 439, 01035-000

Warrior Records
CDs importados
USA
Europa
Japão
Loja 270 • 1º andar
Telefax: (011) 221-4939
Site:
www.geocities.com/eureka/gold/4828
E-mail:
warrior_records@hotmail.com

DESTROYER
CDs NACIONAIS E IMPORTADOS
PREÇOS ESPECIAIS PARA FORA DE SÃO PAULO
Fone/fax: (011) 221-5474
Apoio à banda
THOTH

DIE HARD
ROCK 'N' ROLL CDs
"Sem música, a vida seria um erro", Nietche.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
Loja 312, 2º andar • Fonefax: (011) 220-3978
diehard@uol.com.br

MR MADMAN
ATENDEMOS TODO O BRASIL
ROCK RECORDS
LOJA 213 • (011) 221-2051

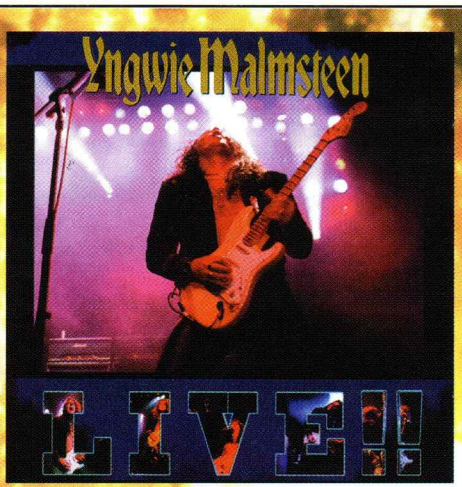
Rockmania
compra/venda/troca
DISCOS e CDs NACIONAIS e IMPORTADOS NOVOS e USADOS
Loja 453 - 3º andar
Fone: (011) 222-1609

MEDUSA RECORDS
HARD
PROGRESSIVE
METAL
LOJA 279
Telefax:
(011) 223-9845

ROCKLAND
Camisetas, CDs, VHS e acessórios
Loja 262 • 1º andar
(011) 221-1479

SEPULTURA
Official Brazilian Fan Club
CXA. POSTAL 4313, SP/SP, 01061-970

NOVOS LANÇAMENTOS DA ROCK BRIGADE RECORDS: FIM DE ANO COM METAL CLÁSSICO E CONSAGRADO



YNGWIE MALMSTEEN
Live!!
Disco ao vivo de Malmsteen, gravado no Brasil, em maio deste ano

STRATOVARIUS
Destiny
Novo trabalho do maior fenômeno do heavy metal clássico da Europa

Lançamentos
Rock Brigade records

Distribuição (só atacado)
LASER COMPANY DISTRIBUTORS
Fone: (011) 292-6011 • Fax: (011) 6096-2288
laserco@mtecnetsp.com.br

Annie Haslam

A VOLTA DO RENAISSANCE E A PAIXÃO PELO BRASIL

Fernando Souza Filho

Quando cravou seu nome na história do rock ao lado do Renaissance, a cantora Annie Haslam conquistou o mundo com sua voz suave, sua afinação perfeita e sua inabalável simpatia. De postura aristocrática, quase de realeza, Haslam continua sua carreira solo soltando discos cheios de melodias intrincadas e de inegável inspiração no rock progressivo setentista.

Em agosto, a cantora voltou a se apresentar no Brasil, trazendo novamente sua voz maravilhosa para deleite dos fãs tupiniquins. Com sua elegância única, Haslam solicitou à reportagem da BRIGADE que esperasse o fim da passagem de som para conceder uma entrevista em seu camarim, no Palace da capital paulista. A espera valeu a pena, afinal, não é todo dia que se vê a cantora soltar sua voz despreocupadamente em uma passagem de som, descalça, usando um vestido caseiro. Pode parecer exagero, mas ela parecia iluminar o local quando cantava *Let It Grow, Mother Russia* ou *Ave Maria*.

Após ajustar o som para o show que aconteceria naquela noite (veja 'On Stage' da RB nº146), Haslam atendeu a RB e já começou falando de seu mais recente lançamento, *Live Under Brazilian Skies*, gravado ao vivo nas apresentações que ela fez no Rio, em 97. "Não tenho a menor idéia porque escolhi esses shows do Brasil [risos] Eu apenas senti que era a coisa certa a fazer. Os shows no país foram muito especiais e, como tínhamos tudo registrado em gravações muito boas, não havia porque não lançar um CD ao vivo."

Além disso, ela é apaixonada pelo Brasil. "Aqui, todo mundo canta todas as músicas, é incrível. Eu adoro o Brasil. Essa já é a quarta vez que venho ao país. Gosto tanto que já vim aqui apenas para passar meu aniversário", lembra.

Para os fãs, no entanto, tem sido uma tarefa árdua achar esse CD, uma vez que ele foi lançado pelo selo White Dove, de propriedade da própria Haslam, que não tem distribuição mundial. "De fato, a distribuição não tem sido em grande escala. Mas, tenho vendido esse CD via Internet [www.anniehaslam.com]."

Mas, como boa parte dos fãs de Haslam é mesmo herança dos dias de Renaissance, continuam pululando lançamentos dos monstros dos 70's. Ano passado, por exemplo, saiu *Songs From Renaissance Days*, com gravações inéditas da banda. Será que ainda tem mais coisa inédita guardada? "Não. Agora não existe mais nada da banda que já não tenha sido lançado", garante a cantora.

Mas tem material novinho em folha. "Sim, já estamos trabalhando em um novo álbum. vai ter algumas participações especiais, como Roy [do E.L.O., o Electric Light Orchestra], que toca baixo em algumas faixas, Mick Simmons [tecladista do Fish, ex-Marillion] e Michael Quincy [tocou no Camel, nos anos 70]." O CD ainda não tem título.

"O trabalho novo é similar ao que fazíamos nos anos 70, tem o mesmo 'feeling', a mesma inspiração clássica. Mas vai ser algo mais contemporâneo. Não vai ser nada tipo *Camera Camera* ou *Time Line* ", completa ela. Aliás, esses dois álbuns estão entre os piores da carreira do Renaissance, uma vez que investiram em experimentos eletrônicos que nada tinham a ver com o conjunto. "Esses discos foram de fato grandes erros nossos, não deveriam nunca terem sido feitos. John [Kempp] foi quem nos levou para esse direcionamento e nos convenceu a gravar ambos. Só agora é que percebemos isso e jamais vamos cometer erros desse tipo novamente", admite a cantora.

Por falar em erros históricos, o ex-companheiro de banda Michael Dunford chegou a lançar dois álbuns (*The Other Woman* e *Ocean Gypsy*) sob o nome Renaissance, mas com outra cantora, Stephanie Adlington. Quando perguntada sobre o assunto, Haslam sinaliza como se estivesse fechando um zíper em sua boca e comenta: "Não vou falar nada, não acho nada [risos]. Bem, apenas acho que essas músicas poderiam ter sido deixadas em paz, acho que ele nunca deveria ter feito isso. Mas prefiro não entrar nesse assunto, pois não quero ser rude."

Para quem venceu até o câncer de seio (assunto sobre a qual ela fala no disco *Blessing In Disguise*), Haslam continua com uma vitalidade extraodinária. Já gravou com a Royal Philarmonica Orchestra, em *Still Life* ("Esse álbum foi a realização de um antigo sonho meu. Foi maravilhoso, gostaria de poder fazer tudo novamente"); com Steve Howe, num tributo ao Yes ("Fantástico. Ele é um cara extremamente talentoso. Gravamos ainda oito músicas juntos, mas, como ele estava em turnê com o Yes, ainda não pudemos finalizar esse trabalho"); e com Larry Fast, do Synergy ("Também é um cara muito bom").

Diante de tanto talento e versatilidade, é de impressionar a simplicidade de Lady Annie Haslam. No entanto, bastam as luzes se apagarem e a música rolar, para entender porque essa elegante cantora continua cativando novos e velhos fãs pelo mundo afora. Afinal, convenhamos, ouvir ao vivo *Ashes Are Burning, Let It Grow, Mother Russia* ou a tocante versão para *Ave Maria*, é de matar. •

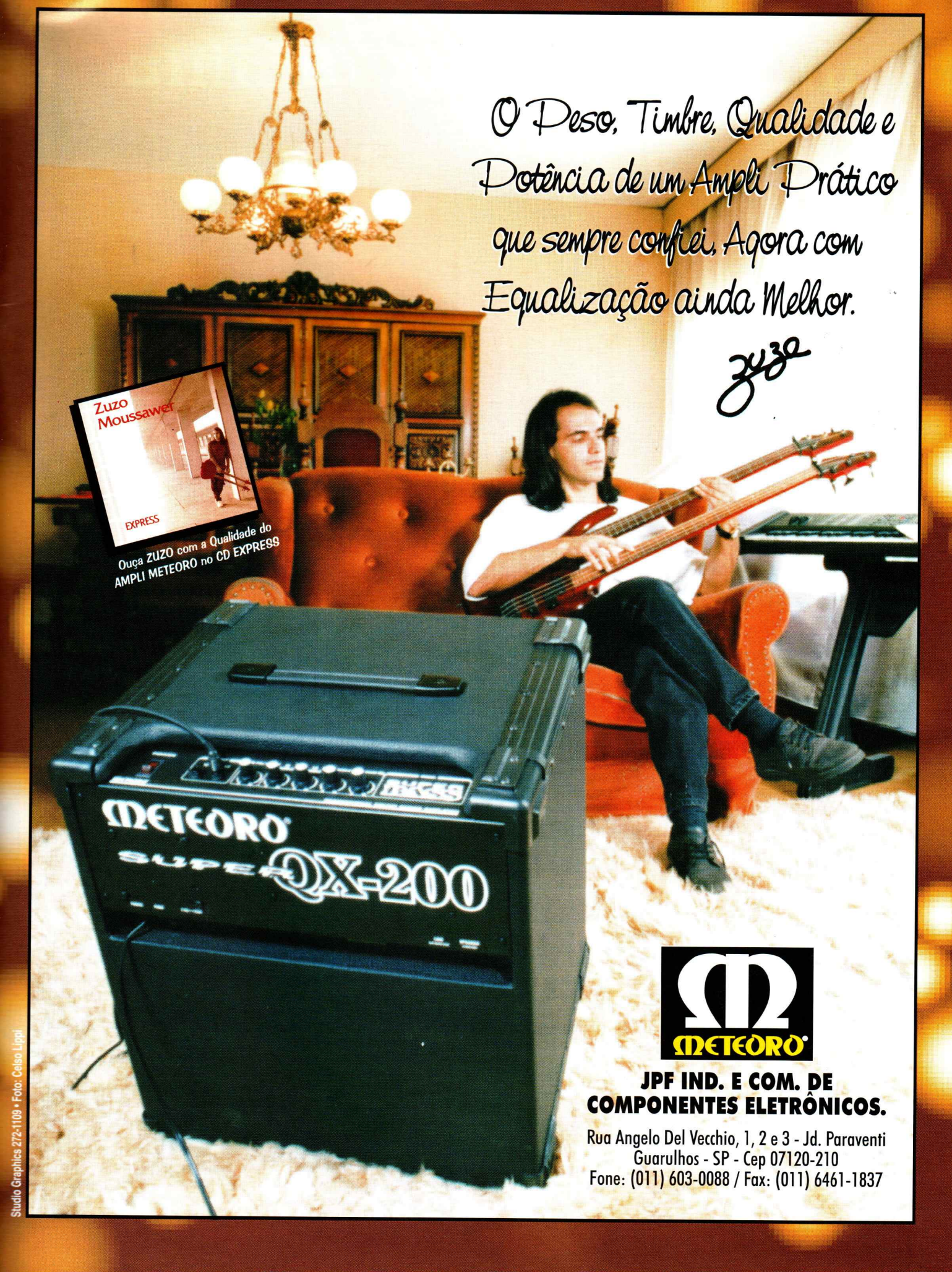
Colab.: CH

DISCOGRAFIA DE ANNIE HASLAM

Solo: *Annie in Wonderland* (77), *Still Life* (85), *Annie Haslam* (89), *Blessing in Disguise* (94), *Live Under Brazilian Skies* (ao vivo/98).

Com o Renaissance: *Prologue* (72), *Ashes Are Burning* (73), *Turn of the Cards* (74), *Scheherazade and Other Stories* (75), *Live At Carnegie Hall* (76), *Novella* (77), *A Song For All Seasons* (78), *In The Beginning* (78), *Azure d'Or* (79), *Camera Camera* (81), *Time-Line* (83), *Tales of 1001 Nights - Parts 1 and 2* (90), *Da Capo* (95), *Live at the Royal Albert Hall - Parts 1 and 2* (97), *Songs From Renaissance Days* (97).

Participações especiais: *Mustard* (com Roy Wood/75), *InterGalactic Touring Band* (coletânea/77), *On The Road Again* (com Roy Wood/79), *Philadelphians For Philadelphia: So The Story Goes* (coletânea beneficente/85), *Fox* (com Akio Dobashi/90), *Poetry In Motion* (coletânea/90), *Skydancer* (com Raphael Rudd/91), *Tales From Yesterday* (tributo ao Yes/95), *Supper's Ready* (tributo ao Genesis/95), *Lily's In The Field* (single com Steve Howe, do Yes/95), *The Awakening* (com Raphael Rudd/96), *Scheherazade Musical* (CD promocional do musical de Michael Dunford/97).



Studio Graphics 272-1109 • Foto: Celso Lippi

uma moça de família

Divulgação

Debbie Sellnow

A última vez que ouvimos falar do Genitortures foi há cinco anos, época em que a banda lançou seu primeiro álbum, *120 Days Of Genitorture*, tornando-se um daqueles grupos obrigatórios de se ver ao vivo. Mas nem tudo esteve quieto no mundo de Gen nesta meia década que passou. Turnês constantes, uma nova formação – incluindo o ex-vocalista e baixista do Morbid Angel, David Vincent –, dores de cabeça com gravadoras e sonoridades novas mantiveram Gen bastante ocupada até o lançamento do novo álbum do Genitortures, *Sin City*.

Após assinar com a IRS Records e lançar *120 Days Of Genitorture*, em 1993 – que valeu-lhe inúmeros elogios, incrível apoio da mídia e turnês atrás de turnês –, o Genitortures se viu numa situação delicada quando começou a pensar em seu próximo álbum. "Algumas coisas estavam mudando na nossa gravadora e começamos a ficar um pouco preocupados com a reputação da IRS", explica Gen. "Ligávamos pra lá e, de repente, havia pessoas que tinham sido demitidas – gente importante, como, por exemplo, nosso divulgador. Era um negócio meio inoportuno para nós. Tínhamos que tomar uma decisão muito difícil: deveríamos lançar um álbum imediatamente por uma gravadora que estava obviamente mudando ou esperar para ver o que aconteceria? Escolhemos esperar e fico feliz de termos tomado essa decisão, pois, em seis ou oito meses, a IRS não existia mais."

Enquanto resolvia os trâmites burocráticos que liberariam o grupo da IRS – processo que também atrasou significativamente o lançamento do disco novo –, Gen manteve-se trabalhando sobre o material recém-escrito com Vincent. Assim que a liberação saiu, ambos levaram a nova formação à estrada, abrindo para o KMFDM e fazendo alguns shows como headliners. Nesse meio tempo, como um presente aos fãs fiéis que esperavam ansiosamente por material inédito, Gen lançou o vídeo *Society Of Genitorture*. "Muitas pessoas ficavam putas por nunca termos lançado um vídeo pela IRS, ainda que fôssemos uma banda tão visual", conta Gen. "Pode-se dizer que eu queria criar algo artístico. Não há diálogos como num filme, mas é possível seguirmos o roteiro, algo como uma pequena história de *Sin City*." Lançado cerca de seis meses antes do álbum, o vídeo serviu a um propósito duplo, ou seja, lançar luz sobre o disco a ser lançado e mostrar aos fãs como estava agora a música do grupo. "Eu queria apresentar o novo som da banda e usar aquilo como uma forma de dar algo de novo aos fãs, pois sabia que ainda não estava preparada para assinar outro contrato e passar pelas mesmas coisas que tinha passado", ela continua. "Foi uma forma de reapresentar a banda às pessoas e mostrar a elas onde estamos musicalmente." Bancado, filmado e produzido pela própria Gen, o filme traz *Terrorvision, 4 Walls Black, Crucified, Asphyxiate, Razor Cuts* e *Squealer*, todas de *Sin City*. Originalmente, o vídeo só poderia ser adquirido através do fã-clube do Genitortures, mas graças à enorme procura, hoje é distribuído por uma grande companhia e pode ser encontrado em qualquer boa loja do ramo.

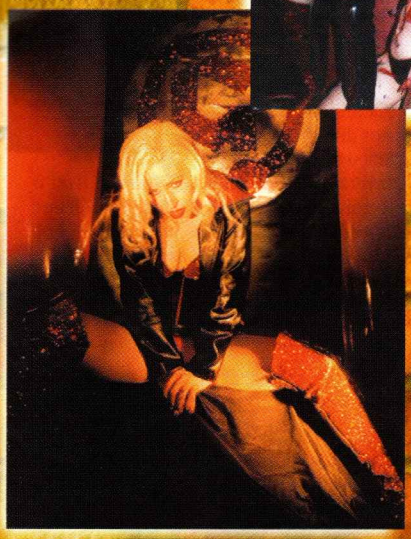
No final das contas, o Genitortures acabou assinando com a Cleopatra Records. O acordo é resultado direto de uma turnê que o grupo fez com o Electric Hellfire Club, artista já contratado da Cleopatra na época. "Nos tornamos mais familiarizados com o selo durante esse período", lembra Gen. Após a turnê, a gravadora propôs à banda sua participação num CD-tributo ao AC/DC, composto apenas de versões "industrializadas" de músicas do conjunto. O Genitortures aceitou e gravou sua inconfundível versão para *Squealer*. "Tivemos um bom relacionamento com eles e sua intenção nunca foi nos prender por dez álbuns", diz ela. Assim, Gen acabou licenciando *Sin City* para a Cleopatra nos EUA e para a SPV na Europa ao invés de assinar diretamente com alguma gravadora. É uma decisão com a qual ela está muito feliz, pois sabe que, quando uma gravadora licencia um disco, seu interesse por ele normalmente é muito maior. "Quando a IRS lançou nosso primeiro álbum, tivemos divulgação por aqui [nos EUA], mas eles não se importaram muito com a Europa. Eles apenas disseram algo como: 'Music For Nations, vocês podem ter o disco por um punhado de dólares.' E a MFN acabou nem promovendo o disco, pois não investiram muito dinheiro para tê-lo. Assim, é muito bom ter uma gravadora realmente interessada em cada um dos territórios."

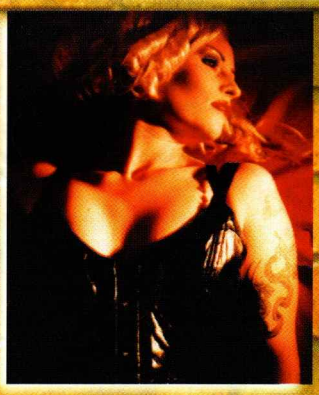
Ainda que não tão proeminente em termos de promoção quanto seu ex-selo, a Cleopatra é perfeita para o estilo de música para o qual o Genitortures evoluiu, que é muito mais obscuro, soturno e industrial do que os fãs de *120 Days Of Genitorture* poderiam supor. "De fato, começamos muito mais como uma banda punk/hardcore, na época em que eu tocava baixo e escrevia a maioria das músicas", relembra Gen. "Minha formação é basicamente Black Flag, Dead Kennedys, coisas do tipo, por isso, eu compunha nesse estilo. À medida que fui trazendo músicos melhores para a banda, e deixei de tocar baixo, a música foi ficando cada vez mais pesada. Se você ouvir o primeiro disco, músicas como *Velvet Dreams, 120 Days* ou *Pleasure And Restraint* foram escritas pouco antes das gravações. As outras eu tinha escrito anos atrás. Então, foi estranho, pois, mesmo quando o álbum saiu, ainda que eu adore essas músicas, elas não eram representativas do que estávamos fazendo naquele ponto. Pode parecer um grande salto, mas se você ouve essas três músicas, faz sentido, pois essas eram as que se encaixavam naquilo que estamos fazendo agora. Elas tinham mais teclados, samples etc."

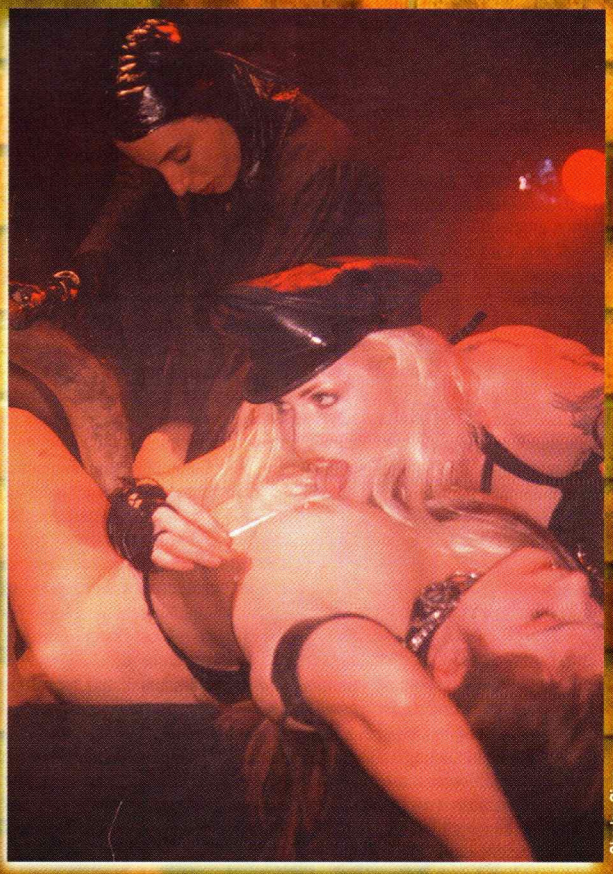
David Vincent escreveu a grande maioria das músicas em *Sin City*, o que pode surpreender os fãs

A Galeria Proibida de Gen

Fotos: Reprodução







de death metal. Mas Gen afirma que isso não deve ser inesperado pras pessoas. "Ele possui talento para coisas diferentes", ela diz. "Acho que se você escuta *God Of Emptiness* e depois ouve as coisas apaixonadas das quais ele é fã, dá para entender como consegue escrever uma música como *Razor Cuts* ou *Sin City*. Ele é apenas um músico bastante aberto e talentoso que tem muito a dizer e a fazer ainda." Ela continua: "As pessoas deveriam saber que David chegou a tocar conosco mesmo antes de gravarmos nosso primeiro álbum. Muita gente não sabe que seus vocais aparecem naquele disco também. Na verdade, acho que esta é apenas uma forma que ele tem de se expressar de maneira diferente. Ele é um grande frontman, de modo que as pessoas acabam pensando coisas como: 'Oh, não é estranho tê-lo na banda?' Não é. Ele apenas trouxe mais força ao grupo, pois alguém de quem sou próxima está lá, apoiando e dando ainda mais unidade a tudo."

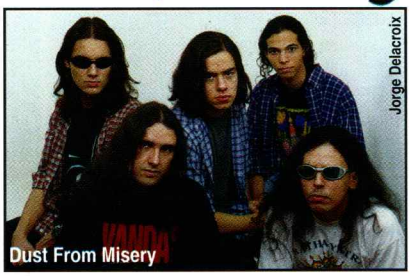
O fato de Gen e David terem trabalhado juntos nas músicas do disco contribuiu para que se criasse um meio-termo entre as raízes punk dela e o treinamento clássico dele. "Tem horas que eu só quero gritar e pôr pra foder", ri ela. "Já ele é um músico treinado, que encara a música de forma diferente. Mas possuímos grandes doses de respeito mútuo e, por isso, podemos coexistir. Se fôssemos deixados livres, seríamos perigosos demais."

No tempo livre que encontra entre as turnês, o Genitortures já está trabalhando em seu próximo trabalho de estúdio. "Temos uma grande abundância de material", Gen admite. Antes de gravar o novo álbum, o conjunto já possuía material para fazer dois álbuns. Escarafunchando as fitas, eles escolheram aquelas que melhor se encaixavam ao conceito de *Sin City* ("Ao mesmo tempo em que estávamos compondo, eu estava desenvolvendo o conceito para o disco", ela explica), deixando as outras – que também obedecem a um mesmo conceito – para serem gravadas depois. "Trabalhamos nisso tudo ao mesmo tempo. É apenas uma questão de aperfeiçoar o que está feito e finalizar as versões." Mas não pense em ouvir essas músicas tão logo, pois *Sin City* deve manter o grupo na estrada por um bom tempo antes que ele possa completar um novo álbum. Mas em *Sin City* e *Society Of Genitorture* os fãs da banda têm muito com o que se deliciar antes do próximo petardo. •

Trad.: RF

A partir desta edição, a seção 'Up Coming' passa a ter um novo formato. Por uma questão de espaço, estaremos colocando três bandas por página, o que vai diminuir um pouco o tamanho de cada matéria. Também não haverá mais divisão entre bandas nacionais e internacionais e, sempre que possível, estaremos colocando o logotipo do grupo. A idéia é levar cada vez mais bandas novas até você, leitor, e esperamos que você aprove a idéia. Mande suas opiniões.

Dust From Misery



Fernando Souza Filho

A mistura não poderia ser mais esquisita: heavy/thrash com gaitas, cítaras, coro hare-krishna, cantora hindu e até um coral de 40 crianças. E no que resulta tudo isso? Num puta CD, auto-intitulado, que surpreende a cada faixa. Formado por Alex Machado (V), Rodrigo Meirelles (G), Eduardo Alves (G), Cláudio Alves (B), André Delacroix (D) e Helvécio "Mão" (K), o Dust From Misery vem trazendo novo fôlego para a cena carioca. E o início de tudo foi há quatro anos. "A banda foi formada em 94. Alguns integrantes vieram de bandas com algum impacto no underground, como o Alex [ex-Alchemist] e o André [ex-Metalmorphose]. Gravamos nossa demo em 95 e conseguimos uma boa repercussão, inclusive na BRIGADE. Em 97, assinamos com a Megahard e nosso CD saiu em julho [98], depois de muitos empecilhos", conta o guitarrista Rodrigo Meirelles.

A primeira coisa que chama a atenção são as alquimias citadas no início desta matéria. O cantor Alex Machado comenta: "Conheço o movimento hare-krishna desde quando morava no Rio Grande do Sul. Ao conviver com o pessoal da banda, curiosamente soube que eles também conheciam. Encontramos alguns devotos no Rio e, ao freqüentarmos o templo, nos interessamos bastante pelos instrumentos e pela sonoridade indiana dos Mantras. Começamos a nos tornar amigos dos devotos e surgiu a idéia da música *Jaya*, que hoje é a nossa faixa de trabalho. Nela, os devotos cantam o Mantra conosco, tocam percussões indianas [Kartalas, Mridanga] e harmônio." Inclusive, a banda chegou a se apresentar no programa de TV do Jô Soares, tocando essa faixa. "Mas não somos devotos de krishna nem straigh-edges ou gospel, white metal, o que seja. Nossa relação com os krishnas é musical e de amizade, temos muito respeito pelo movimento."

A receptividade a isso, evidentemente, tem sido das melhores. "Recebemos emails, cartas e telefonemas de diversos estados para contatos de shows e zines. As vendas do CD estão ótimas e o público em geral tem recebido nosso trabalho muito bem", diz Cláudio Alves.

Contrariando algumas previsões pessimistas, o Dust From Misery acredita muito na cena nacional. "Mesmo sem o apoio da grande mídia, o heavy sempre terá seus amantes fiéis se reciclando a cada geração. Isso torna o estilo imortal. Temos hoje uma cena underground muito forte e os grandes produtores deviam prestar mais atenção nisso. No Rio, por exemplo, existem bandas fortíssimas como Scars Souls, Imago Mortis, Endless e muitas outras", defende Rodrigo.

Empolgada com tudo que está rolando, a banda carioca se prepara para saltos ainda maiores no futuro. Não estranhe se um novo disco já estiver sendo elaborado. Enquanto isso, se você quiser descolar o atual CD do conjunto, basta entrar em contato com a Megahard/PRW no fone (011) 881-5150. •

Contatos: www.fortunecity.com/tinpan/tupac/534 ou escrever para Cxa. Postal 5141, RJ/RJ, 22072-970.

STONE HAWKS

Antonio Carlos Monteiro

Nélson Jr. já é velho conhecido de quem transita pelo ambiente do rock brasileiro. Guitarrista de técnica apurada, tem editada uma vídeo-aula intitulada "Total Guitar", está finalizando seu método, "Guitarra Essencial", e é colaborador de várias revistas especializadas. Porém, somente agora ele está de fato investindo em si como artista. "Eu já tive várias bandas", explica ele, "mas nenhuma me satisfez de uma forma completa. Ficava faltando direcionar o trabalho para o lado que meu coração mandava." Assim, o Stone Hawks nasceu em 94, ainda enquanto projeto. No ano seguinte, começaram os ensaios, os shows e as primeiras gravações. Só que o conceito de banda acabou não vingando. "Acontece que tem aquele negócio do pessoal entrar numas de não trabalhar de fato e a gente acaba carregando tudo nas costas." Foi por conta disso que começaram as mudanças de formação. E em 96, a banda entrou em estúdio para a gravação do primeiro disco. No final do mesmo ano, entrou o vocalista Marcos Zeitunsian, amigo de Nelson há mais de 15 anos e o único que acabou abraçando a idéia da banda. Assim, o Stone Hawks passou a ter a dupla enquanto núcleo, contando com diversos músicos convidados. E foi dessa forma que o primeiro disco foi gravado. Porém, ao contrário do que se podia esperar de um guitarrista técnico, o CD não traz escalas sem fim, e sim músicas - elaboradas, é claro - com melodias fortes e refrães grudentos. "É um disco de canções", define o guitarrista. E ele mesmo faz suas críticas aos ditos "escaleiros" (aqueles músicos que usam o braço da guitarra para fazer malabarismos): "Eu sou favorável à tese de que se você não tiver o que tocar, não toque nada." Agora, o Hawks está virando banda, novamente, com músicos que ainda estão sendo avaliados - e uma das exigências é que "vistam a camisa". E o caminho natural é a estrada. Só que, simultaneamente, a proposta é compor um novo repertório - desta vez, com toda a banda, já que a idéia é que o próximo trabalho seja conjunto, e não apenas de Nelson. •

Divulgação

Contatos: stone.hawks@icn.com.br ou R Alfredo Fujol, 102, São Paulo/SP, 02017-000.

BLUES BOCA ROXA BAND

Divulgação

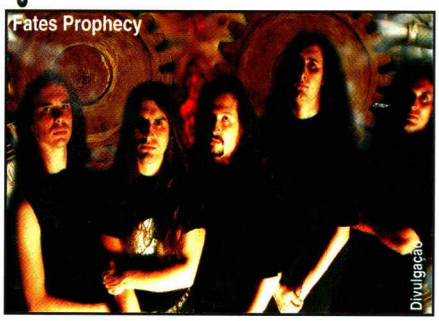
Antonio Carlos Monteiro

Faltava uma semana para o primeiro show da banda, nos idos de 1980, em Londrina, interior do Paraná. Depois do último ensaio, a turma promoveu um churrasco. Como as vacas estavam pra lá de magras, o churrasco foi de sardinha e a bebida era vinho tinto barato. Resultado: ficou todo mundo uma semana com a boca manchada de roxo, tão vagabundo era o tal do vinho. Pronto: estava batizado o Boca Roxa. O "Blues Band" veio depois, por conta de uma certa desconfiança do dono de uma casa de blues, que ficou com medo de estar contratando uma banda punk... De lá pra cá, muita coisa já mudou. Dos integrantes, o único remanescente é o baixista, vocalista e fundador Paulão "Jack" Levy. Até a sede mudou: de Londrina, o Boca Roxa transferiu-se para Limeira, interior de São Paulo, onde está até hoje. E a batalha desse tempo todo veio se solidificar apenas nos últimos tempos. A formação definitiva - Paulão, Douglas Polonis (D), Dedy (G) e Evandro Grisolli (K) - só aconteceu em 94 (o saxofonista Edão Ferreira entrou apenas em agosto último), quando a banda começou a freqüentar mais assiduamente o circuito de shows. Porém, se tem algo que permanece inalterado até hoje é o rock'n'roll e a irreverência do Boca Roxa. Tanto que o Blues Band que lhe completa o nome é "muito mais em função daquele pique e daquele alto astral do Blues Brothers", garante Paulão. Outra das características principais da banda são as letras bem sacadas, que falam muito do fato de a banda ser do interior de São Paulo. E de maneira muito bem-humorada. *Blues Da Pamonha*, *Bourbon Pra Nós É Pinga* e *Parteira Radical* são alguns exemplos. "Acontece que todo mundo na banda é engraçado", afirma o baixista. E prova em seguida, quando é citado o fato de o Boca Roxa transparecer muita influência de rock nacional: "É verdade. A gente sempre ouviu muito Joelho de Porco, Made In Brazil, Magazine. Há até algumas más línguas que dizem que a Neusinha Brizola influenciou a gente, mas é mintchura..." [risos]. Tudo isso está no primeiro CD da banda, *Picada De Cobra*, lançado de forma independente este ano - "nós somos do MSG, o 'Movimento dos Sem Gravadora', explica Paulão -, que das 1.000 cópias vendeu 600 em três meses, apenas em shows da banda. "Quem comprou o CD do Boca Roxa, comprou da nossa mão e estava bêbado!", aposta Paulão. Falando sério, o quinteto garante que, apesar das dificuldades, ficou muito satisfeito com o resultado, mas não pretende fazer uma nova tiragem. A aposta, agora, é gravar o próximo CD. •

Contatos: R. Ermínia 60, Limeira/SP, 13486-130.

Fates Prophecy

Fernando Souza Filho



A galera fã da velha NWOBHM pode soltar rojões, pois o Fates Prophecy tá na área. O lançamento do CD *Into The Mind* apresenta músicos de primeira, música empolgante e uma gigantesca inspiração no Iron Maiden antigo. Formado por André Boragina (V), Paulo de Almeida (G), Conrad Michellucci (G), Alexandre Ferreira (B) e Sandro Muniz (D), o Fates Prophecy já chega detonando e apostando todas as fichas no heavy tradicional. "O heavy metal ainda é um mercado pequeno no Brasil, comparado com outros estilos musicais, por isso, é muito importante o surgimento de novos selos que façam um bom trabalho de mídia e distribuição, como a Megahard", diz o guitar Paulo de Almeida. "Eu vejo que cada vez mais bandas estão aparecendo, e não só em número, mas em qualidade também! Sinto que estamos em uma boa fase para o heavy", diz o vocal André Boragina.

A história da banda, assim como de sua paixão metálica, vem de sete anos atrás. "A banda foi formada em 91, influenciada pela NWOBHM", lembra André. "Nossa música foi influenciada pelas bandas inglesas dos anos 80, mas desde o início usamos temas atuais, como o uso de drogas, stress, loucura, tecnologia e os males do fim de milênio", complementa Paulo.

As influências de Iron Maiden, evidentemente, são inegáveis. "Todos da banda gostam muito de Maiden, é muito difícil formar uma banda heavy sem ter um pouco de influência deles. Eu ouço o Maiden desde 82 e, mesmo agora numa fase não muito iluminada, para muitos fãs eles continuam sendo os melhores no gênero", admite Paulo. E André esclarece: "Também somos influenciados por todas as bandas daquela época, como Saxon e Judas Priest, onde os trabalhos de guitarras eram bem parecidos."

Outra particularidade interessante do ótimo Fates Prophecy é seu empenho em tirar o máximo das novas mídias, como a Internet. "O mundo está mudando e a Internet tem sido o mais fácil e rápido meio de comunicação no mundo inteiro. Nós temos nos comunicado com fãs, bandas e revistas de outras cidades, outros países, e isso tem dado bons resultados", diz Paulo. •

Para adquirir o excelente CD *Into The Mind*, é só contatar o selo da banda no fone (011) 881-5150, acessar o site do conjunto (www.fatesprophecy.com) ou escrever diretamente para eles: Cxa. Postal 4869, SP/SP, 01061-970.

Imago Mortis

Fernando Souza Filho

Quando a capacidade de surpreender já parecia deixar de ser uma virtuda do metal nacional, surge o Imago Mortis. Fazendo um doom atmosférico sombrio, gélido, arrepiante e de um profissionalismo de Primeiro Mundo, o conjunto lançou o empolgante CD *Images From The Shady Gallery*.

"O doom é uma das principais referências do CD. Mas, na verdade, nós já desistimos de tentar encaixar o nosso trabalho em um rótulo específico, até porque esse não é o nosso papel", afirma o guitarrista Fabrício Lopes. "Para nós, o nosso som é Imago Mortis. Só uma pessoa de fora da banda poderia ter a isenção e a perspectiva para definir o nosso trabalho", completa o tecladista Alex Guimarães, com convicção.

Completado por Fábio Lopes (B) e Flávio Duarte (D), o Imago Mortis traz um curioso detalhe na parte vocal: ela é dividida entre diversos convidados especiais, como Fernando Sierpe (quem mais participa, em seis faixas), Carlos Lopes (Dorsal Atlântica), Alex Machado (Dust From Misery) e Andréa Palmieri (Scars Souls). "A participação da Andréa e do Alex foi supernatural, é um lance de amizade mesmo, uma união muito forte entre as três bandas. Inclusive, tanto o Dust quanto o Scars Souls estão lançando CDs excelentes agora, com o Alex [Guimarães] tocando teclado em algumas faixas", diz Flávio Duarte, o batera. "Já o Carlos [que também produziu o disco] é um verdadeiro iluminado, foi um grande privilégio trabalhar com ele! Dos timbres à mixagem e à masterização, o toque dele foi essencial em todo o processo", confessa Fabrício. E Flávio vai além: "A gente define a história da banda como AC/DC: Antes do Carlos e Depois do Carlos."

A banda transborda temas mitológicos e míticos, inclusive com referências a Plutão, a maior fonte de inspiração do conjunto. "O simbolismo de Plutão é riquíssimo. Ele era o senhor do reino subterrâneo de Hades, para onde iam as almas dos mortos. Plutão e seu reino são vistos como uma grande metáfora para o inconsciente, para tudo aquilo em nosso passado que está enterrado e esquecido, mas ainda presente", diz Fábio. "Para a astrologia, Plutão representa não somente a morte, mas também todos os processos de destruição, no sentido de que para se construir algo novo é necessário primeiro destruir o antigo", completa Fabrício.

Apesar dos ótimos resultados, o CD perde o pique nas três últimas faixas, justamente as que são cantadas em português. "Nós nunca nos preocupamos muito com essa questão de cantar em inglês ou em português. Cada música possui o seu sentimento e o seu momento, nós apenas obedecemos a isso", garante Alex.

No entanto, a versão para *Deus Lhe Pague*, de Chico Buarque, não foi das mais felizes. "Na verdade, nós não escolhemos a *Deus Lhe Pague*, ela nos escolheu! Quando ouvimos a gravação original do Chico Buarque, ficamos impressionados com o clima soturno que envolve a música, com toda a raiva que está reprimida em cada nota e em cada verso, até mesmo espelhando o momento sombrio que o país passava quando ela foi composta. E isso tudo sem usar sequer uma guitarra distorcida! Foi a partir daí que começamos a perceber a vastidão dos horizontes da música brasileira e o quanto o nosso trabalho está inserido, de certa forma, neste universo muito maior", explica Fabrício, com propriedade.

Duarte completa: "Uma coisa que nós odiamos é essa moda, que felizmente já está passando, de algumas bandas querendo misturar rock com tudo quanto é estilo regional, só para ficar engraçadinho ou modernoso." •

A banda está cadastrando gratuitamente qualquer pessoa que queira receber os informativos do conjunto, é só escrever para Cxa. Postal 48497, RJ/RJ, 20530-002 (ou pelo email imago@centroin.com.br). Para adquirir o CD, é só ligar para (011) 881-5150.

Scars Souls

Fernando Souza Filho

Excelente instrumental, vocal competente e postura profissional. Essa é a fórmula do conjunto carioca Scars Souls, que lançou recentemente seu novo CD, *Troia*. Formado por Rogério Segall (G), Andréa Palmieri (V), Adilson Jr. (D) e Ricardo Segall (B), o Scars Souls faz parte daquela excelente safra carioca que tem despontado ultimamente no cenário metálico nacional e que, surpreendentemente, mantém um forte laço de amizade dentro dela. "Está acontecendo o que há muito tempo previa-se que poderia acontecer: as bandas se tocaram que, unidas, podem realizar muitas coisas. O Rio é um lugar que tem uma cena fraca, porém, possui ótimas bandas, como Imago Mortis, Dust From Misery e Ad Eternum. As bandas iniciantes possuem poucos lugares para tocar e isso trouxe a necessidade de um intercâmbio maior entre elas, propiciando uma troca muito valiosa. Uma arruma show para outra e vice-versa, o resultado é todo mundo ficando amigo e se ajuda", explica o guitar Rogério Segall.

O resultado é que podemos desfrutar bons trabalhos, como o CD *Troia*, que parece uma mistura de Theatre Of Tragedy com Marillion. "Todo mundo quando ouve um disco tem como tendência analisá-lo comparando com alguma coisa que já conheça. Gostamos muito de Genesis, e talvez isso possa passar alguma coisa em nossa música – e como o Marillion tem certa influência deles... Quanto ao Theatre Of Tragedy, eu acho que deve ser por causa do vocal feminino, embora meu timbre de voz seja bem diferente. Sou uma pessoa muito simples e, para mim, essas comparações soam como bons elogios", diz a cantora Andréa Palmieri.

Aliás, Andréa é um bom trunfo do Scars Souls, uma vez que não se limita a ser aquela típica cantora-bibelô, já que canta, compõe etc. "A mulher tem conseguido um espaço importante na música. Participar de uma banda como um mero elemento que não faz nada é uma atitude equivocada. Temos que ter consciência para não virar um fantoche marketeiro. Com o tempo, a máscara pesa. Eu não consigo me imaginar sem participar ativamente do que está sendo feito no Scars Souls. Eu estou sempre dando idéias sobre arranjos, riffs e batidas. Eu amo e respiro música, e o que jamais dispenso nisso tudo é a humildade de saber falar e ouvir", explica Andréa. •

Para descolar o álbum do Scars Souls mande um email para acaj@ruralrj.com.br ou escreva para R. Belfort Roxo 296/1102, Copacabana, RJ/RJ, 22020-010.

WACKEN festival

Mais um grande festival europeu aconteceu em agosto. Nos dias 7 e 8 rolou o 9º Wacken Open Air Festival, na pequena cidade alemã de Wacken, a 60 km de Hamburgo. Cerca de 30 mil headbangers vieram de toda a Europa para apreciar os shows nos três palcos armados ao ar livre. No palco principal, os medalhões; nos dois palcos secundários, os nomes emergentes do cenário metálico mundial.

Foi uma festa sem precedentes, com shows do Gamma Ray, Iron Savior, Stratovarius, Blind Guardian, Cradle Of Filth, Savatage, Skyclad, Anvil, Tankard, Exciter, Iced Earth, Doro, Vader, Gorgoroth, Bonfire, Blitzkrieg, Angel Dust, Sadist, Children Of Bodom, Vader, Heavenwood, Pegazus, Virgin Steele e vários outros. Foi uma festa sem precedentes, que nosso fotógrafo António Melão (Cameraman Metálico), de Portugal, registrou para a BRIGADE.

Alguns detalhes, porém, não passaram despercebidos. Primeiro de tudo, foi uma maratona exaustiva acompanhar 78 shows em 48 horas seguidas de evento. É preciso ter uma força de vontade sobre-humana para agüentar o pique. Nos palcos secundários, o público mal passava das mil pessoas em cada um, enquanto no principal se concentrava 95% da platéia presente.

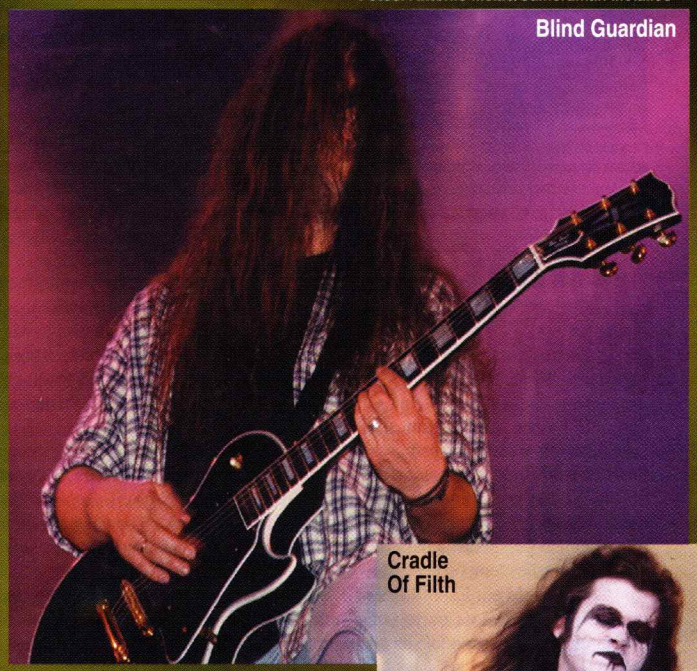
O festival premiou veteranos como Anvil, Exciter, Virgin Steele, Blitzkrieg e a bela Doro Pesh, que conquistaram os bangers mais jovens com sua inigualável experiência e carisma.

Para o próximo ano, quando o evento completa uma década de existência, os organizadores estão planejando a maior e mais festiva edição do festival. E, mais uma vez, estaremos lá para registrar tudo para você.

Savatage

Skyclad

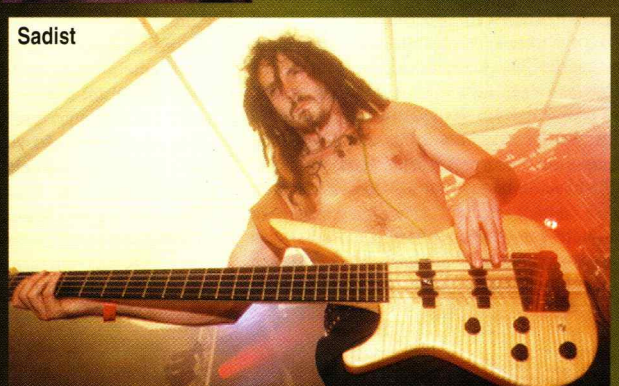
Fotos: António Melão/Cameraman Metálico

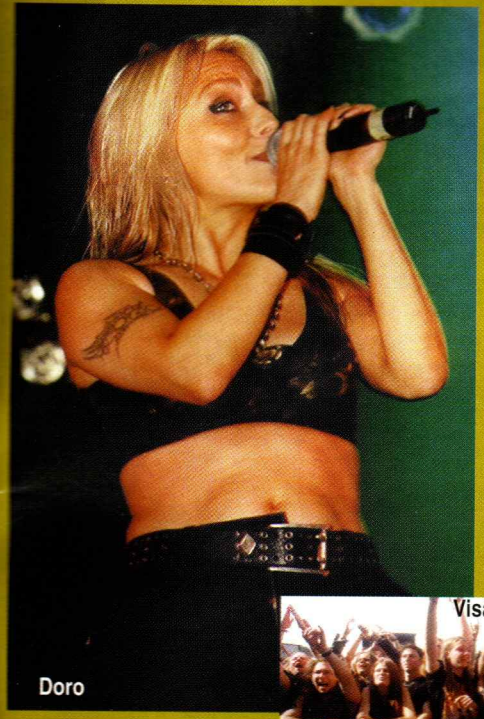

Blind Guardian

Anvil

Gorgoroth

Cradle Of Filth


Sadist

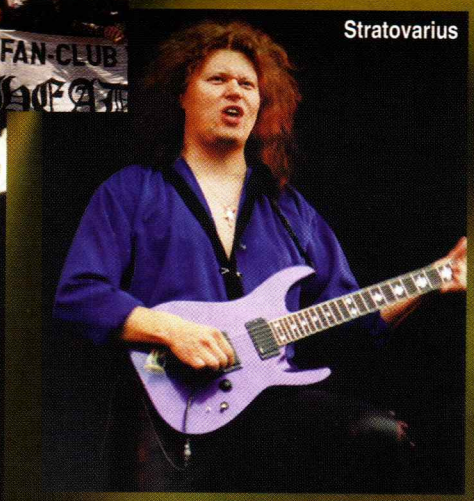


Doro

Exciter

Visão da galera

Iron Savior

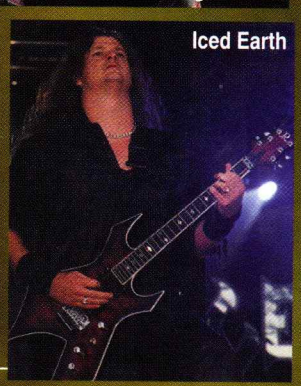


Stratovarius

Virgin Steele

Tankard

Pegazus



Iced Earth

Você quer acesso à **Internet** ou teste de paciência?

((⌛))

A Pro Connect não quer que você fique esperando a areia cair e a ampulheta virar.

Com conexão rápida e linhasdescongestionadas, acesse sem dor-de-cabeça, pelo preço mais justo que você pode encontrar.

Assine já!

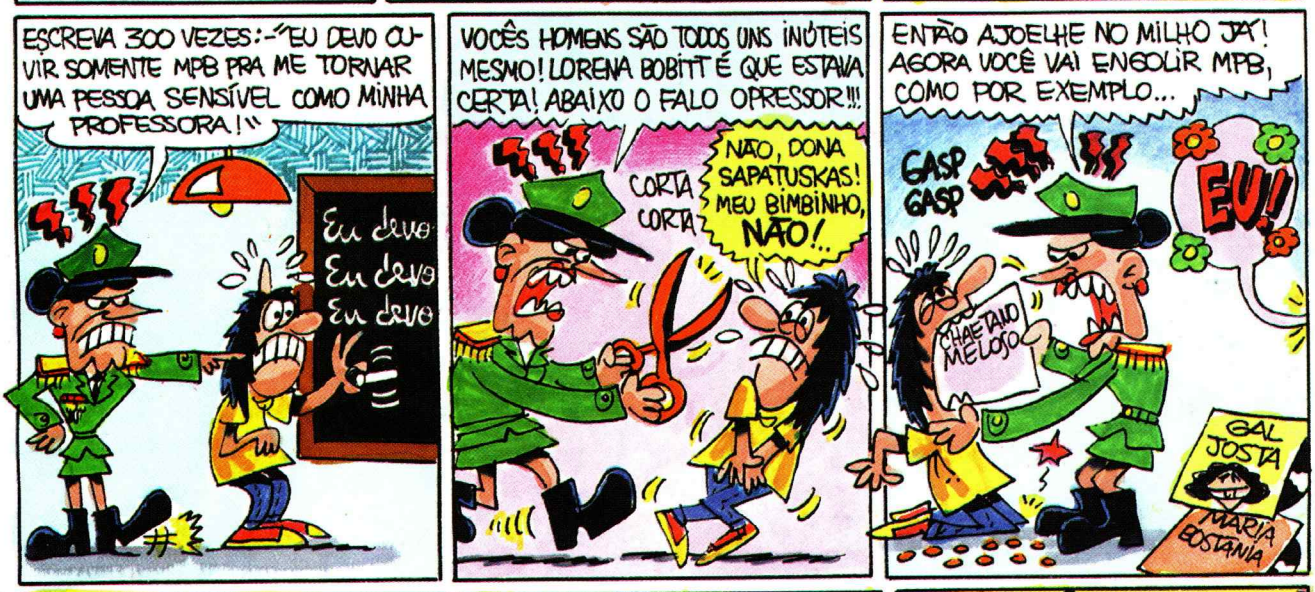
Acesso a partir de R$ 19,80 por mês, com direito a e-mail e home page pessoal.

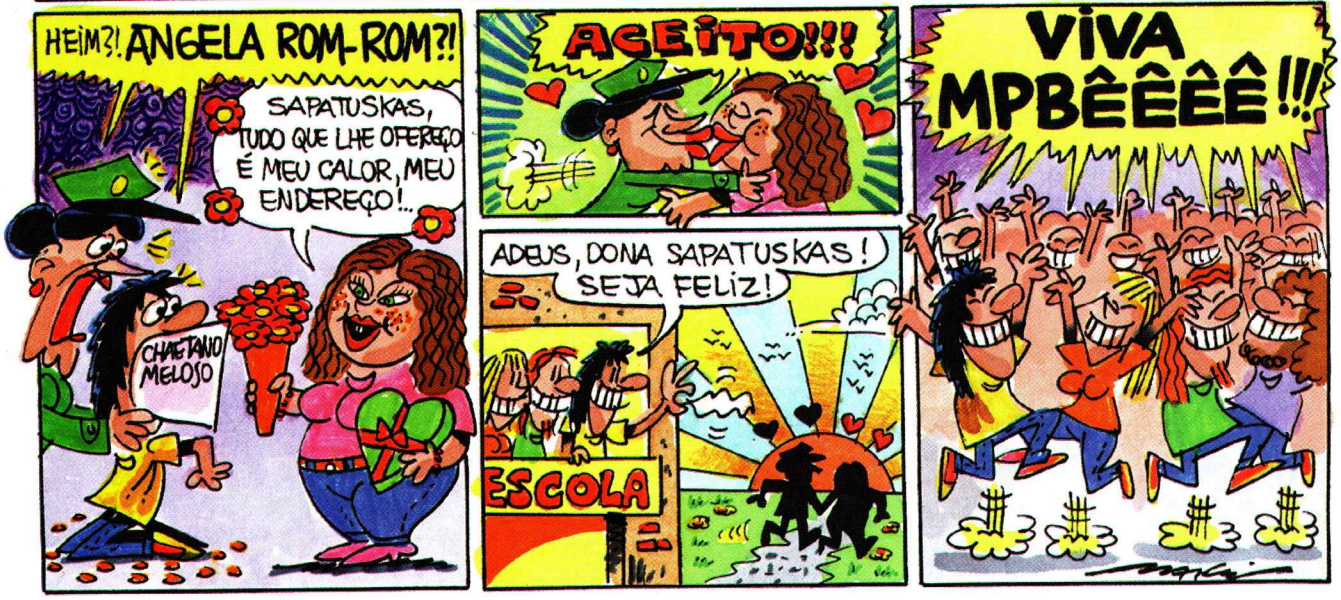
Pro Connect

http://www.proconnect.com.br
ou ligue para nós: (011) 816-0401

ROKO LOKO em À MESTRA COM CARINHO

POR MARCIO





FSF Graphix

Prova de fogo

"Fireworks"
novo álbum do Angra

Single
"Lisbon"
Também disponível

Lançamentos

ANGRA ANGRA ANGRA

DISTORÇÃO MÁXIMA!!!

- 5 EFEITOS SIMULTÂNEOS
- 19 PROGRAMAS
- OVERDRIVE
- BLUES OVERDRIVE
- FAT DRIVE
- DISTORTION
- FUZZ
- GRUNGE
- LEAD

- METAL
- COMPRESSOR
- PEDAL WAH
- AUTO WAH
- OCTAVER
- EQUALIZER
- AFINADOR
- AMP SIMULATOR
- PEDAL FP-01 OPCIONAL

arte & foto:MRossi 5340737cod4116690

DRIVER

PRE DRIVE
1 BOOSTER
2 RHYTHM
3 LIGHT OD
4 DYNAMIC OD
5 COMP
6 AUTO WAH
7 PEDAL WAH
8 OCTAVE

MAIN DRIVE
1 OVER DRIVE
2 BLUES OD
3 FAT DRIVE
4 DISTORTION
5 FUZZ
6 GRUNGE
7 LEAD
8 METAL

O PREÇO DE UM PEDALZINHO!

ZOOM 510 DUAL POWER

TODOS OS PEDAIS DE DISTORÇÃO E OVERDRIVE COMBINADOS EM UM SÓ!!!

Ouça também o cd "Incarcerated scream", primeiro disco solo de Sérgio Buss.

Vendas pelo correio:
Music Place (011) 3064 9541
Http://www.macbbs.com.br/users/serj/

ZOOM

6 MESES DE GARANTIA
MANUAIS EM PORTUGUÊS
GRÁTIS!!! EXCLUSIVO CD PLANET ZOOM

CD PLANET ZOOM

www.royalmusic.com.br
Importador exclusivo: Royal inst. mus. -tel: (011) 575 6552 -fax: (011) 572 7417

PLAYTECH
R. Santa Ifigênia, 250 - Tel.:(011) 250-0505
R. Teodoro Sampaio, 713 - Tel.:(011) 3064-0600
São Paulo - SP
Ligue grátis: 0800-16-1711 / 0800-16-1733

DISCONILDO
R. Mariano Sendra dos Santos, S/N Loja 2Q. 2 - Shopping Center de Duque de Caxias
Tels.:(021)671-2919/671-4100/771-2586
Rio de Janeiro - RJ

SHOP 1000
Av. Pacaembu, 77
Tel.: (011) 3666-1000
São Paulo - SP

MANON
São Paulo - SP
Centro - Tel.:(011) 222-3055
Ibirapuera - Tel.:(011) 542-5166

CASA BEVILACQUA
São Paulo - SP
Tel.: (011) 3064-1109/3064-2383/ 3064-1249/3064-7190

ART MUSIC
R. Cruzeiro dos Peixotos, 432
Uberlândia - MG
Telefax: (034) 236-6359/236-0250